UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

"Júlio de Mesquita Filho"

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

ANDRÉ LUIZ BOVO

UMA ÉPOCA DE RESTRIÇÕES E IMPEDIMENTOS – ALEMÃES E DESCENDENTES EM RIO CLARO - SP NA 1ª METADE DO SÉCULO XX (1914-1945)

Rio Claro – SP

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

"Júlio de Mesquita Filho"

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

ANDRÉ LUIZ BOVO

UMA ÉPOCA DE RESTRIÇÕES E IMPEDIMENTOS – ALEMÃES E DESCENDENTES EM RIO CLARO - SP NA 1ª METADE DO SÉCULO XX (1914-1945)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Agência financiadora: CNPq

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Rio Claro – SP

2019

B783e

Bovo, André Luiz

Uma época de restrições e impedimentos : Alemães e descendentes em Rio Claro - SP na 1ª metade do século XX (1914-1945) / André Luiz Bovo. -- Rio Claro, 2019

214 f. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientador: Paulo Roberto Teixeira de Godoy

1. História Oral. 2. Imigração alemã – Brasil. 3. Século XX. 4. Guerras Mundiais. 5. Memória. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ANDRÉ LUIZ BOVO

UMA ÉPOCA DE RESTRIÇÕES E IMPEDIMENTOS – ALEMÃES E DESCENDENTES EM RIO CLARO - SP NA 1ª METADE DO SÉCULO XX (1914-1945)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy (Orientador)

IGCE / UNESP/Rio Claro (SP)

Prof. Dr. Diego Corrêa Maia

IGCE / UNESP/Rio Claro (SP)

Prof. Dr. Amilson Barbosa Henriques

Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro /Rio Claro (SP)

Conceito: Aprovado

Rio Claro/SP, 27 de setembro de 2019

A meu avô Waldemar Alfred Fahl (in memorian)

AGRADECIMENTOS

Nestes difíceis e complexos anos que se passaram o mestrado, tenho uma grande lista de agradecimentos e, reconheço que, muitos acabarão por ser esquecidos, o que não deixa de ser irônico, tendo em vista se tratar de um trabalho tão ligado à memória. De toda forma, a você, minha amiga ou amigo que não encontrou seu nome referenciado, não se sinta ofendido, se tratou de um lapso de memória, mas aceite meu agradecimento geral ou meu futuro aperto de mão e, claro, as desculpas.

Gostaria de agradecer aos entrevistados, cuja coragem e disposição foram um ar de grande ânimo para a continuação, e existência, da pesquisa. Espero que o presente trabalho traga orgulho a nossa comunidade, de alemães rio-clarenses, ao conservar as histórias que nossos ancestrais aqui passaram e sobreviveram. Aqui também homenageio Yvone Habermann Schneider e Teodoro Paulo Koelle, que infelizmente faleceram antes do término da pesquisa, que descansem junto ao Criador.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Assim, agradeço a bolsa concedida, que muito ajudou nos diversos gastos referentes à realização da pesquisa.

Aos meus colegas do Grupo Davatz-Sangbaul, pelo apoio e carinho a mim despendido. Em especial, agradeço à Bruno Gabriel Witzel de Souza, cuja amizade, iniciada em 2013, sempre presente, me auxiliando e incentivando na pesquisa, sem pedir nada em troca.

Aos colegas de sala, Yuri Martenauer Saweljew e Amanda Gadotti; ao amigo João Rosalin, pelas conversas sobre Folk, Viking e Celtic Metal, e pela ajuda quanto às burocracias acadêmicas; e à Jamilli Medeiros de Oliveira da Silva, que se mostrou paciente colega de trabalho, às minhas dificuldades com a adaptação à Geografia e também aos problemas que tive em 2017.

Agradeço à prof.ª Doutora Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro que me incentivou a entrar na pós-graduação em Geografia aqui em Rio Claro, e apresentou o meu orientador, prof. Doutor Paulo Roberto Teixeira de Godoy, cuja paciência com os meus constantes problemas e atrasos, além das indispensáveis dicas e respostas, possibilitaram a existência do trabalho.

Ao pastor Eldo Krüger e ao “Neno” (Jairo Marciel Cazonatto), pela amizade e por terem me ajudado a encontrar pessoas dispostas a serem entrevistadas.

Quanto à germinação da pesquisa, devo agradecer ao meu tio Odimir Fahl, que infelizmente faleceu em 2017. Lembro que a escolha daquilo que eu iria pesquisar, foi em um Natal, de 2011, enquanto bebíamos cerveja, e me foram contadas diversas histórias da família. Agradeço à minha tia Ondina Fahl Verna, que não somente concedeu entrevista, como sempre me ajudou com sua sapiência e alegria. Sempre presente, nunca deixou de me ajudar.

Aos meus pais, agradecimentos nunca poderiam faltar. A meu pai, Carlos Eduardo Bovo, que sempre se mostrou um guerreiro corajoso à sobrevivência da família, e de quem emana meu orgulho de ser italiano. À minha mãe, Odila Maria Fahl Bovo, parceira constante na alegria, tristeza, diversão e, claro, sempre presente na educação, herança germânica.

Além da dedicatória, agradeço a meu falecido avô, Waldemar Alfred Fahl, que edificou meu orgulho de ser alemão e ser seu neto, um homem que foi, é e será a viga mestra de seus descendentes, exemplo de caráter, sabedoria, inteligência e calmaria, mesmo nas mais desesperadoras situações. Também a todos os outros familiares, ancestrais, que aqui não citei, incluso aqueles que não pude ter contato direto, mas que sua presença se faz tão viva nas histórias da família.

E agradeço sobretudo à Deus todo poderoso, pela vida, família, amigos e ao trabalho aqui apresentado.

Resumo

Os imigrantes e descendentes de alemães do município de Rio Claro – SP na primeira metade do Século XX, sofreram, assim como os alemães do Sul, problemas referentes à construção do inimigo durante as Guerras Mundiais, significando um período de perseguição e preconceito por eles sofridos, cuja intensidade fora escalada não somente pelo governo varguista, mas também pela população ao terem acesso a boatos e falsidades a respeito desse conjunto étnico no Brasil. Para sabermos as histórias que tais imigrantes e descendentes viveram nesse período, a pesquisa utiliza da metodologia da História Oral, a qual através da gravação de relatos daqueles que viveram o período ou a quem fora passadas as histórias, torna-se possível o acesso a uma fonte documental que, devido à consequências naturais da passagem do tempo e da memória, poderiam ser perdidas. Desse modo, em conjunção à metodologia da História Oral, é utilizado uma mescla de teorias e metodologias, as quais visam uma melhor leitura das entrevistas e da situação desta etnia, para tanto, o estudo do relato é abordado através dos conceitos bakhtinianos de "dialogismo", "vozes do discurso" e "gêneros discursivos" em união à sociologia do corpo de David Le Breton; quanto à sua etnia e identidade os conceitos de "habitus" de Norbert Elias e "etnicidade" de Fredrik Barth são utilizados e, para quando a etnia foi estigmatizada é usado os estudos de Irving Goffman para a compreensão de quando sua identidade fora atacada; além do uso da "Memória Coletiva" de Halbwachs para estudar a relação entre as esferas individuais e coletivas na construção da memória.

PALAVRAS-CHAVE: História do Brasil; História Oral; Guerras Mundiais; Imigração Alemã

Abstract

The German Immigrants and their descendants from the municipality of Rio Claro - SP in the first half of the twentieth century suffered, as did the southern brazillian Germans, problems regarding the construction of the enemy during the World Wars, meaning a period of persecution and prejudice suffered by them, whose intensity was scaled not only by the Vargas government, but also by the population when they had access to rumors and falsities about this ethnic group in Brazil. To know the stories that such immigrants and descendants lived in this period, the research utilizes the methodology of Oral History, which through the recording of reports of those who lived the period or who were told the stories, it is possible to access a source that, due to the natural consequences of the passage of time and memory, could be lost. Thus, in conjunction with the methodology of Oral History, a mixture of theories and methodologies is used, which aim a better reading of the interviews and the situation of this ethnic group. Therefore, the study of the oral report is approached through Bakhtinian concepts of "dialogism", "Voices of discourse" and "discursive genres" in union with the sociology of the body of David Le Breton; As for their ethnicity and identity Norbert Elias's concepts of "habitus" and Fredrik Barth's "ethnicity" are used, and for when ethnicity was stigmatized Irving Goffman's studies were used to understand when their identity was attacked; and the use of Halbwachs' Collective Memory to study the relationship between individual and collective spheres in the construction of memory.

KEYWORDS: History of Brazil; Oral history; World Wars; German immigration

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Charge a respeito da Escola Alemã de Rio Claro.....115

Imagem 2 – Fotografias do Kaiser Willhelm II.....116

Imagem 3 – Serviço de Alto-Falantes "Primavera".....124

Imagem 4 – O galo do tempo.....126

Imagem 5 – Frente da Escola Alemã de Rio Claro após os ataques de 1917.....139

Imagem 6 – Igreja Luterana de Rio Claro após os ataques de 1917.....141

Imagem 7 – Trecho do jornal Folha da Manhã.....146

Imagem 8 – Alguns objetos familiares citados.....194

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação dos nomes dos entrevistados e a(s) sua(s) origem(ns) 91

Tabela 2 – Relação dos entrevistados com determinado grupo étnico.....91

LISTA DE SIGLAS

ACIRC: Associação Comercial e Industrial de Rio Claro

BBC: British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão)

DIP: Departamento de Imprensa e Propaganda

DOPS: Departamento de Ordem Política e Social

FBI: Federal Bureau of Investigation (Departamento Federal de Investigações)

HMI: Her Majesty's Inspectorare (Inspetoria de Sua Majestade)

OASE: Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas

SIS: Special Intelligence Service (Serviço Especial de Inteligência)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12

CAPÍTULO 1: DE IMIGRANTE DESEJADO A INIMIGO DA NAÇÃO.....17

1.1 Contexto histórico Brasileiro – a transição do escravo ao parceiro.....18

1.2 O Contexto Europeu – Motivações políticas, econômicas e sociais para a emigração.....24

1.3 A mentalidade Imigrante – da esperança à Revolta de Ibicaba.....26

1.4 A vida na cidade – o conhecimento para o crescimento.....28

1.5 O inimigo da Nação – os ataques aos seus símbolos culturais.....31

CAPÍTULO 2: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....33

2.1 A cultura – como a definir e interpretar?.....34

2.2 A questão da memória.....58

2.3 Metodologia da História Oral.....66

2.4 Problemas referentes a certos tipos documentais.....83

2.5 Um estudo sobre alemães, mas quem seriam estes?.....85

2.6 As misturas étnicas mais comuns.....89

2.7 A pesquisa, o objeto de estudo e o pesquisador – o porquê de serem interligados.....92

2.8 A questão do silêncio – para além do esquecimento, a ausência e o medo ancestral.....96

2.9 Uma sobreposição do tempo e do espaço na etnia.....103

CAPÍTULO 3: IMIGRANTES E DESCENDENTES NOS CONFLITOS MUNDIAIS E REGIONAL.....109

3.1 Algumas considerações.....109

3.2 A guerra da informação.....111

3.3 A violência, quando o discurso vira ação.....133

3.4 A educação alemã – característica étnica e não somente um edifício específico.....161

3.5 O trabalho alemão – o conhecimento, as dificuldades e o empreendedorismo.....169

3.6 Relações familiares e de amizade – a diversão e o orgulho alemão.....184

CONCLUSÃO.....196

REFERÊNCIAS.....201

APÊNDICES.....210

A.1 Apêndice A – Carta Convite.....210

A.2 Apêndice B – Roteiro de Entrevista.....211

A.3 Apêndice C – Roteiro de Entrevista – Pastor Eldo Krüger.....213

Introdução

Os imigrantes alemães, vindos em meados do século XIX para o Estado de São Paulo, e seus descendentes, mas também os que vieram posteriormente, no século XX, contribuíram para a modernização das cidades, causando um grande impacto social, cultural e econômico.

Da imigração até os seus descendentes na atualidade, diversos acontecimentos moldaram a sua relação com a própria etnia, identidade e suas representações culturais, processo este que apresenta-se desde as motivações da vinda, como eram e por qual propósito eram desejados enquanto mão de obra, a relação com a comunidade local, a expressão de sua religiosidade, os problemas enfrentados durante as guerras mundiais, a Revolução de 32, enfim, são todos fatos que influenciaram diretamente esse grupo.

A pesquisa visa compreender estes processos e realizar uma análise com enfoque na primeira metade do século XX, momento no qual, os alemães e/ou seus descendentes, enfrentaram problemas e impedimentos, tanto da sociedade quanto do governo para que pudessem expressar sua cultura. Para exemplificar, parte da sociedade, para além da discriminação, também realizaram a depredação de bens privados, enquanto que o governo, principalmente durante a 2ª Guerra, realizou proibições quanto à língua e forçou a reformulação de sobrenomes. Desse modo, tratou-se de um período de dificuldades e de silenciamento dessa etnia, com tentativas de nacionalização, "abrasileiramento", as quais afetaram as formas e meios dos alemães manterem e transmitirem a cultura de seus ancestrais.

Por isso, é necessário abordar a formação dessa etnia no município de Rio Claro, para então analisar o processo de supressão que esta enfrentou posteriormente. Partindo da bibliografia, podemos realizar um estudo sobre a vinda para o país e a mudança que fora ocasionada pela 1ª Guerra Mundial.

Com isso, o período da Revolução de 1932 e a 2ª Guerra Mundial, podem demonstrar as relações com a sociedade e o governo varguista, e como este colocará impedimentos à cultura, principalmente à língua, mas também ao cotidiano do imigrante e descendente, como a necessidade de salvo-condutos. A Revolução de 1932 entra como um acontecimento interessante para esta análise, pois a relação com a sociedade estava comprometida, já devido à Primeira Guerra, mas os alemães, como parte da população paulista, também possuíram a sua representatividade no movimento revolucionário, seja com doações ou trabalhando em costura

de fardas, e se vê, pelo menos em um breve momento, uma reaproximação com a sociedade, em oposição à Getúlio Vargas.

Por fim, com o término da 2ª Guerra, as suas consequências foram sentidas pela dificuldade que não diminuiu a respeito de sua representação cultural, causando problemas e impedimentos à determinadas características culturais, como a manutenção da língua alemã ou a realização de certos eventos e/ou festividades.

Entretanto, devido à repressão cultural enfrentada pelos alemães, estes acabaram por deixar um número diminuto de informações e documentos escritos sobre o período, mas quanto à sua formação familiar, o que era contado, vivido, se manteve, fazendo com que a oralidade seja um documento visivelmente apropriado para o estudo, tendo em vista que não somente se obtém informações a respeito do período, mas também como esta etnia foi influenciada e seus sentimentos referentes aos acontecimentos. O relato oral, dessa forma, une-se à outras fontes documentais, abordando de maneira a evitar as lacunas referentes ao período, realizando, através da metodologia da História Oral em conjunto com outras teorias, a leitura dessa fonte.

A pesquisa se enquadra, ao mesmo tempo, como forma de manutenção desses relatos que poderiam ser perdidos com o tempo, sendo, portanto, não somente um trabalho acadêmico, mas também memorialístico, realizando uma análise do período e como a etnia foi influenciada, além de manter e solidificar um documento que traz em si diversas características, que vão da mentalidade à condição econômica dos indivíduos e suas famílias no período.

Os alemães no município de Rio Claro, em sua maioria, vieram para o Brasil nos meados do século XIX para as fazendas Ibicaba e Angélica, através do senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, o qual introduz o trabalho livre nas lavouras com tais imigrantes em suas fazendas. Esta transição de uma mão de obra escrava para a livre não deixou de apresentar problemas, como as altas dívidas e cobranças realizadas pelos fazendeiros e, o imigrante, seja fugindo da situação ou realizando os pagamentos necessários, foram para os municípios, dentre eles Rio Claro, se estabelecendo e modificando a realidade local.

Tais imigrantes, porém não eram somente de uma localidade, levando em conta que o principal objetivo não tratava-se de colonização, mas sim de substituição de mão de obra, tal fato ocasionou a vinda de alemães de diferentes Estados, pois devemos levar em conta que a Alemanha somente se unificaria em 1871, sendo portanto, o uso da palavra “alemão” para descrevê-los, um termo geral e não específico.

Portanto, a escolha dos entrevistados se baseou no critério familiar, sendo que o relator teria que possuir ancestralidade seja total ou parcialmente de povos de língua alemã (vale ressaltar que se trata de um critério de escolha baseado pura e unicamente em cultura e não em aspectos genéticos), tivessem em algum momento de sua história ou na história de sua família ligação com o município de Rio Claro, incluso seus distritos, e que pudessem relatar sobre a sua vida ou a de seus familiares e conhecidos durante a primeira metade do século XX, e também, que estivessem, obviamente, dispostos à realização da gravação.

A abordagem ao possível entrevistado fora realizada com a entrega de uma carta-convite (apêndice a), onde é explanado sobre a pesquisa e solicitado que pense em realizar uma entrevista que se desenrolará com a sua própria história e a de sua família e conhecidos. Também é abordado uma consideração para que separe documentos e objetos relacionados para que sejam utilizados ou, caso desejem, mostrar e comentar durante a entrevista, contando a história referente ao documento mostrado, além de seus detalhes.

Juntamente a carta-convite, uma proposta de roteiro (apêndice b) se encontrava, tendo por objetivo um melhor contato do que seria abordado, deixando a liberdade do entrevistado de escolhê-lo, se considerasse as perguntas pertinentes, ou mesmo, de realizar anotações prévias que facilitassem a sua memória. Assim, por ser uma proposta, o indivíduo se encontra com a opção de contar acontecimentos que inicialmente poderiam parecer distantes ou desinteressantes para a pesquisa, mas que na verdade são de grande importância, pois permite o acesso à fatos e detalhes que muito dizem sobre a pessoa e o grupo étnico.

A entrega da carta-convite e a proposta de roteiro visavam assim um dos aspectos da pesquisa, o contato com o relato e as suas mais diversas faces, servindo como fonte de informação e objeto a ser analisado, permitindo ao entrevistado certo tempo de reflexão e rememoração de sua história e a de seus familiares.

Para a realização do estudo étnico-cultural dos alemães no município de Rio Claro, é utilizado os conceitos de *etnicidade* de Fredrik Barth (1998) e o *habitus* de Norbert Elias (1997), os quais possuem uma visão abrangente a respeito da cultura e em união apresentam-se como importante forma de leitura da situação cultural e suas modificações no tempo. A *etnicidade* compreende que determinada etnia possui variabilidade interna, além de que a cultura se modifica com o tempo e recebe influências, enquanto o *habitus* comporta o conjunto de formas de viver, pensar e agir de um determinado grupo, abrangendo diversos aspectos como os econômicos, sociais e pessoais, compreendendo tanto o aspecto social quanto individual.

Também importante é analisar quando a identidade do grupo é considerada como algo pejorativo pela sociedade, sendo que para a análise de tal aspecto, é utilizado a *identidade estigmatizada* de Goffman (2004).

Quanto à obtenção e análise do relato é utilizado a metodologia da História Oral de acordo com as formulações de José Carlos S. B. Meihy (1996b), principalmente com relação à História Oral *temática* e a *de vida*, pois a pesquisa realiza uma análise quanto ao indivíduo e seu grupo, levando em conta um determinado período de conflitos sociais, culturais e políticos.

A realização de uma leitura mais aprofundada das entrevistas é feita através dos conceitos linguísticos bakhtinianos, sendo o *dialogismo* utilizado para analisar as diversas correntes de interações que os relatos possuem entre si e, também, com outros enunciados, sejam eles do período ou atuais, havendo um diálogo, mesmo que indireto. *Vozes do discurso* reconhece que todo discurso é permeado por outros antecedentes, que pertencem ao seu grupo étnico e/ou social e, também, aqueles os quais eles possuem contato. Por fim, os *gêneros discursivos*, utilizado em comunhão com a sociologia do corpo de David Le Breton (2007), é usado para interpretar a dinâmica dos relatos, como gestos, tons de voz, emoções demonstradas, as motivações para aceitar o convite, o processo de gravação, ou seja, os discursos apresentados pelo corpo, ou melhor, não somente quanto ao discurso e sua realização, mas também com relação a interação com o entrevistador e o local da entrevista.

Também fundamental é a análise da memória, e a relação desta com o de seu grupo social, para isto, é utilizada a *memória coletiva* de Maurice Halbwachs (2006), pois compreende a complexa relação existente na formulação da memória individual, a qual para além dos acontecimentos referentes à uma pessoa, também aborda, incorpora e até mesmo julga certos aspectos da memória do grupo étnico o qual ele pertence.

Desse modo, fica claro que a pesquisa aborda as características mais profundas referentes às pessoas, o grupo e a sua mentalidade, assim, encaixando-se quanto História das Mentalidades, pois se trata das relações de como as pessoas descrevem determinado período de suas vidas, seus sentimentos e pensamentos a respeito, com a realidade na qual fazem parte. Também se encaixa ao pensarmos que tanto os conceitos bakhtinianos, quanto o *habitus* e a *memória coletiva*, abordam não somente aspectos de uma época, mas a continuação desta por longos períodos, podendo-se falar, portanto, de uma história da mentalidade dos alemães na cidade de Rio Claro e, até mesmo, dos seus arredores.

Um dos objetivos da pesquisa, portanto, trata-se realizar uma análise da relação entre o imigrante com a sociedade local e o governo, as suas mudanças no tempo, distanciamentos e aproximações, compreendendo, portanto, a construção da imagem do alemão em diferentes períodos e como isso afetou diretamente em suas vidas.

Outro objetivo é a análise de como esses alemães enfrentaram o período de limitação, o que fizeram (ou o que tentaram) para sobreviver e manter seus traços culturais, além do papel das proibições na modificação não somente cultural, mas também no seu cotidiano. Para tanto, será utilizado, além das leis do período, os documentos familiares e os relatos, possibilitando uma compreensão tanto das dificuldades de caráter mais específico da realidade de certo indivíduo até dos problemas enfrentados em grupo.

Não menos importante é a análise de como a memória do período foi criada, mantida e transmitida, além de suas ligações e variações internas. Desse modo, objetiva-se a constatação de como fora conservada, modificada e aglutinada com o passar do tempo, sendo que mesmo com a diversidade de características culturais e sociais de um grupo, a memória acaba por encontrar meios de unir em cada indivíduo os aspectos coletivos de sua história.

Dessa forma, a pesquisa está dividida em três capítulos, o primeiro "De Imigrante Desejado a Inimigo da Nação", se foca no contexto da vinda dos imigrantes até a 1ª Guerra Mundial, aproximadamente de 1846-1918, no qual é realizada uma abordagem sobre a situação brasileira e a europeia, a diferença das mentalidades dos imigrantes e fazendeiros, passando para a vida urbana dos imigrantes em Rio Claro e, por fim, a mudança da visão do imigrante como trabalhador desejado e agente de modernização para inimigo da nação. Tal capítulo terá como principal característica contextualizar quem são esses imigrantes e como eles se mantiveram no século XIX e a mudança que se depararam com o início do XX.

No segundo capítulo, será discorrido de maneira mais enfática, a partir da contextualização geral, os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa e como são utilizados tanto para a obtenção de informações quanto para a sua análise.

O terceiro capítulo, "Imigrantes e descendentes nos conflitos mundiais e regional", tratará do foco principal da pesquisa, o período de dificuldades enfrentado pelos alemães, com as proibições do governo varguista, os atos de violência, as formas de sobreviver nessa nova situação. Para tanto se utilizará da contextualização feita no primeiro capítulo, sendo o período destacado os anos de 1914 a 1945.

Capítulo 1

De Imigrante Desejado à Inimigo da Nação

Neste capítulo é abordado, uma contextualização a respeito da situação brasileira e a motivação à imigração, a relação entre o imigrante e a nova realidade, o conflito de mentalidades entre o colono e o fazendeiro e a situação europeia. Também será abordado aspectos da vida e o estabelecimento de raízes no município de Rio Claro e como, com os conflitos mundiais, a relação com a sociedade encontrou fatos que demonstram a sua deterioração.

Assim, visa-se realizar a resposta de quem são esses alemães e suas raízes no Brasil para, no capítulo seguinte, explicar os aspectos teóricos da pesquisa, e então, no 3º capítulo, realizar a análise dos relatos orais, com o conhecimento necessário a respeito de seus ancestrais e a vinda destes ao país.

Obviamente, cada família tem suas especificidades, entretanto, fazem parte dessa comunidade e, consequentemente, compartilham, se não totalmente, ao menos considerável parte da história dos imigrantes que aqui se estabeleceram.

Com isso, o estudo a respeito desse fluxo migratório nos dá bases com relação a origem desses imigrantes, quais conhecimentos possuíam, como afetaram e moldaram a sociedade local, com destaque para a cidade de Rio Claro, com seu impacto cultural, comercial e religioso.

Também é possível compreender o impacto econômico, o qual, se considerado fracassado inicialmente quanto à lavoura, se faz importante elemento de modernização com seus empreendimentos e serviços, os quais possibilitaram o crescimento não só do município, mas do escoamento da produção cafeeira com as construções da Estrada de Ferro.

Desse modo, torna-se possível, a compreensão das bases históricas dos ancestrais dos entrevistados, sabendo, portanto, a origem de seus conhecimentos e os quais foram proibidos, dificultados ou até mesmo perdidos.

1.1 Contexto histórico Brasileiro – a transição do escravo ao parceiro

Durante o século XIX, os processos que indicavam a eminente fim da escravidão no Brasil, traziam diversos questionamentos quanto à mão de obra e a reorganização da produção brasileira. Tal problema apresentava-se como uma necessidade imediata, e a imigração poderia ser uma das possibilidades.

Os processos eram em decorrência de leis e acordos internacionais, dentre eles a forte influência da Inglaterra no Brasil

> O *Bill Aberdeen* decretado pela Inglaterra e em parte consequência dele, a lei da Extinção do Tráfico, em 1850, foi o fato que mais veio aumentar a dificuldade de obtenção de mão-de-obra escrava para a lavoura que começava a despontar como nova "etapa" de nossa economia: o café. (WITTER, 1982, p.27-28)

Para tanto, seriam necessárias certas tentativas para avaliar a possibilidade e se a substituição renderia bons resultados. Nesse processo, o senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro realiza a contratação de mão de obra imigrante para as suas fazendas, iniciando a introdução do trabalho livre, com alemães e suíço-alemães para trabalharem no cultivo do café.

As listas referentes à vinda desses trabalhadores demonstram uma variedade de grupos, de diferentes estados que formariam a Alemanha, não apresentando dessa forma uma unidade de um grupo étnico somente, com variações regionais (culturais e também linguísticos, com diferentes dialetos), tendo em vista que tais estados alemães possuíam divergência e eram conflituosos entre si, e somente com a unificação alemã e os processos decorrentes dessa se dariam bases para uma unidade não só territorial, mas também linguística. Assim, devemos lembrar que:

> Por essa razão, os homens que vieram para o Brasil diferem uns dos outros, além de apresentarem eles particularidades inerentes a cada uma das antigas tribos, os saxônios, os turíngios, os francos, os alemanos, os bávaros e ainda tribos mais recentes, que se formaram no leste. (FOUQUET, 1974, p.66)

Dessa forma, por mais que as relações inicialmente tenham sido entre membros do mesmo estado, tal situação passou a encontrar intensa variação, iniciando assim a formação do "alemão" do interior de São Paulo, que representa mais uma mistura de povos alemães que uma unidade vista em outras regiões, com destaque aos estados sulinos. Isso se dá, talvez, devido ao fato de que:

> Rio Grande, Santa Catarina e Paraná receberam verdadeiros colonos, isto é, imigrantes que entravam imediatamente na posse da terra e passavam a viver como pequenos proprietários rurais. (...) Em São Paulo a imigração processou-se de maneira inteiramente diferente. Foi a repressão ao tráfico e o consequente encarecimento do escravo que estimularam a imigração. Não houve colonização, mas importação de braços. (...) Os resultados dessas políticas opostas nos Estados do Sul são bem diferentes: no extremo sul existem pequenos proprietários fixados ao solo, em São Paulo um proletariado rural ambulante, mudando continuamente de patrão. (MORAES, 1941, p.1)

Entretanto, como vemos em Fouquet, o termo "alemão" era comum, independente de qual região brasileira encontrava-se, tendo em vista que a terminologia já se caracterizava por questões culturais na Europa, pois:

> quem deve ser considerado alemão? (...) Desde o século XIII começou o povo alemão a progressivamente perder sua unidade política, a partir da dissolução do Sacro Império Romano-Germânico, da separação da Suíça e depois dos Países Baixos, em 1648, até à retirada da Áustria da Liga Alemã de 1866 e à divisão da Alemanha em 1945. "Alemão", palavra que originalmente só se aplicava ao idioma – desde os tempos de Carlos Magno – já não é mais um termo político. No século XIX tal vocábulo era utilizado para definir uma unidade de idioma e de cultura, que abrangia diversos países (...) A fim de poderem preservar, movidos por sentimentos e direitos naturais, sua existência econômica e cultural, procuravam apoiar-se e se auxiliar uns aos outros, pois com outro tipo de ajuda não podiam contar. Eram todos gente dos Estados do Reich de 1871, incluída a Alsácia-Lorena, do Luxemburgo, da Suíça, da Áustria e Hungria, da Romênia, da Polônia e da Rússia e suas Províncias Bálticas, todos países que haviam integrado a antiga "Ordem Alemã" (FOUQUET, 1974, p. 65-66)

Tal terminologia também era utilizada pela sociedade local, com exceção do governo que classificava seu local de origem:

> Eram tidos como "alemães" pelos brasileiros de outras origens, que assim também os chamavam, pois que poucos eram os conhecedores daquelas situações políticas complexas. Apenas as autoridades classificávamos imigrantes de acordo com sua nacionalidade, ou senão de acordo com o Estado ao qual pertencia o lugar de nascimento naquela data, que deveria mudar com frequência, no decorrer do século XX. Nos formulários em que se requer permissão para imigrar, raramente aparece a pergunta sobre origem étnica do requerente. (FOUQUET, 1974, p. 66)

O sistema proposto era o de parceria, onde o fazendeiro realizava o pagamento da viagem e seus custos decorrentes, com o imigrante adquirindo, dessa forma, uma dívida que seria paga através de uma parte dos lucros da venda de sua produção, ou seja, o trabalhador ficava preso à terra, uma porcentagem da produção ficaria para ele e outra seria do fazendeiro (WITTER, 1982, p. 35-36), sendo que lhe seria permitido realizar plantações para a sua subsistência, entre o cafezal, ou em determinado pedaço de terra. (HEFLINGER, 2009, p. 26)

Quanto à parceria, pode-se dizer que

> Embora os incentivos e controles tenham se alterado ao longo do tempo e entre as unidades agrícolas que empregaram a parceria, no que diz respeito aos mecanismos contratuais de controle, dois aspectos fundamentais mantiveram-se inalterados ao longo das mais de três décadas em que se empregou o sistema, estando no seu próprio cerne: (i) endividamento inicial da família dos trabalhadores, de modo que estes fossem vinculados à sua dívida, ofertando mão-de-obra por um prazo que interessasse ao seu credor; (ii) endividamento continuado, como forma de estender aquele prazo por meio da elevação dos débitos contraídos pelos trabalhadores junto à fazenda. (WITZEL, 2011, p.72)

As condições de trabalho nas fazendas eram consideradas precárias e o alemão se encontrou em uma situação complexa, onde o fazendeiro utilizava-se da dívida e da venda de insumos básicos para sobrevivência e trabalho nos campos a preços abusivos. Não somente isso, também houve casos de higienização dos estados emigrantes, tendo em vista que a contratação baseou-se no trabalho familiar, os representantes governamentais colocavam nas famílias imigrantes pessoas doentes, andarilhos e todo tipo de gente que queriam se ver livres, o que trazia ao imigrante uma amarga surpresa ao ver, já no Brasil, que sua dívida era bem maior que fora planejado e, para dificultar ainda mais sua sobrevivência, acabava por ter que auxiliar esse indivíduo posto como sendo parte de sua família por algum desconhecido.

O relato "Viagem às províncias de Rio de Janeiro e São Paulo" feito das anotações de 1860 a 1861, o embaixador Johann Jakob von Tschudi demonstra, em uma parte, a ação referente a colocar deficientes e indesejados sociais como membros das famílias que iriam emigrar para o Brasil. Assim, escreve com relação à proposta de Vergueiro de conseguir força de trabalho através de mão de obra indesejada nas comunas suíças:

> Muitas comunas aceitaram de bom grado a proposta, aparecendo logo grande número de famílias que se apressaram em candidatar-se, pois viviam na mais negra miséria e alimentavam a esperança de melhorar a sorte além-mar. Algumas comunas, porém, excederam as medidas da justiça e da decência que lhes cumpria observar para com seus compatrícios, aproveitando-se de tão rara oportunidade para fazer uma limpeza em regra no seio da própria população. Incluíram nas listas dos emigrantes alguns indivíduos fisicamente incapazes ou de baixo nível moral, que um dia lhes haveriam de pesar nos cofres públicos. (...) Esses indivíduos eram alistados como fazendo parte de tal ou qual família e, por vezes, as próprias autoridades forçavam as famílias a incorporar esses pobres miseráveis no seu conjunto (...) Parece que, nem as comunas, nem os próprios emigrantes chegaram a perceber o alcance do parágrafo VI do artigo 5, que estabelecia a solidariedade coletiva na responsabilidade das dívidas contraídas por família (...) Quanto aos agentes, também não tinham nenhum interesse em chamar a atenção das autoridades para este parágrafo, pois o que lhes importava era simplesmente recrutar o maior número de colonos possível, afim de lhes aumentar as comissões. (TSCHUDI, 1954, p.136-137)

Assim, por mais falado que seja o fracasso do sistema de parcerias, muito tem que se ponderar ao dar motivações por tal acontecimento, tendo em vista que, conforme o relato de Tschudi, se encontrou uma reunião de problemas, que poderíamos até mesmo elencar como sistêmica, com as taxas cobradas pelos fazendeiros, os agenciadores que visavam um maior lucro com a quantidade de imigrantes agenciados, além do imigrante que se vê em uma nova realidade, o que abordaremos a seguir.

A diferença da forma de trabalho entre o Brasil e a Europa também foi elemento de dificuldade na adaptação à nova realidade, sejam por motivos tecnológicos, como o uso de equipamentos e o início de modernização vista na Europa; devido ao clima que dificultava o trabalho ao imigrante habituado à temperaturas mais baixas; ao tipo de vegetação que muito diferia; além do pensamento do fazendeiro, que estava habituado ao modelo escravista e acabava por confundi-lo com o novo processo de mão de obra. (HOLANDA, 1941, p.17)

Assim nota-se o começo de certas transições necessárias para a sobrevivência do imigrante quanto ao seu cotidiano, tendo em vista que sua cultura e forma de ser e estar no mundo estavam ligadas a uma realidade diversa, onde seus costumes cotidianos apresentavam vantagens e bem-estar, agora, porém, se mostravam como modelos propagadores de doenças e desconfortos. Dessa forma, nota-se que para fins de sobrevivência, certos aspectos culturais já começaram a ter a necessidade de reformulação, pelo menos os ligados à disparidade que enfrentavam.

Tais mudanças aconteceram devido ao fato que, inicialmente, aspectos higiênicos do cotidiano europeu em muito variavam com as necessidades climáticas brasileiras, o que resultava em frequentes ocorrências de pragas, doenças relacionadas à presença de parasitas, além do acúmulo de insetos na ausência de maiores cuidados com a limpeza doméstica. (HOLANDA, 1972, p. 10-11)

No tratamento ao imigrante, via-se proibições que colocavam em dúvida a liberdade dos colonos, tendo em vista que seriam trabalhadores livres e não servos, porém as intensas taxas utilizadas, a truculência e proibições levantavam tais questionamentos. Muito se leva a crer que os alemães eram proibidos de se locomoverem livremente e de terem contato com pessoas das redondezas, com a desobediência punida em multa, devido à uma tentativa de impedir os alemães de ficarem sabendo de melhores condições em outros lugares, ou terem contato com os preços reais dos produtos e alimentos básicos para sua sobrevivência, os quais tinham que

ser comprados dos armazéns de abastecimento da fazenda (WITTER, 1982, p. 58, 68), além da realização de empréstimos a taxas abusivas pelos fazendeiros. (DEAN, 1977, p. 103)

Para além da situação de tolhimento das liberdades e do uso abusivo do poder e de pesadas taxações, o imigrante também tinha suas correspondências averiguadas e censuradas pelos fazendeiros, os quais viam nas cartas uma possibilidade de agenciamento de novos imigrantes ou, caso cartas de conteúdo crítico à situação se espalhassem pela Europa, de completa escassez de trabalhadores (DEAN, 1977, p.101).

Tais condições demonstram que a transição da forma de trabalho estava em difícil situação, o imigrante por mais que fosse considerado como livre, tinham as suas liberdades cerceadas, sejam as de locomoção, como também a de livre comunicação, o que, naturalmente, resultou em um crescente descontentamento, o qual teve consequências não somente para eles, mas também para as leis de imigração da Alemanha e o sistema de parceria.

Se a transição da mentalidade do fazendeiro escravista para a do empregador de mão de obra livre já apresentava em si problemas, principalmente com relação ao trato do imigrante, o qual sendo livre, não aceitava certas imposições e violências típicas do trabalho nas fazendas no período; o aproveitamento de certos estados alemães em se livrar de indivíduos indesejados de suas cidades se demonstraram como intensificadores dessa difícil situação, pois o imigrante ficaria preso por mais tempo à terra, ou quiçá conseguiria se libertar, sendo que um imigrante não apto para o trabalho somente impediria a família prosperar, pois a dívida dele estava em conjunto aos outros membros que deveriam realizar o trabalho e também conseguir superar as taxas que faziam tais dívidas se acumularem.

Desse modo, os problemas sobressaíam, pois não se procurava mudar o modo, mas o trabalhador, a "transição" parecia então cada vez mais lenta e, o choque de mentalidades era visível, tanto pelo descontentamento dos imigrantes como os problemas enfrentados pelos fazendeiros, os quais buscavam mão de obra que permanecesse fixa em suas plantações e, se possível, sem problemas contratuais, o que não aconteceu.

Entretanto, os fazendeiros, obtiveram certos benefícios, principalmente àqueles referidos à modernização das técnicas de agricultura, as quais, por mais que o imigrante viesse de outra condição do trabalho com a terra, mantinham a utilidade e maior facilidade para os serviços no campo. A exemplo, houve a introdução do uso do arado e a troca da roda fixa para o eixo. Já as técnicas dos mais variados tipos de trabalhadores, como carpinteiros e serralheiros,

além de construções que garantiam mais conforto aos habitantes, tinham utilidade para a agricultura, principalmente quanto ao beneficiamento do café. Assim, o imigrante além de mão de obra, também facilitou e agilizou os processos de produção, implementando sua eficácia, possibilitando um maior número de vendas de sacas com menos tempo de trabalho despendido nessas etapas. (HEFLINGER, 2007, p.72)

Quanto aos conflitos gerados entre os fazendeiros e os colonos devido aos aspectos contratuais, estes tendiam normalmente a serem encaminhados e resolvidos pelos juízes das cidades de Rio Claro e Limeira, os quais, vale ressaltar, eram os próprios fazendeiros, sendo a punição, já de maneira planejada, extremamente severa para com os imigrantes (DEAN, 1977, p. 101-102). Dessa forma, o alemão se via sem alternativas, com a ausência de possibilidade da realização de sua defesa quanto a seus direitos em um julgamento honesto, estava, portanto, à mercê dos mandos e desmandos, e de todo tipo de injustiça possibilitada ao fazendeiro.

Este choque de realidades, o descontentamento e a não mudança nas formas de tratamento, acabaram por escalar em revolta, conhecida como a "Revolta dos Parceiros de Ibicaba", a qual simbolizou um fracasso inicial da transição das formas de trabalho, ecoando negativamente quanto à vinda de imigrantes alemães ao Brasil, principalmente devido aos relatos que chegavam à Europa das condições das fazendas e das obrigações e tratamento recebido pelos imigrantes.

Uma das principais consequências foi a lei, o Rescrito de Heydt pela Prússia no ano de 1859, a qual, devido à constatação da situação de vida descritas nos relatos que chegavam dos emissários, resultou em grande indignação para com a situação dos imigrantes, realizando não uma proibição à vinda de alemães, mas a tentativa de proteger estes das ações de agentes de emigração (DREHER, 1984, p.33), os quais, como já vimos no caso das comunas suíças, estavam mais interessados no lucro que no futuro bem-estar dos imigrantes.

O descontentamento foi visto também na propaganda negativa quanto à vida nos cafezais, apresentando-a de maneira contrária aos anteriores relatos de viagens que incentivavam a população à aventura em terras "desconhecidas", principalmente através de cartas que chegavam à Europa, o que veremos mais adiante, quanto à mentalidade do imigrante e a Revolta de Ibicaba.

Com isso, apesar dos problemas, opta-se por uma mão de obra diferente nos fins do século XIX, a italiana, que resultou em melhores resultados se comparado à primeira tentativa

com os alemães, tendo em vista que realizaram modificações quanto à forma de relação entre o imigrante e o fazendeiro. Mesmo que as primeiras tentativas não tenham significado e/ou resultado nas expectativas aguardadas, elas serviram para dar as bases necessárias ao novo processo de contratação e relação que iria se estabelecer. (WITTER, 1982, p. 47-48)

1.2 O Contexto Europeu – Motivações políticas, econômicas e sociais para a emigração

Com o fim das guerras napoleônicas e as suas consequências para a Europa, viu-se também nesse período uma crescente modernização do campo e o desenvolvimento das cidades, e a consequente diminuição do campesinato e crescimento do trabalhador livre.

O poder napoleônico teve papel significativo na situação econômica europeia, tendo em vista que o bloqueio continental e o seu posterior fim afetaram diretamente os Estados alemães. Dessa forma, apresentou-se internamente fortes diferenças sociais e econômicas, as quais:

> (...) têm suas origens no Bloqueio Continental decretado por Napoleão Bonaparte, em Berlim, em novembro de 1806. O Bloqueio Continental possibilitou, inicialmente, um crescimento da indústria artesanal no ambiente rural da Alemanha, mas, após as guerras de libertação e a consequente abertura dos mercados alemães, seguiu-se um progressivo empobrecimento das populações rurais. A partir de 1840, devido à incipiente industrialização os artesãos também seriam afetados. Paralelamente à industrialização, ocorria no Sul e no Sudoeste alemão um rápido crescimento da população. (DREHER, 1984, p. 33)

A modernização, com o crescimento econômico na Europa, tratou-se de um processo amplo, o qual influenciou os trabalhadores de diferentes formas, havendo uma queda na mortalidade infantil e diminuição de possibilidades de emprego. Tal situação é bem explicada por Witter:

> O crescimento das economias europeias, que se industrializaram no início do Século XIX, consistiu fundamentalmente numa revolução tecnológica. Na medida em que iam penetrando as novas técnicas, sucessivos segmentos do sistema econômico preexistente se desagregavam. (...) a oferta de mão-de-obra cresceu suficientemente para suprir o setor mecanizado em expansão e acabou exercendo forte pressão sobre os salários. Por outro lado, o desmantelamento do sistema pré-capitalista intensificou o processo de urbanização. As mudanças do sistema e as novas formas de atividades facilitaram a assistência médica e social e acarretaram uma intensificação no crescimento vegetativo da população. (WITTER, 1982, p.28)

Com isso, temos que entender a complexa situação política dos Estados com população de língua alemã:

> A composição da **Confederação dos Estados Alemães** também chamada de Liga Alemã - cuja unidade consistia, essencialmente, no uso do idioma alemão - era, politicamente, muito diversificada: 35 estados independentes e 4 cidades livres. Consistia numa união pouco coesa de estados soberanos. (...) Por sua vez, o **Império Áustro-Húngaro** era constituído pela Áustria (grande parte de tchecos - Boêmia e Morávia - e pelos poloneses - Galícia). (GOUVEA, 2011, p.17-18)

Aliado a isso, viu-se um aumento de agenciadores de imigrantes para o novo mundo, com uma proposta que atendia também à demanda e necessidades das populações mais pobres, pois por não possuírem dinheiro, a proposta do sistema de parceria do pagamento dos custos e posterior pagamento em serviço era propícia, o que pode ser visto no:

> relatório intitulado "Emigração para o Brasil e seu Brilhante Sucesso", que registra fatos alusivos ao êxodo de alemães para o Brasil, ocorridos entre os anos de 1846 e 1851. Essa peça documental afirma que a aceitação da possibilidade de emigração só era viável à classe média. (...) Os camponeses tinham medo do desconhecido e não tinham reservas financeiras para bancar ou parcelar o custo dessa operação. A única maneira de provocar o desejo de aventurar-se a empreender uma viagem desse porte, era conceder financiamento, garantir a despreocupação com o alimento e a certeza do trabalho ser moderado. A proposta de Vergueiro, anunciada pelos agentes de imigração a seu serviço, tinha em seu bojo a perspectiva da conquista da liberdade e a chance de se transformarem em pequenos proprietários, após o pagamento da dívida que contrairiam com a Vergueiro & Cia. (HEFLINGER, 2007, p.37)

Entretanto, a questão da fome não era o único elemento incentivador. A situação na Europa variava, tanto se levarmos em conta os muitos Estados que vinham, mas, aliado a isso, também as diferentes profissões que possuíam, as quais, muitas delas, de caráter urbano:

> Levando isso em consideração, (...) as razões foram muitas, sendo que as de ordem econômica vem em primeiro lugar e as referentes à ideologia aparecem apenas em segunda plana. (...) Fator decisivo foi simplesmente a realidade de que a grande massa de emigrantes não encontrava em sua pátria meios para o pleno aproveitamento de suas capacidade e iniciativa, acreditando ser isso possível no exterior. (FOUQUET, 1974, p.66-67)

Dessa forma, mostrava-se uma diversidade de motivações para a vinda, as quais seriam de difícil quantificação, o que vale realçar é que, de maneira geral, tratou-se de um momento de intensa conturbação política, econômica e social, que possibilitou uma correlação evidente à situação brasileira, o excesso e a falta assim se complementaram, fortalecendo os fatores incentivadores à imigração. Devemos notar, porém, que tal excesso de trabalhadores não era rural em sua totalidade, ou seja, a busca de uma nova realidade mais promissora não necessariamente, pelo menos não de imediato, seria relacionada aos conhecimentos e profissões que estavam acostumados.

Com a Revolta de Ibicaba, diversos diplomatas foram enviados para analisar a situação dos imigrantes no Brasil, tecendo considerações do que viam, o que demonstra certa preocupação com esta população e a forma que estariam vivendo, seja para servir como intermediários com relação aos que aqui já estavam, seja para avaliar os melhores locais para a vinda de seus conterrâneos.

Após os diversos relatos e as informações a respeito da Revolta de Ibicaba, que demonstravam a situação dos imigrantes, foi promulgado em 1859, como já vimos, o Rescrito de Heydt. Os detalhes deste, eram quanto à revogação dos diretos proporcionados pela "lei referente ao transporte de emigrantes" datada de 1853, o que fazia com que o transporte passasse das mãos dos agenciadores para as do governo, o que representou uma maior segurança ao emigrante e não uma proibição da imigração (COSTA, 1990, p. 37)

1.3 A mentalidade Imigrante – da esperança à Revolta de Ibicaba

Para se entender a vinda dos imigrantes ao Brasil, devemos compreender não somente os aspectos econômicos e sociais que enfrentavam na Europa, mas também como era construída a imagem da nova terra, através dos relatos de viagens, sejam a respeito de comunidades imigrantes já instaladas no Brasil ou das suas belezas naturais e diversidade da flora e fauna da terra, além dos incentivos à imigração. A partir disso é possível entender a frustração e descontentamento com a situação encontrada no país e que levaram à revolta.

Muitas dessas características podem ser notadas pelas cartas enviadas no período, onde se nota uma maior tranquilidade a respeito da situação no Brasil aos imigrantes de origem mais rural e, mesmo com a censura feita pelos fazendeiros às cartas, certas críticas e/ou conselhos desfavoráveis à vinda de seus familiares ao país eram notadas pelos imigrantes que já possuíam maiores características urbanas quando vieram.

Sabendo que as correspondências enviadas pelos colonos aos parentes na Europa poderiam angariar um maior número de trabalhadores era incentivado, por esse motivo, a escrita de menções elogiosas à nova realidade e a situação de vida na fazenda (DEAN, 1977, p.101). Assim, os fazendeiros possuíam o controle do que era falado e enviado, mas os imigrantes, mesmo com a censura, procuravam relatar o que lhes acontecia, mas nem sempre é fácil, mesmo nos dias de hoje, realçar uma divisão clara entre os escritos censurados e os que retratam o que pensavam à respeito da sua condição.

Tal questionamento quanto às cartas é realçado, pois, independente do emprego do imigrante, ou a respeito de seu Estado de origem, em qualquer um dos casos (ou em ambos), cria-se uma grande variação de possibilidades. Assim, dificulta-se saber até que ponto determinada carta está ligada ao que o imigrante pensava e, se adicionarmos a vontade do fazendeiro, de que somente as elogiosas se propagassem, não se trataria de algo impossível que uma carta realmente indicando o pensamento de um imigrante, tivesse sido assinada por mais de um indivíduo, os quais não concordavam total ou parcialmente com o conteúdo, mas foram chantageados a assinar, tendo em vista a condição que possuíam na fazenda.

Quanto à censura, é possível de ver em uma parte da carta da senhora Elsbeth Jost (colona suíço-alemã da fazenda Angélica, cuja propriedade era do Senador Vergueiro), a sua mensagem, onde deixa claramente o seu conselho a respeito de não virem para o país, em meio às explicações sobre a questão do clima. A leitura e censura dos fazendeiros que visavam novos trabalhadores é perceptível, pois o tema abordado, o clima brasileiro, pouco se relaciona com o conselho de não virem, sendo quase que contraditório relatar sua felicidade logo a seguir, o que indica um meio de burlar o crivo. Tal aspecto, talvez, tenha sido o diferencial para a carta ser aceita na fazenda e conseguir ser enviada à Europa:

> Também a mudança do clima nos causa problemas, temos muita dor de cabeça e de estômago, por isso precisamos tomar laxativos com frequência, o que nos torna mais magros e sem força. **Para todo aquele que conseguir trabalho na nossa terra natal, eu não recomendo nunca vir para cá**. Dói muito ver famílias separadas, vivendo e morrendo tão longe uns dos outros, como acontece na maioria dos casos.
>
> **Estamos muito satisfeitos aqui**. Temos dois belos porcos, com a porca prenhe e com uma ninhada, cerca de quarenta galinhas e três galos. (HEFLINGER, 2009, p. 54-55, grifo nosso)

Assim, no caso da senhora Jost, ao pensarmos nas suas condições, temos indícios do que seria a censura e a sua real opinião em um mesmo documento. As comunas suíças colocavam entre as famílias pessoas indesejadas, o clima do Brasil não se encaixava bem aos seus costumes e práticas cotidianas, o tipo de campo era diferente do europeu, fora os problemas referentes à viagem, todos esses descontentamentos evidenciam o desgosto afirmado na carta, enquanto que o elogio à respeito das posses de animais atraíam, como já vimos, os mais pobres a assumirem a proposta de Vergueiro, o que provavelmente faz parte da censura e "incentivos" aos elogios da vida no Brasil.

Também, devemos levar em consideração que para o imigrante, muitas vezes, era construído, em seu imaginário, a nova terra para o qual estava a imigrar como um local quase

totalmente livre de impedimentos, podendo realizar o seu desejo de prosperar sem grandes problemas. Porém, tais ilusões já começam a se perder na longa e difícil viagem transoceânica e ao não encontrar na nova realidade a infinitude de possibilidades que tanto esperava (HOLANDA, 1972, p. 9-10), o que também contribuiu para as amarguras relatadas nas cartas.

Importante fonte documental a respeito do pensamento imigrante é a obra "Memórias de um Colono no Brasil" de Thomas Davatz, que demonstra a situação de vida dos imigrantes com riqueza de detalhes, além de ser um dos relatos mais completos a respeito, partindo de um dos trabalhadores da fazenda.

Davatz, apesar de receber certos confortos dados pelos vergueiros (com o objetivo de relatórios elogiosos), tanto em sua viagem, quanto a respeito de sua moradia e o recebimento do cargo de mestre-escola, resolveu realizar em seu relatório a constatação das quebras contratuais e o tratamento recebido pelos colonos, e foi apoiado não somente pelos suíços, mas também pelos turíngios para a realização de um inquérito. Tal relatório somente conseguiu ser enviado através de terceiros, denunciando o esquema de censura que se instalara na fazenda. Com esta situação, Vergueiro realizou uma conversa que virou uma discussão e os colonos ao imaginar que Davatz estava em perigo, se armaram em sua defesa, mas tal evento não escalou para uma situação mais drástica, pois fora desmantelado pelo mestre-escola. Porém, foi enviado de São Paulo um pelotão a pedido de Vergueiro para a realização de sindicância. Tal fato acarretou no envio dos emissários suíços Heusser e Diethelm para analisar a situação das fazendas. Posteriormente as discordâncias entre os colonos e Vergueiro foram resolvidas com um acordo (HEFLINGER, 2009, p. 45-47). Tal situação resultou em propagandas negativas quanto à parceria e, consequentemente no Rescrito de Heydt.

1.4 A vida na cidade – o conhecimento para o crescimento

O imigrante ao sair (ou fugir) da sua situação de dívidas, encontrava-se frente a duas possibilidades, o trabalho na terra, normalmente de característica de subsistência, em sítios, e a vida urbana, como empregado ou abrindo algum comércio ou indústria doméstica. Obviamente, não devemos pensar em uma situação onde a vida urbana esteja totalmente dissociada da vida rural e, não raramente, tal situação se viu em uma mescla urbano-rural, com o imigrante interagindo em ambas as esferas.

A senhora Elsbeth Jost, que analisamos o conteúdo de sua carta anteriormente quando estava a trabalhar na fazenda, neste outro momento, já na cidade de Rio Claro, abriu um comércio de venda de bebidas, o que é caracterizado por uma construção de indústria doméstica como podemos ver em Fábio Alexandre dos Santos:

> independente de sua origem urbana ou rural, estes imigrantes souberam visualizar as lacunas ali existentes e a ocuparam, proporcionando-lhes a oportunidade de se inserirem numa economia de mercado que passava a ganhar impulso (...) vemos que iniciaram suas atividades através da produção doméstica, como foi o caso do casal Bartholomeus e Elsbeth Meyer Jost, de origem suíça, que plantaram uvas no quintal da casa construída em 1865 para a produção de vinho tinto (...) Possivelmente conheciam a atividade que colocavam em prática naquele momento, (...) souberam se adaptar tanto às sugestões climáticas da região quanto ao potencial mercado consumidor que ali se formava. (SANTOS, 2002, p. 49-50)

Também é possível notar no trecho a relação entre o urbano e o rural, com a produção das bebidas sendo realizadas a partir de sua plantação doméstica de uvas no quintal, evidenciando aí, um momento do processo de transição, com parte do "*know-how*" do imigrante, tanto no aspecto rural e urbano, se mesclando e representando considerável avanço comercial e de urbanização da cidade.

Outros fatores relacionados à sua manutenção de características culturais, se tornaram mais facilmente consolidadas com a vida urbana, tais processos já estavam em vias de realização, mas com o maior contato com a cidade, viu-se melhores chances de solidificar os meios, os estabelecimentos importantes para isso. Dentre estes, se fazem presentes não somente os comércios que possibilitavam exercer o seu conhecimento, mas também o Colégio Alemão e a fundação do Templo da Igreja Luterana (devemos lembrar, entretanto, que nem todos os imigrantes alemães eram evangélicos, mas para estes a possibilidade de exercer sua religiosidade era de grande valor pessoal e cultural).

Quanto ao conhecimento de outras profissões, isto já era notável desde o período em que os imigrantes trabalhavam nas fazendas

> Em praticamente todos os mapas de colônias há menção a pelo menos uma família cuja profissão não está diretamente relacionada à atividade agrícola, embora tais colonos estivessem contratados para o exercício de atividades rurais. Além disso, muitos que são mencionados como "agricultores" possivelmente haviam desenvolvido outras atividades em suas regiões de origem. (WITZEL, 2011, p. 23)

A presença da Estrada de Ferro também está ligada aos imigrantes alemães, que ao modernizarem a vida nas cidades (não somente em Rio Claro) acarretou no crescimento destas,

as quais conseguiram que entrepostos comerciais entre os fazendeiros e os portos fossem realizados na cidade com maior facilidade, sendo a ferrovia a forma de escoamento do produto de maneira mais rápida e rentável. Assim, por mais que a imigração alemã não tenha encontrado o esperado sucesso no campo, não pode ser considerada fracassada para os objetivos econômicos dos fazendeiros, tendo em vista que serviu de maneira fundamental para sua ampliação de lucros, mesmo que de maneira indireta. Ou seja, enquanto estavam na fazenda

> Submetidos a essa realidade de exploração, os colonos não tinham perspectivas de melhora de vida onde estavam. No ano de 1860 essa realidade criou uma revolta por parte dos alemães, que decidiram romper o contrato que o dono da fazenda Ibicaba havia feito com eles. A alternativa foi abandonar tudo e migrar (...) Foi assim que muitos vieram para Rio Claro (àquela época, São João Batista do Ribeirão Claro) e passaram a residir na região conhecida, desde aquela época, como "Vila dos Alemães", próximo às instalações da "Companhia Paulista de Estrada de Ferro" (inaugurada aos 11/8/1876). Como muitos tinham vindo da Alemanha com várias aptidões profissionais (carpinteiros, ferreiros, soldadores, serralheiros), conseguiram emprego e passaram a trabalhar para a referida Companhia. (KRÜGER; KAPPEL; BEIG, 2008, p.18-19)

Dessa forma, o processo de modernização das cidades teve forte impacto dessa população, com a criação de comércios, oficinas e trabalhos técnicos fundamentais para a vida na cidade, ou seja, o "*know-how*" que já possuíam na Europa. Assim, "Gradativamente a cidade da fronteira absorvia as inovações implantadas por essa gente ao mesmo tempo em que passava por uma diversificação de suas atividades econômico-sociais." (SANTOS, 2002, p. 50)

A procura pelo aprendizado da língua alemã, e a preocupação para com a educação, foi criado em 1882 o Colégio Alemão, atual Colégio Koelle. A importância da educação desse colégio ia para além de Rio Claro e das cidades vizinhas, tendo em vista a presença de muitos estudantes dos estados sulinos (DEAN, 1977, p.158). Em 1883, há a consolidação da Igreja Luterana, com seu primeiro estatuto aprovado, em alemão, com o término da construção do templo realizado em 1884 (KRÜGER; KAPPEL; BEIG, 2008, p. 26, 30).

A relação do imigrante alemão com a sociedade local, neste momento era, de certa forma, pacífica, tal fato é de se notar no caso da criação do Cemitério Evangélico (conhecido como cemitério alemão), que teve a presença da ajuda de católicos. Tal evento é de grande importância, pois mesmo que houvessem alemães católicos, a presença de protestantes era notável, tanto que o cemitério e a Igreja Luterana possuíam e ainda possuem popularmente o adjetivo "alemão". Assim, a ajuda de alguns católicos para a criação do cemitério (KRÜGER; KAPPEL; BEIG, 2008, p. 20-21) demonstra certa empatia, ou aceitação, da sociedade local à uma população não somente étnica, mas também religiosamente diferente (parcialmente).

Outro aspecto interessante de aproximação com a sociedade local, foi, no começo do século XX, mesmo que de maneira inicial, a mescla de casamentos com outros grupos étnicos. O que é mais notável, em tal caso, é que se trata de um período de agressividade aos alemães, o que podemos considerar tanto a continuação da proximidade com certos povos, como, também, a aproximação com os italianos, os quais também tiveram problemas no mesmo período (HAACH, 1998, p. 135-137)

Dessa forma, os alemães conseguiram criar raízes na cidade de Rio Claro, se estabelecendo, notadamente:

> a formação da Vila dos Alemães, a construção do Cemitério Alemão, da Escola de Língua Alemã e da Igreja Luterana nada mais são do que a evidente expressão da representatividade desse grupo na urbanização da cidade. Basta nos atentarmos para a formação básica do indivíduo em sociedade - família, igreja e escola. (...) No plano econômico, manifestaram-se de diversas formas, nos pequenos negócios domésticos (...), e nas mais diferentes atividades comerciais. (SANTOS, 2002, p. 53)

1.5 O inimigo da Nação – os ataques aos seus símbolos culturais

Com a divulgação de notícias quanto ao ataque de navios brasileiros por submarinos alemães, a população local, enfurecida pelo fato, realizou a depredação de comércios que tinham donos alemães, além do Colégio Alemão e a Igreja Luterana, ambos símbolos da presença alemã na cidade.

Tais símbolos alemães da foram atacados durante a Primeira Guerra, havendo a depredação tanto da torre da Igreja Luterana, quanto a retirada das águias germânicas que o Colégio Alemão possuía (SCARANO, 1969, p.515). Os acontecimentos se deram, principalmente após o surgimento de boatos que se espalharam pela população, a qual uma parcela se revoltou e começou o ataque.

Dessa forma, o edifício religioso foi atacado, pois

> O Templo construído nos anos 1883/1884, havia se tornado um lugar importante para a Comunidade, um símbolo da sua identidade de fé evangélica e cultura alemã. (...) em abril de 1917, durante a primeira Guerra Mundial, os aliados espalharam a mentira de que um submarino alemão havia torpedeado o navio brasileiro Paraná. Um grupo de pessoas se inflamou de tal maneira que em 15 de abril, invadiu o Templo, a escola e o internato, destruindo vidraças, venezianas, portas e demolindo a cerca que o circundava. Somente após providencias energéticas das autoridades brasileiras, foi possível evitar que uma desgraça maior se realizasse. (KRÜGER; KAPPEL; BEIG, 2008, p. 34-35)

Nota-se na obra de Roger Trimer[1], o relato sobre o ataque à Escola Alemã no mesmo ano:

> A turba parou e concentrou-se em frente às janelas da avenida 14. Por entre o burburinho indistinto das vozes ouvia-se de quando em quando um riso embriagado, uma palavra de ordem xenófoba. Não demorou para que os insultos se multiplicassem. (...) Súbito, um silêncio, e em seguida uma vidraça explodiu, levando a multidão a um frenesi de violência. A rua sem pavimentação fornecia munição para aquela noite de absurdo. (...) Telhas caíam em estilhaços do telhado não-forrado. Os fechos das venezianas, feitos para suportar apenas a força do vento, arrebentavam-se, fazendo com que se abrissem. Uma pesada pedra de calçamento invadiu o primeiro aposento, por sorte vazio, com certeza atirada por mais de uma pessoa. (TRIMER, 1994, p. 35)

Os ataques acabaram se direcionando para além dos símbolos alemães, sendo depredada também casas particulares de imigrantes e descendentes, os quais necessitaram da defesa do exército, cujo pelotão fora enviado de São Paulo (CASTRO; WEHMUTH, 1973, p.1975).

Ou seja, o ataque fora generalizado para com os alemães na cidade, com seus marcos e estabelecimentos que além de simbólicos, faziam parte da vida em comunidade na cidade e, como se não bastasse o transtorno para a realização da educação e religiosidade alemã, prejudicada pelo ato violento, alguns ainda tiveram prejuízos privados com a fúria que acabou sendo, em parte, direcionada à eles.

Tais fatos demonstram uma quebra com a antiga receptividade para com essa população, representando o início das dificuldades que os imigrantes e descendentes enfrentariam mais profundamente na Segunda Guerra Mundial, como proibição do aprendizado do alemão e tolhimento dos direitos de ir e vir, além da dificuldade impostas quanto à sua sobrevivência e vida comercial.

[1] A obra baseia-se na reunião de relatos da família Koelle

Capítulo 2

Aspectos Teórico-Metodológicos

A partir da contextualização realizada no capítulo anterior, faremos uma explanação mais aprofundada quanto aos aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa, os quais são explicados e adaptados à luz de tais informações. A necessidade da contextualização histórica se faz pela pesquisa tratar sobre as características culturais e o modo de ser e estar do indivíduo em seu grupo étnico e em determinadas condições de um período específico, na primeira metade do século XX, mas para analisar a condição apresentada é necessário a compreensão dos acontecimentos que mantiveram, modificaram e (re)formularam sua cultura.

Para a compreensão da análise dos relatos que contem a história dos indivíduos e de suas famílias, se faz necessário a explicação dos "meandros" teóricos envolvidos no processo da pesquisa, na realização das entrevistas e a leitura da realidade. Assim, aspectos quanto a identidade, etnia, memória e o discurso, são de fundamental importância.

Os aspectos étnicos quanto à sua formação, a união de uma variedade de povos alemães que aumentou exponencialmente a variabilidade cultural interna do grupo, a questão da língua alemã a ser aprendida e posteriormente reprimida, como é construído sua identidade, a relação para com seus antepassados, enfim, são elementos necessários para se compreender o entrevistado e sua etnia. Quanto ao contato com outros povos, quais destes se apresentam mais próximos e os possíveis motivos, a estigmatização de características identitárias, vão mostrar as relações da etnia alemã com outros grupos e, como tais contatos, exerceram influência social, econômica e cultural mútua.

As características do discurso e sua relação com a memória, possibilitam a análise dos relatos, o uso das informações nele contidas e a comparação entre as mais variadas visões sobre o período, os elementos de união e as singularidades. Abordaremos a questão teórica de maneira interligada para que se evitem confusões quanto à formulação do trabalho, seus conceitos, pressupostos e formas de análise.

2.1 A cultura – como a definir e interpretar?

Por mais que o trabalho aborde diversos temas e aspectos da realidade: como política, sociedade, economia, religião, etc., o foco principal é a cultura, que perpassa e une todos estes e, também, o conjunto de indivíduos que forma o grupo étnico.

Elemento constitutivo do indivíduo, da sua formação e sua visão de mundo, do contato com os mesmos e os diferentes, a cultura é característica da complexidade humana e de sua ação no tempo e no espaço. Para a entender, portanto, é necessário compreender a sua realidade interna, os acréscimos e o contato com outras culturas.

Para a realização dessa interpretação da cultura, utilizamos, principalmente, dos autores Nobert Elias e o conceito de *habitus*, Fredrik Barth com a *etnicidade* e, parcialmente, William Fielding Ogburn com a *acumulação cultural*; a questão do *hibridismo cultural* de Peter Burke é abordado em um subcapítulo posterior, pois primeiramente será definido a cultura em si, para depois o contato e influência múltipla de maneira aprofundada. A escolha destes três autores visa explicar a cultura de maneira viva, espacial e historicamente constituída. Ou seja, ela possui mudanças internas, é afetada por acontecimentos externos, sejam estes diretamente relacionados a ela ou não, é variável internamente, no tempo e na localidade que se apresenta.

Assim fica, primeiramente, estabelecido as características opostas à definição de cultura utilizada na pesquisa, as quais incluiriam adjetivos como imutável, atemporal, rígida. Ou seja, contrariamos a visão de que ela não pode apresentar contradições internas, ou de que não pode modificar, adotar ou adaptar novos aspectos, entretanto, o principal aspecto discordado, é que a cultura poderia ser perdida ou sobreposta por outra. Assim sendo, a complexidade da cultura fica evidenciada, mas dificulta a sua formatação em um modelo simples, construído em elementos fixos, pois apesar de apresentar características históricas, também contém modificações destas, adições e mesmo discordâncias internas, as quais devem ser levadas em consideração e, não necessariamente, significam qualquer tipo de ruptura ou "perda" cultural.

A complexidade da cultura envolve aspectos para além dos internos, mas geográficos e temporais, não somente ao abordar as possibilidades físicas/materiais da localidade que se encontra e trabalha, mas também aos acontecimentos e mudanças realizadas. O caso estudado, demonstra essa situação, onde a cultura se remete a um tempo e localidade diversa da que se encontra no momento, entretanto, o novo país é agora um dos agentes de modificação/influência

na sua composição, devido ao fato de apresentar outros aspectos materiais, grupos humanos e, obviamente, situações.

A sobreposição tempo-espacial na cultura é abordada de maneira mais aprofundada em subcapítulo posterior, mas vale notar, desde já, que a herança cultural se mantém presente e influente, mesmo que se trate de um outro momento histórico e em localidade diversa do(s) país(es) de origem de determinada cultura.

Um grupo cultural, portanto, é constituído de maneira complexa, abarca em si características múltiplas, variadas e vezes contraditórias, que são históricas, mas não imutáveis, que se relaciona com a localidade e ao mesmo tempo não é determinada por esta. Para além dessa complexidade interna de múltiplas relações contrárias dentro do próprio grupo, em suas diversas posições (e diferentes agrupamentos de características), há também o contato com o outro.

A separação/aproximação com o(s) diferente(s) trata-se de um aspecto mútuo, de influência constante, sendo que as características "importadas" não o são sem remodelação, e a visão do outro parte do próprio conjunto de valores, ou seja, onde o consumo do que é diferente ocorre após uma longa digestão no corpo do próprio conjunto cultural.

Criando uma visão geral, antes de aprofundarmos nos autores, vale destacar estes aspectos da interpretação da cultura. O grupo cultural, possui discussões e relações dos próprios aspectos de maneira interna, durante o tempo, os quais se acumulam, modificam, se contradizem e tem posições variadas no seio da própria etnia, enquanto se relaciona com a realidade socioeconômica e física da localidade que se encontra e, vale destacar, enquanto mantém contato com outros grupos, os interpretando, estabelecendo trocas culturais, alianças ou repulsas, aproximações que tanto podem ser em criação de elos de amizade e cooperação ou da própria miscigenação/mistura étnica.

Outro ator importante a ser levado em conta na interpretação da cultura, é Raymond Williams (1958), o qual em seu "A cultura é ordinária" ou "A cultura é de todos", defende a cultura como algo geral, presente em todos os indivíduos, independente de situação socioeconômica, status social, instrução ou qualquer outra diferenciação entre humanos. Tal concepção, vale ressaltar, é de grande utilidade, pois não somente estabelece a cultura como dado humano universal, como também considera características do cotidiano, quebrando ideias de que esta seria de posse de determinadas classes mais poderosas de uma sociedade. As

características culturais, portanto, são apresentadas, produzidas e vividas em diferentes condições em um mesmo grupo étnico. Estas variações internas são, utilizando da *etnicidade* de Barth, parte do processo dinâmico e histórico da organização e identificação de uma etnia, a qual possui diversos aspectos ou visões de mundo (podendo até mesmo ser contraditórios). Estas características culturais não se tratam somente de uma produção material ou de eventos, mas são características pessoais e sociais, trata-se do *habitus*, conceito elisiano, que traz em si a estrutura histórica na construção da cultura que se apresenta no modo de ser do indivíduo, sem desconsiderar a unicidade de cada humano, mas reconhecendo a importância dos fatos e acontecimentos da coletividade, em diversos períodos, na forma de ser, estar e pensar de cada um. Também, vale ressaltar que internamente, mesmo divisões possíveis, como abordou Williams entre uma elite e a população (e isso pode ser estendido a outros casos), possuem intermediários culturais, como bem ressalta Vovelle (1987), os quais ligam/relacionam as diferentes condições, classes ou outra divisão, estabelecendo influência mútua. Tais relações entre classes, condições financeiras, de instrução, ou outra diferenciação interna de um grupo étnico ou nacional, pode ser vista em Elias, como bem elenca Burke:

> Tomemos o exemplo da nobreza e da burguesia na Alemanha do século XIX. É bem sabido que médicos, advogados, professores, jornalistas e funcionários públicos regularmente se batiam em duelo na época. Para Norbert Elias, este fenômeno ilustra a atração que os modelos das classes mais altas exerciam sobre a classe média. Era apenas mais um exemplo do comportamento das elites influenciando as classes mais baixas, a influência da corte sobre a sociedade como um todo que Elias gostava de enfatizar em seus livros (BURKE, 2010, p. 74)

O conceito de "acumulação cultural" de Ogburn (1922) é utilizada não somente quanto aos aspectos materiais da cultura, mas há a possibilidade de elencar também aos elementos não materiais, com uma tendência acentuada de crescimento com o tempo e conforme o contato com outras culturas e, mesmo que nem tudo seja mantido, a disposição é de aumento, como levantado por Samuel Koenig (1970, p. 67-68), e de que, tal acumulação, não indica correlação com ideia de progresso. A leitura da realidade de Ogburn muitas vezes é considerada tecnologicamente determinista, porém, a presente pesquisa não aborda ou defende nem um dos lados, seja de Ogburn ou de seus detratores, mas utiliza o seu conceito de acumulação cultural para compreender o acréscimo de elementos/aspectos culturais em um determinado grupo étnico.

A acumulação ocorre através do acréscimo de conhecimento, dos fatos que impactaram o grupo étnico, junta-se elementos que não somente se apresentaram enquanto variabilidade

étnica, mas possibilita aos descendentes manter (ou mesmo recuperar) elementos culturais que podem ajudá-lo no presente momento. Assim, os acontecimentos de séculos se fazem presente no indivíduo, na sua transmissão étnica e, o próprio e o grupo acrescentarão outros elementos que serão vistos futuramente na cultura. Além de que, este acúmulo de conhecimento pode ser visto mesmo geograficamente, com a sobreposição de modos de vida que a etnia passou. Obviamente que não se propõe aqui que todo descendente saiba como operar uma ferramenta agrícola amplamente utilizada em um dos reinos do século XVII ou XVIII que formaria futuramente o país Alemanha, o sentido de acumulação envolve distanciamentos e mesmos esquecimentos, porém os saberes se mantém, dentre eles alguns técnicos, não todos é claro.

A sucessão de fatos, de períodos históricos, necessidades enfrentadas, impactam indubitavelmente a cultura do grupo e a relação do indivíduo com sua etnia. Dessa forma, a pessoa, está ligada às situações e condições que seu grupo vivenciou nas diversas condições espaço-temporais, a sua história, memória, cultura. Elias demonstra a ligação do indivíduo com a etnia no qual faz parte, como Koury resume:

> Para Elias, em suma, o indivíduo se apresenta como uma síntese complexa de um contexto sócio-histórico singular, dotado de uma configuração exterior e de uma interioridade. A figuração do autocontrole individual está associada, assim, à forma social de distribuição de bens materiais e simbólicos, do controle da violência física e de divisão do trabalho que exigem do indivíduo uma busca permanente para obtenção de saberes específicos. A sociologia configuracional de Elias, nesse sentido, pode ser vista como um espaço de interações e de redes intercomunicantes, onde as correlações são sempre relacionais e o indivíduo existe, enquanto tal, apenas quando compondo uma rede de interdependências, em um sistema de interações sempre tenso e conflitual, por onde se realiza sua identidade individual e social e se organiza sua vida emocional (KOURY, 2013, p. 85)

Esta relação, do indivíduo com o seu grupo, compreende um processo no qual ele passa em sua formação, adquirindo as características, normas, morais, formas de se comportar de sua coletividade. As condições que o grupo passa não são imutáveis, são diretamente relacionadas com as situações enfrentadas em cada período histórico, o indivíduo é inserido ao nascimento e aprende a situação atual, os problemas e necessidades que deparam, sendo que suas atitudes e respostas frente a estas serão a continuação da situação herdada. Para Elias, trata-se do que chama de *processo civilizador*, o qual:

> estendia-se por inúmeras gerações; podia ser rastreado ao longo do movimento observável, numa determinada direção, do limiar de vergonha e constrangimento. Isso significava que as pessoas de uma geração posterior ingressavam no processo civilizador numa fase posterior. Ao crescerem como indivíduos, tinham que se adaptar a um padrão de vergonha e constrangimento, em todo o processo social de formação da consciência, posterior ao das pessoas das gerações precedentes. O repertório

> completo de padrões sociais de auto-regulação que o indivíduo tem que desenvolver dentro de si, ao crescer e se transformar num indivíduo único, é específico de cada geração e, por conseguinte, num sentido mais amplo, específico de cada sociedade. (...) algo que não despertava vergonha num século anterior podia ser vergonhoso num século posterior e vice-versa. Tinha plena consciência de que também eram possíveis os movimentos no sentido oposto. (...) cada pessoa era influenciada, em seu desenvolvimento, pela posição em que ingressava no fluxo do processo social. (ELIAS, 1994, p. 8)

Entra em questão a noção de uma *tensão* entre a autonomia do sujeito e o pertencimento a um determinado grupo. É o conflito entre os aspectos únicos do indivíduo e as características que ele possui da sua coletividade, *tensões* que se efetua tanto no seu íntimo, quanto no grupo. Trata-se do conflito entre o *habitus* individual e o coletivo:

> O *habitus* em Elias é o fruto de um processo histórico complexo. O conjunto de maneiras de pensar e agir que estruturam uma sociedade está ligado à forma de racionalidade de um grupo. Também tem um cunho econômico, o *habitus* é criado pelo conjunto Propriedade/Patrimônio, como o subjetivo que se traduz no material. É um conceito social, porque ele se constrói nos relacionamentos e nos processos históricos, mas é também um conceito "pessoal" porque, embora vivamos estimulados e/ou censurados pelo meio social, cada indivíduo é único, como também é única a sua maneira de apreender o mundo. O homem faz a sociedade ao mesmo tempo em que ele está se fazendo. (...) Elias coloca o indivíduo como fruto de uma tensão, porque o eu é condicionado socialmente, mas também é autônomo. (SILVA, 2004, p.252-254)

Esta *tensão* é parte formadora dos fluxos de mudança das características de uma etnia no tempo, pois as situações apresentadas e as soluções encontradas, impactam o *habitus* e, consequentemente, a cultura de um grupo. Tendo em vista que tais contextos abordam os mais diversos aspectos possíveis, como político, econômico, social, ainda mais quando levamos em conta serem imigrantes, as respostas e apresentação da sua cultura e identidade variam conforme o enfrentamento das condições de uma determinada conjuntura espaço-temporal.

O conceito elisiano, portanto, admite a existência de mudanças no *habitus*. Trata-se de uma realidade que se apresenta tanto no indivíduo, vale ressaltar que de maneira profunda, e principalmente no grupo étnico, as suas características são internalizadas no ser/estar e interagir daqueles que o compõe. A relação da mudança no tempo é bem abordada no prefácio da edição inglesa de "Os alemães":

> Por "habitus" (...) Elias significa basicamente "segunda natureza" ou "saber social incorporado". O conceito não é, de forma alguma, essencialista; de fato, é usado em grande parte para superar os problemas da antiga noção de "caráter nacional" como algo fixo e estético. (...) o habitus muda com o tempo precisamente porque as fortunas e experiências de uma nação (ou de seus agrupamentos constituintes) continuam mudando e acumulando-se. O conceito de habitus implica um equilíbrio entre continuidade e mudança (DUNNING; MENNEL, 1997, p. 9)

Dessa forma, podemos dizer que o *habitus* está em uma relação de influência mútua entre o indivíduo, seu grupo e a realidade que os circunda e abordam questões que apresentarão continuidades, modificações ou mesmo retomada de características culturais. A complexidade do ser/estar e se relacionar com o mundo está, portanto, relacionada ao *habitus*:

> A rigor, o conceito de *habitus* aproxima-se do de mentalidade, assumido em toda a sua extensão, como se sabe, pela historiografia francesa, a ponto de Elias referir-se a *habitus* nacional ou mentalidade como termos pelo menos assemelhados. (...) Freud, diz Elias, tratou de mostrar a conexão entre o desfecho de uma conflituosa canalização dos impulsos no desenvolvimento da personalidade e seu *habitus* daí resultante. Mas há também conexões análogas entre o destino e as experiências de um povo, a longo prazo, e seu *habitus* social assim assentado. Nesse plano, ocorrem muitas vezes sintomas complexos de distúrbio que têm praticamente a força das neuroses individuais. (FAUSTO, 1998, p. 146)

Esta relação com as formas de pensar de um indivíduo e de seu grupo, está intimamente ligada com a sua cultura, seus valores, em razão de que ele se identifica e absorve a história de sua etnia. Cada componente se relaciona com os outros, criam laços, se influenciam, realizam manutenções e mudanças na sua cultura, enquanto são ao mesmo tempo fonte desta, onde se busca modelos.

Entretanto, não se trata de uma relação única, há variação nos encadeamentos formados entre os indivíduos, da pessoa para com a sua coletividade (ou mesmo coletividades). Variação, a qual está presente também à nível individual, conforme seu vínculo aos grupos pertencentes, sua posição nestes e suas outras condições (econômicas, políticas, sociais, etc).

As correlações da pessoa para com suas comunidades, como se identifica, a maneira que trata o seu pertencimento, são questões relevantes e que demonstram tal variedade entre os componentes de uma etnia. A afinidade estabelecida com as coletividades que o indivíduo faz parte e tem contato é comentada por Elias:

> Estaremos selecionando apenas algumas dentre as inúmeras relações-nós que são possíveis se lembrarmos que as pessoas podem dizer "nós" a respeito de suas famílias ou amigos, dos lugarejos ou cidades em que moram, das nações, das unidades pós-nacionais que congregam diversas nações e, finalmente, da humanidade. Logo se vê que a intensidade da identificação varia amplamente, conforme esses diferentes planos de integração. (ELIAS, 1994, p. 166)

Através da relação com o seu grupo, o indivíduo internaliza os aspectos da sua(s) etnia(s) no seu crescimento, sendo a relação variável conforme as diversas condições relacionais. Portanto, é correto afirmar que:

> o conceito de *habitus* pode ser entendido como a incorporação nos indivíduos de um *ethos* sociocultural no interior de uma sociabilidade dada, neles sedimentados como uma espécie de figuração constituída pela tradição, costumes e *mores*. Isto é, pelas maneiras, estilos e modos, moralidade, formas de agir e de conduta, e pelas construções imaginárias e formas dos *eus* e dos *nós* verem a si próprios, aos outros e ao mundo (KOURY, 2013, p. 90)

Assim sendo, o conceito elisiano de *habitus* compreende os vínculos estabelecidos com o grupo étnico, as variações de ligação interna, a internalização dos aspectos culturais no ser/estar e interagir no mundo da pessoa, de que não se trata de características imutáveis. Enfim, o *habitus* permite que compreendamos os valores, sentimentos, ações, daqueles que compõe a etnia analisada, da importância da história de sua coletividade na formação de seu ser, além dos processos que esta passa, das aproximações e conflitos internos ao grupo e, quanto à manutenção, adoção ou recuperação de características.

As formulações barthianas quanto a *etnicidade* e a cultura de um grupo étnico, está fundamentada na crítica feita às categorizações com elementos fixos e imutáveis, que se isola de outrem para se manter. Sua crítica é focada na suposta existência de um tipo ideal para análise:

> Minha discordância não diz respeito tanto ao conteúdo substantivo dessas características, ainda que eu pretenda demonstrar que temos muito a ganhar com uma certa mudança de ênfase; minha principal objeção é que, tal como está formulada, essa definição nos impede de compreender o fenômeno dos grupos étnicos e seu lugar na sociedade e na cultura humanas. Isso porque ela evita as questões mais fundamentais: a tentar oferecer um modelo típico-ideal de uma forma empírica encontrada recorrentemente, essa formulação traz implícita uma visão preconcebida de quais são os fatores significativos para a gênese, a estrutura e a função de tais grupos. (BARTH, 2000, p. 28)

A crítica é especifica às formulações fixas, as quais desconsideram a realidade que o grupo enfrenta, sendo que esta modifica suas demonstrações culturais. Para Barth (2000), a cultura se apresenta pela etnia, não é uma limitadora/definidora desta, tal concepção é aceita em partes na pesquisa, tendo em vista que utilizamos o conceito de *habitus*, logo a cultura está no modo de ser e estar do indivíduo, assim, o questionamento se a cultura define ou é expressa pelo grupo não se faz presente. Sobretudo, um dos principais aspectos que utilizamos da teoria barthiana se apresenta: a não aceitação de modelos fixos de determinação/constituição étnica, reconhecendo-se mudanças no tempo e no espaço.

A quebra de uma formulação estática da concepção étnico-cultural de um grupo, se trata de um importante aspecto do pensamento barthiano, sendo que os grupos são modificados no

tempo e no espaço, além das relações que estabelecem com outros. Ou seja, os processos constantes de mudança podem ser entendidos porque:

> Barth substituiu uma concepção estática da identidade étnica por uma concepção dinâmica. (...) essa identidade, como qualquer outra identidade coletiva (e assim também a identidade pessoal de cada um), é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que os integram ou não. (...) as mesmas características diferenciais podem mudar de significação ou perder a significação no decorrer da história do grupo (LAPIERRE, 1998, p. 11)

Os aspectos de mutabilidade da etnia estão ligados à sua identidade que é variável. A *etnicidade* é composta exatamente nesses aspectos de identificação e diferenciação, que muito está ligado ao possuidor desta identidade e dos processos históricos dos quais faz parte. Tais diferenças que delimitariam as fronteiras entre os grupos, e não os aspectos considerados fixos:

> Quando se pensa na possibilidade de identificação étnica, corre-se o risco de buscar grupos culturais fechados e estáticos, de buscar uma filiação, um nome, um recorte geográfico. (...) Mesmo que os registros históricos fornecessem as pistas necessárias para esse tipo de identificação, ou de qualquer outra natureza de fonte acadêmica, esses dados não teriam, por si sós, autoridade para desenhar um mapa desse percurso, na medida em que os grupos humanos e a construção da identidade étnica são extremamente dinâmicos e flexíveis. Dessa maneira, a concepção de etnicidade está além da definição de culturas específicas e, portanto, é composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos em questão, assim como o momento histórico no qual estão inseridos (LUVIZOTTO, 2009, p. 29-30)

Por isso, o processo de diferenciação com o outro, das suas aproximações e distanciamentos e mesmo conflitos tem tanta importância para o conceito de *etnicidade*. São essas relações de fronteira étnica que estipulariam as definições do grupo étnico:

> A etnicidade é uma entidade relacional, pois está sempre em construção, de um modo predominantemente contrastivo, o que significa que é construída no contexto de relações e conflitos intergrupais. (...) a natureza dinâmica da identidade étnica que se constrói no jogo de confrontos, oposições, resistências, como também, e sobretudo, no jogo da dominação e submissão. (LUVIZOTTO, 2009, p. 32)

Quais são os fatores, portanto, que dão coesão ao grupo étnico? São elencadas características culturais de uma origem comum, que o diferencia de outros, ou seja, há a relação dentro da etnia onde esses elementos culturais se apresentam. O indivíduo então, está inserido em um grupo com aspectos que estipulam diferença com os demais:

> a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na

> interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores. (...) processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores *identificam-se e são identificados pelos outros* na base de *dicotomizações Nós/Eles*, estabelecidas a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma *origem comum* e *realçados* nas interações raciais. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 141)

Portanto, há certos padrões de classificação, mas sempre baseados em um contexto interno e externo do grupo étnico, há um processo de afirmação e de constatação/reafirmação/classificação efetuada pelo outro. "No plano do indivíduo, a identidade étnica se define simultaneamente pelo que é subjetivamente reivindicado e pelo que é socialmente atribuído" (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 149). Assim, trata-se de processos identificatórios, os quais, da mesma forma que as definições do grupo étnico ou da cultura que nele se apresenta, não são imutáveis. A apresentação das características nos indivíduos que a compõem será variada, no tempo e no espaço, a mutabilidade se faz presente entre os que compõem o grupo e, até mesmo, em um só indivíduo durante sua vida.

Dentro da complexidade que forma a pessoa, entretanto, não devemos considerar somente os aspectos da *etnicidade*, a cultura comporta diversos elementos que se apresentam não somente na identificação étnica. A composição cultural possui elementos que vão além das divisões étnicas, a pessoa não faz parte somente de um grupo específico, durante a sua vida há outras formas, divisões, delimitações que efetuam um agrupamento em que se encontra, podendo ser econômicos, políticos, de hobbies, ou qualquer outra possibilidade. A cultura relaciona indivíduos em diversas situações:

> A etnicidade é *um* dos padrões de compartilhamento de características culturais, e pode ser que represente apenas um pequeno setor da herança cultural de uma determinada pessoa. Participamos de outras comunidades de cultura que não podem ser descritas como étnicas (BARTH, 2000, p. 217)

Aspecto fundamental e que merece destaque no pensamento barthiano, trata-se da fluidez. A sua leitura da realidade em muito se baseia nas relações, nas trocas, nas mútuas influências em suas diversas escalas, entre os indivíduos e entre os grupos (do tipo que forem), havendo um fluxo de características entre estes. Dessa forma:

> As ideias que compõem a cultura transbordam os seus limites e se difundem de forma diferenciada, criando uma variedade de agregados e gradientes. Em segundo lugar, devemos pensar a cultura como algo distribuído por intermédio das pessoas, entre as pessoas, como resultado das suas experiências. (...) Sugiro que um aspecto crucial das coisas culturais é a forma pela qual elas se tornam diferencialmente distribuídas entre pessoas e entre círculos e grupos de pessoas. Em terceiro lugar, a cultura está em um estado de fluxo constante. (BARTH, 2005, p. 17)

Podemos afirmar, portanto, que as elaborações de Barth dão grande importância aos aspectos relacionais, não imutáveis dos aspectos humanos. Compreende-se que a etnia tem suas modificações, variabilidades e contatos, apreende-se, portanto, uma visão sócio-histórico-geográfico da construção identificatória de um grupo. A compreensão desta é fundamental para se evitar erros de classificação quanto à etnia, com características que supostamente seriam imutáveis no tempo e no espaço; além de que compreende a relação estabelecida com outros grupos.

Os conceitos de *habitus* e de *etnicidade* estão enraizados na compreensão da realidade contidas nas análises dessa pesquisa. Entretanto, vale realizar uma ressalva e explicação quanto à concepção de *habitus* de Elias. A sua formulação estabelece uma relação intima, próxima com o Estado e seu desenvolvimento pela história, parecendo mesmo que o povo/nação tem seu modo de ser e estar atrelado às decisões e consequências do plano estatal. O que defendemos é uma quebra desse privilégio do impacto, como se o *habitus* de uma população fosse moldado a partir das decisões ou acontecimentos sofridos pelo Estado (ou a sua formação); mas realçamos que há uma relação (e mesmo conflito) de influência mútua. Para tanto, utilizemos do conceito de *etnicidade* de Fredrik Barth e o próprio Elias.

Em seu livro "Os alemães", Elias (1997) relata o período posterior à Guerra dos Trinta anos, que foi de 1618-1648, onde, devido à situação que a nação se encontrava, muitos se entregaram à bebida, e a moral de força e controle da população alemã indicavam para que uma pessoa deveria saber se portar, se defender ou aos amigos em situação de embriaguez. Este momento seria o início, ou pelo menos intensificador, do costume alcoólico entre os alemães. Elias, ao levantar tal situação, quer demonstrar o "trauma" cravado no *habitus* quanto a um Estado fraco, dividido, com conflitos internos e frágil perante seus vizinhos. O embasamento do questionamento que levantamos ao seu pensamento, pode ser fundamentado utilizando esse mesmo trecho do livro, das consequências da Guerra dos Trinta anos, na qual além do conflito interno, houve diversos outros estados europeus envolvidos na guerra em solo alemão, como vemos:

> No contexto do desenvolvimento alemão, esses trinta anos de guerra representam uma catástrofe. Deixaram marcas permanentes no habitus alemão. (...) O peculiar costume de beber dos alemães, que sobreviveu como regra e ritual estudantil nos séculos XIX e XX, teve precursores no século XVII (e provavelmente ainda mais cedo), sendo então observado nas cortes principescas, grandes e pequenas. Permitia que os indivíduos se embriagassem e se intoxicassem em boa companhia. Ao mesmo tempo, ensinava um indivíduo a controlar-se mesmo quando excessivamente bêbado, protegendo assim o próprio bebedor e seus companheiros dos perigos implícitos na perda de todas as inibições. (ELIAS, 1997, p. 19)

Os acontecimentos nacionais, obviamente, implicam na pequena escala, até mesmo a nível do indivíduo, porém o que pretendemos é uma análise complexa da relação. O Estado é formado e formante do *habitus*, mas vamos além disso, as próprias discussões e conflitos enfrentados nas diversas escalas são internalizadas no *habitus*. Ao constatar a situação da bebida, Elias acaba apresentando uma contradição do próprio povo, uma discussão entre duas características, a embriaguez e a sobriedade (ou quando essa não se apresenta, ao menos a de saber se portar nessa situação), tal conflito, por mais opostos que sejam, ou mesmo contraditórios, fazem parte da etnia.

Elias (1997) em outro momento comenta que há o fracasso de uma classe média de valores burgueses liberais frente à uma aristocracia com valores pesadamente militares no século XIX, e que os ideais aristocráticos teriam obtido "vitória" e por isso o apelo à um grande líder se acentuou, desabando futuramente no desastre hitlerista:

> Os conflitos entre a classe média e os estratos da aristocracia de corte na Alemanha setecentista (...) constituíram a expressão de um verdadeiro conflito de classes. Este é um fato que, por vezes, passa hoje despercebido, dado que a idéia de um conflito como tal está predominantemente baseada nos conflitos econômicos entre a burguesia e a classe trabalhadora nos séculos XIX e XX. No caso mais antigo, é menos fácil destrinçar o embate de interesses econômicos, os quais desemprenharam certamente um papel, de todo o complexo de oposições entre nobreza e classes médias. No quadro de referência das monarquias absolutas do século XVII, esses conflitos eram de caráter simultaneamente político, civilizacional e econômico. (...) A posição da nobreza militar e burocrática, como o estrato mais elevado e mais poderoso da sociedade, foi não só preservada, mas também fortalecida pela vitória de 1871 (ELIAS, 1997, p. 26)

Contudo, o *habitus* não caminha para uma determinada direção única, desaparecendo ou diminuindo drasticamente a outra possibilidade, o próprio conflito surge do, é influenciador no, e passa a fazer parte do, próprio *habitus*. Neste momento que o conceito de *etnicidade* de Barth ganha ainda mais valor para a pesquisa, pois ao reconhecer os processos de mudanças culturais do grupo étnico, aí também está contido os conflitos, discussões e contradições existentes em uma etnia ou nação. Entretanto, vamos mais além, as discordâncias passam a fazer parte da etnia e sua variabilidade interna. Tal constatação se faz relevante, pois o grupo analisado na pesquisa se trata de uma ramificação, mas que possui o mesmo tronco originário, só que ao invés de separação e ideal de superioridade racial, a tendência foi para a miscigenação. Porém, o Estado brasileiro não indicou/encaminhou para essa posição, quiçá até o oposto, estigmatizando o grupo e em conjunção à imprensa e seus influenciadores externos, denominando seus membros como inimigos infiltrados. Ou seja, na pesquisa nota-se a importância dos atos do Estado, mas não como determinantes do *habitus* e sim como um, e vale

ressaltar importante, influenciador. De certa forma, tal pensamento aparece, parcialmente, no próprio Elias:

> Nas sociedades-Estados dos séculos XIX e XX, as pessoas são assim criadas e educadas com disposições para agir de acordo com, pelo menos, dois importantes códigos de normas que são, em alguns aspectos, mutualmente incompatíveis. A preservação, a integridade e os interesses da sociedade-Estado, de sua própria coletividade soberana e tudo o que ela representa e simboliza, são assimilados por cada indivíduo como parte de seu habitus, como um princípio condutor da ação que, em certas situações, pode e deve sobrepor-se a todos os grupos. Ao mesmo tempo, porém, as pessoas são criadas e educadas com um código humanista, igualitário ou moral, cujo valor supremo, superando todos os outros, é o ser humano individual. Ambos os códigos acabam sendo (...) da própria consciência do indivíduo. Violar um ou outro desses dois códigos pode expor um indivíduo em situações apropriadas à punição, não só por parte dos outros, mas também por si mesmo, na forma de sentimentos de culpa, de "má consciência" (ELIAS, 1997, p. 148-149)

Todavia, ainda é dado um caráter mais determinante ao Estado, não abordando a intensidade da discussão internalizada, acreditando esta ser casual e que apareceria em situações específicas, a relação de "cima" (do Estado ou uma suposta coletividade una) para "baixo" (no indivíduo ou nas ideologias "minoritárias" da sociedade) continua predominante:

> os conflitos resultantes de um código de normas inerentemente cindido e contraditório, e de uma correspondente formação contraditória da consciência dos indivíduos, podem ser latentes apenas em certos períodos de tempo e tornar-se agudos somente em face de situações específicas (ELIAS, 1997, p. 150)

Porém, não deixa de ser correto afirmar que Elias reconhece a importância da relação do indivíduo para com a coletividade na qual faz parte, como bem comenta Koury:

> Para Elias, a *identidade eu-nós* é parte integrante do *habitus social* de uma pessoa e, como tal, se encontra aberto à individualização. A noção de *habitus* em Elias, assim, é uma construção conceitual que utiliza a figura de uma espécie de *balança eu-nós* (...) que indica sempre um equilíbrio tenso e frágil na relação entre indivíduo (*eu*) e sociedade (*nós*), fortalecendo o seu entendimento da rede humana como um *continuum* em permanente mudança e conservação, de forma simultânea e contraditória. O que o leva a demonstrar o social como um combinado de interdependências entre indivíduos (...) esses movimentos interacionais em redes humanas de ação nunca satisfazem a um projeto individual ou coletivo determinado, mas são sempre resultado do jogo e da sua composição singular de momentos específicos onde as alianças se formaram e do frágil conteúdo do conjunto de projetos díspares que a informam e que a satisfazem em uma contraposição com outras alianças e conformações – também singulares ou dispostas – contidas no jogo conformado pela *balança eu-nós* configurada em um tempo-espaço específico (KOURY, 2013, p. 90)

O que se visa discutir é o posicionamento privilegiado do Estado enquanto formador do *habitus*, portanto procuramos demonstrar a importância do indivíduo com a coletividade, a qual

não é sinônimo de Estado. Não haveria, também, uma forma una de coletividade, mas um conjunto de discussões que fazem parte desta, de contradições, ou mesmo conflitos, enquanto que o Estado é formado pela, e é atuante nessa, coletividade, na qual certos caminhos tomados são baseados em uma série de *tensões*, sendo que, independente de uma tomada de direção em certo momento, não significa que a complexa discussão e variação interna tenha sido acabada ou diminuída. Talvez tal ressalva tenha se intensificado, devido ao fato da presente pesquisa se tratar de um grupo em uma nação que já no período apresentava um conjunto de origens distintas, onde são influenciados por um Estado que, tal como a nação, possui uma variabilidade de formação cultural, e que fora neste período avesso ao grupo estudado.

A constatação de que o *habitus* e a *etnicidade* barthiana podem ser interligados é exatamente quando a variabilidade interna possibilita notar grandes semelhanças entre os entrevistados, mesmo quando sua opinião ao líder brasileiro da época, Getúlio Vargas, ser o oposto. São as contradições internas do próprio grupo, que reaparecem no Brasil, partindo das origens da discussão na etnia alemã aqui já enraizadas, o citado conflito entre os burgueses e a aristocracia nos séculos XVII a XIX na Alemanha ressurge: ele (Vargas) é ruim por ser um ditador, e bom por ter pulso firme em realizar avanços econômicos (essa é uma das faces, a outra seria o saber que as condições enfrentadas pelo grupo eram originárias do próprio Vargas; além de que a propaganda tem sua função de "limpar" certos feitos do ditador). Dessa forma, o *habitus* não se direciona, mas acumula (utilizando Ogburn), há sim as mudanças com o passar do tempo como o próprio conceito de *etnicidade* já comporta, ou seja, o acúmulo se efetua também nas discussões feitas pelo grupo, seja internamente, com o resto da sociedade ou mesmo com o mundo. O Estado forma e é formado pelo *habitus*, se trataria pois, de uma relação de influência mútua; limitar o *habitus* alemão como sendo "autoritário" seria uma generalização simplista, ou seja, defendemos que se trata de uma relação complexa e multifacetada, sendo que o Estado pode conseguir levar uma sociedade (ou grupo) a determinado caminho, mas não sem intensas medidas que o direcionem/convençam a tal e, mesmo assim, com grande dificuldades e imperfeições (no caso da tragédia nazista diversos elementos devem ser postos em questão, e não somente o *habitus* de um povo específico, aqui nos aliamos à posição de Bauman, comentada no prefácio inglês do livro de Elias, 1997, p. 12: "A essência do argumento de Bauman é que as sociedades 'modernas', 'racionais', produzem condições à sombra das quais os efeitos de ações individualistas são removidas para além dos limites da moralidade").[2]

[2] Um exemplo válido, e que é abordado no subcapítulo sobre o silêncio, é do desastre civilizacional soviético. Neste caso, um outro grupo humano, em condições político, social, cultural, econômica, histórica, geográfica

Outra ressalva a ser feita é para com a *etnicidade* de Fredrik Barth, principalmente quanto às características culturais. Como vimos, o conceito barthiano comporta a mutabilidade cultural e dá grande, e vale destacar importante, relevância à identidade. Contudo, por mais que que a identidade seja um elemento de reconhecimento dos indivíduos que compõe a etnia, não concordamos que se trata do único aspecto para a sua delimitação. Também, não coadunamos com a quebra da noção de cultura para definir o grupo étnico. Para melhor analisarmos os aspectos e até que ponto concordamos ou discordamos do pensamento de Barth, vejamos a questão da etnicidade com a cultura, como comentada pelos estudiosos de sua teoria, Poutignat e Streiff-Fenart:

> A etnicidade não é vazia de conteúdo cultural (os grupos encontram "cabides" nos quais pendurá-la), mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os autores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico. Concorda-se igualmente em reconhecer que os traços ou os valores aos quais as pessoas escolhem para prender suas identidades não são necessariamente os mais importantes, os que possuem "objetivamente" o maior poder de demarcação. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 129-130)

No processo de crítica à concepção de uma cultura imutável na delimitação de um grupo étnico, nota-se que a lógica barthiana resolve diminuir a importância dos aspectos culturais, o que, por seguirmos o conceito de *habitus*, percebemos se tratar de um excesso, a cultura é uma questão fundamental, a crítica aos estudos que a consideram imutável é a constatação de que esta se modifica no tempo, além de ter características variáveis dentro do próprio grupo, as quais podem mesmo ser contraditórias, conforme as discussões enfrentadas pela etnia. Por outro lado, reconhecer a identidade como um aspecto do grupo é de grande importância, mas não a ponto de dar posição fundamental (ou única), a questão de observar e definir sua própria cultura se trata de uma realidade étnica, e faz parte de seu *habitus*, dos modos de ser/estar e interagir no mundo, inclusive de como se constroem e identificam.

Então, o que se propõe é um "equilíbrio de forças" entre o *habitus* e a *etnicidade*, mas cuidando para que certos aspectos não quebrem a ligação que efetuamos entre os conceitos. Esta união conceitual visa observar os processos sócio-histórico-espaciais e seu impacto e internalização na cultura e identidade de um grupo étnico, ou seja, suas mais variadas

---

diferentes da Alemanha (ou seja, uma população com *habitus* também diferente), acabou por cometer crimes contra a humanidade, os quais, em parte, conseguiram ter sua memória recuperada, sendo os crimes desenterrados do esquecimento histórico, pela fundamental importância da história oral e da desconfiança quanto aos documentos oficiais. O desastre civilizacional não fora apenas alemão.

modificações, quebrando a imutabilidade de uma concepção purista, mas reconhecendo que as mudanças partem de uma base já existente e que se efetuam conforme as situações enfrentadas.

Como já elaborado, a etnia possui variabilidade interna e a identidade é uma das características gerais do indivíduo ser de determinado grupo étnico, entretanto, devemos tecer algumas considerações, pois a identidade também está influenciada pela variabilidade, em outros termos, é parte da composição de um grupo étnico, as tentativas de classificá-las vem da necessidade de melhor estudá-los. O grupo étnico é composto de indivíduos e não uma composição imutável, o ser humano é complexo e tal complexidade da pessoa deve ser considerada na análise cultural, a junção de indivíduos diferentes entre si em diversos aspectos (devido ao fato de todo humano ser único) é que formam o grupo étnico, e determinadas diferenças dessas pessoas é o que compõem a variabilidade interna; o oposto porém não deve ser considerado, como a etnia "escolhendo" o indivíduo possuidor ou não de sua cultura, pois esta não existe independente das pessoas que o compõe, não se trata de um "ser" ou "coisa" que exista *per se*, de maneira transcendental, enquanto o indivíduo acaba por fazer parte dela por algum motivo. Isso, obviamente, não significa que o coletivo não tenha a sua importância, mas o que é salientado é a necessidade de reconhecer a relação entre o individual e o coletivo étnico, a pessoa tem sua cultura, sua forma de ser e estar no mundo, formada pelas etnias que a compõem, mas possui sua unicidade, a qual, por outro lado, é formada pelos elementos culturais de seu(s) grupo(s), ou seja, há aí uma relação complexa e de influência mútua, onde o indivíduo se forma na sua cultura, mas a partir disso, também é atuante nesta.

As características consideradas gerais, são aquelas encontradas com determinada frequência, porém, se formos utilizá-las como delimitadores acabaremos decorrendo em erro, tendo em vista que certos fatores podem ser influenciados pela variabilidade interna (sejam por mudanças ocorridas no seio do grupo, por mistura étnica, variação histórica ou individual). Uma dessas características é a identidade, a qual, por mais importante que seja na composição dessa etnia, pode ser confundida (como sendo de outro povo), não conhecida ou suprimida (caso esteja em um período que tal identidade se mostre como vergonhosa e/ou com risco direto à saúde e segurança física do indivíduo), dessa forma, as características étnicas continuam no indivíduo, independente desse aspecto não se fazer presente, seja por qualquer um dos motivos.

A exemplo, uma pessoa que não saiba de sua origem alemã e pense que a família correspondente era de origem diversa, continuará com a herança cultural do povo alemão, mesmo que desconheça desse fato, tem no seu modo de viver a continuação de seus ancestrais,

seus valores, formas de pensar, problemas, etc. Tal fato se fez presente durante a pesquisa, com um descendente da família Spiller, o qual apresenta características alemãs, mas acreditava que esta família era de origem italiana. A pessoa tratada foi o senhor Edvaldo Souza, cujo filho por sinal veio a se casar com uma descendente de alemães, a sua confusão com a origem italiana é como se segue:

> *Na parte do meu pai é a vó Beatriz, a portuguesa, veio de Portugal. Aqui, a origem da família? Alemã né? O Bruno (neto) diz que é alemã. Eu não sabia, pra mim era italiana (a nora interpela: - o vô achava que era italiana, não vô é alemão)* (SOUZA, 2018)

O importante a ser notado nesse momento é que a identidade (ou qualquer outra composição do grupo étnico) deve ser analisada com calma e a partir de cada indivíduo e sua história. Para se falar de um grupo de maneira coesa e sucinta acaba sendo imperativo certas generalizações, mas o que não pode acontecer é essas ganharem peso maior do que elas realmente são: uma necessidade para operacionalizar uma pesquisa sobre determinada etnia. Contudo, não se deve cair no erro de colocar a teoria acima da realidade, a deturpando ou desconsiderando simplesmente pelo fato de o que é visto e analisado não corresponde a uma formulação acadêmica, a qual tem que compreendê-la, não negá-la pelo bem de determinado pensamento, ideologia, vertente filosófica, conceito ou qualquer outra coisa.

Assim, consideramos que a identidade, a cultura e, consequentemente, o *habitus* varia internamente, além de no tempo e no espaço, e que certas características não devem ser consideradas como únicas, imutáveis ou não variantes. Uma dessas se trata da religião, aspecto já variável no grupo quando da chegada ao país.

A cultura de um indivíduo se apresenta nos aspectos mais íntimos do seu ser, no modo de ver e interpretar o mundo, o que pensa sobre si mesmo e seu grupo, e obviamente como interpretam a realidade, mundana ou religiosa. Porém, não somente de um ponto de vista interno, individual, a religião também tem sua importância na reunião do grupo, na continuação de pensamentos e práticas típicas da etnia. Devido a cultura permear os mais amplos aspectos da vida, as características religiosas também são elementos constitutivos do grupo étnico, estabelecendo uma relação mútua entre a etnia e a religião (ou melhor, religiões) por eles professada(s).

No caso do grupo estudado, a imigração alemã para o município teve forte relações com o protestantismo, principalmente com o luteranismo, mas também com forte participação e

colaboração presbiteriana. Não devemos, entretanto, diminuir a importância dos alemães de outras religiosidades, sejam imigrantes ou descendentes. Constata-se a importância protestante para a cultura desse povo, porém, colocar como característica fixa dessa etnia seria um engano, a variação étnica também se faz presente quanto a sua religiosidade, mantendo-se outras semelhanças, em conhecimento e visão de mundo.

Nota-se, também, a presença de imigrantes alemães de origem católica, a qual, independente do seu tamanho frente aos de origem protestante, também possuiu grande importância para a etnia. Além de que os católicos apresentam uma relação diferente para com os outros grupos étnicos que aqui já estavam, pois puderam ter um contato mais próximo, diminuindo em parte o estranhamento, estabelecendo uma ligação religiosa que os aproximava. A relação com outros povos também proporcionava um maior contato do grupo para outras possibilidades, não somente através da mistura étnica, mas também novas oportunidades comerciais, relações sociais e, pode ter havido, até mesmo, uma menor desconfiança a estes alemães durante a perseguição cultural, devido à proximidade religiosa.

Também a ser considerado, é que muitos descendentes pelas mais variadas motivações (seja por mistura étnica, contato social ou questões individuais), podem apresentar religiosidade diferente de seus ancestrais ou mesmo não apresentar preferência ou sequer algum tipo de crença. Em todo o caso, a importância da religião e desses indivíduos se mantém intacta, certos aspectos do pensamento do grupo e de sua moralidade possuem origens em suas crenças, mas pode haver o desprendimento desta de sua fé.

Um outro aspecto importante a ser salientado são os processos de estigmatização de uma etnia, da construção/elaboração de um "inimigo" e os processos internos e com o resto da sociedade decorrentes de tal situação.

O processo de estigmatização não é, necessariamente, somente étnico, segundo Goffman existem 3 tipos de estigmatização, os corporais, de ordem moral e os tribais (ou raciais/étnicos), todos eles apresentam um enquadramento que deteriora as relações sociais estabelecidas com os outros. Trata-se, então, de processos que distancia e classifica (negativamente), os estigmatizados. A divisão se estabelece em:

> três tipos de estigma nitidamente diferente. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vicio, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas

> tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (...) um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. (GOFFMAN, 2004, p. 7-8)

Por mais que sejam divididos em 3, o indivíduo pode acabar por sofrer de todos os tipos de estigmatização, entretanto, a pesquisa centra-se no 3º tipo, o de divisão "tribal" ou étnica, que é o nosso enfoque. Entretanto, não se deve esquecer que, os alemães também estavam sujeitos aos outros tipos de estigmas.

O município de Rio Claro possui, na história de seu desenvolvimento, fundamental e indiscutível relação para com os imigrantes do século XIX e XX. Devido a esse fato, os problemas para com estes (lembrando que não foram somente os alemães a serem estigmatizados, mas também italianos e japoneses), dos quais muitos já descendentes de imigrantes, foram, por estarem ligados à história da cidade, menos prejudicados e/ou desprezados? Goffman elabora uma interessante abordagem a esse respeito, a aproximação ou conhecimento não é sinônimo de menores discriminações:

> sobre o estigma e a familiaridade, deve-se continuar a ver que a familiaridade não reduz necessariamente o menosprezo. Por exemplo, as pessoas normais que vivem próximo de colônias constituídas de grupos tribalmente estigmatizados conseguem, com bastante habilidade, manter os seus preconceitos. (GOFFMAN, 2004, p. 47-48)

Por outro lado, a aproximação, no caso da cidade, por se tratar de uma forte receptora de imigrantes, talvez poderia apresentar uma menor capacidade de diferenciação, de possibilidade de estigmatização, entretanto, isto também não aconteceu. Como Goffman salienta, conhecer a pessoa, pode ser fundamental para que se encontre o estigma nela, aspecto que não se destacaria caso não houvesse pela sociedade (ou ao menos parte dela) conhecimento de quem o indivíduo é (ou no caso, a qual grupo -ou grupos- ele pertence):

> a visibilidade de um estigma deve ser diferençada de sua "possibilidade de ser conhecido". (...) Mas se outras pessoas conhecem ou não o estigma de um indivíduo depende de um outro fator além de sua visibilidade corrente, ou seja, de que elas conheçam, ou não, previamente o indivíduo estigmatizado - e esse conhecimento pode estar baseado em mexericos sobre ele ou num contato anterior (GOFFMAN, 2004, p. 44)

Em parte, tal situação se apresenta, pois, um dos elementos construtores da identidade está relacionado ao meio social, como já vimos com Barth, há a relação interna do grupo e os

que lhe são externos. Dessa forma, certas definições, principalmente as de características não favoráveis, estigmatizantes, tem sua gênese no social, logo, independente do contato já histórico, há a formulação ou pelo menos aceitação de estigmas quanto ao grupo (um exemplo de aceitação vinda externamente, trata-se dos meios de comunicação, como o rádio e o jornal, que espalham o estigma étnico no período).

> Goffman reforça o argumento de que a identidade de um determinado indivíduo é construída a partir dos parâmetros e expectativas estabelecidas pelo meio social. Para ele, os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma das categorias são determinados pela sociedade. (BERLATTO, 2009, p. 144)

Porém, qual o motivo da existência de estigmas? O de colocar as pessoas contra o grupo/indivíduo estigmatizado, exacerbando ou inventando uma característica que prejudique a sua imagem. Outros aspectos podem estar correlacionados, mas tratam-se, todos, de diminuir e prejudicar os seus portadores:

> E embora se possa argumentar que os processos de estigmatização parecem ter uma função social geral - a de recrutar apoio para a sociedade entre aqueles que não são apoiados por ela - e, presumivelmente, nesse nível, são resistentes à mudança, deve-se ver que parecem estar implícitas aí funções adicionais que variam muito marcantemente segundo o tipo de estigma. A estigmatização daqueles que têm maus antecedentes morais pode, nitidamente, funcionar como um meio de controle social formal; a estigmatização de membros de certos grupos raciais, religiosos ou étnicos tem funcionado, aparentemente, como um meio de afastar essas minorias de diversas vias de competição; e a desvalorização daqueles que têm desfigurações físicas pode, talvez, ser interpretada como uma contribuição necessidade de restrição à escolha do par. (GOFFMAN, 2004, p. 118)

Tal processo de degradação pode ocasionar em uma decisão, ou imposição, de isolamento para com o resto da sociedade. Dessa forma, por mais que se distanciem das outras pessoas, o grupo consegue manifestar as suas características internamente, as quais, mesmo com problemas (como as proibições de se reunirem, que aconteceu com o grupo estudado), ficariam mais difíceis de serem observadas e/ou relatadas por outrem.

> Se as identidades raciais ou étnicas não estabelecem nenhum papel aceitável no quadro das interações da esfera pública, sua colocação em relevo, o que não é menos possível, introduz o minoritário na problemática do estigma e da gestão das impressões. Na esfera fechada de interação se desenvolvem as atividades da rede que sustentam a identidade *in-group*. Nela circulam bens e valores (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 118-119)

O isolamento, portanto, acaba por apresentar uma alternativa para que o grupo se mantenha e consiga, mesmo que não todas, preservar características culturais (o que não impede de serem recuperadas no futuro). A reclusão social acaba se apresentando como estratégia possível de ser tomada, onde se diminuiria os problemas ocasionados com o contato desvantajoso e humilhante.

> Ao manter a distância física, o indivíduo também pode restringir a tendência de outras pessoas para construir uma identificação pessoal de si próprio. Ao morar numa região com população móvel, ele pode limitar a intensidade de experiência contínua que os outros têm com ele. (GOFFMAN, 2004, p. 87)

Contudo, esta situação de se distanciar da sociedade, não necessariamente é possível de se manter por longos períodos, ou por todos os membros. Diversos fatores provocarão o contato, mesmo que por longo tempo evitado, com a sociedade, que elenca características que o despreza. A quebra desse abrigo o coloca frente a realidade tão evitada, como explica Goffman:

> O momento crítico na vida do indivíduo protegido, aquele em que o círculo doméstico não pode mais protegê-lo, varia segundo a classe social, lugar de residência e tipo de estigma mas, em cada caso, a sua aparição dará origem a uma experiência moral. (GOFFMAN, 2004, p. 31)

O impacto inicial se dá com o contato da construção realizada pelo possuidor de poder (sociedade, governo, ditadores, o que for) com o que o próprio indivíduo pensa. Há uma dissonância entre as características do grupo e a imagem imposta, como é levantado pelos pensadores barthianos:

> Nas situações de dominação, a imposição de um rótulo pelo grupo dominante possui um verdadeiro poder formativo: o fato de nomear tem o poder de fazer existir uma realidade uma coletividade de indivíduos a despeito do que os indivíduos assim nomeados pensam de sua pertença a uma determinada coletividade. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 143-144)

As situações que se apresentam no contato da sociedade com o membro do grupo podem ser bem diversas, como já vimos, a realidade é extremamente complexa, as relações sociais não somente são variadas como também mutáveis. Assim, o contato, pensado através do estigma, também se apresenta de muitas formas e, devido mesmo a unicidade de cada indivíduo, nem sempre se percebe o estigma:

> um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana apresenta um traço que se pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para seus outros atributos. (...) Normal e

> estigmatizado são definidos pelas mesmas referências. É a capacidade de responder positivamente às expectativas por meio de determinados atributos que alguém é colocado numa ou outra categoria. (BERLATTO, 2009, p. 146, 147)

O estigmatizado poderá, ou mesmo terá que, independente da sua situação ou de seu orgulho étnico, tentar disfarçar as suas características externas (roupas, festas, organizações, falar a língua em público, etc). A sociedade o verá ainda como parte do grupo, e com ele o estigma do seu pertencimento, sendo o indivíduo, caso bem quisto, visto como uma "exceção à regra", tendo boas características, o "oposto" de sua etnia. Como explicado por Goffman:

> freqüentemente a pessoa estigmatizada está prevenida contra a "normificação" ou "desmenestrelização"; ela é encorajada a sentir repugnância por aqueles seus companheiros que, sem chegar a realmente manter um segredo sobre seu estigma, adotam um acobertamento cuidadoso, (...) em resumo, que são, apesar da reputação de que gozam as pessoas de seu tipo, "desviantes cavalheiros", pessoas tão gentis como nós mesmos. (GOFFMAN, 2004, p. 95)

Caso seja possuidor de outras identidades, como mestiços, poderá tentar disfarçar suas identidades, ou uma delas, suprimindo certos aspectos de sua cultura em público. Ou seja, pode haver a tentativa de se apresentar conforme a situação, o que não necessariamente obtém resultados, além do sentimento de humilhação por ter que disfarçar o seu orgulho étnico. Obviamente nem todo processo de demonstrar uma identidade ou outra é em situações desfavoráveis, faz parte da situação em que o indivíduo se encontra, as vantagens possíveis, necessidades, enfim, as múltiplas identidades coexistem e podem ser utilizadas pelo indivíduo. Burke, comenta dessa característica, a "negociação":

> O conceito de negociação em particular se tornou cada vez mais popular em estudos culturais em vários contextos. (...) expressa consciência da multiplicidade e da fluidez da identidade e o modo como ela pode ser modificada ou pelo menos apresentada de diferentes modos de diferentes situações (BURKE, 2010, p. 48)

O processo de internalização do estigma, da ligação de sua identidade a um sinônimo ou sentimento de vergonha (suposta ligação a ideologias insalubres, crime, traição da pátria), passa também por essa tentativa de mostrar que são o oposto da construção a eles atribuídos. Entretanto, independe das suas ações, a sua exclusão da sociedade não depende deles:

> A identidade negativa surge então como uma identidade vergonhosa e rejeitada em maior ou menor grau. Nesse caso, poderá se traduzir, na medida do possível, numa tentativa para eliminar os sinais exteriores da diferença negativa. (...) Esse poder de classificar (...) pode tornar-se uma política de exclusão dos grupos minoritários obrigados, de certa forma, a permanecer no seu lugar, no lugar que lhes foi destinado em função de sua classificação. (BERLATTO, 2009, p. 143-144)

A degradação realizada a um determinado grupo de pessoas tem implicações não somente na visão dos outros para com esta etnia, mas afeta a forma de que os indivíduos pertencentes veem a si mesmos e a seus semelhantes culturais. As qualidades, sejam estas de classificação e/ou de cunho moral, são influenciadas pela situação que o grupo se encontra em uma determinada sociedade, são impactadas pelos acontecimentos e imposições dos outros, principalmente se tratando de um período onde são mal vistos e devem procurar meios de contornar a situação para a sobrevivência, apesar de existirem certas aproximações com a sociedade e dela fazerem parte.

Assim, são afetados não somente nas suas relações sociais, nas possibilidades de exercer, expressar ou transmitir certas características culturais, mas também afeta sua autoimagem:

> quando são construídos conceitos negativos dessa espécie designam um comportamento que não representa uma injustiça só porque ele tolhe os sujeitos em sua liberdade de ação ou lhes inflige danos; pelo contrário, visa-se àquele aspecto de um comportamento lesivo pelo qual as pessoas são feridas numa compreensão positiva de si mesmas, que elas adquiriram de maneira intersubjetiva. (BERLATTO, 2009, p. 145-146)

Todas as etnias, por serem formadas por humanos, são possuidoras de características positivas e negativas, muitas vezes até mesmo contraditórias, ou seja, são os paradigmas culturais e morais que se encontram em seu cerne. Com a influência, não necessariamente atual, de uma sociedade que a repudia, a sua autocaracterização pode apresentar elementos que se rebaixam, mesmo que, ao se analisar todas as características apontadas pelo mesmo, nota-se que esta depreciação fora de alguma forma imposta e fixada em um momento histórico. Obviamente, nem todas as características criticadas pela sociedade se mantém como algo ruim permanentemente, o próprio indivíduo pode perceber que sua identidade fora atacada no passado e realizar uma crítica sobre isso em seu relato.

Um dos casos de imposição étnica é notado com a "política de nacionalização" promovida pelo governo varguista, que foi seguido pela "construção do inimigo", de espião sabotador ou informante, nazista. Isso se apresentou durantes as duas grandes guerras, na imprensa e, principalmente, com o estado varguista. Tal situação mostrou um constante ataque a este grupo no período, afetando-o em diversas formas, sejam sociais, econômicas, políticas, educacionais e, notadamente, culturais.

Nota-se em alguns relatos o que poderia ser chamado de uma "cicatriz cultural", a qual, por mais que tenha sido originada pelo ataque externo, apresenta em sua cultura as consequências de um período não amigável para o seu grupo étnico. Como vimos em Barth e Elias, a história do grupo étnico, incluso as suas variantes internas, se acumulam na formação e remodelação de uma cultura no decorrer do tempo e espaço, assim, os acontecimentos vão impactar diretamente o indivíduo, o que pode ser notado nos descendentes. As proibições de demonstrar aspectos culturais não significou a ruptura da sua relação para com estes, a situação é mais complexa, há tanto o trauma da imposição de uma quebra de possibilidades culturais (principalmente quanto à língua), mas também a intenção de os recuperar.

Como abordado anteriormente, a cultura se manifesta, se apresenta, no *habitus* e nas variações das características étnicas de um grupo. Certos eventos, tradições e práticas acabam, entretanto, por serem esperadas, mas quais os motivos para que estes muitas vezes não se apresentem?

Hobsbawn, em "A Invenção das Tradições" (1997) aborda os temas referentes à certas repetições culturais e a sua construção. Tais características são muitas vezes consideradas como fundamentais no pensamento que considera a etnia como algo imutável. Como elaborado pelo autor:

> Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. (...) Presume-se que se manifeste de maneira mais nítida quando uma "tradição" é deliberadamente inventada e estruturada por um único iniciador (...) É mais difícil descobrir essa origem quando as tradições tenham sido em parte inventadas, em parte desenvolvidas em grupos fechados (onde é menos provável que o processo tenha sido registrado em documentos) ou de maneira informal durante um certo período (HOBSBAWN, 1997, p. 12)

Também é realizado uma separação quanto às tradições "inventadas" e as "genuínas", ou seja, do estabelecimento/criação de uma tradição ou a continuação de uma surgida no grupo:

> Não nos cabe analisar aqui até que ponto as novas tradições podem lançar mão de velhos elementos, até que ponto elas podem ser forçadas a inventar novos acessórios ou linguagens, ou a ampliar o velho vocabulário simbólico. Naturalmente, muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos – inclusive o nacionalismo – sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica, por exemplo, através da criação de um passado antigo que extrapole a continuidade histórica real seja pela lenda (...) ou pela invenção (...) Por outro lado, a força e a adaptabilidade das tradições genuínas não deve ser confundida com a "invenção de tradições". Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam. (HOBSBAWN, 1997, p. 15, 16)

Por outro lado, devemos considerar que as criações surgem ou são aceitas pelo grupo étnico. A identidade passa pelo mesmo processo, há elementos construídos e herdados, continuações e invenções, que possuem grande importância para aqueles que a compõem, que se utiliza de tais informações/memórias/construções para dar união à sua etnia e sentimento de pertencimento. Tal situação é vista no pensamento barthiano:

> Que uma identidade étnica seja sempre de um certo modo criada ou inventada, não implica por isso que seja inautêntica ou que os autores que a reivindicam possam ser taxados de má-fé. (...) A memória histórica sobre a qual um grupo baseia sua identidade presente pode nutrir-se de lembranças de um passado prestigioso ou ser apenas a da dominação e do sofrimento compartilhado. (...) A história comum pode ser puramente ficcional e invocada ou esquecida de acordo com as circunstâncias (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 165)

As tradições, sejam elas inventadas ou não, revelam uma ligação íntima existente entre as pessoas com a sua história, ou mesmo com a noção de que eles têm dela, como as identificações são feitas, os sentimentos relacionados. Assim, a relação do pesquisador com a apresentação de tais características se estabelece:

> o estudo dessas tradições esclarece bastante as relações humanas com o passado e, por conseguinte, o próprio assunto e ofício do historiador. Isso porque toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal. (HOBSBAWN, 1997, p. 21)

Entretanto, devemos também pensar quanto à construção da tradição a partir do *habitus*, logo, de certa forma, se trata de uma elaboração, ou pelo menos aceitação, de algo pelo que os indivíduos do grupo se identificam. Outro fator importante é a *etnicidade*, onde os componentes do grupo determinam as suas características, por processos de identificação com o passado. Além de que com a *estigmatização* de sua etnia, é imposto certos limites quanto ao que se pode ou não ser apresentado publicamente, quebrando a possibilidade de manutenção de certos aspectos, inventados ou não. O que visamos aqui é diminuir o problema quanto às tradições "inventadas" e, ao mesmo tempo, acabar com a implicância de querer que certos elementos se apresentem em todas as ramificações desse grupo étnico, como se fosse algum tipo de condição *sine qua non* para que sejam pertencentes ao grupo ou possuidores de sua cultura ou *habitus*.

Pensando o que já fora discutido, em conjunção com o pensamento de Hobsbawn, podemos ver que as tradições são criadas a partir do conteúdo cultural do grupo e não seu oposto. Também, devemos considerar o porquê certas condições (ou elementos) são esperadas,

situação normalmente apresentada por uma qualificação externa ao grupo, a qual não considera as condições específicas de sua formação e dos acontecimentos que o afetou.

As tradições, dessa forma, surgem da cultura, mas a sua manutenção depende de fatores que não estão sob controle, pelo menos não em totalidade, seja do indivíduo ou do grupo. Verifica-se isso, na frequente afirmação da intenção de recuperar determinadas características antes "perdidas", o que, caso não fosse elemento constitutivo do indivíduo, não haveria motivos para o desejo de reavê-las, ou pela esperança que as futuras gerações as readquiram.

Baseando-se também na mutabilidade da cultura através do tempo e do espaço, esperar um padrão cultural para uma determinada etnia, não se trata somente de um erro, mas uma tentativa de delimitar toda uma etnia e suas ramificações a uma especificação de um tempo e espaço, a qual pode não mais se fazer sequer presente. Assim, esperar que as tradições que surgem de uma ramificação dessa etnia sejam iguais a esse padrão, é não compreender a complexidade intrínseca da cultura e das suas transformações frente ao contato com realidade diversa ao seu espaço original.

Portanto, espera-se que fiquem estabelecidos as bases de entendimento efetuados quanto à cultura do grupo étnico analisado. De que esta é internalizada no indivíduo e variam no grupo e no tempo e espaço, com o conceito de *habitus*; também, que o grupo se relaciona com outros se modificando, as características elencadas pelo processo de identificação é efetuada por aqueles que o compõe, que vimos com a *etnicidade*; sendo tais aspectos acumulados com o passar do tempo, se fazendo presente na variação interna do grupo, mas certas características são *estigmatizadas*, dificultando sua manutenção, porém o que não impede a sua recuperação. Dito isso, é constatado que a cultura se trata de uma realidade sócio-histórico-espacial que apresenta variabilidade, mudanças, ligações, enfrenta situações e problemas, e se fazem presentes na composição do indivíduo e sua(s) coletividade(s), na sua forma de ser, estar e interagir no mundo.

2.2 A questão da memória

A memória trata-se de uma fonte documental, a qual serve de referência enquanto também o é objeto de estudos, pode ser utilizado para analisar ou acessar certos acontecimentos e/ou características culturais e, ao mesmo tempo, pode ser analisada a sua formação, as ligações que efetua e os sentimentos correlacionados. A sua existência se liga ao *habitus* do grupo étnico,

presente a nível individual e coletivo, sendo que há relação entre a unidade e o grupo, influenciando-se mutualmente. As lembranças tomam diversas características, são individuais, familiares, do grupo étnico de maneira geral, de conhecidos, parentes distantes, enfim, ao mesmo tempo que é único, pois cada pessoa assim o é, por outro lado, apresenta-se enquanto coletividade, até pelas relações memoriais, valorativas, históricas, sociais, econômicas, amorosas, de amizade, etc. Também, possui forte ligação com a formação da identidade, como levantado por Le Goff: "A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia." (LE GOFF, 1990, p. 476).

Um dos principais pensadores que se encaixam com o pensamento de Elias e Barth, trata-se de Maurice Halbwachs (2006), que aborda a *memória coletiva* e a *individual*. O reconhecimento da "dupla" natureza da memória se encaixa, pois as similaridades na apresentação, na importância dada a certos temas, a forma de interpretar o seu passado, se interconectam pelo *habitus* compartilhado, enquanto que certas variações, ou mesmo discussões internas, já são previstas na *etnicidade*, o grupo étnico não é monolítico, as diversas situações, as outras identidades (política, social, de trabalho, etc) são características da unicidade do indivíduo, logo esperar uma coesão "perfeita" entre duas ou mais pessoas, sem diferença alguma, não é possível. Por outro lado, a relação do indivíduo com o grupo faz com que as memórias que possua se integrem com a da etnia, sendo a sua memória e a do grupo sujeitos a mudanças:

> *A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 2)

Halbwachs compreende que a memória do indivíduo possui relação com outras pessoas e, também, tem em si lembrança de outros, trata-se de uma composição de memórias, as suas, de seu grupo e de conhecidos. Tais lembranças se relacionam, são relatos que dialogam, tanto com as lembranças do grupo quanto as suas próprias, que podem estar conectadas, ou mesmo serem ativadas, conforme as situações reflorem em sua mente determinados acontecimentos passados:

> (...) a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios. (...) quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam

> esquecidas. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. (HALBWACHS, 1990, p. 25)

Outra questão importante a ser levantada, é a de que o indivíduo pode ser parte de uma união de grupos étnicos, de coletividades, dessa forma, o seu *eu* apresenta-se enquanto conjunção dessas coletividades. Na sua memória, portanto, está contido elementos de todos, criando um arranjo único, a sua memória individual. Desse modo, há uma correlação entre a pessoa e os grupos:

> a memória individual não é nada mais do que a memória formada pela vivência de uma pessoa em diversos grupos ao mesmo tempo. (...) Em outras palavras, a constituição da memória é, em cada indivíduo, uma combinação aleatória das memórias dos diferentes grupos nos quais ele sofre influência – e isso explicaria, em grande medida, porque as pessoas guardam memórias diferenciadas. (CASADEI, 2010, p. 155)

A relação da memória com determinados locais, objetos, mesmo situações, se apresenta através de um símbolo para o indivíduo, que possui características culturais que o grupo eleva. A lembrança acaba por, nestes casos, se solidificar em uma dada materialidade, que tem sua importância conforme a sua situação relacional dela com a memória do indivíduo e seu grupo.

Pierre Nora levanta a questão dos "lugares de memória", que são referenciais utilizados pelo grupo e envolvem práticas, manutenções e reforço dos símbolos, objetos, locais e situações. Lugares que permitem acessar a memória coletiva, nas palavras do autor:

> São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. (...) É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 21-22)

A relação do individual com o coletivo é uma complexa teia onde fatos que não foram diretamente vividos ganham importância fundamental na formação de sua identidade. Os

acontecimentos que foram experienciados por um indivíduo passam a compor uma base de lembranças grupais, e estas outras que não se presenciou passam a fazer parte também de si.

A unidade modifica e é modificada pela composição, que correlaciona, diferencia, educa, transmite, exalta sentimentos, que confunde as fronteiras do individual e do grupo. Esta confusão se condiciona não somente pelas relações familiares, mas também as de conhecidos, amigos, outros membros do grupo étnico, em que a correlação indentitária permite vivenciar as lembranças deles, fazendo com que se compartilhem experiências passadas.

> Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p.2)

Dessa forma, mesmo condições ancestrais, se apresentam como conhecimento, como se fosse possível ter vivido em outro momento tão distante. A transmissão memorial dá sentido de experiência passada pelo grupo, é a história da etnia se entrelaçando no ser, no *habitus* de quem a acessa, e mesmo a obtendo por outrem, esta constitui de maneira tão forte que a sensação é de que fora presenciado por si mesmo. A continuação étnico cultural, em que a pessoa se descobre nos próprios ancestrais, em um passado inacessível, mas adquirido/herdado através da memória.

> Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo. (...) Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (...) *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 3, 5)

Até mesmo a morte não consegue quebrar a linha de memórias que se realizam entre o indivíduo, o grupo e seus ancestrais. A relação estabelecida nos fatos vividos pela coletividade é continuada pelo grupo, o que se era, ou o que(m) se foi, ressurge e continua a influenciar e ser influenciado. O indivíduo se reconhece na situação que se apresentou no passado, ao mesmo

tempo que mais descobre sobre este, reinterpreta-o, remodelando o que se é, e a construção do que se foi.

> a morte, que põe um fim à vida fisiológica, não interrompe bruscamente a corrente dos pensamentos, de modo que eles se desenvolvem no interior do círculo daquele cujo corpo desapareceu. Algum tempo ainda nós o imaginamos como se ainda vivesse, ele permanece engajado à vida quotidiana, imaginamos o que ele diria e faria (...) nunca a imagem de um falecido se imobiliza. À medida em que se recua no passado, muda, porque algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, segundo o ponto de vista de onde a encaramos (HALBWACHS, 1990, p. 74)

Tais constatações estabelecem as relações definidas entre tempos distantes, entre pessoas que infelizmente, pela triste e natural decorrência do passar dos anos, deixam sua presença física, mas se fazem presentes, talvez não nomeadas, na memória coletiva que a etnia carrega consigo. O comparecimento destes "ausentes", não se trata somente daqueles que uma pessoa obteve contato direto em algum momento, indivíduos distantes, os quais não seria possível de contato direto espacial e temporalmente, estabelece relações íntimas com o herdeiro, como se estes se conhecessem e tivessem convivido por longo período:

> Certamente, os limites até os quais recuamos no passado são variáveis conforme os grupos, e isto é o que explica que os pensamentos individuais de acordo com os momentos, isto é, segundo o grau de sua participação neste ou naquele pensamento coletivo, atingem lembranças mais ou menos distantes (HALBWACHS, 1990, p. 130)
>
> Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. (POLLAK, 1992, p. 2)

Como vimos anteriormente, o *habitus* possui elementos historicamente distantes do indivíduo, entretanto, aparecem no grupo na atualidade, mesmo que com modificações. Não necessariamente o *habitus* é transmitido em determinadas lembranças, certos aspectos são propagados de maneira imemorial, entretanto, a memória (e até mesmo a história) é importante base para o *habitus*. Essa identificação e redescoberta de si mesmo na memória étnica, no contato com seus familiares ancestrais e personagens históricas famosas do grupo (quiçá até mitológicas), estabelece uma ligação de longa distância temporal.

Assim, a memória, em conjunção ao *habitus*, trata-se de uma das bases estruturais da etnia, que se apresentam por longos períodos históricos:

> Por *estrutura*, os observadores do social entendem uma organização, uma coerência, relações bastante fixas entre realidades e massas sociais. (...) Certas estruturas, por viverem muito tempo, tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações: atravancam a história, incomodam-na, portanto, comandam-lhe o escoamento. (...) os quadros mentais também são prisões de longa duração. (...) As mesmas permanências ou sobrevivências no imenso domínio cultural. (BRAUDEL, 1972, p. 49-50)

Da mesma forma que a cultura se modifica com o passar do tempo, como já abordado com Barth, por mais que o *habitus* e a memória tenham suas bases históricas longínquas, não quer dizer que estas sejam imutáveis:

> essas realidades estruturais consideradas de longa duração e até determinismos sem idade: o pequeno bosque, o *habitat* disperso, a dupla dominação da Igreja e do castelo... A pesquisa logo demonstra ao autor que essa História não é imóvel senão na aparência. (VOVELLE, 1987, p. 289)

Certos aspectos memoriais são de longa duração, e sua apresentação no indivíduo se dá pelo funcionamento do aspecto relacional da memória. Porém, ligam-se os tempos, o indivíduo se utiliza de conceitos, ideias, valores, que são aprendidos e operacionalizados através do grupo no qual pertence, para relembrar a sua própria memória, aliando-se também às lembranças dos outros para relatar a sua vida:

> Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 54)

O indivíduo se desenvolve em um grupo, possui o *habitus*, recebe as características culturais, a sua identidade étnica, juntamente com a memória da sua família, a qual, independente de abordar os acontecimentos historicamente distantes ou próximos do grupo (ou grupos) que faz parte, apresenta e herda as formulações memoriais que foram construídas e reformuladas até o início de sua existência.

As construções da própria memória coletiva, possuem uma história, uma sequência de transmissões e mudanças, as quais mesmo não notadas, comentadas ou conhecidas, se fazem presentes, trata-se de parte da cultura do grupo, da mesma forma que aspectos do *habitus* aparecem independente do conhecimento histórico referente aos processos de sua concepção na etnia. O vínculo da pessoa para com a memória é variável, certos aspectos acabam por ser privilegiados nos seus relatos, mas de toda forma, a memória coletiva abarca essas lembranças,

que se correlacionam, mesmo que tenham sido formadas em outros contextos espaço-temporais. Halbwachs explica a relação dos diversos indivíduos para a formação, relação e visão da memória coletiva:

> se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 1990, p. 51)

A ligação com a memória do outro, se efetua na correspondência encontrada entre essas pessoas, o reconhecimento de algo que também é seu no relato de outrem, é um processo de identificação que os ligam. Há uma série de elementos de união, ou pelo menos de contato, podendo até ser discordante, mas que faz parte da discussão do próprio grupo, fundamentadas em uma semelhança nas formas de ser/estar e interpretar o mundo.

Desse modo, o indivíduo tem em seu grupo um apoio memorial, apresentam modelos passados, que através da identificação são recuperados, dão uma coesão de pensamento e ações típicas do grupo:

> O grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e con-fundiu seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiencia comum próprios do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo (...) Esta comunidade afetiva é o que permite atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo no passado e retomar o hábito e o poder de pensar e lembrar como membro do grupo (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288-289)

Podemos falar então que a relação do indivíduo e o coletivo na memória se estabelece em diversas frentes. Existe um composto, uma amálgama, entre as lembranças dos componentes desse grupo, também referentes ao espaço e tempo em que surgiram. A vivência passada continua a dialogar com, e a se apresentar na, realidade atual, enquanto o presente também a modifica, reinterpretando-a.

As associações criadas entre as lembranças e a internalização do vivido pelo grupo no herdeiro de sua memória, se efetua através da identificação com o outro, através da cultura em comum, da identidade étnica, do reencontro de si mesmo na(s) coletividade(s) em que faz parte.

Os laços com os ancestrais se estreitam, ao mesmo tempo em que a pessoa passa também a deixar o seu marco na memória coletiva. A memória, pois, apresenta-se enquanto palco de encadeamento de diferentes pessoas, espaços, tempos, símbolos, conhecimentos, valores e sentimentos.

Por fim, quanto aos aspectos das pesquisas que utilizam da memória, a sua relação com a história. Como já abordamos, a própria narração histórica, apresenta-se também enquanto meio de acessar partes da memória coletiva do grupo, porém a relação entre história e memória tem mais aprofundamentos:

> o testemunho da memória é o fiador da existência de um passado que foi e não é mais. O discurso histórico encontra ali a certificação imediata e evidente da referencialidade de seu objeto. Mesmo que aproximadas dessa maneira, a memória e a história continuam sendo incomensuráveis. A epistemologia da verdade que rege a operação historiográfica e o regime da crença que governa a fidelidade da memória são irredutíveis, e nenhuma prioridade, nem superioridade, pode ser dada a uma à custa da outra (CHARTIER, 2010, p. 23-24)

A pesquisa acadêmica, portanto, estabelece uma forte ligação com a memória, onde, além das suas características próprias, se auxiliam e complementam, mesmo que não sejam a mesma coisa:

> O saber histórico pode contribuir para dissipar as ilusões ou os desconhecimentos que durante longo tempo desorientaram as memórias coletivas. E, ao contrário, as cerimônias de rememoração e a institucionalização dos lugares de memória deram origem repetidas vezes a pesquisas históricas originais. Mas não por isso memória e história são identificáveis. A primeira é conduzida pelas exigências existenciais das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial da construção de seu ser coletivo. A segunda se inscreve na ordem de um saber universalmente aceitável, "científico", no sentido de Michel de Certeau (CHARTIER, 2010, p. 23-24)

Assim sendo, o presente trabalho visa, através do acesso e análise das memórias dos entrevistados, compreender e aprofundar as questões envolvidas em um determinado momento histórico para esse grupo étnico, reconhecendo as continuações existentes com os períodos anteriores ao recorte temporal utilizado e, também, as reformulações que este sofreu até ser contado e gravado para a realização da pesquisa. Ao mesmo tempo, serve para a comunidade acessar a memória coletiva de um período em que o silêncio foi predominante.

2.3 Metodologia da História Oral

A pesquisa se utiliza de uma mescla de metodologias, sendo a História Oral elemento fundamental por trabalhar diretamente com a principal fonte documental, o relato dos descendentes de imigrantes, e por esse motivo os aspectos teóricos quanto à cultura fora tão aprofundados, para melhor entender o indivíduo, seu grupo e as relações com o outro.

A importância de se entrevistar vários indivíduos assim se mostra, pois por mais que a memória coletiva acarrete na confluência de lembranças, também há diferentes contatos sociais, econômicos, políticos e com outros grupos étnicos, dessa forma por mais que haja uma convergência -a memória coletiva- devemos analisar suas peculiaridades, as variações internas culturais, seu *habitus*, além de seu processo de identificação, da *etnicidade*. Em resumo, um membro de um grupo étnico possui variados contatos sociais conforme o local e situação que se encontram, a convergência é a origem compartilhada, mas, para além das diferenças naturais entre os indivíduos, há as divergências na forma de vida entre urbanos e rurais, condição econômica, possibilidade de estudos, trabalho e assim por diante.

A riqueza documental da história oral se trata do contato direto com aqueles que viveram o (ou herdaram o conhecimento do) período histórico, dando maiores detalhes, mais complexos da realidade:

> Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (MATTOS; SENNA, 2011, p. 97)

Ou seja, a metodologia nos permite ter acesso ao período estudado, pelo menos as consequências que esses deixaram naqueles que o vivenciaram ou são herdeiros de sua história e, mesmo quando não conhecem, são influenciados pelos acontecimentos. O período analisado, meados de 1914 a pouco após 1945, tem seu início a mais de 100 anos atrás do presente (2019), entretanto, as informações obtidas através do relato oral sempre são do momento de sua criação, ou seja, da atualidade, porém tal fato não é um problema, tendo em vista que o tempo presente é resultado de processos históricos precedentes. Como explica Meihy:

> Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. (...) a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais do que isto, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem (MEIHY, 1996b, p. 10)

A história oral, dessa forma, acaba por se utilizar da relação histórica do presente com o passado, ao mesmo tempo em que tem sentido para os participantes e leitores do trabalho. Tem desse modo a presença acadêmica e social diretamente ligadas, sendo que a pesquisa faz parte de questionamentos da discussão científica e fonte de identificação para as pessoas historicamente ligadas ao tema abordado.

Das formulações realizadas por Meihy (1996b), a História Oral pode ser de *vida* (de certa forma, dentro dela, a *familiar*), *temática* ou *tradição oral*. A presente pesquisa aborda, em partes, todas as formulações elencadas. As perguntas foram realizadas para se compreender o indivíduo, sua família e o(s) grupo(s) que ele faz parte, abordando um período específico que possuíram acontecimentos que iam contra a etnia alemã, tratando-se, portanto de uma pesquisa que se situa na intersecção das formulações. No caso da pesquisa, se visa dar voz a pessoas que foram silenciadas (MEIHY, 1996b, p. 33), por serem considerados inimigos da nação.

Para Meihy, a *história oral de vida* é focada no sujeito entrevistado e no que este tem a revelar, dando enfoque para a vida deste, através de perguntas de características mais amplas, dando liberdade ao contar, sem demasiadas interrupções. Por esse motivo certos questionamentos são pouco específicos, principalmente, levando a divisão temática do "Roteiro de Entrevista" proposto (apêndice B), nos aspectos da "Identificação", "Origem" e "Identidade", também as perguntas iniciais das outras partes são mais abertas, para dar maior liberdade à memória do entrevistado. A *história oral de família*, dá enfoque no estudo de determinada família, realizando entrevistas com diversos membros para se formular o andamento histórico, econômico, social e cultural. A pesquisa deu enfoque para a comunidade, procurando saber da história familiar dos entrevistados, mas não focado em várias gerações e sim como foram afetados no período histórico abordado, além de procurar obter dados quanto às relações internas entre os familiares, entretanto, pelo foco estar na comunidade, nem sempre se procurou, ou mesmo se conseguiu, entrevistar mais de 1 membro de determinada família. Além de que a questão da memória herdada entra em conta, os descendentes daqueles que viveram o momento também são entrevistados, pois

> Em relação aos critérios de história oral de vida, deve-se ter claro que não são apenas os velhos que detém o monopólio do contar. (...) A certeza de que todos os agentes sociais têm história é básica para a boa definição das fórmulas modernas de história oral (MEIHY, 1996b, p. 39)

Assim, se faz presente a formulação de *vida* e *familiar*, pois se visa compreender a cultura do grupo, e a relação indivíduo-família-grupo étnico.

A *história oral temática* procura esclarecer um determinado período definido, estabelecido, onde certos acontecimentos se fizeram presentes e se procura dados e informações específicas. No caso, o tema abordou as duas guerras mundiais e a Revolução de 32, que foi, de maneira geral, um período desfavorável aos imigrantes e seus descendentes no Brasil, dentre eles os alemães. Por esse motivo, o "Roteiro de Entrevistas" apresenta também questões mais diretas, o que se mostrou frutífero, pois o que já havia abordado de maneira geral nas perguntas amplas iniciais, foram melhor detalhadas.

Podemos afirmar que a pesquisa realiza uma fusão de tais formulações, a *temática* com a de *vida*, como já previa Meihy:

> Há projetos temáticos que combinam algo de história oral de vida. Nestes casos, o que se busca é o enquadramento de dados objetivos do depoente com as informações colhidas. (...) mesclando situações vivenciais a informação ganha mais vivacidade e sugere características do narrador (MEIHY, 1996b, p. 42)

Por fim, quanto à *tradição oral*, o enfoque está nas construções mitológicas do grupo, pegando aspectos de um passado distante, normalmente entrevistando indivíduos mais idosos que são possuidores das tradições do grupo. A pesquisa acaba por abordar este aspecto, mesmo que não diretamente, mas através dos relatos é possível obter a visão de mundo do grupo étnico, seus valores, até mesmo a construção narrativa que fizeram quanto à própria história, de sua família e etnia, havendo assim a presença da herança narrativa que é uma característica da *tradição oral*:

> Os casos de tradição oral implicam o uso do que se chama de narrativas emprestadas. Como a explicação do presente a tradição oral necessita da retomada de aspectos transmitidos por outras gerações, dá-se o empréstimo do patrimônio narrativo alheio, quase sempre herdado dos pais, avós e dos velhos (MEIHY, 1996b, p. 46)

Isto posto, podemos localizar a pesquisa em uma intersecção dessas formas, ainda mais por se dar um enfoque à cultura do grupo étnico, então aquilo que eles vivenciaram, a história de sua família e, o que lhes foram passados e como isso aconteceu, possui grande importância para a análise e se fazem presentes nos questionamentos levantados durante as entrevistas.

Outra questão levantada por Meihy (1996a), são algumas correntes quanto ao uso dos relatos, se eles devem ser utilizados em comparação entre si, ou se o documento oral só teria

validade ao comparar-se com outros tipos documentais. Resumidamente, ele levanta duas correntes, a história oral *pura* e a *híbrida*; a primeira defende que as entrevistas devem ser comparadas somente com outras entrevistas, a outra é de que a oralidade somente é válida se comparada a outros documentos, não reconhecendo sua peculiaridade. Dois estilos levantados por Matos e Senna (2011) em muito lembram as correntes citadas por Meihy, o *estilo reducionista* se assemelha a *híbrida*, enquanto o *estilo do analista completo* com a *pura*.

Entretanto, a pesquisa não coaduna com nenhum dos lados dessas divisões sendo, na realidade, oposta até mesmo à divisão. Utilizamos da concepção de Prins (2001), em que se reconhece a validade da oralidade, mas não se entra em solipsismo documental, tão menos em validação da entrevista somente quando confirmada por outro documento. A entrevista é em si um documento que deve ser questionado e comparado, além de se reconhecer a sua singularidade, ou seja, assim como deve ser realizado com outros documentos, independente de qual tipo que sejam classificados. A oralidade é um documento por si só, podendo ser interpretada isoladamente, mas a presença de outras fontes, que também possuem a sua "independência", vem acrescentar à análise, tornando-a mais rica.

Outro questionamento, se trata quanto à realização da entrevista em si, principalmente no processo de sua realização. Tanto o momento anterior à entrevista, quanto a sua realização são importantes e devem ser esclarecidos.

Foi enviado, para todos os convidados, uma carta-convite e um roteiro proposto. O propósito da carta é o de demonstrar que o conhecimento do indivíduo é de grande importância, fundamental para a compreensão do período, tirando dele(s) a ideia de que se trata de apenas mais um ou de que seu conhecimento ou sua vivência não são relevantes. O contato anterior é importante, devendo lhes fornecer:

> Informação tanto quanto ao conteúdo e os objetivos da pesquisa, como a respeito das modalidades e procedimentos envolvidos em sua participação. Deve-se comunicar ao participante que nos interessa entender o lugar que ele ocupou e o significado que um fato em sua história de vida teve, a qual tentaremos reconstruir com ele. (...) os participantes são os "especialistas", que têm o conhecimento e a informação que precisamos (CORNEJO; MENDOZA; ROJAS, 2008, p. 34-35, tradução nossa)

A presença da carta-convite serve para preparar o depoente, dando-lhe o caminho proposto a ser seguido e assim podendo se preparar. A existência do questionário em anexo impõe uma reavaliação, rememoração e ressignificação da própria memória com um enfoque em determinado tema, condições que viveram. Dessa forma, a entrega prévia das perguntas

possibilita ao entrevistado determinado tempo, no qual haverá um conflito interno, questionamentos sobre si mesmo, sua história e a de sua família e conhecidos.

Para além do auxílio à memória, é necessário tempo para que o indivíduo entrevistado realize a internalização e discussão interna sobre o que falará, conforme o pensamento de Halbwachs, explicado por Schmidt e Mahfoud:

> O primeiro nível de testemunho ao qual o indivíduo tem acesso se dá na relação consigo mesmo, confrontando uma visão atual com as experiências vividas no passado ou com opiniões formadas anteriormente, com o apoio de depoimentos de outros. Um segundo nível, abrange a esfera do diálogo entre o indivíduo e um outro presente fisicamente ou internalizado. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 290)

Também foi permitido a realização de várias entrevistas com o mesmo indivíduo, pois após a realização da entrevista, tais conflitos continuam e outras memórias podem emergir em sua mente, também há o comentário com outras pessoas sobre o ocorrido, o que implica no reaparecimento de memórias pelo contato social. Entretanto, por mais que tenha sido aberto e confirmado a possibilidade da realização de nova, ou mesmo de descartar a antiga e substituí-la por uma posterior, conforme o desejo do entrevistado, tal fato não se apresentou, porém os elementos metodológicos aqui o estão caso tivesse sido necessário e/ou requerido.

Os convites foram realizados através de uma carta (apêndice A) que já continham uma proposta de roteiro de entrevista (apêndice B), sendo o dia e o horário escolhido pelo entrevistado e, obviamente, conforme a possibilidade de realizar a entrevista.

Devido ao fato de as entrevistas serem realizadas, na maioria dos casos, com a câmera, certos cuidados foram tomados, pois como elucidativamente é comentado por Meihy, a ocasião merece certos procedimentos:

> deve-se considerar entrevistas filmadas como parte integrante da história oral, ainda que mereçam tratamentos diferenciados. Porque a filmagem implica a soma de som com imagem exige-se: postura determinada do depoente, definição do comportamento e do papel do entrevistador e a quase obrigatoriedade de outro ou outros participantes. (...) Preparos referentes à espontaneidade e à perda da intimidade devem ser considerados. (MEIHY, 1996b, p.15)

Pensando nisso, para a realização da entrevista o tripé e a câmera foram colocados de maneira diagonal ao lado do entrevistador, podendo assim ver e enquadrar a imagem da gravação, mas sem ficar preso à câmera, podendo olhar diretamente para o entrevistado, evitando o contato frio da câmera, o que poderia ocasionar um nervosismo desnecessário e até

mesmo prejudicial à rememoração do indivíduo. Dessa forma, a câmera fica como um objeto à parte durante a entrevista, perto somente o necessário para ver se há algum problema, o que se mostrou de grande utilidade, tendo em vista que a entrevista se torna mais uma conversa, dando um caráter informal e descontraído, possibilitando portanto um contato mais próximo do que a pessoa é no seu cotidiano, diminuindo a presença da estranheza e da quebra de rotina que é a realização da entrevista.

Em auxílio aos entrevistados, também se fez presente em determinados casos o comparecimento, nem sempre em vídeo, de algum familiar ou outra pessoa que lhe auxiliasse, seja como intermediador (como para aqueles com problema de audição) ou para relembrar de certas coisas que já fora comentado entre a família, além de ser mais acolhedor e confortável. A presença do membro da família também mostra durante a entrevista, mesmo que momentaneamente, uma parte de como é a relação cotidiana intrafamiliar, além que tais familiares podem servir como meios de conseguir aprofundar em determinados assuntos, pois conhecem a maneira de pensar e agir da pessoa, obtendo, dessa forma um maior número de informações.

Nas entrevistas, mesmo com a câmera posicionada lateralmente, ela é fonte de certa apreensão e a realização de adendos às gravações se mostrou fato comum. O fim da entrevista apresenta uma quebra do estranho e retorno ao normal, assim o pedido de gravar mais partes vem naturalmente do entrevistado que se vê mais relaxado com o término, se mostrando mais tranquilo nos adendos que nas entrevistas em si. Tal situação aparece em outras pesquisas, como comenta Bosi:

> A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Freqüentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. (...) Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 1994, p. 39)

A opção de realizar adendos e outras entrevistas foram descritas na carta-convite, devido ao fato que detalhes acabam por se perder na ansiedade e receio de realizar a gravação. Um pouco de medo também é notado, pois não querem cometer erros, sejam eles linguísticos ou referentes à informação, além de não desejarem que histórias importantes sejam esquecidas, tampouco perdidas.

Por mais que a liberdade da entrevista seja um dos elementos mais comentados na carta convite e proposta de roteiro, as entrevistas tem a tendência de seguir as perguntas pré-formuladas, sendo esta liberdade mais visível com os desvios ou ramificações naturais da lembrança ou do relato que se inicia como resposta de uma pergunta e, a partir daí, se aprofundam certos detalhes, os quais deixam de ser apenas uma exemplificação e se tornam o tema principal naquele momento. Ou seja, foram entrevistas semi-dirigidas, pois foi "um meio termo entre a fala única da testemunha e o interrogatório direto" (MATOS; SENNA, 2011, p. 104). Mesmo que tenha sido uma prática repetitiva, todas as perguntas foram realizadas, não somente pela padronização, mas como possibilidade de obter novas informações. O uso de fotos, cartas, livros, revistas ou qualquer outro tipo de objeto durante a entrevista foi deixada por escolha do entrevistado, seja ele comentando durante a entrevista ou somente para nossa análise posterior.

A metodologia da História Oral, já foi duramente criticada devido ao questionamento quanto à veracidade daquilo que se é transmitido, ou até mesmo quanto à sua real utilidade, se permitiria o aprofundamento ou informações verdadeiramente inéditas quanto a um determinado momento histórico. Entretanto, o próprio conceito de "história verdadeira" parece questionável:

> Como cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido e a percebe de uma forma específica. Falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, mas podemos afirmar que se trata de uma percepção verdadeira do real, emitida pelo depoente, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Ao tornar pública sua percepção, está, de alguma forma, contribuindo para a elucidação parcial de alguma situação (MATTOS; SENNA, 2011, p. 98)

De toda forma, os questionamentos levantados se fundamental na dúvida à confiança/veracidade/comprovação quanto à memória do indivíduo, ou seja, a sua validade documental, histórica. As informações levantadas estariam sujeitas às subjetividades e variação da memória dos indivíduos, o que traria erros, impossibilitando o seu uso. Dessa forma, outros tipos documentais seriam mais confiáveis, pois não haveria a possibilidade de erros e problemas, ou supostamente mais fácil de serem notados. Os documentos, principalmente os escritos, conteriam, portanto, o acesso de maior veracidade aos acontecimentos relatados. Em resumo, o principal argumento contrário à história oral estaria ligado à validade do documento oral e se este conseguiria possuir informações importantes ou relevantes.

Tais questionamentos, entretanto, se levarmos em consideração o trato documental e a natureza humana, caem por terra. A possibilidade de erros e/ou falsificações existem em toda produção documental humana, pode-se contar mentiras em um relato, construir uma narrativa irreal dos fatos no papel ou alterar/manipular/recortar a imagem fixa ou em movimento. Os problemas referentes à validade de um determinado documento vão além do tipo deste, mas sim de conseguir compreender as motivações e formas interpretativas humanas. Quanto a comparação de fonte oral e escrita, Pollak resume bem o trato documental igual que deve ser dado, independentemente de seu tipo:

> Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. (...) É evidente que a construção que fazemos do passado, inclusive a construção mais positivista, é sempre tributária da intermediação do documento. Na medida em que essa intermediação é inescapável, todo o trabalho do historiador já se apóia numa primeira reconstrução. Penso que não podemos mais permanecer, do ponto de vista epistemológico, presos a uma ingenuidade positivista primária. (POLLAK, 1992, p. 8)

Dessa forma, a própria metodologia da história oral, serve para diminuir possíveis problemas, pois comporta em si a pluralidade documental e metodológica. Prins (2001) defende que mais do que uma discussão de qual tipo documental seria "portador da verdade", um documento serve para ser comparado com outro, havendo questionamento, análises, nas diferentes informações e em suas diversas formas que se apresentam, sejam escritas, orais, imagéticas, materiais, arquitetônicas, arqueológicas, ou qualquer outro. Além de que não somente os documentos orais devem ser duvidados quanto à sua confiabilidade, pois que tipos de documentos escritos são destinados e por quem a continuarem existindo? A escolha da preservação governamental não é neutra:

> Tem de haver seleção para a preservação, de forma que os "extirpadores" tiveram de operar sistematicamente, e por isso o que os arquivos oficiais contêm, pode ser, seja por intenção consciente, em geral maldosa, ou em virtude de escolhas erradas do que preservar ou do que queimar, tão enganador quanto as outras fontes (PRINS, 2001, p. 188)

A história oral aparece mais como uma forma de complementar a escrita da história do que corrompê-la. Dá vozes a indivíduos que seu pensamento ficaria encoberto, permite comparar e discutir discursos e narrativas históricas que estão sendo construídas, até mesmo questionar e ser questionada por outras fontes documentais, além da possibilidade de acessar o indivíduo diretamente, a sua demonstração de sentimentos, formas de ser, interagir, contar.

Enfim, os períodos em que a história oral seja realizável, ela possibilita, indo além do seu valor memorial, uma nova frente de interpretar a história.

Thompson reconhece essa abertura que a história oral nos possibilita, em que o pesquisador consegue possuir acesso a uma "história mais próxima", de um contato com o vivido e experienciado pelo indivíduo entrevistado. Logo, é defendido que:

> a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os "objetos" de estudo em sujeitos, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (THOMPSON, 1992, p. 137)

Outra questão levantada é quanto a utilidade da história oral, Thompson (1992, p. 195) elenca 3 importâncias significativas do tipo documental: Informações únicas, acesso ao pensamento individual e coletivo, além da própria reflexão dos sujeitos históricos. Trata-se, pois, de uma forma de se construir a história onde diversos aspectos podem ser obtidos e aprofundados quanto aos acontecimentos decorridos.

Também, a própria problematização quanto à existência de falsificações é o real problema, a ocorrência de informações incorretas pode ser em si uma proposta de pesquisa. Quais as motivações e/ou condições da existência do erro? Seria intencional? Atenderia a uma forma de pensar ou ser? Qual a sua recorrência? O seu aparecimento varia conforme as condições do indivíduo? Aparecem mais nos tipos documentais orais, escritos ou imagéticos? Já fora considerado em algum momento como informação correta ou de relevância? De onde surge esta (des)informação? O erro é em si um tema, uma pesquisa à parte. O escrito pode estar sujeito a falsificações como qualquer outro documento, como é levantado por Pollak em uma ocasião específica, porém esclarecedora:

> Na França tivemos exemplos disso, em relação a assinaturas de manifestos. Quando o historiador positivista, que acredita naquilo que está escrito, nas assinaturas que constam no manifesto, ouvir as pessoas que supostamente assinaram, ele vai levar um susto com o susto dessas pessoas. Isto porque, freqüentemente, as pessoas que organizam os abaixo-assinados não têm tempo de telefonar para todo mundo, contam com a concordância de um cidadão, colocam seu nome e depois esquecem de avisá-lo. (POLLAK, 1992, p. 13)

O ato de errar, portanto, independente da sua forma, é um dado que merece atenção e análise. A história oral possibilita não somente contestar outros tipos documentais, mas também ser contestada, vem complementar o quadro dos documentos históricos a serem utilizados, deixando mais complexo as leituras realizadas quanto à um período histórico e, até mesmo, seu momento precedente e suas consequências. O que é considerado "certo" ou "errado" trata-se, incluso o ato de processar e julgar as informações, de enunciados, os quais devem ser analisados.

A filosofia da linguagem de Bakhtin, nos possibilita realizar a interpretação das mensagens transmitidas a partir da construção de sua narrativa, forma de apresentação e enunciados contidos no discurso.

Devemos pensar que, na filosofia bakhtiniana, o enunciado não se trata apenas de parte de um texto escrito ou falado, nele contém características de quem o realiza, além de que se apresenta frente à um outro enunciado (ou um conjunto), estando assim sempre relacionado. Ou seja, ele surge em uma teia e contém os valores de quem o pronuncia:

> Os enunciados manifestam-se fundamentalmente como uma tomada de posição axiológica, como uma resposta ao já dito. Sua significação comporta sempre esse estrato valorativo. Ela, portanto, não é dada apenas pelo verbal (pela estrutura), mas também pela correlação entre o verbal e os horizontes sociais de valor (FARACO, 2009, p. 122)

O enunciado, dessa forma, está ligado a quem o elabora e transmite, sendo que este faz parte de um conjunto social, fruto de processos históricos, de uma série de símbolos, com os quais compreendemos a realidade. Assim, a complexidade da formação sócio histórica está presente em quem enuncia, o que é pronunciado se relaciona às múltiplas características culturais:

> A dinâmica da história, em sua diversidade e complexidade, faz cada grupo humano, em cada época, recobrir o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e múltiplas as experiências que nela se dão. E essas axiologias participam, como elementos constitutivos, dos processos de significação, daí resultando as inúmeras semânticas, as várias verdades, os inúmeros discursos, as inúmeras línguas ou vozes sociais (...) com que atribuímos sentido ao mundo. Essa plurivalência social dos signos (...) que dá dinamicidade ao universo das significações, na medida em que as muitas verdades sociais se encontram e se confrontam no mesmo material semiótico e no mesmo signo. O material semiótico pode ser o mesmo, mas sua significação no ato social concreto de enunciação, dependendo da voz social em que está ancorado, será diferente. (FARACO, 2009, p. 52)

Podemos afirmar então que há uma relação entre enunciados, sendo que se estabelece pela natureza do próprio, que é criado por e feito para outros enunciados. As diversas correlações que abordamos, nos abre espaço para começar a abordar outro importante conceito bakhtiniano relacionado, o de *dialogismo*:

> Tendo em vista essa abertura que a teoria bakhtiniana oferece, é possível analisar as diversas formas de manifestação linguística, desde as mais simples da linguagem cotidiana, até as mais elaboradas, perpassando também por outras formas de comunicação, constituídas por signos visuais e sonoros. A análise dos processos de produção de sentido e de seus efeitos na linguagem leva em consideração o diálogo entre sujeitos sociais e historicamente situados na pluralidade de suas manifestações discursivas, porquanto o conceito de enunciado concreto, nessa perspectiva teórica, está intrinsicamente associado às relações dialógicas. (PUZZO, 2014, p. 172)

O *dialogismo* é utilizado tanto em conjunção à metodologia da História Oral, mas também ao aspecto teórico da cultura. Todo enunciado possui diversos outros que o formam, e o papel cultural está exatamente que os discursos passados, de seus familiares, se fazem presente no seu. Os pensamentos de seus ancestrais, que formaram/modificaram parte da sua cultura no tempo, se faz presente na fala e na forma como o indivíduo interpreta a própria história. Há também no seu discurso outros enunciados, anteriores ao dele, que vem do passado, independe do idioma falado, as ideias são transmitidas e mesmo que perdido o conhecimento da língua étnica, o *habitus* permanece e transpassa as diferenças linguísticas. Desse modo, consegue-se notar a influência de outros momentos históricos na construção do relato de um determinado indivíduo, a cultura permanece até mesmo quanto pensamento, pela existência das palavras ancestrais em seu próprio relato.

Os seus sentimentos, valores, conhecimentos, ou seja, a sua visão de mundo, é historicamente construída e, os processos envolvidos, modificam a cultura de sua etnia. Como o diálogo se estabelece não somente com enunciados presentes, do grupo e da sociedade, mas também de outros momentos, pode-se analisar as especificidades que este grupo, em um determinado local e sobre certos acontecimentos, passou e impactou os elementos culturais.

As próprias relações culturais acabam por ter características dialógicas, pois, como vimos, as discussões internas do grupo étnico, o acúmulo de características culturais, as contradições, os saberes adquiridos, estão em constante mudança e embate, seja entre eles ou com as situações que se apresentam. Dessa forma, o conceito de diálogo em Bakhtin vai além da análise do discurso, tendo grande importância para a compreensão de outros dados humanos:

> Para caracterizar (...) a dinâmica inerente ao universo da criação ideológica, o jogo de forças que torna esse universo vivo e móvel, o Círculo de Bakhtin adotou a metáfora do diálogo. Tal metáfora parece bem adequada para representar a dinamicidade do universo da cultura (para fundar uma filosofia da cultura), se considerarmos que o Círculo vê as vozes sociais como estando numa intricada cadeia de responsividade: os enunciados, ao mesmo tempo que respondem ao já dito ("não há uma palavra que seja a primeira ou a última"), provocam continuamente as mais diversas respostas (...) O universo da cultura é intrinsicamente responsivo, ele se move **como se** fosse um grande diálogo. (FARACO, 2009, p. 58-59)

Portanto, há a relação do enunciado de um indivíduo com os que o precederam, pois, este se forma em uma sociedade/grupo, está contido em quem a pessoa é, seu *habitus*, a história e trajetória dos ancestrais e do contato destes com a realidade e outros grupos. As palavras também possuem essa confluência de dizeres, um enunciado não somente está ligado a outros, mas também é formado por outros. Há, portanto, a presença, mesmo que indireta, não citada, de muitas falas, ideias, pensamentos, vivências, memórias, as quais, por mais que não tenham sido pronunciadas pelo indivíduo, dele fazem parte e, consequentemente, daquilo que por ele é falado. Tal conceito bakhtiniano é explicado por Leite:

> O conceito conhecido como vozes do discurso, também foi referido por Bakhtin como *plurivocidade*, *heteroglossia* e *bivocalidade*. Significa, resumindo em poucas palavras, que um enunciado, ou discurso é permeado por discursos ou enunciados que o antecedem, e como conseqüência em alguma instancia o reproduz, e que esses discursos ou enunciados antecedentes não pertenciam exatamente a uma pessoa, mas sim ao meio social que esse indivíduo pertencia, pois quem se pronuncia, pronuncia a voz de uma sociedade, que às vezes longínqua está no tempo e no espaço (LEITE, 2011, p. 55)

Esta complexa relação entre discursos, se acumulam no indivíduo, é parte constituinte de sua mente, ou seja, os diversos enunciados, mesmo originados em outro tempo e espaço, estão presentes não somente na sua fala, passam a fazer parte de seu ser. Há internalização dos diálogos estabelecidos, das múltiplas ocasiões e atores, os quais, por mais que tenham sua origem num outro momento, continuam a serem transformados, seja pela sua expressão à sociedade, ou mesmo pelos pensamentos, pelo diálogo internamente realizado, em "solitude" (no sentido físico, tendo em vista a presença do outro e seus enunciados em sua mente).

> É no interior do complexo caldo da heteroglossia e de sua dialogização que nasce e se constitui o sujeito. A realidade linguística se apresenta para ele primordialmente como um mundo de vozes sociais em múltiplas relações dialógicas (...) O mundo interior é, então, uma espécie de microcosmo heteroglóssico, constituído a partir da internalização dinâmica e ininterrupta da heteroglassia social. Em outros termos, o mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; e em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir. (FARACO, 2009, p. 84)

O indivíduo ao realizar um enunciado, faz com que este integre a uma imbricada rede de discursos, a alterando, da mesma forma que a sua existência passa a modificar sua cultura, seu *habitus* étnico, com as suas ações/respostas às situações/questões que se depara, sendo receptor e influenciador nas teias culturais/discursivas. Com isso, abordamos a história dele e de sua etnia, além das sociedades as quais eles tiverem contato, realizando trocas culturais. Quanto à complexidade da presença da pessoa nas redes de enunciados estabelecidos, Brait e Magalhães explicam:

> Não vivemos num vácuo social, portanto, não há como inaugurarmos a palavra nem como dar a palavra final, mas necessariamente nos engajamos em relações graças à linguagem, por meio da linguagem. Sendo o fenômeno dialógico mais abrangente do que o diagonal, as relações podem mobilizar sujeitos temporal e/ou espacialmente distantes; o que garante a centelha do sentido é a atitude responsiva de quem toma a palavra. Ao posicionar-se responsivamente, o sujeito interfere no fluxo da cadeia comunicativa discursiva não apenas respondendo, mas também convocando respostas de outrem. (BRAIT; MAGALHÃES, 2014, p. 14)

Todo enunciado está em contato a outro. A própria razão de sua existência/formulação está relacionada a um determinado conteúdo, a certo assunto, no qual se compõe por uma teia onde estão interligados, se complementam, contradizem, realçam, enfim, não há como estar sozinho/isolado. Dessa forma, entendemos tanto o *dialogismo*, quanto as *vozes do discurso*, o enunciado se forma através de outros que o compõe, ao mesmo tempo em que responde, se insere em uma discussão, em resumo, é constituído por, e se posiciona em, teias/emaranhados enunciativos. Como explicado por Bakhtin:

> Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra "resposta" é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição definida numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. E por esta razão que o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1997, p. 316)

Do pensamento bakhtiniano, outro conceito importante a ser abordado, é o de *gêneros discursivos* que abordam, além do que é falado, as formas de comunicação não verbal apresentados durante a apresentação de sua narrativa. O conjunto físico, o corpo do indivíduo possui uma linguagem própria, que não somente existente como uma forma, mas é relacional

ao apresentado oralmente ou escrito. As mensagens são apresentadas de diversas formas, não se prendendo às formas textuais ou na fala, estando também na diversidade de manifestações humanas, há ali conteúdo demonstrado:

> o texto pode se materializar em outras formas sígnicas, tais como se apresentam na pintura, na música, entre outras formas de manifestação. Nessa vertente teórica, a linguagem é concebida em sua duplicidade constitutiva, apresentado desdobramentos, desde o diálogo entre enunciador e leitor, base constitutiva da linguagem na comunicação linguística, até entre textos e contextos. (PUZZO, 2014, p. 171)

A lógica vai além do que é dito, estão nos preceitos, nas maneiras que os enunciados são expressos, na cultura compartilhada, no entendimento do que é falado ou do que se ausenta, nos sentimentos, no que é destacado ou tem sua importância diminuída; enfim, a mensagem se apresenta não somente no escrito e/ou na fala:

> as formas de gênero são infinitas, assim como são infinitas as formas de atividade humana, com as quais os gêneros sempre estão necessariamente relacionados. Dessa maneira, Bakhtin compreende que o gênero do discurso se manifesta na comunicação através do tom da voz e através de uma série de códigos implícitos que são percebidos pelos interlocutores, mas que ficaria sem sentido para aquele que está fora do âmbito desse diálogo. (LEITE, 2011, p. 53)

Tais considerações bakhtinianas, aliado ao pensamento de David Le Breton quanto ao estudo do corpo, unindo-o principalmente aos *gêneros discursivos*, nos oferece possibilidades de interpretação ainda mais profunda. O corpo, entendido não somente como modo de se expressar, nele são postos significados, valores e, até mesmo preconceitos. Serve, portanto, enquanto análise, daquilo que ele demonstra, mas também os significados que dão o próprio indivíduo ou outrem. A comunicação não se limita, portanto à fala, há todo um conjunto corporal, gestual e sentimental que acompanha a oralidade e são formas de transmitir o pensamento que o texto escrito não, necessariamente, consegue comportar. Assim, "Os movimentos da palavra e do gesto estão mesclados num sistema e não podem ser estudados isoladamente." (LE BRETON, 2007, p. 47). Tal constatação se dá, tendo em vista que a relação com o corpo tem fortes bases culturais e históricas, se ligando a traços identitários:

> As representações da pessoa e aquelas, corolários, do corpo estão sempre inseridas nas visões do mundo das diferentes comunidades humanas. O corpo parece explicar-se a si mesmo, mas nada é mais enganoso. O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna (LE BRETON, 2007, p. 26)

Dessa maneira, é seguro afirmar que o corpo apresenta, conjuntamente ao que é falado, uma mensagem. O que é expresso corporalmente carrega o *habitus* do indivíduo, sua forma de ser, estar e se relacionar com o mundo, principalmente quanto ao relacionar, pois o corpo nos permite acesso a formas de materializar as nossas mensagens (enquanto ele as transmite também).

A leitura de entrevistas, passa, portanto, na união dessas mensagens transmitidas conjuntamente, o que e como é falado, os sentimentos, expressões, gestos, enfim, o corpo deve ser interpretado, pois é utilizado como auxílio à mensagem, enquanto é formado e transmite a cultura. Como Le Breton demonstra:

> A memória de uma comunidade humana não reside somente nas tradições orais e escritas, ela se constrói também na esfera dos gestos eficazes (...) A gestualidade refere-se às ações do corpo quando os atores se encontram; ritual de saudação ou de despedida (sinal de mão, aceno de cabeça, aperto de mão, abraços, beijos no rosto, na boca, mímicas, etc.), maneiras de consentir ou de negar, movimentos da face e do corpo que acompanham a emissão da palavra, direcionamento do olhar, variação da distância que separa os atores, maneiras de tocar ou de evitar o contato, etc. (LE BRETON, 2007, p. 44)

O discurso também se apresenta em forma de imagem, seja fotográfica, desenho, acompanhada de uma outra narrativa, em texto, ou não. Todo enunciado apresenta outros pretéritos, ou seja, toda construção narrativa possui um emaranhado de tempos e indivíduos, e a imagem também apresenta essa relação. Desse modo, a metodologia bakhtiniana também pode ser utilizada para a interpretação daquilo que está em imagem, pois traz em si elementos da sociedade, poder político e/ou midiático. Enfim, uma imagem apresenta um conjunto de informações, as quais a sua própria posse e existência indica, no seio do grupo étnico, apego e mesmo orgulho das informações transmitidas do passado.

A imagem possui então relação discursiva, pois é composta por um enunciado não textual, há ali uma mensagem, um motivo para sua existência, que se correlacionam ao escrito/falado. Trata-se de uma outra forma, mas que contém algo dito e se liga a outros meios, salvo suas diferenças:

> a imagem, por si mesma, estabelece inúmeras relações dialógicas, as quais podem complementar o texto com sentidos advindos de outros textos, de outras situações, de acontecimentos históricos, de experiências individuais, de valores culturais, de motivos ideológicos, enfim de toda a imensa corrente da comunicação social. (TURATI, 2009, p. 35-36)

Apresenta, assim, uma dupla relação para quem a visualiza, além da presença dela, que fora criada com determinados objetivos, o leitor acaba percebendo certos discursos a partir da sua visão de mundo, capta então as mensagens imagéticas através do que ele pensa. Ou seja, o ato de ler a imagem contém uma complexa relação do objeto com o leitor:

> Vemos que pode haver dialogismo na imagem, uma vez que nela toma forma uma história que já foi contada diversas vezes e que mesmo assim pode ser dita novamente, de uma outra forma, através da sua relação particular com aquele que a lê, pois (...) o gesto de leitura constituiria uma relação dialógica por mobilizar uma compreensão do texto, não como o primeiro texto que o leitor tem em sua frente, mas como um novo texto, que o leitor coloca em relação com outros textos (FERREIRA, 2009, p. 22)

Assim, a imagem contém uma mensagem em si, tem um motivo para sua existência, tem a leitura realizada por quem a vê, as relações sociais/memoriais que se utilizam dela, ou seja, há ali um enunciado que dialoga com outros e se compõem e é lido por outros.

Uma imagem, altamente utilizada, trata-se da fotografia, que carrega em si uma mensagem, a qual se unirá ao verbal/escrito, além de conter em si conteúdo:

> A fotografia, assim como o enunciado verbal, deve ser compreendida como discurso e, portanto, também como unidade capaz de integrar o discurso do outro. Desta forma, nota-se que as imagens e/ou fotomontagens jornalísticas reforçam, muitas vezes, o discurso do outro. (NERI, 2009, p. 161)

Um documento que aparece com certa frequência, trata-se dos retratos de família, que contém em si um peso memorial, de reverência para com seus familiares, as relações que estavam estabelecidas, de um momento especial em que todos se reuniram. O processo de criação do documento e a sua conservação possuem grande significado, tem funções afetivas, culturais, identitárias, históricas. Miriam Moreira Leite destaca a importância deste documento:

> A fotografia funciona como índice do que foi e por onde passou a família. Silenciosas e imóveis, ficam, também por isso, ligadas à memória dos entes queridos que desapareceram e que se tenta fazer sobreviver. (...) É novamente o caso do valor de culto que, embora possa existir em fotografias de casas, de paisagens ou em composições artísticas, concentra-se, de forma exemplar, nos retratos de família, que em alguns casos passam a ser verdadeiros fetiches. (LEITE, 1993, p. 160-161)

Para além da imagem, indicaria que a própria existência de outros documentos históricos e o cuidado de sua manutenção supõe uma sobreposição de enunciados. Pela realidade estar preenchida por uma malha dialógica, a qual comporta valores, sentimentos e, até mesmo, discussões e conflitos, o objeto apresenta uma função não somente no relato do entrevistado,

mas naquilo que ele pensa e traz de seus ancestrais e comunidade étnica. A construção da história, a narrativa que o indivíduo, sua família e o grupo étnico constroem, dão um significado ao objeto, que carrega em si uma diversidade de situações, sobreposições temporais e narrativas que além de seu valor histórico *per se*, também traz uma bagagem relacional com todos.

A interação do indivíduo para com o outro se apresenta em diversos aspectos da realidade, do contato humano, que é preenchido por significados, em enunciados, que vão abordar todo conteúdo produzido e interagido por humanos:

> Dialogismo é (...) o alicerce de todas as interações da linguagem. Os sentidos e as significações mediados na materialidade da língua surgem sempre em relação aos dizeres históricos e sociais, seja numa situação eminentemente imediata, seja em longínquas filiações históricas. Esse inter-relacionamento – dialógico – não é somente próprio à língua ou à história, mas é parte da natureza humana. (PONSONI, 2009, p. 197)

Melhor visualização da argumentação se dá ao pensarmos em um objeto, o qual pertencia a um imigrante. Vejamos as esferas que este objeto aborda, o global, nacionais (país europeu e Brasil), realidade regional e local, social, grupal (no sentido étnico), familiar e individual. Um único objeto pode carregar um poder simbólico que passa por todos esses locais e vários momentos históricos, carregando em si informações em diversas línguas até, não somente em uma escrita efetivada fisicamente no objeto, mas nas narrativas passadas e atuais que o preenchem simbolicamente. Assim, um relógio, uma ferramenta de trabalho, um livro, roupa, foto, mesmo construções, carregam narrativas quanto a sua existência, um dos exemplos mais clássicos destas quanto à cidade estudada, seriam o Cemitério Evangélico, a Igreja Luterana e o atual Colégio Koelle, todos comumente adjetivados como alemã(o), isso demarca não só no grupo, mas também na sociedade, característica típica dessa população de valorização educacional e religiosa, além da necessidade de um local próprio para o sepultamento dada as diferenças religiosas mais predominantes no período. Uma ferramenta guardada que fora construída por um ancestral, demonstra o conhecimento vindo já da Europa, a melhoria no plantio e no beneficiamento do café, a abertura de casas comerciais e pequenas fábricas que produziam certos produtos, talvez a sua utilização em quintais e como um símbolo de sua ancestralidade e orgulho étnico. Enfim, os exemplos são inúmeros e se aliam às entrevistas realizadas, sejam na sua demonstração ou citação, o objeto, e não somente a imagem, é carregado de enunciados os mais diversos, há diálogo, portanto, em texto, imagem e objeto.

Tal constatação não se trata de mero capricho conceitual, mas sim do reconhecimento necessário da ligação existente entre a palavra e sua materialização, as palavras e atos se solidificam na realidade e a muda, transporta localidades e tempos os mais diversos e os inserem no seu convívio cotidiano em uma nova realidade. Além de que, tais aprofundamentos se mostrarão essenciais para um melhor desbravar situações referentes ao silêncio, pois, ausentando-se a memória ou exibido uma ocultação engessada, não mais passível de descoberta, procurar-se-á a narrativa, mesmo que se alcance pouco, nos objetos demonstrados.

Portanto, os motivos acadêmicos para a escolha da oralidade é exatamente o de alcançar um documento pessoal, vivo, onde a experiência e a vivência do entrevistado tornam-se -mesmo que um pequeno pedaço- palpável/analisável. Procura-se com isso, ao utilizarmos os relatos, conseguir os meandros do ser, estar e interagir no mundo, não somente com os resquícios do que fora feito, mas do que foi e é pensado, discutido e vivido, conseguindo assim notar as diferenças que existem entre as pessoas, reconhecendo a variação interna do grupo. Deste jeito, dá-se cara e voz a uma etnia, sem forçar uma interpretação do que é determinada cultura, a proposta é escutá-la e, com a compreensão do período, entender as modificações que aconteceram com o passar do tempo.

A construção metodológica da História Oral, por permitir-se e até mesmo incentivar a sua união à diversos conjuntos teóricos e metodológicos, possibilita uma análise mais profunda da realidade, não por ser melhor ou pior, mas por unir diferentes possibilidades interpretativas e amarrá-las. Como constatamos anteriormente, todo documento histórico deve ser questionado pelo pesquisador, não se tratando, pois, de um problema de tipo documental, mas sobretudo humano. Logo, por haver ainda a possibilidade do uso mais aprofundado do relato oral, podemos relacioná-lo com texto, imagem e materialidade. Constrói-se, acima de tudo, uma abordagem mais ampla, a qual não fica perdida em generalidades ou travada em especificidades, permitindo à análise uma maior liberdade não só documental, como interpretativa.

2.4 Problemas referentes a certos tipos documentais

Ao se estudar uma etnia, alguns documentos não possuem a mesma interpretação étnico-cultural que o pesquisador, apresentando problemas, os quais, se não compreendidos, podem levar a erros interpretativos.

Documentos demográficos podem ser de grande serventia, entretanto, quais critérios foram utilizados para determinar se certo indivíduo era pertencente a um povo ou outro? Os descendentes são classificados como "brasileiros" ou como de origem externa? Levou-se em conta os que são misturas de povos e se sim, como foram classificados? Tais problemas limitam a possibilidade de reconhecer a composição dos membros de uma sociedade no tempo se levarmos em conta os aspectos culturais. A diminuição de "alemães" significaria, realmente, a queda de uma determinada cultura? Ou as formas de classificação colocaram seus descendentes em um termo geral? Talvez, nesses casos poderiam ser usados para se reconhecer o fluxo de entrada de imigrantes, entretanto, entre uma data e outra, vários dos imigrantes que foram marcados anteriormente como "alemães" estariam vivos e contariam na nova classificação novamente, porém o fluxo de entrada não poderia ser resolvido simplesmente pela subtração, pois o número de falecidos dos que aqui já estavam não estaria explicitado. Estes problemas estão intimamente ligados na formulação do documento, e aceitá-lo seria, no caso dessa pesquisa, um erro histórico e antropológico, pois se limitaria ao reconhecimento da etnia somente vindoura da linhagem paterna (na melhor das hipóteses), não se reconheceria os descendentes como pertencentes à sua própria cultura e assumiria números irreais para compreender o impacto desses indivíduos na formação social, político e econômica da região.

Tal problema, infelizmente, dificulta a realização de certos questionamentos, pois a utilização de determinado documento poderia comprometer a visualização da presença cultural alemã no município, a qual não se limita ao uso do sobrenome e a outros requisitos externos de avaliação. Há a possibilidade de confundir o número de indivíduos com determinado sobrenome com uma ou outra etnia específica, não se compreendendo a complexidade que forma cada um.

Obviamente, não se busca aqui, o descrédito dessa importante fonte documental, mas dadas as considerações e especificidade da pesquisa, esta não somente traria poucos resultados, como também poderia ser prejudicial à compreensão e análise do objeto de estudo. A teoria que a coleta de dados possui acaba por influir nos seus resultados e estes entrariam em contradição com a pesquisa.

No caso de Rio Claro, trata-se de uma comunidade já estabelecida, as novas correntes migratórias irão compor/modificar a existente, no caso, desconsiderar os que aqui já estavam, seria negar a germanidade dos descendentes, o que contraria a teoria da pesquisa. Os que migram para a cidade e passam a fazer parte da comunidade alemã local, trazem consigo novos

elementos, pois, para citar um dos muitos exemplos, um imigrado entre os conflitos mundiais, passou por outros processos, os quais não correspondem ao vivido nas fazendas e posteriormente nas áreas urbanas do interior de São Paulo, logo são agentes de modificação da cultura e *habitus* local, aumentando a sua variabilidade interna.

Entretanto, o caso do documento demográfico trata-se de uma discrepância demasiada entre a coleta de dados e a teoria utilizada na presente pesquisa, e nem se pode esperar que documentos obedeçam a um conjunto teórico-metodológico que viria posteriormente. É utilizado, mesmo que com cuidado, certos dados que dificilmente acompanhariam a fundo a leitura de realidade feita pela pesquisa, sendo que a própria complexidade da teia cultural é difícil, por si só, de ser quantificada.

Os almanaques são documentos que nos permitem informações de diferentes momentos da cidade e, consequentemente, do grupo étnico estudado. Torna-se difícil, nos casos de mesclas, de reconhecer o elemento germânico de linhagem materna ou as etnias agrupadas no caso de a ancestralidade alemã vir somente pelo lado paterno. Porém, não deixa de ser um importante conjunto documental, que permite ver as áreas de influência alemã, as suas ocupações, mesmo as propagandas de seus comércios, assim, se muito fica ocultado, o que se mostra é de importância indiscutível.

Desse modo, não se nega a validade de nenhum tipo de dado, mas sim a possibilidade do uso nesta pesquisa em específico, ou pelo menos sem realizar necessárias ressalvas. A cultura, abrangida da forma aqui abordada, dificilmente conseguiria ter uma correlação próxima a dados quantitativos, principalmente aqueles referentes à composição étnica da sociedade analisada. Ou seja, não se visa diminuir a importância de nenhum tipo de dado, e sim explicar a sua não utilização neste caso.

2.5 Um estudo sobre alemães, mas quem seriam estes?

Para se realizar um estudo sobre os alemães, é de fundamental necessidade qualificar quais indivíduos se encaixariam nessa definição, sendo assim, primeiramente faz-se necessário a compreensão de sua composição no interior do Estado de São Paulo, que possui uma característica própria, de maneira diversa à outros tipos de comunidades imigrantes, pois ela não se caracterizou pela seleção de um grupo étnico falante de língua alemã em específico, mas sim uma variação desses grupos (como suíços, holsteinianos, pomeranos, austríacos, etc).

Portanto, esperar que estes indivíduos de diversos grupos étnicos (de raiz germânica) apresentem características de uma determinada etnia em especial, ou classificá-los como aculturados por não seguirem essa regra, seria um erro histórico, social e antropológico, tendo em vista que, tal grupo étnico nessa localidade se caracteriza como uma "mistura" (ou melhor seria "amalgamação"?) que fora determinada e classificada por eles mesmos e pela sociedade local como "alemães", e devem ser compreendidos e analisados levando em conta essa característica (re)fundante, onde a identidade se edifica nas várias, e mescladas, etnias de língua alemã.

Secundariamente, mas não menos importante, é compreender que determinada etnia pode apresentar diversas relações com outras etnias, sendo que no caso estudado houve a mescla com outros grupos, havendo, portanto, indivíduos com identidades compartilhadas, uma mescla que traz em si as diferentes características culturais que os formaram. A pessoa, assim, é pertencente a mais de um grupo, com entrelaçamento e mesmo fortalecimento de certos elementos formadores da sua etnia, sendo os que caracterizariam uma contradição já existentes mesmos naqueles que não são mesclas de povos, aumentando assim a variabilidade interna da comunidade e seu acúmulo cultural.

Logo, almejar que tenha qualquer semelhança com etnia alemã de outro estado da federação não é esperado, pois como bem afirma Barth:

> dependendo de onde estamos e de que tipo de sociedade nos cerca, essas histórias diferem juntamente com a natureza da etnicidade resultante. Não parece haver nenhum processo primordial identificável agindo na produção do mesmo tipo de grupo étnico em situações diferentes, mas sim o fato de que as circunstâncias específicas nas quais as identidades étnicas emergem variam tão amplamente, que os resultados são semelhantemente variáveis. Todas as generalizações feitas até agora foram comprovadamente simplificadoras e erradas. (BARTH, 2005, p. 53)

Dito isto, fica claro que o critério de classificação dessa pesquisa e de seleção dos entrevistados baseiam nos seguintes fatores: indivíduo com ancestralidade alemã (não importando ser esta total ou parcial; e, vale salientar, sendo baseada em cultura e não em genética), que a família teve ou tem em algum momento da sua história relação direta com o município de Rio Claro - SP e, que esteja disposto a apresentar as suas memórias familiares e individuais. Desse modo, fica esclarecido o aparecimento de sobrenomes de outras etnias nas assinaturas de relatos e a completa ausência de problemas referentes a isso. Assim, fica determinado o grupo a ser analisado, pois:

> O projeto deve considerar uma "colônia" de entrevistados. Entendendo por "colônia" um grupo amplo que tenha uma "comunidade de destino", supõe-se "redes", que dentro do mesmo padrão de afinidades históricas, tenham experiências que possam ser diferenciadas (MEIHY, 1996a, p. 53)

Interessante de se notar é exatamente essa mistura levando em conta o conceito de *etnicidade* e de *habitus*, pois a variabilidade é um fato dentro de um grupo (suíço, holsteiniano, etc), mas os alemães aqui se caracterizam pela mescla entre grupos, aumentando assim, exponencialmente, a sua variabilidade interna, mas conservando a ancestralidade como elemento de união, com forte incentivo à educação, religião e ao trabalho, comércio e a indústria doméstica.

Desse modo, apresenta-se um grupo étnico que não diminui, mas expande a sua variabilidade interna, enquanto mantém uma identidade, a alemã. Tal situação, talvez se explique pelo período em que os ancestrais imigrantes vieram para a região, em sua maioria na metade do século XIX, durante os acontecimentos que formariam o estado alemão, sendo este um processo que veio por fora influenciando a comunidade, enquanto esta mantinha contato com o país formado, assim a vinda de professores para o Colégio Alemão era para ensinar a língua alemã oficial, não a partir de dialetos como realizado pelos alemães no Sul do Brasil.

Entra então a questão da língua, enquanto há a expansão da variabilidade interna, nota-se que a língua oficial da Alemanha (*Hochdeutsch*) será ensinada aos descendentes no colégio Koelle, entretanto, levantamos uma questão que, por mais que não se trate do foco do presente trabalho e das fontes analisadas, pode apresentar uma interessante reflexão à respeito da linguagem alemã na localidade. Tal questão é com relação ao que seria considerada a língua étnica desses imigrantes e descendentes, pois se trataria de uma manutenção ou uma reformulação? Citamos uma reformulação, pois (para uma exemplificação) como um descendente de holstanianos manteria o *Hochdeutsch* (língua alemã oficial), se a linguagem que ele conhecia e herdara de seus ancestrais era o *Plattdeutsch*? E para piorar, tal questionamento pode se transformar em uma problematização ainda maior caso a teoria de uma reformulação seja correta, tendo em vista que se apresentam ao descendente 3 dificuldades linguísticas ao mesmo tempo e uma a intensificar a dificuldade da outra, a primeira referente a disparidade entre o dialeto alemão e o alemão oficial que aprende na escola e que serviria como língua étnica, o segundo com relação a política de nacionalização varguista que imporá o português e toda sorte de dificuldades ao aprendizado do alemão (o oficial, que está em vias de concretizar em sua cultura) e, por fim e não menos importante a necessidade (e imposição) do aprendizado

do português para o convívio social, as trocas comerciais e as formalidades e necessidades político-sociais (como ler e interpretar documentos). Assim sendo, a política varguista atinge o grupo imigrante em um momento em que a etnia se reorganizava com relação à sua unidade linguística, sendo o aprendizado da língua alemã, como é abordado nos capítulos, uma vontade de recuperação étnica, característica dessa população na atualidade.

A forma de escolha dos imigrantes também influenciou diretamente nessa realidade e diferente dos estados sulinos, no estado de São Paulo a imigração fora vista inicialmente como uma forma de obtenção de braços à lavoura e depois para a crescente vida urbana, enquanto no Sul era um projeto de colonização e interiorização do território. Enquanto aos estados sulinos a organização territorial e pensamento de colonização ocasionava certa separação, até mesmo entre etnias alemãs, o tipo de contato possível e estabelecido nas formas paulistas permitiram a constituição de uma germanidade única e mesmo una, em contato e mescla. Logo, realizar uma interpretação para com a imigração em São Paulo seguindo as regras de outros estados brasileiros, em especial os sulinos, seria histórica, étnica, cultural e geograficamente incompleta e absurda. Se o forçar uma interpretação à determinado grupo já se demonstra como algo errôneo, impor uma formação historicamente diversa à ele para o classificar se trata de um desconhecimento humano e factual que não será realizada, até mesmo, pois o primeiro capítulo já visa trazer o leitor ao conhecimento do contexto histórico e acadêmico ao qual a pesquisa afirma suas bases.

O elemento alemão estudado, trata-se, portanto, de um conjunto étnico reformulado a partir, inicialmente, da mescla étnica entre os germânicos, ou etnias de língua alemã, e posteriormente à grupos próximos culturalmente. O grupo se aproxima mais de uma união do que seria o Sacro Império Romano Germânico, aliado aos ibéricos, ou seja, abordam até mesmo povos não alemães, mas que alcançam uma aproximação e mistura étnica considerável e notável. Esta reciprocidade e mescla étnica é abordado com maior profundidade em seu subcapítulo específico, todavia, que fique claro a unicidade da composição do que chamamos de alemão nesta cidade do interior paulista (e poder-se-ia dizer o mesmo para outras, até mesmo nos estados sulinos e mudanças que estes possam vir a enfrentar no futuro, ou que já estão a acontecer).

Assim, por mais que a cultura se manifeste não somente por características secundárias, mas principalmente no modo de ser, ver, interagir e interpretar o mundo, para fins analíticos, elencamos algumas características marcantes dessa população no município de Rio Claro,

sendo elas a educação, religiosidade (não somente a protestante, havendo a presença de alemães católicos, os quais também preservaram a cultura e formas de ser alemão), trabalho, família, e toda as teias relacionais que existem entre estas.

2.6 As misturas étnicas mais comuns

Durante a realização das entrevistas, se notou certas misturas étnicas, tendo em vista que a pesquisa considera alemães com ancestralidade total ou parcialmente de povos falantes de língua alemã.

A mescla de etnias apresenta três fatores interessantes, a relação de indivíduos devido a características semelhantes (ou bem próximas) das suas etnias, o consequente aumento da variabilidade interna do grupo étnico com o indivíduo possuidor de outras etnias em conjunto e, também, a união que se realizou sem (ou aparentemente sem) relação a uma proximidade de traços étnicos. A presente pesquisa se deparou em maior extensão com os dois primeiros casos, mas a possibilidade de pesquisas futuras se deparar com a terceira situação seria um estudo étnico importante para a compreensão das relações humanas e a influência nas características étnicas dos envolvidos e de seus descendentes.

As misturas étnicas, ou mesmo o contato com outros grupos e suas trocas culturais, intensificam ou modificam suas características. Deve-se levar em conta que todo contato estabelece algum tipo de troca, mesmo que seja o conhecimento do outro. Dessa forma, não se trata de uma ou outra relação, "devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos" (BURKE, 2010, p. 31)

Como abordado por Peter Burke em "Hibridismo Cultural" (2010), a proximidade de certos povos faz com que, conscientemente ou não, certas características sejam compartilhadas e diversas aproximações sejam realizadas. A abordagem de Burke pode bem ser utilizada no caso dos alemães de Rio Claro. Para tanto, devemos pensar em dois tipos de fronteiras, a dos Estados na Europa e a fronteira étnica trabalhada por Barth.

As fronteiras na Europa apresentaram grande variação durante a história, conforme os diversos conflitos e acontecimentos, a questão se trata quanto à distância geográfica entre os povos, é esse tipo fronteira, constantemente desconsiderada frente às divisões dos Estados, que

se tem em foco. O distanciamento espacial acaba, portanto, tendo efeito sobre a influência gerada sobre os (ou recebida dos) povos mais próximos. Tal constatação já demonstraria algumas aberturas, ou pontes, culturais existentes já na Europa e que no Brasil se intensificariam.

> Não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural. Os linguistas há muito vêm defendendo o mesmo ponto de vista a respeito de línguas vizinhas como o holandês e o alemão. Na fronteira, é impossível dizer quando ou onde termina o holandês e começa o alemão. (BURKE, 2010, p. 14)

Com a imigração, entretanto, a nova terra trazia em questão a fronteira não mais de países/nações distintas, mas uma separação de etnias por certos elementos típicos, mas havendo também características de aproximação de outros povos. Assim, começa uma fase de maior hibridismo cultural entre os diferentes grupos, através dos elementos de aproximação que permitiram, inicialmente o convívio e, posteriormente, a mistura étnica.

No caso da presente pesquisa, constatou-se um contato recorrente dos alemães para com italianos e ibéricos, sendo a aproximação devido a diferentes características e situações. Tal contato fora estabelecido a aspectos como religiosidade (nem todos os alemães eram protestantes), ofícios, relações comerciais, a própria Companhia Paulista de Estradas de Ferro, além do convívio na própria cidade. Sendo que as relações de hibridização podem "ser encontrados na esfera econômica, social e política, para não mencionar a miscigenação" (BURKE, 2010, p. 16)

As relações de hibridização cultural e as trocas constantes continuam e fazem parte das relações existentes entre as etnias (como já vimos na *etnicidade*), entretanto, certos aspectos tendem a solidificar com o tempo, como explica Burke:

> Outra metáfora que pode ser útil é a da "cristalização". Eu a utilizo aqui para sugerir que quando ocorrem encontros e trocas culturais, um período de relativa fluidez ("liberdade" no caso de você o aprovar, "caos" no caso de desaprovar) é rapidamente seguido por um período em que o que era fluido se solidifica, congela e vira rotina e se torna resistente a mudanças posteriores. Velhos elementos foram rearranjados em um novo padrão. (...) É difícil, se não impossível, dizer como o processo funciona, a que ponto a cristalização e a reconfiguração são inconscientes e coletivas (...) Mesmo assim, este aspecto da troca cultural certamente merece ser enfatizado, quer estejamos pensando no passado, no presente ou no futuro (BURKE, 2010, p. 114-115)

Das entrevistas realizadas, podemos analisar a seguinte presença de relações étnicas, que de maneira geral podem ser constatadas no relato, mas que outras relações não aparentes

podem também existir (as misturas entre grupos falantes de língua alemã estão determinadas como "alemães", sem especificar as misturas, se são suíços, holsteinianos, turingianos, etc); também já aproveito para destacar o sobrenome que será utilizado nas citações das entrevistas[3]:

TABELA 1 – Relação dos nomes dos entrevistados e a(s) sua(s) origem(ns)	
NOME	DESCENDÊNCIA DE
ALMEIDA, Hannelore Graetz Nogueira de.	alemães, casada com descendente de portugueses
ARNOLD, Adriano dos Santos.	alemães e portugueses
BAUMGARTNER, Marco Antonio.	alemães e italianos
BÜLL, Odair.	alemães e italianos (e talvez holandeses)
FAHL, Laerte.	alemães e italianos
HEBLING, Joel.	alemães e italianos
IOST, Rene Paulo.	alemães e portugueses
ISLER, Samuel Bartolomeu.	alemães
KOELLE, Teodoro Paulo.	alemães
KRÜGER, Eldo.	alemães
LUCKE, Maria Elisa.	alemães e italianos
MARCHEZIN, Dirce Júlia Tscherne.	eslovenos e alemães, casada com descendente de italianos
PALOTA, Lizelote Augusta Eichenberg.	alemães e italianos, casada com descendente de italianos
SCHNEIDER, Milton.	alemães e portugueses
Schneider, Yvone HABERMANN.	alemães, casada com descendente de alemães e portugueses
SOUZA, Edvaldo Miguel de.	portugueses e alemães
Souza, Eleri Aparecida WITZEL de.	alemães e italianos, casada com descendente de portugueses e alemães.
VERNA, Ondina Fahl.	alemães, casada com descendente de italianos
WENZEL, Pedro.	alemães

Assim, a presente pesquisa se deparou com os seguintes dados:

TABELA 2 - Relação dos entrevistados com determinado grupo étnico, descendência e/ou casamento, com as informações contidas nas entrevistas (considerando que outras relações podem existir).	
Alemães (suíços e austríacos inclusos)	19
Italianos	9
Portugueses	7
Eslovenos	1
Holandeses	1 (incerto)

[3] A não utilização do último sobrenome foi realizado em alguns casos para não haver repetição de sobrenomes nas citações. Ao colocar o sobrenome de solteira, evita-se a possibilidade de confundir quem está relatando. Foram somente dois casos: o da Yvone Habermann Schneider, esposa de Milton Schneider, e de Eleri Witzel Souza, nora de Edvaldo Souza. Não realcei o sobrenome alemão em todos os casos, pois, como defendo no subcapítulo, há casos de hibridismo cultural, e não há motivos de ocultá-los

2.7 A pesquisa, o objeto de estudo e o pesquisador – o porquê de serem interligados

Um fator importante a ser considerado e muitas vezes negligenciado é a discussão referente à separação do pesquisador com o objeto de estudo e, ainda mais importante, a (im)possibilidade de tal ocorrer em um estudo de ordem étnico-cultural. Todo indivíduo é pertencente a um determinado agrupamento cultural, podendo ser -e cada vez mais o sendo- variado, portanto, ele carrega em si tais características culturais, de um ou mais grupos, que determinam o seu contato com a realidade e a posterior análise desta. Desse modo, a exemplo, um pesquisador de etnia A ao estudar uma etnia B, trará intrinsicamente em suas análises a sua visão de mundo, tal situação não difere de outros tipos de relação pesquisador-objeto (A-A, AB-B, A-AB, C-A e assim por diante, em sua infinitude de possibilidades).

Desse modo, não somente vemos a possibilidade, mas a importância de um pesquisador tratar de sua etnia, seja ela parcial ou total e, também, dos trabalhos onde este não é pertencente. Nesta pesquisa não foi diferente, no caso, com alemães e italianos, mas a ocorrência de descendentes trabalharem com seus determinados grupos não são raros e isto é fácil de provar, somente pela relação dos sobrenomes (não que isso seja sempre exato) na bibliografia já exemplifica a questão.

Visando um melhor esclarecimento, apontaremos algumas especificações que ambos os casos trazem. Primeiramente a menos criticada: a do não pertencente, o qual ao estudar um determinado grupo não possui (em hipótese) motivações para engrandecê-lo, também consegue estabelecer uma definição mais fechada, a qual por mais que seja incompleta, possibilita melhor identificá-la, pois sendo de fora a sua análise, muito da variabilidade interna não é notada. Também, ao partir de fora, certos questionamentos típicos do grupo não se apresentam para o estudioso, podendo assim, não ser influenciado pelo que ocorre, mas não quer dizer que não esteja em seus próprios conflitos étnicos (ou de qualquer outro tipo de comunidade a qual pertença), e é claro que estes mudam a forma que interpretam a realidade, sua ou de outrem.

As vantagens apresentadas por um pertencente do grupo se dão, em oposição ao que dele não faz parte, à possibilidade de observar a etnia por dentro, analisar conexões e relações ocultas, não necessariamente a uma intenção clara de escondê-la, mas por se tratar de casos de foro íntimo e de difícil acesso. Tal facilidade de obtenção de dados permite acessar fatos e ocorridos que dificilmente teria contato, por motivos mesmo de confiança, caso não fosse do mesmo grupo, e facilita a não ocorrência do erro interpretativo de confundir ausência ou ocultação com inexistência. O problema que pode ser alavancado quanto ao pertencimento

étnico do pesquisador ao objeto analisado, trata-se da dúvida quanto à sua possibilidade de abstrair, se distanciar, para estudar seu próprio grupo, entretanto, a crítica não se sustenta, não somente pelo fato de todo pesquisador ser parte constituinte de diversos grupos da sociedade como já dito, mas também na utilização metodológica e documental, além da avaliação feita pela academia.

Em resumo, a problemática levantada quanto ao uso da Ego-história, pelo menos visando a sua não utilização ou diminuição frente a outros modelos, é falsa. Assim como outras formas de construção narrativa, delimitação e análise histórica, é possuidora de limitações e possibilidades, não se constituindo por um erro metodológico, mas sim por uma nova maneira interpretativa que complementa a visão possível de determinado tema. Ocorre, portanto, um novo horizonte a ser visualizado quanto ao assunto, o qual, obviamente, não anula ou diminui a importância de outras formas de historiar, mas vem complementar e, em conjunto com outros modelos, melhor compreender a complexidade do tema estudado, no caso, o grupo étnico alemão. A importância da Ego-História é comentada por Boris Fausto em seu livro "Negócios e Ócios", onde escreve sobre a história de sua família:

> um escrito do gênero da "ego-história" se justifica (...) quando a narrativa se insere de algum modo em um universo coletivo, dizendo respeito a uma etnia, a uma nação, a uma classe social etc.; e também quando as relações internas entre os membros da família ajudam a iluminar um quadro cultural mais amplo, dizendo respeito ao modelo familiar de uma sociedade. (FAUSTO, 1997, p. 7)

Outro fator fundamental é que o acadêmico ao falar sobre si e seu pertencimento, atua (assim como qualquer outro indivíduo) na manutenção, transmissão e difusão de sua cultura, sendo assim o trabalho para o leitor é ao mesmo tempo fonte de conhecimento e objeto a ser estudado (caso esse assim o deseje). Porém, como já vimos, tal caso também é verídico para aqueles que trabalham com o outro, a diferença está que neste caso a pesquisa trata-se de uma leitura "fora do aquário", mas tão influenciado pelas suas visões de mundo como qualquer outro pesquisador. Dito isso, ambas as análises, seja partindo do seio da cultura ou de seu exterior, possuem características fundamentais para expandir o conhecimento referente ao grupo estudado.

A imparcialidade do historiador é defendida por Marc Bloch (2001), onde a principal finalidade deve ser a verdade. O esclarecer, difundir e explicar as causas e efeitos de um período histórico, são feitas através de uma necessária e apurada análise documental, tendo em vista que o contato com o passado deve ser realizado com cuidado, pois os resquícios do passado

possuem muito da visão de época, podendo possuir falsificações as mais diversas. O pesquisador deveria, portanto, agir como o cientista e o juiz, visando diminuir suas influências pessoais, sendo imparcial:

> Existem duas maneiras de ser imparcial: a do cientista e a do juiz. Elas têm uma raiz comum, que é a honesta submissão à verdade. O cientista registra, ou melhor, provoca o experimento que, talvez, inverterá suas mais caras teorias. Qualquer que seja o voto secreto de seu coração, o bom juiz interroga as testemunhas sem outra preocupação senão conhecer os fatos, tais como se deram. Trata-se, dos dois lados, de uma obrigação de consciência que não se discute. (...) Uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: "compreender". Não digamos que o historiador é alheio às paixões; ao menos, ele tem esta. (...) Até na ação, julgamos um pouco demais. É cômodo gritar "à forca!" Jamais compreendemos o bastante. Quem difere de nós — estrangeiro, adversário político — passa, quase necessariamente, por mau. Inclusive, para travar as inevitáveis lutas, um pouco mais de compreensão das almas seria necessário; com mais razão ainda para evitá-las, enquanto ainda há tempo. A história, com a condição de ela própria renunciar a seus falsos ares de arcanjo, deve nos ajudar a curar esse defeito. Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens. A vida, como a ciência, tem tudo a ganhar se esse encontro for fraternal. (BLOCH, 2001, p. 125, 128)

Porém, esta imparcialidade se trata de uma situação ideal, mas não realizável, Paul Veyne (2008) argumenta, que o pesquisador tem suas motivações, seja pela procura de compreender sua comunidade ou grupo social, ou mesmo direcionado por sua curiosidade. A sua presença se faz nítida na "trama" escolhida, na sequência de fatos escolhidos no recorte temporal e suas ligações, questionamentos envolvidos, trata-se, pois, de uma escolha do indivíduo, incluso seus interesses e subjetividades:

> Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco "científica" de causas materiais, de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa (...) A palavra trama tem a vantagem de lembrar que o objeto de estudo do historiador é tão humano quanto um drama ou um romance (...) A trama pode se apresentar como um corte transversal dos diferentes ritmos temporais, como uma análise espectral: ela será sempre trama porque será humana, porque não será um fragmento de determinismo. (...) **Quais são, pois, os fatos dignos de suscitar a atenção do historiador? Tudo depende da trama escolhida, um fato não é nem interessante, nem o deixa de ser.** (VEYNE, 2008, p. 42-43, grifo nosso)

Outra crítica, à suposta possibilidade de total imparcialidade, pode ser vista em Michel de Certeau (1982), o conhecimento histórico é formulado, construído, com métodos, temas, análises, ou seja, pesquisas aceitas conforme o lugar e o período em que se é escrito.

> Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: una profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada

> em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 1982, p.66-67)

Tanto o posicionamento de Veyne, que compreende a presença do pesquisador em seu trabalho, ou a de Certeau, que a atuação deste é cerceada conforme os métodos da Instituição Histórica (ou de outras ciências humanas, vale realçar) e a sua realidade social, trazem bons questionamentos quanto à possibilidade de imparcialidade defendida por Bloch. Poderíamos até mesmo dizer que se trata de uma complexa relação entre o indivíduo com o tempo e lugar em que formula sua pesquisa. A curiosidade ou vontade de compreender a sua sociedade/comunidade/realidade trata-se de uma escolha, ou seja, a pessoa, sujeito histórico como qualquer outro, escolhe um determinado tema por algum motivo específico (gosto, vantagens, interesse, etc) e, no próprio processo de escolher ficam demarcadas suas abstrações (e talvez, até mesmo seu *habitus*?) e vontades contemporâneas. Por outro lado, o encaminhamento, ou direção, obtido devido ao lugar e tempo em que a pesquisa é produzida, demonstra a sua contemporaneidade, tendo em vista que a problemática, os questionamentos, as análises, demonstram as bases teóricas, as ideias que propiciaram a existência de tais trabalhos. Em resumo, trata-se das influências internas e externas no indivíduo, as quais este não possui controle e, muitas vezes, nem mesmo se dá conta de suas existências.

Assim sendo, a Ego História, que tem sua infâmia ligada exatamente ao fato de o pesquisador fazer parte do grupo estudado, ou que está diretamente ligado aos objetos de estudos e/ou questionamentos, a tem, seu estigma, por seus detratores não (re)conhecerem esta discussão. Tendo em vista que a imparcialidade total já é *per se* questionável, qualquer indivíduo, por possuir uma cultura e *habitus*, acabará por ter alguma relação com aquilo que pesquisa. Vale ressaltar que a procura pela imparcialidade é indispensável, mas é uma busca mais ideal que real.

Contudo, como eleva Ginzburg, a própria relação com a documentação disponível, com uma metodologia para interpretá-los em conjunção aos fatos do período, tendo por intenção a busca da verdade, consegue garantir bases reais para a pesquisa, ou seja, não se tratam apenas de abstrações ou interesses, pois está relacionada a documentos e a métodos que possibilitam o contato dos resultados com a realidade. Ginzburg realiza uma crítica fundamentada a esse ceticismo ao conhecimento, a documentação não pode ser acreditada sem escrutínio, e, também, a pesquisa não é impedida de alcançar a realidade devido ao fato de haver interesses individuais ou influências (institucionais ou sociais) sofridas:

> Mas a polêmica que estou desenvolvendo contra o relativismo céptico não deve levar a equívoco. A idéia de que as fontes, se dignas de fé, oferecem um acesso imediato à realidade ou, pelo menos, a um aspecto da realidade, me parece igualmente rudimentar. As fontes não são nem janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os cépticos: no máximo poderíamos compará-las a espelhos deformantes. A análise da distorção específica de qualquer fonte implica já um elemento construtivo. Mas a construção (...) não é incompatível com a prova; a projeção do desejo, sem o qual não há pesquisa, não é incompatível com os desmentidos infligidos pelo princípio de realidade. O conhecimento (mesmo o conhecimento histórico) é possível. (GINZBURG, 2002, p. 44-45)

Desse modo, a pesquisa tem seu elemento de Ego-História, que possibilitou certas vantagens e desvantagens como qualquer outra relação pesquisador-pesquisa. Apresentou-se os processos como coleta de informações, bibliografia, métodos e teoria, análises e resultados, tivemos por objetivo alcançar o vivido e experienciado pelo grupo étnico no período e como constroem suas narrativas. Trata-se, portanto, de uma pesquisa em que os envolvidos reconhecem não só a ligação do pesquisador com os objetos de análise, mas que esta ligação existe em todos os casos, sendo ela discutida, como aqui o foi, ou não.

2.8 A questão do silêncio – para além do esquecimento, a ausência e o medo ancestral

A ausência de informações sobre certos aspectos, deve ser tratada com demasiada cautela e atenção, pois a sua existência pode evidenciar uma gama de possibilidades a serem levadas em consideração.

O silêncio no depoimento tem diversas origens, que podem pertencer tanto ao período que a informação fora criada ou, também, ao momento em que a entrevista é realizada. Ao relatar sua história, o indivíduo nos mostra o que fora vivido, mas em diversos casos, principalmente na infância, os familiares podem tê-los protegido de certas informações por medo de represálias. Com as informações que possuem, é possível perceber a tentativa de racionalização de certas lacunas, seja evidenciando a falta de contato referente ao assunto com os familiares ou a suposição do que poderia se tratar, utilizando-se neste último da própria imaginação, a qual se utiliza do que lhe fora ensinado, pertencendo mais a uma criação partindo da sua fonte étnica do que sua memória familiar ou histórica. Tal fato, entretanto, não diminui a importância do relato, pois possibilita o acesso a como a etnia aborda determinada falta de informação, além de que o confronto entre entrevistas possibilita dar complementaridade e debate entre informações.

O ancestral que decide não transmitir certos fatos não o faz, necessariamente, por ignorância ou falta de interesse, podendo ser até mesmo o oposto, devido ao conhecimento da gravidade de uma determinada situação e a possibilidade de prejuízos presentes ou vindouros a ela relacionada, o silêncio se faz como instrumento protetivo. Obviamente, não devemos considerar toda a ausência como um processo de preservação, seres humanos são complexos, os motivos podem também estar relacionados à indisposição de contar certos aspectos, seja para os descendentes ou entrevistadores. Entretanto, no caso da presente pesquisa, nota-se uma maior lacuna no período das guerras, o que evidencia mais um recorte do que um desgaste natural da transmissão da história familiar no tempo. Indivíduos que possuem mais conhecimento do que seria a vida de seus avós, bisavós e até mesmo trisavós, enquanto que a vida de seus pais lhes parecem de maior mistério, vai contra a ideia de que as informações vão sendo perdidas, em realidade isso acontece, há o esgarçamento, porém esse deveria ser mais notado quanto mais antiga as informações, o que não é o caso.

Também necessário ser constatado, é quanto à realidade atual da pesquisa e a realização das entrevistas. O número de negativas e desistências se trata de informação relevante, reconhecemos que não se pode provar os números pela ética, dificultando a narrativa, que acaba por se basear apenas nos envolvidos na realização da pesquisa. A consolidação dessa situação se realizou, pois não era esperado, obviamente, que todos os descendentes de alemães fossem entrevistados, mas o número de negativas se mostrou grande. Quanto aos convidados seguimos:

> A respeito de quantos narradores convocar, as decisões serão em grande parte determinadas pelas características, propósitos e orientações particulares de cada investigação, assim como por critérios relativos ao tempo disponível para realizar a pesquisa. Porém, é importante determinar ao início um número limitado, mas relativamente indeterminado e reavaliar conforme a pesquisa avança. (...) não deveria se pensar em um número inferior a 12 participantes (CORNEJO; MENDOZA; ROJAS, 2011, p.33, tradução nossa)

Objetivamos, inicialmente, que o número de entrevistas seria entre 10 e 15, entretanto, devido ao elevado número de rejeições, ampliou-se o envio da carta-convite. No final, o número de entrevistas realizadas foi maior que anteriormente planejado, sendo 19 concretizadas. Uma das famílias, Britski (ou Britschgi), enviou um livro feito por um dos membros, de circulação interna, para que tivéssemos acesso, dando liberdade de citação, dessa forma, o número de indivíduos que aceitaram participar é 20. A proporção de aceito/recusado acabou por ser de 1 a cada 3 convites.

A disposição de realizar a entrevista parecia, inicialmente, certa para a maior parte dos convidados (compreende-se aqui, novamente, que esta informação é vaga e por motivos morais não podem ser provadas), entretanto, após o contato com o principal recorte temporal, a motivação existente se exauria, contudo a ocorrência desta situação tem suas causas. A aceitação para relatar sobre um passado mais remoto frente a um, no qual não necessariamente viveram, mas certamente possuíram maior contato, pode significar tanto uma ausência de informações, quanto uma escolha de distanciamento do período. O medo de que haja alguma represália poderia explicar algumas negações, por receio de que liguem sua história com os fatos ocorridos na Europa nesse mesmo período, o qual o indivíduo e sua família, mesmo não possuindo nenhuma culpa, se retrai para evitar qualquer correlação desfavorável que algum ignorante possa realizar.

> Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos de se expor a mal-entendidos. (...) A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p. 8)

Desse modo, a ausência e/ou o silêncio, por mais que dificulte a obtenção de dados importantes, acaba por ser também, fonte de informação e objeto de estudo, quando analisado o que não fora apresentado, os motivos e as suposições a respeito dessa ausência. O não contar, ou o não conhecer, tem certa conotação importante na cultura e como esta foi, é e poderá ser vista pelos seus possuidores. A falta apresenta tanto uma imposição externa, como também uma supressão interna, querendo dessa forma, que a constituição da história étnica tenha enfoque em determinados períodos, evitando-se, ou pelo menos passando brevemente, por outros. O que Elias comenta a respeito do *habitus* do alemão ocidental, após a Segunda Guerra:

> Além disso, no caso dos alemães ocidentais, qualquer consideração do habitus nacional invade uma zona tabu. A hipersensibilidade em relação a qualquer coisa que recorde a doutrina nacional-socialista resulta do problema de um "caráter nacional" ser em grande parte envolto num manto de silêncio. (...) Torna-se tão logo evidente que o habitus nacional de um povo não é biologicamente fixado de uma vez por todas; antes, está intimamente vinculado ao processo particular de formação do Estado a que foi submetido. (ELIAS, 1997, p. 16)

Tal constatação de Elias foca a questão do *tabu* referente ao nazismo, também a ligação do Estado com o *habitus*, e aqui reforçamos a ressalva ao seu pensamento: o Estado influencia, mas não determina, o *habitus* de um grupo. Na Alemanha, a vergonha se trata da ligação ao

governo que praticou os crimes à humanidade, no caso brasileiro, é o estigma da acusação de inimigo infiltrado. Porém, a criação de um *tabu* aparece nos alemães europeus e, também, nos alemães brasileiros, por outros motivos, mas semelhante distanciamento e silêncio. De toda forma, a não ligação do *habitus* à elementos biológicos em Elias é algo que não nos opomos.

Como dito anteriormente, nota-se que o período dos conflitos mundiais não foi deixado muitas informações a respeito da etnia neste município. Tal constatação, entretanto, vai contrário ao momento anterior (imigração) e posterior (pós-guerras), notando uma construção narrativa de vitória frente às dificuldades e de futura recuperação de atributos étnicos. Dessa forma, mesmo a ausência acaba por ser "preenchida", seja como simples parte de um processo de dificuldades necessárias para o crescimento econômico, ou pela constatação de um período de perseguição cultural, social e econômica do seu povo, mesmo que não saiba(m) relatar algo em especial. Por esse motivo, os relatos que não apresentam informações diretas, mas indiretas ou ausentes sobre o período estudado acabam por ter sua utilidade e importância mantidas.

Para além de uma tentativa interna de proteção dos mais velhos para com os mais novos no período, o próprio momento histórico vivido pode ter sido demasiadamente traumático e/ou problemático para aqueles que o viveu diretamente. Gwyn Prins comenta a respeito de momentos da história em que os indivíduos não conseguiram realizar a construção memorial, como no caso de sobreviventes do holocausto, do escritor Primo Levi e de Bruno Bettelheim:

> Há alguns tipos de memória que podem ser para sempre irrecuperáveis, devido à maneira de sua perda. (...) Levi estabeleceu a excentricidade de sua própria memória e a natureza consequentemente defeituosa de sua interpretação. Por sua definição, ele não poderia recuperar a memória das profundidades, onde a maioria estava afogada; dali ninguém retornou, e ele foi um dos poucos que se salvou. No fim, tanto para ele, quanto para o grande psicanalista freudiano Bruno Bettelheim, outro sobrevivente dos campos, parece que a carga da sobrevivência foi muito pesada e ambos, em sua velhice, cometeram suicídio. Talvez para eles o passado não pudesse ser reinventado nem comunicado. Era literalmente inenarrável. (PRINS, 2001, p. 181-182)

Obviamente, o caso dos entrevistados na pesquisa não chega à gravidade enfrentada por estes sobreviventes (não que queiramos fazer também uma contabilidade do mal, longe disso), o que visa ser levantado é a questão de que certos momentos históricos são demasiadamente traumáticos para um indivíduo sequer conseguir estabelecer uma narrativa. Como será possível de ver no capítulo 3, o período das guerras mundiais foi traumático e complexo para os alemães no município de Rio Claro, havendo a proteção dos mais novos quanto ao que estava acontecendo com eles e, talvez, em união à esta proteção, o que eles viveram e presenciaram acabou por ser algo que não puderam, ou conseguiram, passar em totalidade para as novas

gerações. A questão da proteção familiar também vem a calhar: “A essas razões políticas do silêncio acrescentam-se aquelas, pessoais, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais.” (POLLAK, 1989, p. 6).

Outro fator importante a ser levado em consideração no estabelecimento do silêncio do grupo étnico está ligado ao seu próprio *habitus*. Como elaborado por Norbert Elias (1997), o Sacro Império Romano Germânico, e mesmo com a sua quebra em diversos reinos menores, sempre esteve ameaçado pelos reinos vizinhos e internamente, o que ocasionou na sua população não somente o receio com possíveis invasões, mas a valorização da vitória sobre essas tentativas, ou seja, tal condição se estabeleceu historicamente em seu *habitus*. Tal condição étnica é possível de ser observada nas entrevistas, há a valorização da vitória sobre as condições desfavoráveis enfrentadas pelo imigrante, seu crescimento na cidade mesmo sob dificuldades e o orgulho pelo que seus ancestrais, e eles mesmos, conseguiram à duras penas. Entretanto, pouco é comentado nas entrevistas sobre a Revolta de Ibicaba ou outros problemas mais à fundo no período da vinda ao Brasil, é evidente que nem todas as famílias são originárias dessa época, mas a ausência de informações quanto ao enfrentamento com os fazendeiros é um fato importante a se notar. Porém, independente se em grau individual, familiar ou do grupo étnico, tais situações devem ser compreendidas, como bem explica Fausto

> Tanto na situação individual quanto na coletiva, segundo Elias, é necessário empreender a mesma tarefa: trazer de volta à consciência, quase sempre em face de uma forte resistência, coisas que tinham sido esquecidas. Tal esforço, em ambos os casos, requer um autodistanciamento e, se tiver êxito, pode contribuir para a flexibilização de rígidos modelos de comportamento (FAUSTO, 1998, p. 146)

A busca, na presente pesquisa, se trata, ao recuperar um período problemático para os de origem alemã, de quebrar certos estigmas impostos e recuperar a memória de um período histórico que lhe foi pouco favorável e as suas consequências; compreendendo as motivações do silêncio pelo grupo e a sua imposição estatal. Visa-se, também, conseguir reaflorar as memórias do período, evitando que essas caiam no esquecimento, demonstrando um momento agora propício a essas serem expressas e mantidas:

> O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (...) O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma Ocasião para invadir o espaço público e passar do "não-dito" à contestação e à reivindicação (POLLAK, 1989, p. 5, 9)

A questão da imposição estatal vai além do período analisado, o silêncio imposto acaba sendo visto posteriormente não enquanto imposição, mas como ausência ou mudança cultural. Ou seja, as atitudes ditatoriais de ataque étnico são desconsideradas enquanto tal, passam a ser vistas como característica da época, como se fosse possível um determinado grupo "perder" ou "trocar" a sua cultura pela de outrem. Prins comenta a respeito da imposição do poder na construção da história, levantando a situação que se apresentou na União Soviética e os movimentos para se evitar o silêncio quanto aos massacres:

> Desde o advento da *glasnost* na União Soviética, a batalha pelo controle da memória tem sido amarga. Uma facção na verdade se intitula Pamyat (Memória); a outra, inteiramente oposta ao ardente nacionalismo eslavo e ao anti-semitismo da Pamyat, chama-se Memorial, esta facção sendo estimulada pelo falecido acadêmico Andrei Sakhatov como uma forma de regatar as vítimas de Stalin do esquecimento, do silêncio. A recuperação da memória popular da Sibéria da mente das pessoas tornou-se uma atividade proeminente e, de alguma forma, uma atividade política marginal na segunda Revolução Russa. (PRINS, 2001, p. 182)

Entretanto, não somente as ditaduras apresentam características que visam dominar a história e a memória, na Grã-Bretanha caso similar se apresentou, antes sendo a educação histórica mais profunda e que realizava compreensão de diversas fontes documentais.:

> A natureza da história é combatida ferozmente também na Grã-Bretanha. Em 1985, a Inspetoria de Sua Majestade (Her Majesty's Inspectorare – HMI) publicou (...) O "Blue Book" da HMI sintetizava grande parte do que era mais inovador nas escolas durante os vinte anos anteriores; um trabalho como o projeto de história do Conselho Escolar, visando ensinar as crianças de 11 a 14 anos de idade a discriminar a boa evidência da má evidencia, pretendia reconhecer a legitimidade de muitos tipos de fontes, incluindo a oral, para questionar todas as verdades apreendidas (...) O governo da Sra. Thatcher aboliu o Conselho Escolar (...) para estabelecer, como termos exclusivos, aqueles do Grupo de Trabalho de História de Saunders Watson de 1990, recomendando ao Departamento de Educação e Ciência o conteúdo do currículo nacional britânico, seu programa triunfalista, *whiggista*, orientado por documentos e sumários provincianos de história política e constitucional britânica, com uma ênfase no aprendizado mecânico das datas e dos "fatos" e uma aversão à imaginação histórica. (PRINS, 2001, p. 182-183)

De toda forma, seja a tentativa de se evitar certas discussões políticas no caso inglês, ou de suprimir o massacre desumano ocorrido na União Soviética, o que se nota é um esforço intervencionista do Estado na escrita da História. Um silêncio que seria imposto sobre a população, uma destruição de seu passado, um ocultamento dos fatos que prejudicariam a imagem das ações cometidas pelo poder outrora instituído.

Prins, traz uma constatação, a qual também fora feita pela Inspetoria de Sua Majestade:

> Da mesma forma que os revolucionários modernos na União Soviética, os Inspetores compreendiam exatamente o significado político de um estudo vigoroso da história e por isso colocaram na contracapa do livro a seguinte frase de Nikita Khruschev: "Os historiadores são pessoas perigosas. São capazes de transtornar tudo." (PRINS, 2001, p. 183)

Ou seja, a questão da perseguição à memória é algo ainda atual e recorrente, que varia conforme os posicionamentos que as autoridades (políticas, sociais, econômicas, arquivísticas ou qualquer outro tipo de poder que podem afetar a documentação), tomam quanto ao passado. Cabe, portanto, aos pesquisadores evitar que tal memória seja destruída:

> Nas sociedades desenvolvidas, os novos arquivos (arquivos orais e audiovisuais) não escaparam à vigilância dos governantes, mesmo se podem controlar esta memória tão estreitamente como os novos utensílios de produção desta memória, nomeadamente a do rádio e a da televisão. Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica. (...) (...) Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1990, p. 477)

Para aqueles que vivenciaram o período, tendo contato direto com as situações (ou parte delas), e possibilitaram, mesmo com as diversas dificuldades, o acesso a sua memória, conseguem realizar uma reorganização quanto ao que fora vivido. A complexidade humana, os diversos sentimentos, vivências, valores, são elevados, dando sentido às situações enfrentadas, revigorando o seu orgulho e reafirmando a sua memória, fortalecendo-a, possibilitando realçar suas características na memória coletiva, assim a complementando. Thompson aborda a relação do sofrimento passado com a rememoração:

> Lembranças desse tipo são tão ameaçadoras quanto importantes e exigem uma habilidade muito especial de quem escuta. Ainda bem que são excepcionais. Para a maioria das pessoas, o sofrimento do passado é muito mais suportável, por encontrar-se ao lado de boas lembranças de alegria, afeto e realização, e a lembrança destas e daquelas pode ser uma coisa positiva. Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança. (THOMPSON, 1992, p. 208)

Trata-se, portanto, de uma ação conjunta, do pesquisador e dos entrevistados, procurando desvendar aspectos do período, os quais, além de uma memória, curiosidade, consideração, orgulho ou identidade, fazem parte do grupo, do ser de cada um de seus membros. Portanto, é um processo de descobrir seu passado através de si mesmo, dos acontecimentos e ações que levaram até o presente, uma reconstrução de sua própria história.

O silêncio é um documento em si difícil de ser tratado e utilizado, pois permite encontrar seus rastros, mas seus motivos são constantemente obscuros ou turvos. A valorização do avanço (social ou econômico) conquistado parece ser mais um dos elementos para a ausência memorial de certos momentos, pois, como dito anteriormente, alguns acontecimentos específicos são desconhecidos e/ou não comentados. A vinda complicada, as dificuldades na nova terra, o estabelecimento na cidade, a complexa crise econômica da primeira metade do século XX, como sobreviveram e deram boa vida aos descendentes, todos estes são temas amplamente abordados, em profundidade e são de momentos históricos distintos, mas o problema com os fazendeiros, o apedrejamento da escola e da igreja e, a perseguição e vigilância varguista, por outro lado, são assuntos pouco comentados nas entrevistas.

Dessa maneira, a ausência acaba sendo fortalecida por movimentos externos e internos, entretanto, devido às próprias contradições existentes na sociedade e no próprio grupo étnico, esse período das guerras mundiais começa a ser iluminado, mesmo que pouco. Em oposição à perseguição político social, o interesse acadêmico pelo tema faz com que as atenções voltem para o que o grupo tem a falar, a discriminação e vigilância para que não falem se transforma em incentivo para que contem suas histórias. Contrariamente ao ocultamento de informações para valorizar suas conquistas, o orgulho do pertencimento étnico e da história das dificuldades enfrentadas, vem desvelar os acontecimentos desfavoráveis, até mesmo para exaltar suas vitórias. Ambas as contradições, favoráveis à reconquista memorial acabam por serem vistas na realização da presente pesquisa, a academia ao permitir a própria realização da mesma demonstra o interesse em ouvir o que tem a ser relatado; enquanto que os entrevistados, o próprio pesquisador e outros acadêmicos citados vem apresentar a história de seu (ou um de seus) grupo(s) por motivações científicas e étnicas.

2.9 Uma sobreposição do tempo e do espaço na etnia

Toda vivência humana se dá no tempo e no espaço, trata-se de uma constatação básica nas ciências humanas e mesmo delimitadoras iniciais de uma pesquisa, estipula-se uma data de estudo e um recorte geográfico em que se visa pesquisar. Tal relação é inevitável, todo acontecimento se desenrola dentro de um período histórico e em uma localidade geográfica, toda ação se efetua no tempo e no espaço:

> toda mudança no "tempo" é uma mudança no "espaço". Não devemos deixar-nos enganar pela idéia de que seria possível ficar em repouso "no espaço" enquanto o "tempo" escoasse, pois, nesse caso, nós mesmo seríamos a entidade que avança na idade. (...) A mudança pode operar-se em nós num ritmo lento, mas nem por isso é menos contínua "no tempo e no espaço" (ELIAS, 1998, p. 81)

Norbert Elias (1998) possui uma interessante visão da presença humana, segundo sua teoria, o ser humano se apresenta em cinco dimensões, das quais: 3 são as espaciais (altura, profundidade e largura), o tempo seria a 4ª dimensão, a qual pode ser compreendida como uma constante continuação (que pode ser dividida conceitualmente em "passado", "presente" e "futuro"), por fim, há uma 5ª dimensão, a simbólica, a das construções e relações humanas, que permitem localizá-los também. Sobre a 5ª dimensão elisiana:

> Os homens são figuras inseridas de tal modo no espaço e no tempo que, a qualquer instante, sua posição pode ser localizada e datada. (...) Uma quinta coordenada deve permitir situá-los, bem como ao conjunto de sua experiência e sua atividade, na trajetória que eles descrevem através do universo simbólico que é o lugar de sua coexistência. (...) tudo o que é passa por consciência no intercâmbio entre homens, e que é pautado nela, provém dessa dimensão (...) Estão sempre em evolução, estão sempre se transformando no que são (ELIAS, 1998, p. 106)

Portanto, Elias liga o tempo, espaço e dimensão simbólica/relacional. O conhecimento e os símbolos estão relacionados ao tempo e espaço, sendo tal situação também referente ao grupo étnico e sua cultura, que se alteram no tempo e espaço. De tal modo, a compreensão do imigrante e a relação do seu conhecimento adquirido em outro contexto espaço-temporal, o europeu, com o novo, brasileiro, se mostra campo fértil de estudo.

A ação de um determinado grupo no país, em uma dada espacialidade, apresenta a sua cultura, alterando o espaço conforme os seus pensamentos e anseios. Roberto Lobato Côrrea compreende a ação no espaço de duas formas ou escalas temporais, em práticas e processos espaciais. As práticas, de um período mais curto, envolvem ações majoritariamente individuais, enquanto os processos têm características sistêmicas, longo período, conjunto de ações, dos movimentos humanos e suas diversas atividades. Como aprofunda o autor:

> As diferenças sócio-espaciais (...) resultam da acumulação de inúmeras formas e interações espaciais desenvolvidas em um período de tempo de certa duração. Esse acúmulo, por sua vez, é o resultado de processos e práticas espaciais. (...) Postos em ação pelos diversos agentes sociais da produção do espaço, os processos espaciais constituem um movimento de massa, envolvendo uma seqüência sistemática e regular de ações em um período de tempo relativamente longo. (...) As práticas espaciais constituem ações espacialmente localizadas, engendradas por agentes sociais concretos, visando a objetivar seus projetos específicos. Constituem ações individuais, não necessariamente sistemáticas e regulares, caracterizadas por uma escala temporal limitada. A natureza pontual no espaço e no tempo estabelece a

> distinção entre prática espacial e processo espacial. (...) A singularidade da prática espacial transforma-se, pela ação sistemática, regular e de maior escala temporal, envolvendo uma ampla porção do espaço, em processo espacial. (CORRÊA, 2007, p. 68-69)

No caso do grupo estudado, trata-se tanto de práticas, quanto de processos espaciais. Inicialmente, o grupo é inserido em uma lógica, parte do processo espacial, do país se direcionando ao fim da escravidão, com a gradual mudança para o sistema contratual, do escravo ao trabalhador livre, sendo que não foi algo alterado imediatamente; enquanto que, o imigrante, motivado pelas possibilidades de exercer suas práticas espaciais na nova terra, da oportunidade de trabalho e enriquecimento, vêm ao país como elemento chave nesse processo de alteração do tipo de trabalho. O conjunto de suas práticas vão alterando a realidade local, e com sua ação contínua no tempo fortalecem e/ou redirecionam processos ocorridos no desenvolvimento do trabalho nos cafezais e no crescimento das cidades do interior. Dessa forma, as práticas "importadas" vão sendo modificadas, enquanto alteram os processos já existentes, do estranhamento inicial, o grupo alemão ganha importância de vanguarda no avanço dos processos espaciais, unindo-se a eles, posteriormente, outras levas de imigrantes, majoritariamente italianos e ibéricos, também com suas práticas.

Como vimos, o pensamento e principalmente o conhecimento tem importante ligação com o espaço, sendo que muito que sabiam fora (e tivera que ser) adaptado para a nova realidade. Poderíamos então pensar em duas sobreposições espaciais para o caso, o intercontinental e o rural/urbano. Sendo que o imigrante trazia consigo o bojo de funções utilizadas no campo e na cidade europeia, a sua primeira questão era reutilizar este na América.

> a cultura permeia a comunidade étnica na qual foi concebida, orientando suas ações e relações com o espaço, materializando neste suas particularidades, suas singularidades responsáveis pela individualidade dos lugares. Salienta-se que estas características pressupõem símbolos comuns, funcionando como mecanismos de reconhecimento entre os membros de um mesmo grupo social, ao mesmo tempo em que os diferenciam dos demais (BRUM NETO; BEZZI, 2008, p. 255)

Enquanto o processo de compreensão da nova realidade e como poderiam utilizar seu conhecimento ocorriam, outra questão também se fez presente, a sobreposição do urbano e do rural, com o conhecimento do campo sendo utilizado em área urbana, principalmente com a utilização dos quintais para até mesmo melhor exercer seu *know-how*, seja para vender o que plantavam, produzir um produto ou mesmo consumo próprio. Vê-se, portanto, que o campo continua, mesmo que em menor escala, na vida urbana, inicialmente não somente como um

adendo, mas como aspecto indispensável para essa nova condição. Podemos ver em Santos essa relação entre os saberes herdados com as novas condições e saberes adquiridos, as quais se juntam por motivos simbólicos, mas também funcionalmente:

> O enfoque geográfico supõe a existência dos objetos como sistemas e não apenas como coleções: sua utilidade atual, passada, ou futura vem, exatamente, do seu uso combinado pelos grupos humanos que os criaram ou que os herdaram das gerações anteriores. Seu papel pode ser apenas simbólico, mas, geralmente, é também funcional. (SANTOS, 2006, p. 46)

Tais diferenças entre o antigo e o novo são destacadas devido à sua distância temporal, mas também física. A relação com o espaço, também a forma e possibilidades de trabalho nele, indicam uma realidade específica, formado em um dado momento histórico, mas que pode ser transmitido/herdado em nova situação (desde que adaptado).

> O uso produtivo de um segmento de espaço num momento é, em grande parte, função das condições existentes no momento *t-1*. De fato, o espaço não é uma simples tela de fundo inerte e neutra. Cada combinação de formas espaciais e de técnicas correspondentes constitui o atributo produtivo de um espaço, sua virtualidade e sua limitação (SANTOS, 1977, p. 89)

Dessa forma, coexistem no terreno possuído pelo imigrante 4 "realidades" (ou origens de conhecimento), o urbano e rural que possuíam na Europa (ou que seus ancestrais viveram), juntamente com os casos (urbano e rural) do interior do Estado de São Paulo. Entretanto, tal realidade não se finda em si, mas faz parte da sociedade local, a modifica, entra em contato com outras sobreposições de tempo e espaço, o imigrante traz a essa nova realidade as bases urbanas e comerciais para o crescimento industrial acentuado posteriormente, o qual também fizeram parte, seja enquanto funcionários ou industriais (lembrando o capítulo 1, que no processo urbanizador, criou-se indústrias domésticas).

Outro fator importante, trata-se da vanguarda de progresso que tais imigrantes trouxeram, representando não um complemento a um avanço, mas parte integrante, quiçá essencial nesse processo urbanizador. Tal questão, mostra-se interessante, principalmente se levarmos em conta as teorias de que o imigrante e seu descendente acabavam por "abandonar" sua cultura e "adotar" a local, talvez, levando em conta o conhecido, poderia se dizer que se trata do oposto nesse caso? Obviamente não coadunamos com esse pensamento, e tampouco com a sua inversão, porém não deixa de ser um interessante exercício questionador de algumas "certezas" antes propagadas. Trata-se de uma realidade de difícil análise, tendo em vista suas constantes e múltiplas influências, ainda mais com o conjunto de populações que vão compondo

a sociedade rio-clarense com o tempo. Talvez seja, até mesmo, se não uma impossibilidade, uma situação de difícil análise:

> As visões totalizantes, por mais atraentes que sejam, nunca conseguem captar todos os sentidos e significações do urbano, quando a paisagem é criticamente lida e encarada como um texto geográfico abundante. Há demasiados *auteurs* (autores) por identificar, a *literalité* (materialidade?) do ambiente fabricado é multiestratificada demais para que possa falar por si (SOJA, 1993, p. 298)

De certa forma, poderíamos mesmo afirmar que o *dialogismo* e *polifonia* de Bakhtin se aplicariam em partes quanto às "realidades" sobrepostas, pois os conhecimentos que se mantém presentes, mesmo que tenham sido originados/ditos por outro (indivíduo/sociedade), se relacionam com a atual. Há o contato direto de diferentes situações historicamente aprendidas em constante diálogo, com alterações mútuas e contínuas, em uma sucessão de mudanças e acréscimos conforme o passar do tempo. (Seria, pois, um dialogismo espacial?)

Nota-se, desse modo, um mosaico tempo-espacial na composição urbana e rural da cidade que vai além da sobreposição dos diferentes resquícios temporais históricos desse local, mas ali há a intervenção de "realidade(s)" histórica(s) de outro(s) continente(s). São fluxos, de conhecimento, econômicos, políticos, sociais, enfim, de diferentes tempos e locais:

> O espaço é o teatro de fluxos com diferentes conteúdos, intensidades e orientações. O espaço total é formado por todos esses fluxos e por todos os objetos existentes. Estes são intermediários, formando redes desiguais e de características diversas, que se superpõem, emaranhadas em diferentes escalas e níveis e se prolongam umas às outras, desembocando em magmas resistentes à "resificação". (SANTOS, 1999, p. 14)

Também importante, é a relação simbólica com o lugar, principalmente o estabelecimento de memórias:

> Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. (POLLAK, 1992, p. 3)

A memória traz em si conhecimentos e formas de ser/estar do grupo, também dá novos significados para a cidade que passam a fazer parte. Aquilo que fora aprendido modifica onde se encontram atualmente, do mesmo modo em que a nova pátria começa a fazer parte das suas experiências de vida.

O imigrante, dessa forma, não é somente um elemento que fora incorporado em uma realidade diversa, o oposto acontece, traz consigo seu antigo modo de vida. Ele não desaparece em uma nova condição, mas a sua forma de ser e interagir com o espaço se mistura com a que aqui já estava, assim, surgindo uma nova condição onde ambos se tornam tão imbricados que dificulta ver a sua fronteira, se ainda esta existir. Como bem explica Santos, a influência é múltipla e faz parte da relação da técnica/conhecimento com o lugar:

> Os lugares, já vimos, redefinem as técnicas. Cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes. (SANTOS, 2006, p 37)

Não se visa aqui se construir uma visão teleológica da relação tempo-espaço; não há intenção de defender qualquer tipo de grande narrativa que condicionaria a humanidade, a diferença e sobreposição de "realidades" em um espaço não significam uma superioridade de um ou de outro. O que se objetiva é mostrar como conhecimentos obtidos em diferentes momentos históricos coexistem no espaço e na etnia, saberes que foram adicionados em outro contexto, mas que se fazem presente, mudam a realidade atual, enquanto que esta limita sua ação e acrescenta mais informações e experiências para o indivíduo e seus grupos (étnicos, econômicos, sociais, etc). Não se objetiva possuir a resposta última da importância desse grupo étnico na cidade, compreende-se que se trata de uma atividade complexa, mas válida:

> Nem tudo pode ser entendido, as aparências, assim como as essências, são persistentemente enganosas, e o real nem sempre pode ser captado, mesmo numa linguagem extraordinária. Mas isso torna o desafio mais instigante, especialmente quando, vez por outra, tem-se a oportunidade de decompor tudo e reconstruir o contexto. A reafirmação do espaço na teoria social crítica – e na práxis política crítica – dependerá de uma desconstrução contínua de um historicismo ainda oclusivo, e de muitas viagens exploratórias adicionais às heterotopias das geografias pós-modernas contemporâneas. (SOJA, 1993, p. 299)

A cidade acaba, dessa forma, se misturando em uma sequência de conhecimento, expansão e progressos, que anteriormente alheia, agora, com a presença do imigrante, faz com que esta não somente se faça presente, mas se torne parte cada vez mais indistinguível da sua formação e transformação. O que fora um dia externo, distante, torna-se parte do que a cidade é, quebrando as barreiras (não necessariamente todas) que poderiam haver entre diversas formas de sociedade. Realizando mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas, mútuas entre os diversos elementos que compõem o município de Rio Claro.

Capítulo 3

Imigrantes e Descendentes nos Conflitos Mundiais e Regional

Explicado a ligação de diferentes teorias e metodologias no capítulo anterior, torna-se possível o aprofundamento do estudo quanto ao período focado pela pesquisa e a análise feita quanto aos acontecimentos e a sua importância para a cultura dos alemães em Rio Claro.

Em conjunção à narrativa histórica dos acontecimentos referentes às guerras mundiais e, também, à Revolução Constitucionalista de 1932, abordando os anos de 1914-1945, está situada e analisada partes dos relatos, os quais vem a complementar com riqueza de detalhes as vidas dos imigrantes e descendentes e toda sorte de dificuldades enfrentadas por estes e/ou seus familiares.

Os relatos, portanto, neste capítulo, são utilizados enquanto valiosas fontes de informação, as quais são complementadas pelos documentos familiares dos depoentes e, também, documentações do período, realizando desse modo, não somente a compreensão do relato, mas a contraposição documental dos acontecimentos. Assim, consegue-se não somente uma variação de fontes, mas também diferentes visões dos fatos partindo da posição histórica dos seus realizadores.

Com as violências sofridas durante as guerras mundiais, nota-se um afastamento do imigrante e descendente de alemães com a sociedade local, com estabelecimentos simbólicos e mesmo suas residências depredadas, mas a Revolução de 1932 conseguiu, mesmo que por um breve momento, reaproximá-los? Até que ponto o alemão continua sendo o inimigo da nação ou passa a ser o companheiro e aliado paulista na Revolução Constitucionalista contra Getúlio Vargas, também é importante elemento analisado neste capítulo.

3.1 Algumas considerações

As relações do grupo étnico estudado com a sociedade possui diversas ramificações no tempo e entre os indivíduos, pode-se dizer que se tratou de um período, de maneira geral, prejudicial e contrário aos de origem alemã, porém colocar a todos os indivíduos de uma sociedade como inimigos de uma determinada etnia seria um erro (nesse ou em qualquer outro

caso). O contato humano é complexo, a variação de aproximação ou repulsa se faz presente, tanto para as relações entre o grupo étnico com o Estado ou com a sociedade.

Como veremos de maneira mais aprofundada a seguir, com os relatos e, também, com os diferentes acontecimentos que os fatos nos mostram sobre cada momento histórico estudado (Primeira Guerra, Revolução de 32 e Segunda Guerra Mundial), as relações entre indivíduo, sua família, o próprio grupo no qual pertence, sociedade (grupos próximos ou não) e o Estado, não foram homogêneas no tempo. Não se deve esquecer que o alemão ou descendente é integrante da sociedade e um cidadão sob o Estado, portanto, é elemento constitutivo desta realidade, não se trata de um grupo em território estrangeiro e que não está diretamente envolvido nas questões e dificuldades daqueles que os cercam. Logo, por mais que tenham suas características específicas, o grupo faz parte de um conjunto de povos e dependendo da situação não é visto como um grupo em específico, o étnico, podendo ser a visão de estado federativo, paulista, interiorano, brasileiro, ou quanto à condições econômicas como rico, pobre, enfim, as condições do momento influenciam como o indivíduo será tratado por outrem.

O descendente apresenta, não somente a sua composição étnica, regional ou nacional, ele os é (sim, no plural), e mais ainda, tal situação pode mostrar-se até mesmo contrária uma a outra. O indivíduo, ainda mais no período analisado, é visto de muitas formas, comecemos pela étnica, ele é e se vê como culturalmente alemão, mas é considerado brasileiro, pois faz parte da sociedade; ele é brasileiro, mas por ter origem alemã, nos períodos de guerra mundial, é visto como alemão, inimigo infiltrado, detrator do Brasil; tal constatação é também expandida ao ser paulista, durante a Revolução de 32, ele é um brasileiro do estado federativo de São Paulo, não um invasor estrangeiro. Dessa forma, compreendido a situação para com o outro, devemos entender o indivíduo, ele se considera, tem laços afetivos e de lealdade, com o fato de ser alemão, brasileiro e paulista, sendo o embate dessas três características na realidade vivida, também refletida na sua concepção de si mesmo e da sua ação na realidade.

Desse modo, o estudo realiza um recorte de grupo, mas levando em conta a sua variação interna e as interpretações que outros possuem deste. A composição étnica, culturalmente estrutural para a formação do indivíduo, se relaciona com diversos aspectos e condições de vida, entretanto, cada herdeiro dessa etnia possui outros laços e pertencimentos, os quais também são importantes no convívio social e possibilitaram aproximações e distanciamentos.

Por mais que a pesquisa se foque nos alemães étnicos do município de Rio Claro, alguns fatos e acontecimentos referentes à política nacional e internacional são tratadas, enquanto

relacionadas diretamente ao grupo étnico. A abordagem desses acontecimentos e relações se baseia de maneira aproximada ao capítulo 1, sendo a situação brasileira de maneira geral e local, a vida do alemão e de seu grupo e, também, a influência externa nos acontecimentos descritos e estudados.

Essas 3 frentes de visão são abordadas mais profundamente no período da Segunda Guerra Mundial, onde, através de documentos referentes à espionagem do período, nota-se uma forte presença externa não somente na propaganda, mas também nas ações da população. A forma de obtenção dos dados desses 3 pontos de observação, principalmente quanto aos aspectos da notícia, serão, além da bibliografia do período, documentos do governo varguista para a visão nacional e as influências externas notadas, os documentos do FBI (Federal Bureau of Investigation) quanto à procura de influência nazista na américa latina e, o principal conjunto documental da pesquisa que são os relatos orais.

Essa abordagem visa trabalhar o global, nacional e local, mas dando ênfase ao último, pois é o foco principal da análise e -se pensarmos na realização das entrevistas- constatação e solidificação documental da memória desse povo.

Por fim, como já abordado em extensão sobre a memória no capítulo anterior, os relatos apresentam lacunas em certos aspectos, sejam esquecimentos, não vivência direta ou qualquer outra situação/motivo. As entrevistas, assim, são utilizadas em conjunto, complementando-se, sem com isso negar ou negligenciar a importância individual do relato.

3.2 A guerra da informação

Com os conflitos mundiais, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, sob o governo varguista, o acesso à informação, principalmente dos alemães e descendentes, foi controlado para impedir que o "inimigo interno" obtivesse conhecimento dos acontecimentos do país ancestral de sua etnia.

Em posição contrária ao que fora vivido no século XIX, mas com similares "frentes" (o imigrante, o poder nacional e os externos), a questão da informação passa de impedimentos à saída (informações quanto às condições nas fazendas) para impedimentos – principalmente – à entrada (sobre os acontecimentos da guerra; mas também quanto à saída, em caso de

espionagem). Isso de maneira geral, entretanto, a notícia em si tem um peso que varia conforme a situação se apresenta, pois certas mudanças políticas, sociais e econômicas mudam o quadro.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a circulação das notícias de um ataque ao navio brasileiro efetuado pelo submarino alemão levou ao descontentamento da sociedade, a qual, como já vimos, vandalizou construções importantes quanto à cultura alemã em Rio Claro. Nesse primeiro momento, o que se fez mais presente foi o peso da notícia, a qual impactou diretamente a vida dos imigrantes e descendentes, que sofreram violência direta de uma aglomeração querendo reparações. Nesse momento, o governo agiu a preservar a ordem e destacou um batalhão para evitar maiores danos.

Entretanto, pelo menos quanto à realização das entrevistas da presente pesquisa, não foram constatadas proibições ao acesso de informação dos alemães durante a Primeira Guerra. O contato com as notícias, contudo, era de grande tristeza para com a situação de maneira geral, mas as memórias eram majoritariamente com relação ao segundo conflito mundial.

O contato com a notícia, no caso da Revolução de 32, pode ser compreendida pelo interesse no próprio estado federativo, as consequências econômicas e políticas, além dos acontecimentos conflituosos que poderiam chegar, literalmente, até eles. As informações sobre o conflito causavam medo, sendo rápida e direta a propagação de certos fatos, deixando receios e preocupações constantes no cotidiano. Os alemães, sejam imigrantes ou descendentes, criavam ligações para com os demais grupos, não parecendo sobressair neste momento a questão identitária étnica, e sim a questão do conflito nacional. Quanto ao posicionamento frente aos acontecimentos, também não seria correto afirmar ter existido uma coesão de posicionamento para todos os alemães, sendo não somente uma questão de variabilidade interna do grupo, mas um assunto que não necessariamente focou ou realçou a questão de sua origem.

Tanto no período em que os ancestrais trabalhavam nas fazendas, como durante a 2ª Guerra Mundial, a informação e sua propagação tornou-se um problema. Possuidores de suas específicas condições temporais, ambos os períodos, todavia, se assemelham quanto à influência de complexas relações à nível global impactando a liberdade de cada alemão.

Anteriormente, sob o julgo das vontades e possibilidades de lucro do(s) fazendeiro(s), as cartas escritas pelos imigrantes eram lidas pela censura implantada nos cafezais para se evitar que o fluxo migratório vantajoso acabasse ou diminuísse. O escrito feito por um indivíduo poderia alterar toda uma rede estabelecida entre diferentes países, que abordava interesses

econômicos, políticos e sociais, logo, a informação continha um poder devastador e, para evitar que este se realizasse, o conteúdo foi retalhado, enquadrado em uma narrativa que infertilizava qualquer possibilidade de mudança. O problema e a solução se basearam, portanto, na contenção, a informação não poderia sair da fazenda, enquanto estivesse presa na mente do alemão, ou sumisse na fumaça e cinzas da rejeição de determinado escrito, a ordem estabelecida, pelo menos em hipótese, se manteria.

Do poder local do fazendeiro, que comandava não somente suas posses, possuía poder e influência local, sendo mesmo juízes; posteriormente, a nova situação apresentaria um poder censurador ainda mais forte, de um ditador, líder não de uma localidade, região ou estado, mas de todo o país, se o fazendeiro era uma parte forte constituinte do Estado e daí lhe emanava o poder, o ditador usava o Estado como sua sela. Aos poderes externos de principalmente países europeus, somariam os norte-americanos, cada qual tentando dirigir os caminhos brasileiros para as suas vantagens conforme os idos da guerra. Porém, uma mudança seria a mais clara, forte e notável, se antes a censura visava calar ao alemão, passaram a fazer de tudo para, além de silenciar sua voz, também lhe tampasse seus ouvidos.

Um caso interessante de censura efetuada nas fazendas, é de uma carta de 30 de junho de 1857, traduzida e transcrita, da família Britschigi, comentando o fato de só conseguirem enviá-la, reclamando das condições para os familiares, pois foi entregue a um emissário suíço que fora observar as condições da fazenda, como denuncia os trechos que selecionamos:

> E, quando se cai nas mãos de um patrão como Vergueiro e outros mais, é fácil afundar em dívidas, pois todos sabem acrescentar juros elevados aos adiantamentos e as dívidas vão ficando cada vez mais altas. (...) E agora que um emissário vai fazer uma análise da situação, esperamos que as autoridades estabeleçam a ordem. (...) **E se eu não pudesse entregar esta carta ao emissário, não poderia ter escrito dessa maneira**. (BRITSKI, 2012, p. 53-54, grifo nosso)

E nas cartas da família se confirma o problema sistêmico já comentado, onde o imigrante se via em uma encruzilhada entre problemas de sua adaptação, de erros por parte dos fazendeiros e dos governos europeus, como vemos em outra carta, datada de 20 de abril de 1861, como mostra este trecho, quando eles já haviam feito o pagamento:

> **Pela última carta, concluí que não recebestes a carta que vos mandei pelo emissário**, na qual escrevi que o referido representante fez aqui uma inspeção rigorosa e, quanto à taxa cobrada por cabeça, ele mesmo reconheceu que era injusta. Prometeu falar com o Sr. Vergueiro e fazer o possível neste sentido, mas eu não sei se terá algum resultado. Eu, pessoalmente, já fiz o pagamento e nada espero receber de volta (...) pois **de acordo com o parecer do emissário, muito temos recebido de presente das municipalidades**. (BRITSKI, 2012, p. 54, grifo nosso)

A censura era, portanto, sistêmica, com bases censórias tanto da nação que os recebeu, quanto da que saíram, ou seja, tanto um elemento interno quanto externo estavam a prejudicá-los (o que, partindo de um ponto de vista sistêmico, pouco mudou posteriormente, as alianças visavam privar os imigrantes e descendentes de seus direitos, vistos até após a Segunda Guerra).

Também desse período, é a construção da imagem dos imigrantes como agentes comunistas, sendo que Vergueiro denuncia a Revolta de Ibicaba como um movimento comunista (tais denúncias podem ser vistas nos anexos da obra de DAVATZ, 1941, p. 264-266). Sendo, toda ligação a qualquer vertente política, desmentida por Davatz:

> Houve quem procurasse desacreditar meus esforços no sentido de obter assistência para mim e para os outros, atribuindo-lhes um caráter comunista e socialista, no peor sentido dessas palavras, ou afirmando que eu teria sido estimulado a tais esforços por terceiros. Como se fossem precisos aquêle "caráter" e esse estímulo de terceiros, e não bastasse um simples relance sobre o sistema de colonização e parceria para que eu me compenetrasse da necessidade de semelhantes esforços. (DAVATZ, 1941, p.135)

De condição de possível denunciantes e/ou comunistas que os imigrantes possuíam, seus descendentes passaram a ser encarados como agentes infiltrados, soldados inimigos, prontos a obedecer às ordens vindas de fora para destruir a nação brasileira. A mudança se tratou de agentes denunciantes para agentes denunciados, uma mudança de polos. Tal situação foi mais forte durante a Segunda Guerra Mundial, mas a construção do alemão como diferente já se notava fortemente durante a Primeira Guerra, o que contribuiu para as violências sofridas por essa comunidade em 15 de abril de 1917, o fundamento de tais atos aparecem demonstrados em uma charge no "A Picareta" de 16 de setembro do mesmo ano:

Imagem 1: Charge a respeito da Escola Alemã de Rio Claro, do jornal "A Picareta". In: ABREU, 2013, p. 157

A charge é ofensiva à comunidade alemã e contém a motivação dos ataques por ela sofrida anteriormente. A imagem demonstra alunos fardados com o elmo, remetendo ao império Guilhermino para relacioná-los aos fatos que estavam a ocorrer na Europa, os alunos se apresentam à sorte de vícios como o álcool e o fumo, brigando no fundo da sala e outro deitado de costas para o professor. O inimigo corruptor da moral brasileira ali se fazia presente, não bastava colocá-los como adoradores do *kaiser*, o seu criador ainda tinha que classificá-los como elitistas, violentos e depravados. A escola teria péssimas condições físicas (o que até contraria o próprio escrito que os classifica como elitista) e, nela está escrito "*Deutschland über alles*" ("Alemanha acima de tudo"). Apresenta-se, também, o que seria supostamente um mapa da Alemanha, o que simbolizaria o desinteresse com o novo país e a proximidade com a nação inimiga. O colégio étnico alemão fica assim caracterizado pela charge como um local de balbúrdia, depravação e treinamento para serem os inimigos infiltrados. Juntamente a imagem do imigrante alemão e os descendentes, seu local de ensino é também estereotipado, o preconceito ao diferente se alia à construção do oponente a ser destruído, estigmatizando-o.

Imagem 2: Fotografias do Kaiser Willhelm II. Esquerda: Wilhelm II, German emperor, 1859-194. Disponível em: <http://loc.gov/pictures/resource/cph.3b03017/> Acesso em: 05 fev. 2018; Direita: Reichard & Lindner; Gustav Liersch & Co. Wilhelm II. Disponível em: <https://www.dhm.de/lemo/bestand/objekt/95007746> Acesso em: 05 fev. 2018

A questão do uniforme, referência ao imperador Guilherme II, é feito exatamente para se reutilizar e ridicularizar uma imagem já propagada quanto aos alemães. O *kaiser*, em fotos, apresenta-se com vestimentas militares, elmo decorado, postura altiva e traz uma clara mensagem militar, belicosa. Pois, a imagem do kaiser visava impressionar:

> (...) um homem em vistoso uniforme, de botas, a couraça com reluzentes ornatos dourados, agressivos bigodes em forma de guidão de bicicleta (que passaram a ser conhecidos como bigodes à kaiser), olhar furibundo, o Pickelhaube (capacete de couro) encimado não por uma ponta de lança, mas por uma águia coroada de asas abertas, pronta para o ataque, as mãos apoiadas no copo de respeitável espada: eis a Persona, a máscara para impressionar adversários, aliados, o povo alemão e principalmente o próprio Guilherme. (ARARIPE, 2006, p. 322)

O maior agravante da charge em questão é de ser realizada posteriormente ao apedrejamento, pois sua existência acaba dando razões aos atos decorridos no início do mesmo ano, a violência se justificaria na intenção invasora de um império estrangeiro de atacar e corromper o Brasil por dentro. Portanto, o escrito da charge carrega informações ao que se propunha classificar, ou estereotipar, a comunidade alemã da cidade.

O texto inicia-se já com “Herr Professor”, para exacerbar o estranhamento quanto à língua alemã, e segue “Amar o kaiser sobre todas as cousas e o dinheiro como a nos mesmos”, o pertencimento étnico é confundido com lealdade nacionalista e o progresso que conseguiram (e que ajudou de maneira geral à cidade) é considerado como pensamento usurário, além de utilizar uma corruptela do “Deutschland über alles”, o substituindo por suposto amor ao *kaiser*. Com o trecho “só considerar como dignos da nossa espécie os que exibam um cheque ou possuam um pergaminho” estabelece o caráter elitista, não bastando serem os infiltrados, ainda seriam inimigos da massa, que seria inferior ao seu grupo. O enunciado: “nunca esquecer que o patriotismo e a moral são palavras muito bellas para illudir os tolos e nunca estender as nossas mãos aos operários, que afinal não nos podem offerecer banquetes nem dispensar proteções...” trata-se do acabamento da imagem pretendida, são imorais, antipatrióticos e elitistas, interessados somente na vida fácil e bons contatos. Por fim, é terminado a frase da construção preconceituosa com “E, viva a pandega!”, como se o elemento germânico tivera sido em algum momento elemento de quebra da ordem política ou social da cidade, e que continuaria sendo o destruidor da suposta moralidade e ordem estabelecida.

O processo de desumanizar o “inimigo” se efetiva na imprensa, se as relações entre o Brasil e a Alemanha já dificultavam a vida dos alemães étnicos da cidade, a construção narrativa (e iconográfica) vem fortalecer as bases do estranhamento e justificar violências. É uma referência de quem seriam os alemães, é fixado um conjunto (i)moral de características que estigmatizam a etnia e, complementarmente, dá legitimidade às ações da sociedade no momento e, também, à repressão de caráter estatal que viria a ser sofrida durante a Segunda Guerra, a qual teve união da vigilância efetiva realizada pela população.

O período da Segunda Guerra Mundial reavivou todos os estigmas criados quanto aos alemães, sendo um cenário criado a partir de influências múltiplas e que impactaram diretamente na vida da comunidade, a qual mesmo que não tivesse relações com o nazifascismo, sofreu diretamente dos jogos políticos e ocultos que se desvencilhavam no território brasileiro. Um período complexo, onde não foram poucas as frentes que agiram no país: a ditadura do Estado Novo, a propaganda varguista, a ação do FBI, do serviço secreto inglês, de espiões alemães, as discussões políticas com o eixo e os Estados Unidos para realizar alianças e, a imprensa. Nesta teia conflituosa, encontra-se o alemão paulista, onde as dúvidas, ressentimentos e medo de uma sociedade recairão sobre seus ombros. A imagem do inimigo infiltrado já se efetivara no primeiro conflito mundial, agora o objetivo era tolhê-lo da suposta possibilidade deste agir contra o país.

Assim, de maneira similar ao que ocorrera tanto na época dos cafezais e, posteriormente, mo primeiro conflito mundial, o segundo apresenta uma correlação entre os fatos, a conjuntura mundial impactava direta e indiretamente a vida do grupo étnico. O poder midiático conquista espaços rapidamente, exatamente por se tratar de uma frente de batalha, onde os interesses objetivados são conquistados para se efetivar ou impor posições quanto a uma determinada nação. Tais fatos, o conflito na frente informacional/midiática, não são desconhecidos entre os altos escalões, trata-se de um conflito aberto para a obtenção dos interesses de determinadas frentes do conflito mundial, ou seja, realizava-se, mesmo que financeiramente, o encaminhamento de certas notícias e posicionamentos favoráveis à um ou outro lado.

Os exemplos conseguidos quanto aos processos referentes à influência externa, na política e na mídia brasileira, não abordam especificamente o município de Rio Claro, mas permitem um panorama geral que o país passava e influenciava tanto as ações governamentais quanto à visão que possuíam dos cidadãos de origem alemã. Um dos exemplos de compra, ou venda, de notícias, mesmo que não envolvendo diretamente a cidade que nos focamos aqui, demonstra a situação geral do conflito informacional que ocorria no país, assim, em uma carta interceptada pela censura, um jornal oferece espaço em troca de auxílio:

> Estando "FOLHA DO POVO", desde antes da guerra ao serviço das forças democráticas do mundo, é Justo que ela possa pleitear deante das dificuldades que nos batem à porta a publicação, no que for possível, de materia remunerada.- V.S. achará justo, por certo, que se auxilie ao Jornal pobre e sem recursos, que defendendo a liberdade apenas quer o direito de viver.- Clichés, artigos , reportagens, tudo publicaremos com prazer.- Os srs. VIVIAN WIGG, em Rio Grande e MACHATTIE, aqui, poderão dizer da nossa conduta na imprensa. É esse o pedido que nos parece justo; um auxilio em troca de publicações, ao nosso jornal que é também pela mesma afinidade, do mesmo ideal, um jornal da Inglaterra.- Somos com admiração, companheiros na fé. (GV confid 1941.10.22, fl. 1)

A força da inteligência e das ações inglesas no Brasil, chegou a ponto de conseguir dominar totalmente a imprensa de alguns estados da federação, como vemos no caso de Pernambuco:

> Diz-se que a Polícia de Recife revista sistematicamente brasileiros e outros visitantes do Consulado Alemão em Recife, em busca de qualquer material de propaganda porventura alí distribuído. Êsse procedimento também é seguido em relação ao Consulado Inglês, mas como os britânicos têm o contrôle de toda a imprensa de Pernambuco, fica assim retirada aos alemães a única possibilidade de uma ação capaz de contrariar a influência inglesa naquele Estado. O Interventor já prometeu uma verificação disso, porém não parece que dê resultado, pois até nas livrarias são distribuídos, como dantes, os livros de propaganda britânica inimiga da Alemanha. (GV confid 1941.05.12/2, fl. 1)

O consulado alemão também percebia que a compra e venda de notícias, principalmente com os ingleses, estava em curso e que a comunidade alemã estava sofrendo ataques incentivados pelos jornais da época. Os seguintes trechos demonstram a preocupação da embaixada com o ocorrido (no caso é comentado certos fatos decorridos nos estados sulinos e na capital da época, Rio de Janeiro), informação obtida e passada por relatório à Polícia Civil:

> Um dos aspétos da campanha contra os alemães, tanto no Sul, onde a Imprensa continúa os seus ataques contra a Alemanha, como até na Capital da República, salientado pela embaixada, é a atuação do British Intelligence Service entre nós. Informaram-me que foram aumentados os creditos dessa instituição para operações no Brasil, nos ultimos dias, embora já fosse de 1.500 contos mensais, como já informei anteriormente a V.Excia. Declararam-me ainda que a campanha é multiforme, agindo sobre orgãos da imprensa, personalidades prestigiosas e agora, principalmente, atravez de uma campanha de boatos circulados, à boca pequena, nos cafés e logradouros públicos. Ha tempos, campanha semelhante e da mesma origem dirigia-se especialmente contra o Sr. Presidente da República e sua Exma. Familia; agora, a palavra de ordem é a seguinte: "depois que a Alemanha vencer na Europa, vae atacar o Brasil e tomar conta disto". (GV c 1940.05.31/2, fl. 5)

Notaram também, que a ação do serviço secreto britânico conseguiu influenciar a opinião pública, que acabava por agir em ação ao esperado pelo interesse externo, passando a tolher as liberdades do imigrante:

> Deploram ainda que os alemães residentes no Rio não possam mais visitar cinemas, bars, cafés e outros logradouros públicos, sob pena de serem molestados, especialmente si falarem alemão entre si. Este é um dos resultados da propaganda britânica (GV c 1940.05.31/2, fl. 4)

Em ambos os casos o que se nota é a ação de agentes britânicos no direcionamento da opinião pública para o seu lado e, com isso, as populações de origem alemã no Brasil acabavam ficando marcadas pela sociedade local, novamente, como inimigos infiltrados no país. O governo alemão, pelo menos quanto as pesquisas realizadas pelos agentes brasileiros, estava interessado somente quanto aos imigrantes, e não com os descendentes de alemães no país:

> A Alemanha não tem o menor interesse de natureza politica no Brasil. Veio, até uma ordem do Governo Alemão no sentido de que a Embaixada não tomasse conhecimento, nem se interessasse por qualquer caso em que estivessem envolvidos o que se costuma denominar teuto-brasileiros, limitando sua atuação, exclusivamente, aos Reichsdeutsche o que significa cidadãos alemães. (GV c 1940.05.31/2, fl. 1-2)

Os combates de propaganda entre as nações beligerantes, impunha a realidade mundial para a população, independente da vontade do Estado brasileiro, inserindo a todos nos fatos, ou melhor, construções, elaboradas pelas partes envolvidas, visando angariar defensores de suas

causas e influenciar a política nacional. Filinto Müller, em carta, passa informações obtidas à Benjamin Vargas, sobre o poder político e de divulgação da propaganda estrangeira:

> A propaganda feita no Brasil pelas potências beligerantes nao se coaduna em absoluto com a nossa neutralidade em face do conflito europeu e por isso está a merecer restrições dos nossos poderes públicos, para nao dizermos exterminio completo. Essa propaganda não traz nenhum beneficio em nosso país; nem aos beligerantes, nem a nós, por isso que a mesma, quando muito enriquecendo individuos inescrupulosos, causa somente males incalculáveis á dignidade nacional. Servindo aos interesses momentaneos dos países em luta, ela adultera premiditadamente a verdade dos fátos e da historia, pois são frequentes nos jornais e nos comunicados especiais distribuídos pela cidade, os maiores dispauterios com fóros de realidade intangivel, de modo que nos ensina, ao povo, coisas erradas, mentirosas e hipócritas, impondo-nos odio gratuito e simpatia apressada ás nações em luta e desviando quasi 100% a nossa atençao de nossas cousas, dos nossos interesses, para assuntos que só nas horas vagas deviamos considerar. (GV confid 1941.08.14, fl. 1)

Há uma verdadeira guerra de informação em território nacional, com tentativas de conquista de espaços divulgadores de propaganda. Esta situação se apresentou com mais força enquanto o Brasil permanecia na neutralidade. A tentativa constante de abafar o conflito propagandístico dos países em guerra e, assim, manter a neutralidade nacional também na opinião pública, é abordado em carta do chefe de polícia do governo federal, e chefe da polícia política, Filinto Müller:

> As mentiras divulgadas no Brasil são tamanhas e tão descabidas que é difícil imaginar como têm aceitação e como é que a paciência do nosso povo e do govêrno não se esgotam. (...) A propaganda beligerante da Inglaterra e Alemanha em nosso país assume proporção enorme, estando a merecer medidas drasticas do govêrno. (...) Nas casas comerciais, fabricas, bancos, etc., são distribuídos boletins, revistas, Jornais e outros, de propaganda, cheios de comentários tendenciosos, alemaẽs e inglêses, de acordo com as simpatias dos patrões, sem no entanto se notar o mesmo com referência ao que fazem no Brasil os nossos dirigentes. Aqui todos conhecem quem seja Eden ou Goering, mas muita gente não sabe quem ó o ministro de determinada pasta. (GV confid 1941.06.23/8, fl. 1)

Tais fatos, entretanto, não eram sem a consciência ou mesmo consentimento do governo, as ações de espionagem tinham campo amplo no Brasil, em um constante conflito entre inteligências internacionais, aliadas ao nosso governo federal, principalmente quando foi quebrado a posição de neutralidade frente ao conflito mundial. Em um trecho de carta de João Neves à Getúlio Vargas, vemos esta constatação, como situação comum e de cooperação informativa entre os agentes e o governo:

> Como sabe, os serviços de espionagem e contra-espionagem são aqui ativíssimos. Os nossos aliados dispõem de três em ação - o inglês, o norte-anericano e o polonês. Várias vezes os relatórios me têm sido comunicados sempre que haja em causa pessoas brasileiras. (GV c 1944.06.02, fl. 1)

A ação do FBI é possível de ser vista nos documentos referentes à sua investigação quanto à ação de nazistas e, posteriormente, comunistas no Brasil, tratava-se, pois, da continuação da política do *Big Stick*. A sua ação era de vigilância quanto aos fatos decorridos no país e, posteriormente, de auxílio e ensino à polícia para se procurar agentes infiltrados no país, os quais tinham objetivos de propaganda e de obtenção de informações quanto a América do Sul para os países do Eixo. Os registros do FBI constam o início, a cooperação brasileira e as conquistas, obtidas pelo Serviço Especial de Inteligência, ou SIS:

> A cobertura da SIS no Brasil foi inaugurada em outubro de 1940, quando o primeiro agente foi enviado para o Rio de Janeiro. A cobertura foi posteriormente expandida até outubro de 1943, quando um total de cinquenta agentes especiais e funcionários especiais foram designados para o país. Em agosto de 1946, quando foi iniciada a redução final de pessoal, havia vinte Agentes em toda a república. (...) Tendo em vista a atitude cooperativa do governo brasileiro, os objetivos fundamentais do SIS naquele país não eram apenas os de uma agência de inteligência, mas também os de uma agência que colabora no trabalho de aplicação da lei. (...) A realização mais notável das operações do SIS no Brasil foi a investigação de atividades de espionagem que levaram à descoberta de vários círculos em comunicação com a Alemanha por meio de transmissores de rádio clandestinos. (SIS History Part 03 of 08, 1947, p. 61, tradução nossa)

A cooperação entre o FBI e o governo brasileiro se efetivou enquanto formação dos oficiais para realizar as pesquisas e ações que julgavam necessárias. Neste trecho do documento do FBI, vemos dados a respeito das aulas ministradas aos oficiais do estado do Rio de Janeiro e de São Paulo:

> Já que a Polícia Brasileira desejava instruções, este Agente providenciou que, as palestras da Agência que foram entregues em Lima, no Peru, fossem traduzidas para o português. Essa série de 25 a 30 palestras foram ministradas pelo agente especial Larson aos chefes das várias seções da Polícia do Rio de Janeiro. Ele tinha várias cópias dessas palestras impressas e cada auditor recebeu um conjunto completo de palestras depois que ele participou do curso. (...) Em 9 de junho de 1944, o Agente Especial (censurado) iniciou uma série de dezesseis palestras perante o Departamento de Polícia de São Paulo, as quais foram bem recebidas. O comparecimento variou entre 100 e 120 oficiais, e filmes foram exibidos em conexão com essas palestras. Uma grande quantidade de publicidade apareceu nos jornais brasileiros como resultado e (censurado) sendo conhecido abertamente como um agente do FBI, assim foi descrito nos jornais. (SIS History Part 01 of 08, 1947, p. 229-230, tradução nossa)

Para que se obtivessem acesso à vida dos alemães, infiltraram-se oficiais, tanto brasileiros, quanto norte-americanos, entre a população de alemães e descendentes, para que fossem capturados espiões dos países do Eixo e, com isso, quebrar as redes, ou círculos, clandestinos de transmissão via rádio. No campo estratégico, o acesso a informação é fator

fundamental, desse modo, as medidas para que esta não fosse descoberta ou relatada, eram assim intensificadas:

> Entre 1942 e 1945 o Estado estava pautado na lógica da guerra, então era importante para o governo manter policiais infiltrados nas comunidades de imigrantes europeus e japoneses para descobrir possíveis agentes de informações. Realmente foram descobertos e presos alguns espiões estrangeiros, porem fica a dúvida se a repressão que as comunidades sofreram foi justificada pela infiltração destes agentes. Mas, para o governo Vargas, era uma questão de segurança nacional. (QUADRADO, 2014, p. 47)

Dentro dessa questão, o imigrante e descendente que acabavam sofrendo as consequências desses eventos, sendo proibidos de ter acesso às notícias do que ocorria no continente de origem. O medo de que seriam agentes infiltrados os tolheu a liberdade do acesso às informações, pois como um "infiltrado" poderia ter acesso às "ordens" enviadas por rádios amadores e o governo nunca permitiria isso. Dessa forma, toda uma população alheia às práticas de espionagem e sem interesse de se envolver no assunto, acabou sendo impactada negativamente. Todos os aspectos legais estavam a coibir o acesso do grupo étnico alemão ao rádio, juntamente com italianos e japoneses, que seriam "súditos do eixo" e, assim, não poderiam comprar devido à "ameaça" que representavam:

> Em 17 de Setembro de 1942, através do Decreto nº 4.701, o governo passou a interferir no comércio de aparelhos de rádio, transmissores ou receptores, seus pertences e acessórios. A medida, segundo a sua justificativa, visava à Segurança Nacional e restringia as transações comerciais neste segmento. Não se podia, por exemplo, "*transacionar com súditos alemães, italianos ou japoneses, pessoas físicas ou jurídicas, nem mesmo sob a forma de doação ou permuta*", conforme estava previsto no seu art. 2º. No art. 3º, a restrição se ampliava: "*Aplica-se aos particulares nos casos de venda, doação ou permuta, o que dispõe o artigo anterior*". A punição para quem violasse o exposto nos artigos anteriores estava prevista no art. 4º, do mesmo decreto: "*a mercadoria poderia ser confiscada e os responsáveis ficavam sujeitos a pena de reclusão de cinco a dez meses*". (JAMBEIRO et al, 2004, p. 118)

A compra de rádios era estritamente controlada e poderia resultar até mesmo em problemas para o vendedor, obviamente, muitos alemães deram um jeito de conseguir obtê-lo, por fora, como podemos ver no relato de Milton Schneider:

> *Um caso marcante também, foi que ele (Carlos Schneider) foi comprar um rádio pra ouvir notícias da guerra e ai, no começo, ia na estação de trem, o chefe da estação tinha um rádio, mas ele não era alemão. (...) Então eles escutavam de casas fechadas, escutavam notícias da guerra. E ele foi comprar um rádio, quando ele deu o nome, não venderam o rádio para ele, porque ele era alemão. Aí uma outra pessoa alemã não tinha poderio para comprar rádio, era caro na época né? E comprou no nome dele para dar para o meu avô, mas tudo escondido (-E quando escutavam, escutavam com a casa fechada?) É, baixinho o rádio, escondido... (mais adiante na entrevista, é retomado a questão do rádio) Precisava também o salvo-conduto, pra vender essa*

> *mandioca (...) Mas precisava o salvo-conduto para vender também, provar que ele era, com aquilo, provava que ele era alemão e podia vender, tinha ordem pra vender. E para comprar também, é que nem a história do rádio, o rádio um outro amigo dele que tinha salvo-conduto comprou um rádio, lembro até o nome, era Casa Castellano, em Rio Claro. Comprou o rádio como foi e deu pro meu avô, tudo escondido viu? Comprou, levou pra casa, depois deu escondido para o meu avô o rádio, aí ele escutava as notícias tudo em alemão, escutava no rádio dele, mas tudo escondido* (SCHNEIDER, 2018)

A dificuldade de comprar o rádio estava intimamente ligado ao medo da sociedade, resultante da imagem construída do alemão e descendente como espiões, como se fossem agentes que visavam a conquista da sociedade brasileira pelo eixo, recebendo assim ordens de como deveriam agir.

Entretanto, a questão do rádio no município de Rio Claro pode ser vista por duas frentes, por um lado a dificuldade imposta à sua compra aos de origem alemã e, por outro, a sua expansão, não somente do rádio, mas também do serviço de alto-falantes. Quanto à importância do rádio frente a outras formas, podemos ver:

> O rádio era a mídia de maior penetração, até por que atingia quase toda a população, incluindo os analfabetos. Pelo rádio formavam-se opiniões políticas, gosto musical, criava-se necessidade de consumo. Era o meio pelo qual a população recebia as informações e ouvia as notícias do mundo (MACHADO, 2012, p. 31)

A questão do rádio tinha uma grande importância para o regime varguista, principalmente quanto aos aspectos culturais e ideológicos, sendo assim, importante que os ideais fossem expandidos à população. O pensamento do governo deveria ser absorvido e a exaltação patriótica intensificada, através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda):

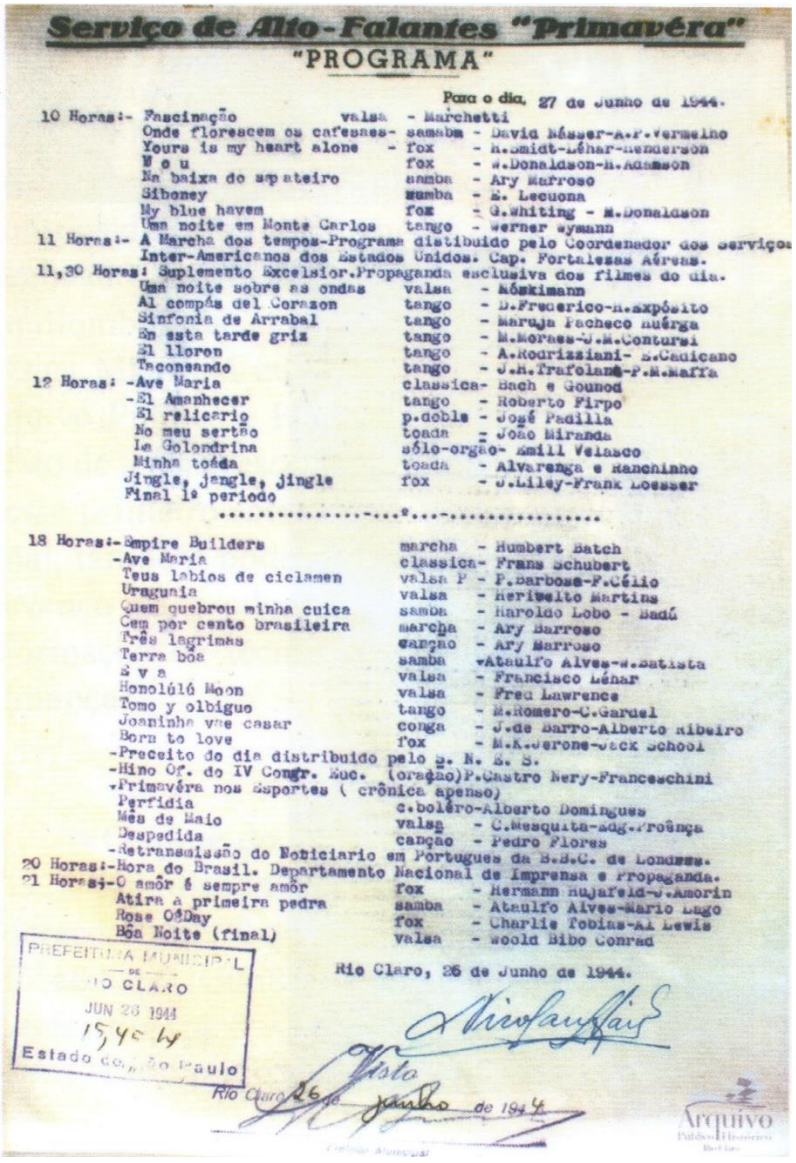
> O uso político do rádio esteve voltado para a reprodução de discursos, mensagens e notícias oficiais. Em 1931, foi criado o programa "Hora do Brasil", reestruturado em 1939, após a criação do DIP. O programa tinha três finalidades: informativa, cultural e cívica. Divulgava discursos oficiais e atos do governo, procurava estimular o gosto pelas artes populares e exaltava o patriotismo, rememorando os feitos gloriosos do passado. Nas cidades do interior, era reproduzido por alto-falantes instalados nas praças. (CAPELATO, 1999, p. 176)

O contato dos habitantes com as notícias era, portanto, ampla, abrangendo boa parte da população, ainda mais divulgadas por esse serviço de alto-falantes. Em Rio Claro vemos que:

> Em 1937, começava a se pronunciar no centro da cidade o Serviço de Alto-falantes "Primavera". Em 1941, foram instalados alto-falantes localizados à Rua 6, Avenida 2; praça da Liberdade; Avenida 1 e Jardim Público. Na sequência foi ampliado para o Largo da Boa Morte, Largo de S. Benedito, Santa Cruz, Aparecida, Vila dos

> Operários, Bairro Santana, Rua 1 e Avenida 20, Avenida 26 e Rua 2-A, Avenida 32 tendo se tornado a maior rede de alto-falantes do Brasil. (...) Além de anúncios de produtos, oferta de empregos, recados, resultados de jogos, mantinha um serviço de informação oficial (CAMPOS; et al, 2012, p. 221)

No livro dos 90 anos da ACIRC (Associação Comercial e Industrial de Rio Claro) (CAMPOS et al, 2012), podemos ver uma imagem, cedida pelo arquivo público de Rio Claro, que se trata de um programa do serviço de alto-falantes da data de 1944:



Serviço de Alto-Falantes "Primavéra"

"PROGRAMA"

Para o dia, 27 de Junho de 1944.

10 Horas:- Fascinação valsa - Marchetti
Onde florescem os cafesaes- samaba - David Nasser-A.F.Vermelho
Youre is my heart alone - fox - H.Smidt-Léhar-Henderson
M e u fox - W.Donaldson-H.Adamson
Na baixa do sapateiro samba - Ary Barroso
Siboney rumba - E. Lecuona
My blue haven fox - G.Whiting - M.Donaldson
Uma noite em Monte Carlos tango - Werner Eymann
11 Horas:- A Marcha dos tempos-Programa distibuido pelo Coordenador dos serviços Inter-Americanos dos Estados Unidos. Cap. Fortalezas Aéreas.
11,30 Horas: Suplemento Excelsior.Propaganda exclusiva dos filmes do dia.
Uma noite sobre as ondas valsa - Mönkimann
Al compás del Corazon tango - D.Frecerico-H.Expósito
Sinfonia de Arrabal tango - Maruja Pacheco Nuérga
En esta tarde griz tango - M.Moraes-J.M.Contursi
El lloron tango - A.Rodrizziani- S.Cadicamo
Taconeando tango - J.H.Trafolamé-P.M.Maffa
12 Horas: -Ave Maria classica- Bach e Gounod
-El Amanhecer tango - Roberto Firpo
El relicario p.doble - José Padilla
No meu sertão toada - João Miranda
La Golondrina sólo-orgão- Emill Velasco
Minha toáda toada - Alvarenga e Ranchinho
Jingle, jangle, jingle fox - J.Lilley-Frank Loesser
Final 1º periodo

18 Horas:-Empire Builders marcha - Humbert Batch
-Ave Maria classica- Franz Schubert
Teus labios de ciclamen valsa P - P.Barbosa-F.Célio
Uraguaia valsa - Heribelto Martins
Quem quebrou minha cuica samba - Haroldo Lobo - Badú
Cem por cento brasileira marcha - Ary Barroso
Três lagrimas canção - Ary Barroso
Terra boa samba -Ataulfo Alves-J.Batista
S v a valsa - Francisco Lénar
Honolúlú Moon valsa - Fred Lawrence
Tomo y olbigue tango - M.Romero-C.Gardel
Joaninha vae casar conga - J.de Barro-Alberto Ribeiro
Born to love fox - M.Jerome-Jack School
-Preceito do dia distribuido pelo S. N. E. S.
-Hino Of. do IV Congr. Suc. (oração) P.Castro Nery-Franceschini
-Primavéra nos Esportes (crônica apenso)
Perfidia c.bolero-Alberto Domingues
Mês de Maio valsa - C.Mesquita-Adg.Froença
Despedida canção - Pedro Flores
-Retransmissão do Noticiario em Portugues da B.B.C. de Londres.
20 Horas:-Hora do Brasil. Departamento Nacional de Imprensa e Propaganda.
21 Horas:-O amôr é sempre amôr fox - Hermann Hujafeld-J.Amorim
Atira a primeira pedra samba - Ataulfo Alves-Mario Lago
Rose O'Day fox - Charlie Tobias-Al Lewis
Bôa Noite (final) valsa - Woold Bibo Conrad

Rio Claro, 26 de Junho de 1944.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO JUN 26 1944 15,45 h Estado de São Paulo

Visto Rio Claro 26 de junho de 1944

Arquivo Público Histórico Rio Claro

Imagem 3: Serviço de Alto-Falantes "Primavera", programa de 26 de junho de 1944. In: CAMPOS; et al, 2012, p. 220

Podemos notar a presença norte-americana, inglesa e do governo federal nas notícias propagadas na cidade. Nesse programa de 26 de junho de 1944 vemos às "11 Horas:- A Marcha dos tempos–Programa distribuido pelo Coordenador dos serviços Inter-Americanos dos

Estados Unidos. Cap. Fortalezas Aéreas.". No início da noite depois de uma sequência de músicas iniciadas às 18h, temos "-Retransmissão do Noticiario em Portugues da B.B.C. de Londres.", seguindo às "20 Horas:-Hora do Brasil. Departamento Nacional de Imprensa e Propaganda" e terminando novamente com músicas. A presença do rádio e das notícias transmitidas se contrastam com a tentativa de evitar que os alemães tenham acesso à um meio tão difundido, até mesmo pela forma como eram vistos.

Assim, a desconfiança pelo elemento germânico se expandia e, conjuntamente, as suas construções emblemáticas são também alvos de dúvidas e suspeitas. Os marcos que carregam a adjetivação alemã(o) passaram a serem vistos com receio, e mesmo certas ações foram planejadas, se baseando somente na desconfiança, uma destas seria quanto à tentativa da retirada de um galo do vento da Igreja Luterana, pois este poderia ser uma antena de comunicação. Como vemos nos relatos de uma ex-estudante do colégio e, também, no livro de memórias da família Koelle:

> *O que implicavam muito era a torre porque tinha aquele galo na ponta, então eles achavam que aquilo era um... (fazendo gestos no ar indicando expansão pelo ar) pra transmitir alguma coisa da guerra, sabe? Foi, até eles queriam derrubar, tirar aquele galo lá de cima, então a gente tinha um pouco de receio* (PALOTA, 2019)

> - Sabe o galo da torre da igreja? – começou ela, divertida. – Pois bem, vieram uns rapazolas aí dizendo que que tínhamos de tirar o galo porque tinha implicação com Hitler.
> - O galo? – riu ele, incrédulo. – De onde tiraram essa idéia?
> - Quem sabe? O galo gira conforme o vento e acho que pensam que estamos mandando mensagens para Hitler, coisa assim. Imagine, queriam subir na torre já, para tirá-lo (TRIMER, 1994, p. 66)

Imagem 4: O galo do tempo, temido como se fosse uma antena de transmissão nazista. Fotografia do autor.

A condição internacional e a influência do FBI na política nacional, principalmente referente aos auxílios para evitar a infiltração de espiões nazistas, acabavam ocasionando uma situação extremada para com todos os descendentes das nações que no momento formavam o eixo. Não só limitando, ou dificultando, a vida desses grupos étnicos, como também, com auxílio da imprensa, destruindo sua imagem e reputação, dessa maneira aumentando, ou talvez até mesmo criando, problemas desnecessários entre os grupos que compunham a sociedade.

Contudo, apesar da proibição, os alemães possuíram acesso às informações, pois se preocupavam com os idos em solo Europeu e com a própria situação, o que mais acabariam tendo que enfrentar em decorrência desses fatos, os quais, não fosse a política varguista e a perseguição de espiões, pouco os afetariam diretamente. Vemos nos relatos esse intenso interesse nas informações, obtidas pelo rádio:

> *O meu avô, a gente morava no sítio, naquele tempo não tinha rádio, não tinha nada, então meu avô comprou um rádio só por causa de escutar a guerra* (HABERMANN, 2018)

> *Na verdade, jornal eu tenho certeza que não, pela pouca cultura, com certeza o rádio né? Aquele rádio que você ligava e demorava pra começar a falar, com certeza por ali* (BAUMGARTNER, 2019)

> *Naquela época tinha o rádio, radinho comum assim, a pilha era bem maior do que o rádio (...) E através daquilo lá, o tio Gumercindo (Fahl) que comprou um rádio daquele lá primeiro, pilha grande, gostava de futebol, comprou, daí a gente ia a noite lá ouvir o rádio, depois compramos um outro.* (FAHL, 2019)

> *Rádio na casa do meu irmão mais velho tinha, e a gente ia lá de noite pra assistir as notícias que falavam da guerra, naquele tempo que os alemães afundavam os navios ingleses, todo dia tinha o número de navios que afundavam* (WENZEL, 2019))

Os imigrantes e descendentes também conseguiam escutar as estações europeias, mas tal fato não passou desapercebido pelo governo que, preocupado com as ações de espionagem, retirava destes a sua propriedade, para que assim evitasse maiores riscos, reais ou imaginários, limitando-os às informações formuladas pelo DIP ou pelos aliados:

> Os colonos, em grande parte, possuíam o aparelho e ouviam através das ondas curtas emissoras da Itália e Alemanha, na língua que conheciam. Com a repressão, os aparelhos foram apreendidos e levados para as delegacias, ou selados (lacre, impedindo de ligar, com selo do DEOPS), causando descontentamento dos proprietários (FÁVERI, 2006, p. 200)

Não apareceram na pesquisa nenhum caso de apreensão de rádios, porém eles conseguiam ouvir as notícias também em sua língua ancestral, contudo nem sempre os entrevistados sabiam ou mesmo viram alguma importância nisto, o que demonstra a sua alienação para com os fatos, promovida pelos mais velhos visando protegê-los. Com o acesso às informações vindas da Europa, a pessoa podia ter acesso às construções narrativas mais diversas, para além das informações mais propagadas. Como vemos:

> *O meu avô (Jorge Isler), pai da minha mãe, ele era mais avançado, então ele morava no sítio, ali tinha água encanada, tinha luz, mas luz a bateria, então tinha o acumulador, tinha só lâmpada, e ele tinha rádio, a minha mãe ia com ele nesse tempo, e ele gostava de ouvir no estrangeiro e a turma ficava brava: "o que você tá entendendo ai no estrangeiro?", mas ele gostava nesse sentido, falava em outra língua, eu não sei se ele entendia alguma coisa, só sei que ele gostava de escutar o rádio noutra língua, mas agora se ele tava interessado em saber o que estava acontecendo e entendia a coisa, ai eu também não sei.* (ISLER, 2018)

> *O que papai (Frederico Büll) ouvia muito era a outra parte da Alemanha, porque só havia uma divulgação americana, então ele gostava de ligar o radinho dele para ver o que estava acontecendo na Alemanha* (BÜLL, 2018)

A preocupação com a pátria ancestral fazia com que o imigrante e descendente ficasse apreensivo com o que decorria, era uma situação de grande ansiedade e medo, o sentimento de pertencimento, ao saber aquilo que era reportado, feria-os em seu íntimo, estando sempre atentos a toda notícia possível. Esta angústia é percebida em:

> *Escutava os canhão lá no radinho dele (...) (-então sabiam da guerra pelo rádio?) Pelo rádio, porque jornal não tinha na época, era tudo pelo rádio, televisão não tinha (...) Quando ele (Otto Rathlew) escutava a música, ele ia lá e aumentava e já ficava perto. Eu tive contato, acho que foi nessa época que eu ficava aí, sabia mais da vida do rádio dele, (...) porque eu lembro dele correr pegar o rádio* (VERNA, 2019)

Não devemos interpretar erroneamente tais relatos, o interesse em saber da Alemanha, não é sinônimo de que colocavam o Brasil em baixa estima, o contrário é notado, a situação da guerra, além dos inúmeros empecilhos que sofriam, era fonte de grande tristeza e frustração. O desejo de que os países, o da origem étnica e a de suas novas raízes, fossem aliados é latente, além da constatação que este conflito nada acrescentava a ninguém. Alguns exemplos desse desejo de comunhão e de fim do conflito, podemos ver em:

> *Não deixava de ser o Brasil contra o país de origem dele, nosso, dele no caso, ele (Aníbal Fahl) entristecia muito, não gostava, quando via uma notícia assim se abatia né? O tio Jorge, (...) o tio Gumercindo, se abatiam quando falavam muito em guerra, assim assado, morreu tanto, atirou tanto, morreu um soldado aqui ou lá. Ficavam tristes, eles queriam aquela amizade mesmo, não tinha né?* (FAHL, 2019)

> *Não sentia-se bem, porque era um ditador terrível né o Hitler, então era contra por causa disso. Eles eram alemães, ficava... como é que vou me expressar agora, ficava tudo chateado de não poder comentar sobre a terra que vieram* (SCHNEIDER, 2018)

> *Nossa família tinha uma opinião em que a guerra não estava trazendo benefício nenhum, entendeu? Só estava beneficiando uma minoria de pessoas, então a guerra era uma parte de conquista de território (...) (-como ele se sentia a respeito da guerra?) Envergonhado, envergonhado porque não trouxe benefício nenhum, só destruiu* (BÜLL, 2018)

Outra forma de se obter informações era através dos jornais do período, assim, nota-se uma dificuldade da comunidade alemã em obter informações, mas conseguiram não ser totalmente tolhidos da possibilidade, pois possuíam uma forte relação com a sociedade local, além de que muitos membros já eram miscigenados. Quanto aos jornais, vemos a presença destes em ambas as línguas nos relatos:

> *Naquela época funcionava o rádio, o rádio que era o meio de comunicação e os jornais também, o Estadão, eu leio o Estadão desde menino (...) existia um jornal alemão também, o Deutsche Nachrichten em São Paulo, como existiam outros diários alemães e esses também noticiavam sobre guerra, sobre as notícias mundiais, etc. Então as informações eram através do rádio e da imprensa escrita* (KOELLE, 2018)

> *Mais no começo ficou sabendo por jornais, vinha muitos jornais pros que vieram de lá, vinha jornal pra eles né? Que nem tem hoje entregação por inscrito né? (-e qual era a língua dos jornais?) a linguagem que vinha era alemã* (SCHNEIDER, 2018)

Os jornais, aliados a conversas esporádicas, permitiam algum conhecimento da situação, havia, então, diálogo entre os diversos tipos de informação, pelo menos as que podiam acessar:

> *Não era sempre que se reunia né? Aí um falava alguma coisa, ou o jornal, os jornais que publicavam alguma coisa. Ou vinha algum freguês, conversava com meu pai (Jorge Antonio Eichenberg), então ai, eu não ficava sabendo, porque a gente era criança e não interessa né?* (PALOTA, 2019)

Os meios midiáticos traziam consigo uma visão de mundo, e elaboraram diversos modos de transmitir o desejado, a sua capacidade de absorção era tamanha que certos jornais ficaram gravados na memória. Como vemos no caso de Pedro Wenzel:

> *Da Segunda Guerra Mundial, eu me lembro quando começou, eu me lembro que os jornais tinham um que parecia a figura do Hitler em forma de caricatura, dizia: "Hitler vai invadir a Polônia" e começou assim aquilo lá, até que em 1939 ele de fato invadiu a Polônia e ai começou ne? (-e seus pais comentavam com vocês?) Ah comentava né? A gente lia jornais, eu era garoto, sempre me interessei muito, não podia comprar livro, não podia comprar jornal, mas qualquer pedaço de jornal eu lia né? (risos)* (WENZEL, 2019)

A construção do inimigo, do medo quanto à espiões infiltrados, de bases secretas, eram formulados pelo DIP e pelos aliados, tinham por objetivo conquistar a opinião pública com o medo de que algo estava a ocorrer no país. O imigrante e descendente não estavam alheios a essas construções narrativas, podiam acabar por também acreditar nelas, ou quiçá correlacioná-las aos problemas por eles enfrentados, como vemos:

> *Esse daí era meu pai (João Schneider) que contava (...) que um espião foi tudo rasgado, esfarrapado, sem arma, sem nada, foi lá, já chegaram e todo mundo apontaram, e o capitão: "não, não atira não". (...) ele fingiu até que acreditaram, que ele era surdo e mudo e coisa e tal, perguntava as coisas para ele e ele num... (...) era para ele saber o que estavam tramando lá, ficou lá, deram comida para ele, esse era um americano, ficou por inválido lá, ficou no meio deles* (SCHNEIDER, 2018)

> *Hoje você vê que revelações do passado, estão posto à frente do povo, base alemã, tinha a construção de uma base alemã no Brasil, (...) no Rio Grande do Sul, é, porque o Rio Grande do Sul, ele tem uma extensão muito grande pelo mar, certo? Então o sujeito, eles fizeram a base, para atacar os americanos* (BÜLL, 2018)

Dito isto, falta um último aspecto, também fundamental quanto às notícias, que é a propaganda varguista e a sua presença até mesmo entre os imigrantes e descendentes de alemães. Com os fatos decorridos durante o Estado Novo, esperávamos que a construção de Getúlio Vargas feita pelo grupo étnico seria, se não em totalidade, majoritariamente negativa, entretanto, o posicionamento para com a figura histórica mostrou-se mista, mesmo entre aqueles

que conheciam a gravidade que o período trouxe para eles, sua família e grupo étnico, mas por que possuíam uma boa visão? A resposta talvez resida exatamente na propaganda.

Da mesma forma que a imagem do alemão era construído, a de Getúlio Vargas possuía também uma narrativa que a suportava, o distanciando dos problemas do período. Criou-se um líder bondoso e generoso, que traz a sociedade para o avanço e progresso, assim estabelece uma distanciação entre a política e o líder, o qual por mais que seja político está "separado" de parte da realidade político-social.

Assim, o esperado, uma repulsa ao governo varguista, não se mostra, mas sim o oposto, Vargas não seria o responsável pela perseguição aos alemães, mas os responsáveis são a sociedade e a "política", esta sem face. Desliga-se, portanto, o líder das suas realizações negativas ao grupo, ele seria o governante bondoso que ajuda aos outros, a perseguição e proibição contra os alemães é culpa da política, mas não se aprofunda quem "é" a política, a imagem construída pela propaganda sobrepõe as ações do ditador, os problemas e os acontecimentos são notados, mas não se percebe de onde estes surgiram, há a separação da política do político.

Raoul Girardet (1987) em seus "Mitos e Mitologias Políticas", aborda o tema do líder, como ele é abordado/construído

> o tema do Salvador, do chefe providencial, aparecerá sempre associado a símbolos de purificação: o herói redentor é aquele que liberta, corta os grilhões, aniquila os monstros, faz recuar as forças más. (...) Do mesmo modo, o tema da conspiração maléfica sempre se encontrará colocado em referência a uma certa simbólica da mácula: o homem do complô desabrocha na fetidez obscura; confundido com os animais imundos, rasteja e se insinua; viscoso ou tentacular, espalha o veneno e a infecção... (GIRARDET, 1987, p. 17)

A propaganda varguista acaba por apresentar tais características, o líder bondoso, perseguido pela realidade política do período (nazistas ou comunistas infiltrados, espiões, plano Cohen, enfim...). Esta questão do líder contra planos maléficos, trata-se de um foco importante para a criação do mito do líder "salvador", que trará prosperidade à população:

> A nostalgia das idades de ouro findas desemboca geralmente na espera e na pregação profética de sua ressurreição. É bem raro, inversamente, que os messianismos revolucionários não alimentem sua visão do futuro com imagens ou referências tiradas do passado. O passo é rapidamente dado, por outro lado, da denúncia dos complôs maléficos ao apelo ao Salvador, ao chefe redentor; é a este que se acha reservada a tarefa de livrar a Cidade das forças perniciosas que pretendem estender sobre ela sua dominação. (GIRARDET, 1987, p. 12)

Tais construções são eficazes, tem seu apelo na população, visam exatamente colocar o líder com todas características favoráveis possível, o separando de ações persecutórias efetuadas pelo governo. Aumenta-se (ou mesmo se cria) os inimigos, que são desprezíveis, procuram destruir o líder e evitar que esse traga o tão esperado momento de ouro da nação.

Durante as entrevistas vimos dois casos da proximidade à Vargas, tanto de comentários de que familiares gostavam deles, como de próprios entrevistados o elogiando, porém, a questão do problema com os fatos decorridos no período é comentado anteriormente nas suas entrevistas, ou seja, a propaganda conseguiu seu intento em alguns casos: o ditador aparece descolado de seus atos, mas os indivíduos reconhecem a situação que enfrentaram.

A entrevista do senhor Schneider, podemos ver o conhecimento da gravidade do período e das ações que o grupo étnico sofreu simplesmente pelo fato de serem alemães, mas a sua leitura de Vargas está recortada do período:

> *Foi tão bom o governo, mas foi tão bom, que quem conhece a história de Getúlio Vargas... precisava ter um dedinho do Getúlio Vargas, você sabe o que é fazer uma Washington Luís com carrocinha e burro? Que homem! (...) Era ditadura né? Regime ditadura, a ditadura todo mundo era contra, foi contra, pô se está um ditador dessa marca que ficasse o mundo, a vida toda. Não é um ditador Fidel Castro, um Lênin da Rússia. Dava caderno para as crianças na escola. Ele renunciou, por conta dele e se candidatou na democracia, ele era tão bom que ganhou estourado (...) daí veio a história que ele se matou, (...) se matou nada, um homem desses não se mata. Eles mataram ele viu!* (SCHNEIDER, 2018)

A construção de pai dos pobres, que auxilia as crianças e promove o crescimento econômico é a imagem que se apresenta, mas foi Vargas o líder do período de perseguições aos germânicos, essa ligação não foi percebida. O momento das guerras mundiais possuiu forte aversão aos alemães por parte da sociedade e do Estado, mas o líder não, esse estaria cuidando dos necessitados e promovendo o desenvolvimento da nação, criando empregos, enfim, assim funcionou a efetiva propaganda varguista na sociedade.

Também aparecem referências à boa visão quanto à Getúlio Vargas, sem especificações:

> *Única coisa que eu lembro, que meus tios, vós, sempre se orgulharam do Getúlio Vargas, isso eu lembro, falavam bem do Getúlio Vargas, entendeu? Mas não sei porque eles falavam. Eu sei que eles falavam do Getúlio Vargas, gostavam do Getúlio Vargas.* (IOST, 2018)

Assim, podemos afirmar que o conflito de informações no Brasil e, também em Rio Claro - SP, afetou diretamente a vida da comunidade alemã, com a construção do estereótipo

do teuto como inimigo infiltrado, com a proibição do acesso deste "inimigo" à informações quanto ao que ocorria na Europa, e a propaganda varguista remodelando a opinião quanto ao ditador, descolando-o de suas ações.

A oposição quanto à Vargas, pode ser visto na participação da Revolução de 32, mas não é comentado a respeito do ditador em si, e sim quanto ao período histórico. O único que fez crítica direta a Vargas, foi o senhor Odair Büll, que teve contato com a face mais violenta do período (ou não conseguiram esconder dele), a sua opinião é como se segue:

> *Minha opinião? Então tá bom, vou dar a minha opinião! Era um vigarista! É... primeiramente, Getúlio Vargas pensava que era o ídolo brasileiro, tendeu? Então o povo divulgava o nome de Getúlio Vargas como se fosse um rei, era um vigarista de marca maior. Era ladrão como os outros, é mais ladrão que existe até hoje. (mais adiante retomo a pergunta quanto à opinião da família) Sobre Getúlio, minha família? Negativo! Minha família é total negativo! Hoje revelou muito mais coisa ainda! (-o que eles falavam sobre Getúlio?) Você viu o desastre do povo alemão? De criar um ídolo? Nós estamos criando um ídolo falso, foi o que o Hitler fez, criou a sua liderança falsa, ele não tinha objetivo de nada, só de guerra, só queria guerra, então o povo brasileiro estava nessa tendência, você entendeu? Essa tendência estava existindo muito descontentamento entre os governadores. É fácil criar uma imagem de uma pessoa, mas também é fácil você ter uma parte negativa dessa pessoa, é mais fácil positivo do que negativo.* (BÜLL, 2018)

Trata-se de um relato interessante, de quem conseguiu relacionar o líder político com as suas ações contra o grupo étnico. Entretanto, uma dose de autocrítica é necessária, a presente pesquisa não apresentou perguntas, logo condições, tão férteis no sentido de obter a opinião quanto à Getúlio Vargas, porém os relatos nos possibilitaram analisar a situação de maneira geral. Das 19 entrevistas realizadas, todos apresentaram certa tentativa de suas famílias no período de se manterem neutros quanto à realidade que se apresentava.

Quanto às notícias do período e a relação com o grupo étnico em Rio Claro, podemos afirmar que os alemães foram atacados, a cidade recebeu a influência propagandística norte-americana, inglesa e, obviamente, a brasileira, sendo os efeitos do enaltecimento ao líder presentes também no grupo. Por se tratar de um período de intensa vigilância, pouco se sabe quanto à opinião dos ancestrais com precisão cirúrgica, ainda mais pelo silêncio imposto pelo Estado e adotado pelo grupo como medida de proteção, mas a presença de apoio à revolução (como veremos adiante) é um indicativo de distanciamento da construção do líder "bondoso", de toda forma, a própria variação interna de um grupo étnico também está relacionada à posicionamentos políticos. Os alemães de Rio Claro, portanto, apresentaram grande interesse pelos fatos decorridos, tendo acesso à jornais, rádio e mesmo conversas com amigos da mesma

origem ou de outra etnia, além de sofrerem das construções que se fazia de um suposto grupo inimigo infiltrado. Porém, nem todos os danos sofridos foram à sua imagem e/ou reputação.

3.3 A violência, quando o discurso vira ação

Diversos acontecimentos do período são ocultos através do silêncio escolhido ou forçado. Seja por medo de possíveis consequências, imposições externas, ou mesmo para evitar problemas com o resto da sociedade no período ou posteriormente. Entretanto, tal situação apresenta-se enquanto quebra de um processo de transmissão histórica na etnia, tal rompimento, contudo, não impede a continuação cultural, mas sim o conhecimento mais aprofundado das consequências do período em lacuna.

Por se tratar de um outro momento histórico, muitos dos que viveram o período e souberam do que estava ocorrendo (seja por terem experimentado diretamente ou daqueles que os familiares não conseguiram evitar seu contato), apresentam tais informações ocultas, mesmo o período atual sendo de maior tranquilidade. Infelizmente, muitos ainda mantém estes fatos encobertos ou diminuem o acontecido, seja ao evitar contar sobre o período ou confrontos ocorridos, o que, obviamente, o fazem para evitar problemas e/ou reacender qualquer confronto ou desconforto desnecessário para o convívio do presente momento.

No recorte temporal analisado pela pesquisa, nota-se um período de oposição aos de origem alemã, principalmente nas guerras mundiais. Porém, nem toda oposição, discordância ou limitação eram feitas por leis injustas, preconceito, isolamento, impedimentos dos mais variados tipos, a inimizade construída pode escalar em suas proporções e se tornar violência direta, com depredação, furto, invasão ou mesmo confronto físico.

Tais acontecimentos de extremo desacordo ou mesmo irracionalidade é esperado de regimes autoritários como a ditadura varguista, mas simplificar tais fatos puramente a uma esfera também seria um erro. Para além dos visíveis atos de violência cultural ou física realizada pelo Estado, a Imprensa e a Sociedade também apresentam papel fundamental e ativo não somente na desumanização, mas também na materialização desses discursos em atos de extrema brutalidade completamente infundados. Obviamente, os posicionamentos dessas esferas variam no tempo, além de apresentarem uma diversidade de discursos, assim, as redes de informações, interpretações do outro e práticas sociais também variam.

Dessa forma, a violência se torna um assunto evitado, até mesmo abafado, numa tentativa de ser até mesmo esquecida, evitando assim reavivar dissabores. Porém, para a compreensão do período e da cultura do povo estudado, quebrar as barreiras impostas pelo silêncio, dentro das possibilidades ainda existentes e pouco comentadas, faz-se necessário. O objetivo, portanto, é abordar a violência tanto simbólica quanto física sofrida no período.

A violência apresenta-se de diversas formas, seja sua realização ou a possibilidade de tal. A Revolta de Ibicaba, na qual os ancestrais de parte dos moradores alemães de Rio Claro (e de outras cidades, obviamente) se prepararam para defender o Mestre-escola Thomas Davatz frente a uma ameaça, é um exemplo de possibilidade de ação à uma situação de conflito. Entretanto, a revolta fora abafada quando o boato de que Davatz estava sendo agredido caiu por terra, pelo mesmo.

A moral alemã, como já dito por Norbert Elias, tem uma face bem militarizada, assim, mesmo os mais pacíficos, caso fossem expostos a uma situação extrema, não necessariamente se conteriam (e nem mesmo avocamos para que tivessem se contido) frente à uma ação violenta contra si ou seus semelhantes. Na Revolta de Ibicaba, vemos o relato de Thomas Davatz em seu "Memórias de um Colono no Brasil", quanto à reação efetuada aos boatos:

> Apenas tínhamos dado uns cem passos e surgiram à nossa frente três suíços. Atrás desses vinham outros e por fim quase todos os colonos suíços e turíngios, inclusive diversas mulheres, em sua maioria armados de cacetes, foices, ancinhos, pistolas, espingardas, pedaços de pau, todos enfurecidos e prontos para arrasar a fazenda e exercer terrível vingança sobre os patrões. Tudo porque alguns ouviram dizer que eu ia ser preso na fazenda ou que me tinham apontado ao peito uma pistola, ou que... O pedido de socorro levado pelo menino à colónia circulou de boca em boca com a rapidez de um raio. E aqueles boatos não se fizeram esperar naturalmente. "Êle nem ao menos merece que lhe metam uma bala no crânio...!" Se tais palavras foram efetivamente pronunciadas, não se perderam no ar. E o pessoal convenceu-se de que tinha de me salvar a todo o transe (DAVATZ, 1941, p. 171-173)

Tal característica foi vivenciada na Revolta de Ibicaba e a memória solidificada em seu livro, porém, principalmente quanto as guerras mundiais, nota-se uma forte característica de diminuir/suprimir certos ocorridos, fazendo com que o medo e o silêncio se transformem em incerteza, ou até mesmo esquecimento voluntário. Entretanto, como já esperado de contradições e diferenças naturais internas do próprio grupo étnico, muitos possuem o desejo de manter a memória dos acontecimentos, enfrentando até a si mesmos, para contar aquilo que sua mente e sentimentos conseguirem expressar.

Dessa forma, o que se percebe no grupo é uma composição moral que visa a boa relação com os demais, seja com aqueles que a aproximação se deu historicamente cedo, como italianos e ibéricos, mas também com outros povos.

A presença alemã na cidade, por mais que ainda apresentasse certo distanciamento dos outros grupos, era marcante e influente nos aspectos econômicos e urbanos. Porém, a guerra na Europa começa a criar certas desconfianças e, com as notícias do torpedeamento do navio brasileiro, as animosidades se elevam e o caminho para alguma tragédia se abre. As entrevistas abordam pouco sobre a Primeira Guerra, talvez pelo distanciamento temporal, ou pelo silêncio dos familiares quanto aos acontecimentos, embora certos documentos e pesquisas em conjunção à memória transmitida, nos permite ampliar os horizontes da gravidade dos atos.

O torpedeamento e a entrada dos Estados Unidos na guerra foram decisivos para a eclosão de uma série de revoltas contra os alemães em todo o Brasil, resultando com a resposta do governo, entrar na guerra e retirar direitos e liberdades do grupo étnico, como explica Rinke:

> Em 1917, quando os EUA entraram na guerra, a situação mudou drasticamente. A guerra submarina alemã irrestrita logo levou ao afundamento de outro navio brasileiro em abril de 1917. O governo brasileiro, sob o comando de Venceslau Brás, arroxou as relações imediatamente. O ministro das Relações Exteriores, Müller, teve que renunciar ao cargo. Em seguida, houve uma manifestação violenta contra instituições e empresas alemãs, abalando muitas cidades brasileiras (...) o governo no Rio de Janeiro finalmente reagiu, declarando guerra contra a Alemanha em outubro de 1917. Publicações em idioma alemão foram proibidas, empresas fecharam, e um sentimento antigermânico permanecia incontrolável. O uso do idioma alemão em escolas também foi proibido e, portanto, muitas precisaram ser fechadas porque os professores não falavam português (RINKE, 2014, p. 7)

A cidade de Rio Claro, foi um dos locais a sofrer estes ataques. O apedrejamento da Igreja Luterana e do Colégio Alemão, posterior Colégio Koelle, e de seu internato, é um fato conhecido pelo grupo e pela sociedade, assim, é mais difícil de ocultar ou silenciar totalmente os fatos decorridos. Podemos ver no relato do Pastor Eldo Krüger, que passa a fazer parte da comunidade na década de 90 e recebe a transmissão memorial do grupo na cidade, percebemos a manutenção de pontos turvos, mas trata-se da história mais consolidada pelos alemães:

> *E nesse período da Primeira Guerra Mundial, além de sofrer uma certa discriminação, certo preconceito a gente poderia dizer, por serem estrangeiros aqui, "o que estavam fazendo aqui?", assim os brasileiros passavam a ideia aos alemães, (...) algumas pessoas da cidade, que passaram aqui em frente à Igreja e escola, tomaram a liberdade de apedrejar, então quebraram vidraças, enfim, tiveram que chamar a segurança da cidade pra conter o ímpeto daquelas pessoas que queriam causar bem mais estragos do que causaram (...) Sobre propriedades serem depredadas ou saqueadas, não conheço histórias a esse respeito, talvez existam, no Sul eu sei que existem, mas aqui não saberia dizer sobre isso.* (KRÜGER, 2019)

Porém, um documento relata um fato pouco comentado, o qual poderia ser engano do autor ou a ausência de necessidade deste de ocultar o ocorrido. O relatório trata da situação das escolas alemãs no interior paulista, elaborado por Keller em 1919, pouco após o fim do conflito mundial. O relatório aborda a violência local para com a escola e a ação do governo para evitar maiores catástrofes, a tentativa de destruição efetuada contra o grupo étnico é evidente, não são vistos como parte da nação brasileira.

O relatório comenta a proximidade dos alemães de certas cidades, incluso Rio Claro, com o poder local, havendo assim uma boa convivência e defesa de sua integridade física, sem problemas evidentes. Levanta-se a questão de que esta proximidade possa ter evitado maiores problemas ou destruições. Quanto à imposição do fechamento da escola, essa aliança com as autoridades locais se mostrou fundamental, pois facilitou-se certos subterfúgios, como vemos na entrevista realizada com Koelle:

> *Na 1ª Guerra Mundial, 14 a 18, a escola era uma escola alemã, ensinava em alemão, mas a língua, português, também como língua segunda. O meu avô (Teodoro Kölle), ele se dava muito bem com as autoridades de Rio Claro, Primeira Guerra Mundial, e num certo dia o delegado de polícia, o Carlos Pimenta (...) falou: "Professor, aqui eu não recebi ordens de quantos dias eu devo fechar a escola, então eu vou fechar a escola até domingo e na segunda-feira você pode trabalhar de novo." É o jeitinho brasileiro. Na 1ª Guerra Mundial a escola sofreu danos, como aqui a igreja também, não era essa a igreja ainda, porque, evidentemente, haviam os inimigos da Alemanha, e que quando a Alemanha estava perdendo em 1917 já, vieram aqueles que eram oposição aos alemães e fizeram estragos aqui, então foi isso que aconteceu, mas a escola funcionou normalmente* (KOELLE, 2018)

Quanto às ações de violência direta, é interessante notar que o fato do apedrejamento possui 3 narrativas, a 1ª mais divulgada, porém algumas vezes ocultada, a 2ª também bem conhecida e muitas vezes diminuída a sua importância e/ou dando grande reconhecimento ao papel do Estado para evitar maiores danos, entretanto, o relatório de Keller apresenta uma das que compõe a 3ª(s), a qual demonstra um acontecimento mais violento e com as autoridades policiais pedindo desculpas. Diversas narrativas, mas que estão encobertas por silêncio desde o fim dos conflitos mundiais (SCARANO, 1969, p. 530).

Vejamos então a primeira versão, de que uma turba violenta apedrejou a Igreja e a Escola, quando passavam na frente destas. A narrativa é fundamentada, houve a depredação de ambas construções, porém nota-se a ausência de informações que aprofundem o acontecido, servindo ao mesmo tempo para diminuir a sua importância, como se fossem apenas um bando de rufiões ou coisa do tipo. Tal versão normalmente é utilizada no discurso oral e trabalhos que

não pretendem aprofundar no tema, assim o básico da informação é mantido, mas não deixa de acontecer também o seu esquecimento em alguns casos.

A segunda versão, mais divulgada, e a terceira (ou mesmo terceiras) entram em contradição em muitos aspectos, havendo claramente variações na formulação da segunda e da terceira, mas não o suficiente para considerar como uma narrativa independente.

Um pouco mais aprofundada e, de certa forma, difundida, seja em memórias ou trabalhos, é a narrativa de que houve o apedrejamento e a continuação dos ataques só não ocorreu devido à ação do Estado que, por sua intervenção, evitou que se intensificassem os danos. Demonstra assim, a proximidade dos alemães com o poder local, diminuindo a gravidade do ataque realizado contra os símbolos alemães. Trata-se de uma narrativa fechada, aparentemente sem lacunas e com boas explicações que se adequam à certas informações do período, mas isso indicaria ser a perspectiva total? Pode até ser que sim, entretanto, o silêncio tão notado por parte dos alemães e descendentes pode indicar a existência de algo a mais e, com isso, é que aparece a terceira narrativa, fragmentada, mas una na explicação por um elemento: informações extras, as quais poderiam ser por alguns vista como meros detalhes, mas carregam em si conteúdo que também se encaixa perfeitamente com a realidade do período, evidenciando conflitos mais intensos e violentos.

A terceira composição narrativa, dispersa, mas não menos importante, é possível de se encontrar em certos trabalhos acadêmicos (como de Scarano ou de Castro e Wehmuth no capítulo 1) e no Relatório das escolas alemãs de Keller, nestes conseguimos ver situações que vão além do apedrejamento e presença policial. Em Castro e Wehmuth, percebemos que a violência se alastrou para comércios e outras propriedades privadas alemãs, ultrapassando a destruição simbólica, prejudicando diretamente os indivíduos:

> Durante a Primeira Grande Guerra, populares rioclarenses revoltaram-se contra os imigrantes, e destruíram parcialmente a Igreja e a Escola, atacando também casas particulares, defendendo-se da fúria popular mediante o uso da bandeira nacional e garantidos por um pelotão do exército (CASTRO;WEHMUTH, 1973, p. 1975)

Se estas informações já demonstram uma violência maior do que se pensava anteriormente, o relatório das escolas apresenta uma condição mais violenta. Indo além de uma turba de arruaceiros que querem prejudicar o "inimigo", a intenção de destruição fica mais evidente com uma possível falha do poder local. Obviamente, trata-se de mais uma narrativa, mas nem por isso deve ser descartada ou levada como simples exagero e/ou invenção, até

mesmo por já sabermos da condição de silêncio e ocultação de informações enraizado na etnia como forma de proteção.

Segundo o relatório, por mais que houvesse a aproximação da escola com o poder local, a guarda não teria se apresentado para ajudar, pois teria se confundido pelas ruas da cidade de Rio Claro, estacionando as tropas na frente da Igreja Presbiteriana, que fica aproximadamente 4 quadras de distância da Igreja Luterana. Como podemos ver no seguinte trecho do relatório:

> Bem no fim, quando tudo tinha acontecido, também a polícia acordou e a autoridade desculpou-se. A prometida equipe de proteção policial se aproximou, porém se enganou no número da casa e guardou a Igreja Presbiteriana ao invés da alemã (KELLER, 1919, tradução nossa)

Quanto a esta confusão poderíamos pensar em duas hipóteses. A primeira, tendo por base a autoridade policial, a confusão pode ter se originado pela proximidade da religião luterana e presbiteriana na cidade e, também, ao fato da presença alemã em ambas as denominações cristãs. Assim, a proximidade e presença étnica pode ter ocasionado esta confusão, a qual aliada ao fato de se perderem pelas ruas, acabou por não conseguir apresentar ajuda ao que estava acontecendo e, assim, não puderam evitar o problema.

Outra forma de entendermos, essa confusão quanto às Igrejas, é se questionarmos as motivações. Com a imagem dos alemães entrando em rápida deterioração, com as notícias do ataque do submarino, problemas econômicos, enfim, uma defesa muito acirrada para com esta etnia poderia ocasionar visão de desconfiança para com o poder local. Seria então uma confusão ou ausência intencional? Levando em conta o distanciamento entre estas duas Igrejas, os fatos decorreram a menos de 1 quilômetro de onde estavam estacionados.

Porém, um outro questionamento pode ser levantado ao lembrarmos da importância que certas narrativas dão à ação do Estado para se evitar maiores problemas, pois, seguindo a linha de raciocínio do relatório, se a polícia estava estacionada em local errado, quem impediu que a violência escalasse neste dia específico? Os ânimos esmaeceram e os depredadores se dispersaram?

Imagem 5: Frente da Escola Alemã de Rio Claro após os ataques de 1917. In: (KRÜGER; KAPPEL; BEIG, 2008, p. 34)

O relatório então, apresenta uma situação que em muito lembra a realidade que os ancestrais enfrentaram em Ibicaba, porém em 1917, não se tratava mais de uma ameaça ou possibilidade, se antes o líder Davatz poderia estar em perigo, neste momento havia a comprovação de que o líder Pastor Kölle estava correndo riscos. Dessa forma, segundo o relatório, os alemães da proximidade se armam e são eles a enfrentar a situação e impedir maiores danos, como vemos:

> Em 15 de abril de 1917 uma turba chegou à frente do estabelecimento, destruiu o cerco do jardim e causou severo danos, os quais em grande parte ainda podem ser vistos hoje. **Numerosos alemães armados correram em auxílio ao Senhor Pastor e faltou pouco para que se chegasse à um derramamento de sangue**. Pode-se imaginar o tão rude susto tarde da noite para as crianças acordadas. Uma filha do senhor Pastor Kölle sofreu neste tempo de terror danos permanentes. (KELLER, 1919, tradução e grifo nossos)

O documento é direto, os alemães, ao verem a escola e a Igreja sendo depredada e a vida do Pastor em risco, se mobilizam para evitar maiores danos, se armando para enfrentar a situação. Assim, poderia até haver uma proximidade com o poder local, mas este se confundiu ou teria evitado uma confrontação. Keller (1919) também comenta a redução do número de

alunos devido aos acontecimentos, havendo uma queda de 120 alunos para 60 e de 40 internos para 12, o que podemos afirmar que prejudicou a comunidade alemã quanto à sua educação e mesmo continuação da língua ancestral. O livro de Roger Trimer sobre a história dos Koelle, traz a presença da ajuda da comunidade alemã, mas como algo posterior ao ataque, cujos responsáveis já haviam se retirado:

> - Estão indo embora – disse Augusta, pálida.
> - Não – cortou o pastor, com voz grave. – Estão em frente à igreja.
> De fato, a poucos metros dali continuavam a gritaria e o som aflitivo de vidros quebrados. Logo cortou o ar um som inesperado.
> - Estão tocando os sinos! Estão na torre!
> Em silêncio, o pastor foi ver se havia algum aluno machucado. Involuntariamente convocados pelos vândalos, amigos e membros da comunidade residentes na vizinhança começaram a chegar, entrando pela porta da rua quatro. Quando souberam do que havia acontecido e saíram para a avenida 14, já não viram ninguém. (TRIMER, 1994, p. 36)

Este relato também conta a presença dos alemães, mas nada consta de estarem armados. O livro dos 125 anos da Igreja Luterana comenta brevemente de invasão do templo, da escola e do internato (KRÜGER; KAPPEL; BEIG, 2008, p. 34-35). A ajuda, entretanto, teria vindo quando o ataque já teria ocorrido, porém, pelos trabalhos de Scarano e no de Castro e Wehmuth, não foram "somente" o colégio e a igreja que foram vandalizados, mas também casas e comércios de alemães e descendentes, ou seja, havia portanto vários indivíduos desse grupo étnico pela redondeza. Entretanto, o que mais estranha é o fato de terem ido à escola e não à igreja, tendo em vista que, segundo Trimer, os sinos dobravam, ou seja, de que os vândalos chegaram até a tocar os sinos da igreja, o que parece um tanto despropositado, se pensarmos que tinham a oportunidade de realizar danos ainda maiores, fora o alerta sonoro.

O livro de Aloysio Pereira, "Coisas de Nossa História" de 1985 traz uma informação importante e que pode até mesmo significar um elemento de elo entre as narrativas, principalmente quanto à atitude do poder público para com os eventos que aconteceram após o apedrejamento. Trata-se de um documento de memórias sobre a cidade de Rio Claro, o qual levanta importantes informações sobre o ocorrido, não é comentado se a comunidade alemã teria ou não se oposto no momento, mas é relatado sobre a turba, a gravidade da situação e as ações tomadas pelo poder público.

Imagem 6: Igreja Luterana de Rio Claro após os ataques de 1917. In: Acervo Museu da Imigração Disponível em: <http://www.inci.org.br/acervodigital/> Acesso em: 28 set 2018

Pereira (1985) conta sobre um aglomerado, o qual mesmo sendo chamada de turba, demonstra certa organização e clareza de motivos e liderança, com um indivíduo a reconhecer as construções e propriedades germânicas, sinalizando-as para a sua destruição:

> Em Rio Claro, como era de esperar, a pacata colônia tedesca, sofreu os mesmos atentados que os praticados na Capital. O primeiro estabelecimento a ser visado como não poderia deixar de ser, foi a Igreja Evangélica Alemã e o seu colégio anexo. Nenhuma das janelas do prédio ficou com a vidraça intacta. Tijolos foram atirados contra o edifício da escola ocasionando sério risco de vida para as crianças ali internadas. O populacho infrene, comandado por um agente incitador, ia à frente dos arruaceiros indicando à turba exaltada quais os prédios que deveriam ser alvejados. (PEREIRA, 1985, p. 47-48)

Não se trataria, portanto, de um movimento ocasionado de uma explosão de descontentamento desorganizado, ou uma sensação de revolta que perdeu seu rumo em determinado momento. Porém, as informações referentes à atuação policial apresentam uma nova visão, que não trata da ausência relatada pelo referido documento sobre as escolas alemãs, todavia demonstra uma tentativa de manutenção da ordem pública e, nota-se, de certa preocupação quanto à impossibilidade de conseguir, devido ao seu tamanho, conter eventuais problemas futuros:

> A perturbação pública foi de tal ordem que o delegado de polícia Dr. Pimenta, para garantir a vida e a propriedade dos elementos da colônia alemã, passou no dia 15 de abril, um telegrama ao Dr. Eloy Chaves, Secretário de Justiça e da Segurança Pública, relatando-lhe que a cidade estava a mercê dos perturbadores da ordem e que ele não contava com a força suficiente para enfrentá-los. (PEREIRA, 1985, p. 48)

O trecho corrobora com a narrativa da importância da polícia para evitar maiores problemas, mas que não seria quanto ao dia do apedrejamento, e sim, que fossem evitadas situações mais graves no futuro, sendo que o pedido estaria relacionado não somente à proteção das propriedades, mas também que a vida dos alemães estaria em risco. O pedido de reforços foi respondido positivamente e o autor também constata a piora da situação alemã com a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha:

> Em vista disso, o Dr. Eloy Chaves determinou o imediato envio a Rio Claro, pelo primeiro trem da Paulista, de 30 soldados municiados para reforçar o destacamento local. Quando em outubro do mesmo ano, houve a formal declaração de guerra contra a Alemanha, a situação dos alemães radicados no Brasil piorou muito. Escolas e jornais foram fechados e empastelados. Em Rio Claro, o delegado Pimenta, cumprindo ordens, determinou o fechamento da escola luterana da cidade. As campanhas de inverdade e de difamações foram iniciadas nos jornais. Como em tempo de guerra a mentira é como terra, conforme diz o provérbio, boatos os mais absurdos corriam soltos pelo país. Alguns deles diziam que a firma Bromberg & Comp. havia enviado a Porto Alegre, munições, metralhadores e canhões Krupp para uso da colônia alemã... O jornal *A Rua*, afirmava que os alemães de Recife iriam envenenar o manancial de água potável da cidade... (PEREIRA, 1985, p. 48)

As notícias divulgadas (sejam inventadas e/ou compradas ou não), como vimos no subcapítulo anterior, acabavam por incentivar a violência contra alemães, tal constatação é comprovada no relato de Pereira, ou seja, há uma construção e propagação à nível nacional, com influência estrangeira, da imagem do imigrante e descendente. Imagem depreciativa que tomou proporções físicas e que necessitou reforços para que não se intensificassem ainda mais.

Os estudos de um brasilianista, Frederick C. Luebke, utilizando-se de jornais do período (tanto em português, quanto em alemão, no Brasil), estabelece uma outra narrativa, não tão aprofundada quanto aos idos da cidade de Rio Claro especificamente, mas acrescenta uma informação de violência física direta para com o pastor:

> No estado de São Paulo, Rio Claro foi palco de uma irrupção na noite de domingo, 15 de abril, quando uma turba atacou uma igreja protestante alemã e um internato associado a ela. Depois que os vândalos tinham feito seu trabalho, o pastor foi forçado a beijar a bandeira brasileira. (LUEBKE, 1987, p. 138-139, tradução nossa)

Teria ocorrido, portanto, tal violência direta ao pastor? Pode tratar-se de um boato do período, ou de mais alguma informação suprimida da manutenção memorial. A tentativa de defender o pastor ou o trauma da filha, ambos retratados por Keller, teve por base tais ocorridos? A tentativa de proteção explicaria em partes a vinda dos alemães armados, mas a acentuação de uma obrigatoriedade física que demandasse o contato direto com o pastor levaria bastante tempo, o que parece, ao levarmos em conta as outras narrativas, pouco provável. Há diversas informações, mas são difíceis de correlacioná-las, ou mesmo prová-las.

Levando em conta as narrativas apresentadas e tentando as amarrar, poderíamos formular que: as notícias elaboradas instigavam a população através da construção do "inimigo interno", com isso parte da população ataca deliberadamente os alemães. Ao ocorrer os ataques e o grupo étnico perceber o que está acontecendo, saem em defesa das propriedades alemãs e segurança do Pastor Kölle, havendo assim a expulsão da turba pelo aparecimento dos alemães (ou que apareceram posteriormente ao ocorrido). Os policiais são acionados, porém ficam estacionados a aproximadamente 400 metros de distância da Igreja Luterana, permanecendo em frente à Igreja Presbiteriana, e pedem desculpas posteriores à confusão realizada (ou foram eles a dispersar os ataques, conforme a outra narrativa). Percebendo a gravidade e, talvez, até mesmo a organização dos ataques, pedem reforços de São Paulo para que consigam evitar que outros fatos violentos voltem a acontecer.

Esta construção trata-se de um esforço em juntar as diferentes narrativas e resquícios que obtivemos. Entretanto, o que mais se evidencia, novamente, é o silêncio, a certeza de que houve o apedrejamento é claro, facilmente comprovado em uma diversidade documental, mas apresentam variação quanto aos detalhes. Não somente devido ao período, mas também com a 2ª Guerra Mundial posteriormente, alguns acontecimentos foram ocultados para proteção, e o descendente, herdeiro de sua tradição, se viu privado de parte de sua história para sua própria segurança.

Contudo, na Revolução de 32 os alemães passam a ser vistos como parte integrante da cidade, defendemos essa hipótese por não termos encontrado diferenças de tratamento marcantes, em documentos ou nos relatos, a respeito de sua origem. Assim, parece que a situação perante a sociedade variava conforme os acontecimentos externos, de "inimigo" para um cidadão comum e novamente como um "inimigo", ou seja, a interpretação do outro, no caso dos alemães, variava conforme os acontecimentos que estavam alheios às suas ações, mais do que ao que acontecia entre os membros desse grupo ou deles para com a sociedade.

No livro de família dos Britschgi, ao relatar os momentos finais de um dos ancestrais em 1932, é comentado que na época não noticiaram ao familiar a respeito de um sobrinho que faleceu lutando na revolução, para poupar-lhe a tristeza no leito de morte, tendo em vista que possuíam forte ligação:

> Nicolau gostava muito do sobrinho Luiz Roher (filho de Fernando e Maria Roher). Luiz morreu combatendo na revolução de 1932 e o fato não foi informado a Nicolau porque nessa época ele já estava muito doente. Minha mãe Olinda, nessa época noiva de meu pai Valentim, recorda-se que, quando foi ao sítio pela primeira vez, o vovô já estava muito doente e à noite ouvia seus gemidos. Ramiro Hebling e seu pai foram muito prestativos para a família nessa circunstância; ficaram ao lado de seu leito, durante toda a noite, até a hora de sua morte; depois fizeram inúmeros convites para o enterro e os entregaram de casa em casa. (BRITSKI, 2012, p. 32)

Dona Yvone Habermann Schneider comenta que um parente foi para a Revolução de 32: "Eu lembro de um parente nosso que foi (-a senhora lembra do nome dele?) Se chamava João Grossklaus, é parente da Maria Guilhermina" (HABERMANN, 2018).

Nas outras entrevistas, porém, não apareceram outros casos de familiares ou conhecidos alemães (pelo menos até onde a memória foi) participantes da Revolução de 32, mas os relatos abordaram o fato de conhecerem familiares de participantes de outras etnias e a proximidade com estes. Sejam por serem parentes, professores, amigos ou apenas conhecidos, a relação com participantes e a comunidade alemã é clara.

No período, muitos paulistas auxiliavam a causa revolucionária por doações, entretanto, muitas das famílias alemãs entrevistadas não possuíam condições econômicas suficientes para ajudar. Tal fato, o de não conseguir realizar alguma ajuda, podemos ver:

> *Eu lembro daquele movimento sim, o "doe ouro para vitória" né? Andaram pegando aí, teve gente que deu aliança, deu anel, essas coisas. Eu não dei porque não tinha (termina em risos)* (WENZEL, 2019)

Porém, não deixavam de ovacionar os revolucionários, em seu caminho à batalha, como é destacado por Baumgartner:

> *Comentavam que ia todo mundo na estação, numa estação menor, e que os trens passavam do interior, de São Paulo para algum tipo de batalha, ou do interior voltando e tal. E todo mundo lá ia ovacionar o pessoal, os heróis do estado e tudo mais. Embora a gente tenha perdido a guerra, a revolução, mas acho que no fundo no fundo a gente acabou ganhando, porque depois veio a nova constituição e tudo mais.* (BAUMGARTNER, 2019)

Algumas famílias conseguiram realizar certa ajuda para o movimento, a qual mesmo pouca, dentro de suas possibilidades, é lembrada como participação da revolução:

> *Pelo que eu sei parece que andou rolando uns anéis de casamento lá sim, andou indo embora anéis de casamento, embora fossemos muito pobres né? Mas escutei dizer que sim.* (BAUMGARTNER, 2019)

> *O vô Otto (Rathlew) ajudava com, quando ele tinha dinheiro essas coisas, ele mandava dinheiro, se ele tivesse alguma moeda de ouro, ele mandava ouro, mandou ouro ne? Mandava não, mandou. O pai nosso (Waldemar Fahl) não lembro de ter feito essas coisas, também acho que nem tinha, tava começando a vida...* (VERNA, 2019)

> *O próprio movimento do ouro para São Paulo, então, eu acho que eles contribuíram alguma coisa, mas é coisa assim, que eu acho que na época todos fizeram parte disso, sendo descendentes de alemães ou não.* (ARNOLD, 2019)

> *Aqui fizeram alguma coisa, alguma doação, um dos meus tios fez qualquer coisa , fez doação (-o Martinho Spilller?) Não, eu acho que foi o Oscar Spiller* (SOUZA, 2018)

A proximidade dos alemães para com a sociedade e a Revolução se notam tanto pelo auxílio monetário, com doações ao movimento, mas também com outros tipos de doação. Um desses casos é o de Otto Rathlew, que fazia pequenas embalagens com alimentos e entregava para os combatentes na estação, que podemos conferir no relato de sua neta Ondina Fahl Verna:

> *Ele (Otto Rathlew) ia na estação com saco de, pacote de alimento para dar para a turma que passava. (-O que ele colocava dentro?) Arroz, feijão, amendoim que era uma comida sustentava (...) Essas coisas, arroz, açúcar, feijão, milho, batata, porque batata se fosse logo embora não estragava e uma oura sementinha lá (...) mas ajudava no que podia, farinha de milho... (-e isso ele conseguia no sítio?) ele vinha para a cidade, comprava (-e davam para os moços?) que passavam de trem (...) Levava dentro do saco de estopa, dai ele pegava os pacotinhos e dava no trem, que passava devagarinho, e os moços estavam tudo dependurado nas janelas, nas portas, na janela eles ficavam debruçados e na porta ficavam dependurados.* (VERNA, 2019)

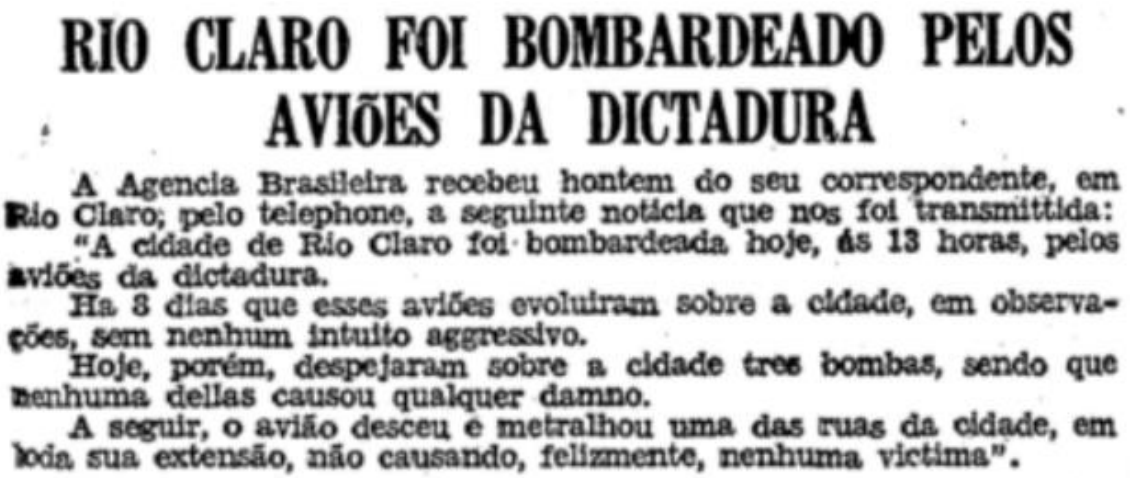
Devemos lembrar, que eram um grupo étnico já castigado em 1917, com traumas decorrentes desse momento, porém, que estava com esperanças de se recuperar, como disse Keller ao final de seu relatório de 1919:

> "A união faz a força". Não deixemos a esperança afundar e vejamos com confiança o futuro a frente; pois depois dos terríveis dias de tribulação se seguirão dias de felicidade novamente e, também, à mais escura noite segue um dia luminoso (KELLER, 1919)

Tais esperanças seriam destruídas com a 2ª Guerra, porém, os acontecimentos da Revolução de 32 fortaleceriam ainda mais o medo que os alemães sentiam pela repressão estatal. Os alemães vão reestabelecendo suas relações com a sociedade e, como tal, são

germânicos em seu aspecto étnico-cultural, mas são cidadãos e criam laços identitários também com o seu "novo" país e sua região federativa. O posicionamento do indivíduo nesse sentido, deve ser compreendido enquanto sua complexidade única, tentar estabelecer um determinado posicionamento político (ou ausência deste) para todo o grupo étnico, seria uma interpretação reducionista, a qual as próprias entrevistas e outros documentos facilmente poderiam refutar. Desse modo, por mais que fosse variado seus posicionamentos políticos, os alemães, já temerosos pelos fatos anteriormente decorridos, estiveram também sujeitos aos acontecimentos de violência do conflito civil, incluso o medo da possibilidade de presenciar/viver sua materialização e da sua possível reincidência.

No dia 29 de setembro de 1932 o conflito, para os moradores da cidade de Rio Claro, chega às suas portas, não em forma de notícias, mas de um ataque. Constata-se no jornal Folha da Manhã datado do mesmo dia:



RIO CLARO FOI BOMBARDEADO PELOS AVIÕES DA DICTADURA

A Agencia Brasileira recebeu hontem do seu correspondente, em Rio Claro, pelo telephone, a seguinte noticia que nos foi transmittida:

"A cidade de Rio Claro foi bombardeada hoje, ás 13 horas, pelos aviões da dictadura.

Ha 8 dias que esses aviões evoluiram sobre a cidade, em observações, sem nenhum intuito aggressivo.

Hoje, porém, despejaram sobre a cidade tres bombas, sendo que nenhuma dellas causou qualquer damno.

A seguir, o avião desceu e metralhou uma das ruas da cidade, em toda sua extensão, não causando, felizmente, nenhuma victima".

Imagem 7: Trecho do jornal Folha da Manhã relatando dos ataques sofridos pela cidade de Rio Claro na Revolução Constitucionalista de 1932. In: Acervo Digital – Folha de São Paulo. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do> Acesso em: 27 nov. 2018

Como podemos observar no trecho do jornal, houve o período de reconhecimento das áreas produtivas e importantes na cidade e, posteriormente, o ataque. Se este não resultou em grandes danos, como explica o jornal, por outro lado, conseguiu criar medo, ainda mais na população mais nova, infantil. Muitos dos entrevistados nasceram por volta desse período, demonstrando seus sentimentos tanto quanto ao processo de patrulha exercido pelos aviões da ditadura, como o seu bombardeio. Por se tratar de uma memória infantil, a qual também já estava sendo protegida da realidade dos fatos devido ao decorrido na Primeira Guerra, o apego a certas informações não era de ser esperado, entretanto, é possível notar um grande

conhecimento quanto aos idos destes dias, os quais, seria difícil a família manter a descendência alheia.

Quanto ao bombardeamento realizado nesta data, certos relatos são bem específicos, demonstrando que o acontecimento fora marcante para todos, que vivenciaram com medo e mesmo curiosidade o ocorrido:

> *Meu pai (Ivo Arnold) contava da bomba que foi jogada na ferrovia, na estação, não sei, ali por perto, e era muito próximo da casa dele, então ele disse que se lembra de passar os aviões e escutar alguma coisa, acho que não foi uma explosão tão forte e depois ele ir lá para ver. O meu pai era muito curioso, desde pequeno, então ele foi ver onde caiu a bomba, o estrago que fez, esse tipo de coisa* (ARNOLD, 2019)

> *Eu me lembro, tinha 5 anos né? Quando o temido avião vermelhinho veio aí e soltou 3 bombas na esplanada da Companhia Paulista, porque a Companhia Paulista fabricava os vagões blindados para levar os voluntários para a revolução, então eles vieram aí e soltaram a bomba, felizmente não machucou ninguém. Até caiu lá em cima dos trilhos, retorceu os trilhos lá da Cidade Nova, na esplanada lá, onde tem aquele antigo armazém, tem a esplanada lá, lá que caíram as 3 bombas (-e seus irmãos já trabalhavam lá?) Não, trabalhavam em construções por aí né? (-ah certo! E quem levou o senhor para ver?) Não, eu não fui, eu só soube a notícia. O avião eu vi, ele passou aqui (aponta para cima) em cima de nós aqui* (WENZEL, 2019)

Em outros relatos, mesmo que não comentassem diretamente do avião vermelho, o medo continua presente, vemos uma preocupação tanto da situação, quanto de possíveis bombardeamentos:

> *Tinha muito medo. O comentário era: "meu Deus, o que vai ser? Como vamos sobreviver?", então era medo. O vô Otto (Rathlew) que era mais chegado, que tinha o rádio, corria ouvir as notícias, depois ele contava, no modo dele, que falava muito baixo, muito pouco.* (VERNA, 2019)

> *Única coisa que eu lembro, minha mãe: "cuidado, não sair na rua, cuidado! Não saia na rua, procura ficar sempre dentro de casa ou aqui em frente, que tá com guerra", isso eu lembro que minha mãe falou "e pode soltar uma bomba", então isso minha mãe sempre falava para mim e para meu irmão, isso eu lembro, só, só... Eu tinha quanto? Uns, três anos, quatro* (PALOTTA, 2019)

O medo relatado, independente do conhecimento aprofundado ou não do ocorrido, demonstra a propagação de um sentimento de alerta e insegurança gerado com o conflito. Levando em consideração se tratar de um grupo que conviveu com violência direta anteriormente, tais fatos pouco auxiliaram em reverter o quadro de consolidação do silêncio como característica étnica. Vivenciando um conflito que fora combatido entre seu estado federativo e a ditadura, o indivíduo compreende o poder que o Estado nacional possui a sua disposição, o qual poderia ser utilizado para perseguir membros, os mais diversos, da sociedade.

Os fatos decorridos durante a Revolução de 32 impactaram a mentalidade dos povos da cidade, o poder estatal acaba por ficar marcado na memória da população, através da possibilidade de ataque, da repressão, a qual nem sempre se sabe de onde vem. O dano fixado, principalmente no medo, se vê nas gerações futuras, que não presenciaram o bombardeamento da cidade, mas que o medo é transferido pelas gerações e o receio do bombardeamento reaparece no momento da Segunda Guerra Mundial, como vemos na família luso-alemã (Souza com Spiller), no relato de Edvaldo Miguel de Souza, nascido em 1934:

> *Tinha um aviãozinho vermelho (apontando para cima) que passava, no tempo da guerra, passava eeeeer (imitando o motor), todo mundo se escondia, falava que ele ia jogar bomba na Companhia Paulista (sua nora comenta: -Ave, eu não sabia disso) É, depois a gente, eu nem sei da onde vinha esse avião, eu era moleque, então a molecada não ligava muito não, mas a turma falava: "oooh! vamo nos esconder que lá vem bomba ae!" e virava (apontando para cima e girando o braço, e continua, rindo) e ia estourar a Companhia Paulista ai.* (SOUZA, 2018)

O poder do Estado, a habilidade de opressão da Ditadura é transmitida pelas gerações e, um nascido posteriormente à Rev. 32, em 1934, relata o medo que sentia, durante a Segunda Guerra Mundial, algo que parece memória de que o próprio havia vivido. A memória coletiva passa o acontecimento e os receios de modo que o próprio indivíduo acaba por sentir um período não vivido, um trauma coletivo, que poderia se passar apenas como um "engano" caso não tivéssemos nos aprofundado no funcionamento da memória.

A ausência de conversas sobre o período quanto aos fatos decorridos em aliança aos problemas fatuais que marcam o grupo, acabam por ser um forte inimigo da manutenção memorial étnica, sabe-se de onde e como são, mas as características adquiridas durante o período dos conflitos mundiais acabam por ser uma incógnita estranha que faz parte deles na atualidade. Se o medo e o silêncio já eram evidentes quanto aos fatos da 1ª Guerra Mundial por serem alemães e, da Revolução de 32 por serem também paulistas, o segundo conflito mundial traz uma situação que intensificou os empecilhos à manutenção memorial.

A situação que se apresentava neste momento era a oposição da sociedade (exceto certos grupos próximos), mas também do Estado, assim, ficando à deriva, diminuindo sua segurança. Se durante a Primeira Guerra o poder político ao menos não estava se opondo tão ativamente (nem radicalmente), e procurava manter a ordem, durante o governo varguista o alemão não somente foi interpretado, mas também tratado como um inimigo a ser combatido. O conflito contra a cultura e a etnia alemã se intensificou com a:

> declaração de guerra ao Eixo em 1942. Como conseqüência, houve restrições às liberdades individuais: necessidade de autorização para viajar dentro do país; apreensão de materiais como livros, revistas, jornais, documentos, com destruição de parte da memória histórica da imigração; eventualmente prisão ou imposição doutrinária àqueles que não se expressavam em português. (SEYFERTH, 1999, p. 223-224)

Antes o ataque aos alemães era um ato de vandalismo, tal situação muda quando é o próprio Estado a promover a violência contra o alemão, visando atacar sua manifestação cultural e os tratando como espiões, dando até mesmo legitimidade aos atos que provinham da sociedade contra o grupo étnico. Entretanto, a partir dos dados obtidos, nenhum tipo de violência no sentido de briga ou conflito armado em grupo foram levantados nas entrevistas, mas partindo da característica étnica de silêncio adotada após esse período, não se exclui a possibilidade de que este tipo de fato tenha ocorrido.

Mesmo que não um ataque físico, mas sim uma agressão à liberdade de locomoção dos imigrantes e descendentes de alemães (e mesmo de outras etnias), foram os salvos-condutos, que visavam saber a movimentação dessa população no Brasil, estabelecendo controle por onde eles estavam, como esclarece Alves:

> Durante o período da guerra, os pedidos de salvo-conduto são os documentos que mais se destacam dentre aqueles que se referem à mobilidade dos alemães em São Paulo. Mesmo para deslocamentos dentro do próprio estado de São Paulo, era necessário enviar um requerimento ao delegado de Ordem Política e Social, indicando a localidade a que a pessoa se destinava e o prazo de sua estadia. Uma vez expedido o requerimento, o estrangeiro estava autorizado a empreender a viagem, sendo obrigado a exibi-lo sempre que lhe fosse solicitado (ALVES, 2006, p. 128)

Entretanto, as motivações para a existência dos salvos-condutos variaram no tempo, inicialmente se objetivava encontrar comunistas e depois para achar os “espiões do eixo”:

> O controle da locomoção dos indivíduos foi inicialmente empregado para localização de comunistas durante as fases mais agudas de repressão policial, compreendidas logo após a Intentona de 1935 e a elaboração fantasiosa do Plano Cohen, em 1937. Por volta de 1938, quando Getúlio Vargas começou a dedicar-se com mais cuidado à questão da formação da brasilidade, o salvo-conduto passou a servir para controlar os estrangeiros. A intenção era coibir a concentração de “quistos raciais”. Depois de 1942, quando o Brasil definiu sua participação na guerra ao lado dos Aliados, a caderneta de salvo-conduto foi importante na descoberta e prevenção de planos de sabotagem e envio de informações militares para o inimigo. É nesse momento que o estrangeiro visado por esse instrumento de controle passa a ser o oriundo de países do eixo ou que estão sob o seu domínio (ALVES, 2006, p. 131)

Quanto à necessidade de salvo-conduto, vemos comentado nas seguintes entrevistas:

> *Meu pai (Alfredo Habermann) tinha salvo-conduto (-a senhora lembra por que ele teve que tirar?) Acho que era obrigado a ter né?* (HABERMANN, 2018)

> *No período da guerra o avô (Teodoro Kölle) tinha que tirar salvo-conduto pra poder viajar. O interessante é que eu tenho esse salvo-conduto guardado, o salvo-conduto dele era o número 1, por quê? Porque ele era um cumpridor das normas que emanavam das autoridades, então norma que surgia ele cumpria, mas precisava de salvo-conduto para sair de Rio Claro. Ele alemão, nós que já éramos nascidos não, podíamos circular livremente* (KOELLE, 2018)

> *Aquele tempo... era difícil viajar né? Porque o dinheiro era curto. Muito difícil viajar, daí precisava o salvo-conduto pra viajar* (MARCHEZIN)

> *Naquela época, havia a necessidade do salvo-conduto pra qualquer um, então eu me lembro mais da minha mãe contar (Alice dos Santos Arnold), que quando ela viajava, seja de carro ou de trem, havia necessidade de ter um salvo-conduto e eu creio que meu pai (Ivo Arnold) também, porque ele também como empregado da FEPASA, da Companhia Paulista na época, ele ia pra Santos, (...) mas assim, ele teve períodos que ele viajou muito, porque ele prestava serviço pra Companhia Paulista* (ARNOLD, 2019)

> *Só que eu me lembro que, eu era menina ainda, tinha que ter salvo-conduto, chamava. Salvo-conduto tinha que ter (-era obrigatório?) Era, porque eu estudava em Campinas e eu estudei aqui com a dona Ema Kölle, porque eu fiz o curso de piano, e aprendi piano com a dona Ema. Então eu precisei ter o salvo-conduto porque eu estudei em Campinas, viajava quase todo dia, então fiz universidade tudo em Campinas pra fazer a faculdade, tinha que ter o salvo-conduto* (PALOTA, 2019)

Podemos analisar que certos aspectos são confusos ou pouco aprofundados, talvez pela tentativa de ocultar a gravidade do período aos mais novos, os quais, no caso, são os entrevistados. Também há algumas diferenças entre as entrevistas, no relato de Koelle consta-se que os nascidos no Brasil não precisaram de salvo-conduto, tal fato se dá, talvez, devido à boa relação de sua família com as autoridades locais, enquanto que Arnold e a dona Lizelote Augusta Eichenberg Palota precisaram para poder viajar, mesmo já sendo descendentes. A obrigatoriedade do documento aparece em toda e qualquer tipo de viagem, seja a trabalho ou estudos, acabando por ser uma característica dada mesmo como fato cotidiano, mais uma obrigação do período. Não apresentam, contudo, algum conhecimento quanto à finalidade política e/ou social da existência dessa obrigação documental.

A necessidade de salvo-conduto é clara, entretanto é difícil de distinguir se a necessidade nesses casos fora a suspeita inicial à procura de comunistas, ou a posterior, procurando nazi/fascistas, trata-se de uma divisão que não foi possível esclarecer de maneira aprofundada. Porém, o relato de Milton Schneider já indica uma relação com a procura estatal de espiões do

Eixo infiltrados, em que pelo fato de ser alemão, não ter o salvo-conduto e devido estar portando um simples canivete, seu avô foi visto com desconfiança:

> *(quanto ao período das guerras mundiais para a família) foi uma catástrofe. Não podia falar em alemão, os alemães e descendentes de alemães não tinha liberdade de expressão. Me lembro que, meu avô (Carlos Schneider), ele morava no sítio, tinha sítio, e veio para cidade fazer compra, das coisas necessárias pra sobrevivência né? Tinha um canivete, por causa desse canivete ele ficou preso, acho que umas 2 ou 3 horas, porque era proibido andar com qualquer coisa que podia prejudicar alguém né? Ele ficou preso pra adquirir salvo-conduto, pra poder ficar dispensado, livre, e poder voltar pra casa dele, senão não soltava, por causa de um canivete já pensou? Ele ficou preso (-por causa dele ser alemão?) por causa dele ser alemão, e era alemão mesmo, veio da Alemanha. (...) Então, aqui para se locomover de um lugar para outro precisava salvo-conduto, senão era preso até ser liberado o salvo-conduto pra poder (faz movimento com a mão indicando saída)* (SCHNEIDER, 2018)

Tanto por possuir um canivete consigo e por não ter o salvo-conduto são elementos elencados pela sua prisão temporária, enquanto se esperava receber o documento que o permitiria seguir viagem. É a vigilância estatal unida com o medo do estrangeiro "infiltrado" e que poderia cometer alguma infração. Infelizmente, não há como acessar o indivíduo que efetuou a prisão para sabermos as causas desta, mas a ligação da prisão com o fato de ser alemão e apresentar um risco é focado no relato, o que indicaria a desconfiança com a etnia no período como motivação, além de fato marcante para a família.

As prisões eram arbitrárias, e mesmo com pouca ou nenhuma motivação, procuravam evitar as redes de espionagem e, dessa forma, seguravam os supostos "súditos do eixo" pelo tempo necessário, tendo apoio legal para realizar estes excessos para com os grupos étnicos. O estado varguista e o alarmismo quanto a possibilidade de que os grupos do "eixo" (muitos até mestiços) estivessem conspirando contra a nação, deu aval para que se cometesse excessos:

> Em todo o país vigorava essa política repressiva que retirava qualquer direito a defesa. Mesmo sem provas, muitos homens e mulheres eram detidos nas cadeias locais ou levados às penitenciárias. Pela Constituição de 1937, no artigo 186, foi declarado estado de emergência em todo o território nacional, porquanto possibilitava a ordem de prisões, exílios e invasão a domicílio; instituiu-se a prisão preventiva e legalizou-se a censura a todos os meios de comunicações. (FÁVERI, 2006, p. 202)

Dessa forma, a repressão poderia tomar os rumos desejados, seja por motivos políticos, econômicos, ou mesmo por razões culturais e subjetivas. Se a política não era favorável à cultura dos imigrantes e descendentes, a ditadura cultural do "abrasileiramento", do ataque às demonstrações, objetos e práticas culturais, incluso a língua ancestral, poderia se disfarçar, ou amalgamar, com a perseguição política. A perseguição para com os alemães, sem a necessidade

de serem dadas maiores explicações para tal, se intensificaram independente dos motivos e objetivos que fossem desejados, não apenas na limitação de suas liberdades, mas a força poderia ser utilizada também para fins de mudança cultural.

Em partes, os ataques às características étnicas acabavam por tentar atender aos dois objetivos do governo varguista, o de combate à espionagem e o projeto de "abrasileiramento" dos imigrantes e descendentes, ou melhor, são duas faces de um mesmo propósito:

> A presença de "indesejáveis" e quaisquer formas de organização autônoma da sociedade estavam sendo inviabilizadas, ainda mais se possuísse perfil externo. Em seguida se fez mais presente a atuação da repressão transfigurada na busca de uniformização das práticas culturais, excluindo aqueles que cultivavam hábitos, línguas e costumes estrangeiros. (LACERDA, 2006, p. 39)

A proibição da língua alemã afetou diretamente a comunidade, em parte os alienando do contato com outros, exatamente devido ao fato de muitos possuírem maior proximidade do alemão que do português, além do receio de que alguma frase pudesse escapar, preferindo dessa forma, isolar-se, ou falar o mínimo possível, independente de qual língua fosse:

> *Na Segunda (Guerra Mundial), eu me lembro direitinho que a gente era proibido de falar alemão, e nós só falávamos alemão em casa, e meu pai (Gerhard Graetz) quando a gente saía, o pai falava: "schon still sein" (demonstra colocando o dedo na boca, em posição de silêncio), não podemos falar alemão, só português. E até em um dos escritos aqui, meu pai escreveu, quando foi o meu batizado e da minha irmã gêmea, ele escreveu assim: "por causa dessa horrível guerra que dizima toda a Alemanha, somos proibidos a falar alemão, o batizado das meninas foi em língua portuguesa", tá registrado aqui* (ALMEIDA, 2019)

> *Eu não, mas meus avós (Carlos Schneider e Ana Bude Schneider) falavam, na casa deles falavam, porque fora de casa era proibido falar. (...) Nas igrejas alemãs o pastor era proibido de pregar em alemão. Era proibido, tinha que fazer culto, às vezes eles faziam, reuniam nas casas assim, com meia dúzia de alemão pra conversar, muito escondido, porque se pegassem iam preso* (SCHNEIDER, 2018)

> *uma vez que foi proibida o uso da língua alemã, aí então o povo se fechou mais ainda, porque claro, continuaram falando alemão, mas dentro de casa, então evitavam falar em alemão na frente de outras pessoas, para não serem denunciados, para não terem problemas com a justiça.* (KRÜGER, 2019)

Devemos, entretanto, questionar uma completa aceitação das normas exigidas, tendo em vista que, por mais difícil que fosse, perder a língua ancestral não era uma realidade vista com agrado, com isso, certas medidas eram tomadas para, ao menos tentar, evitar que acontecesse ou pelo menos desacelerasse o processo. Seja por aulas ou reuniões secretas, a continuação do uso da língua alemã era promovida pela comunidade, mesmo que em escala menor do que caso não houvesse a perseguição, tais tentativas de burlar a repressão linguística são vistas:

> *Então a gente fazia um cursinho à tarde de 1 hora, a gente ia a tarde na escola para aprender alemão, pra falar alemão e aprender mais. (-e meio escondido com causa da proibição?) Isso, é! Como se fosse uma aula particular (-e lembra como que eram essas reuniões, quem as organizava?) Os próprios diretores lá da escola, que era o Doutor Paulo Koelle, Dona Ema, Dona Herta, Dona Cristina, Augusta, eram os irmãos Kölle (-conseguiam dar aulas mesmo com a proibição?) É, meio a tarde, mas não era todo dia, era 2 vezes por semana, então a gente tinha as aulas lá* (PALOTA, 2019)

> *Tem um fato curioso, na Segunda Guerra Mundial, que era proibido falar alemão e o meu avô (Benedito Arnold) e os primos e os irmãos dele se reuniam na casa do meu avô, e faziam uma sessão só eles, numa sala fechada, onde eles falavam em alemão, eles riam muito pra quem ouvia, meu avô nunca ensinou alemão para os filhos. (...) então eu nem sei que tipo de alemão ele falava, se era um dialeto, se era o Hochdeutsch...* (ARNOLD, 2019)

A educação da Escola Alemã, ou Colégio Koelle, tinha suas bases com o uso do alemão, portanto, a transição, da obrigatoriedade de se utilizar a língua portuguesa, acabou afetando o estudo daqueles que estavam a ser educados na língua ancestral:

> *Eu estudei na Escola Alemã, eu falava pouco português, depois conforme vai crescendo em casa só se falava alemão e na Escola Alemã era só alemão, que nem a matemática era o Rechenbuch que eram os exercícios, livro de ciências era em alemão, geografia alemão, tudo alemão. Aí eu ainda tinha uma boa noção, mas depois conforme foi proibido, tempo da guerra, aí foi parando com o alemão, aí não deu mais certo* (PALOTA, 2019)

Contudo, nem toda proibição tinha origem governamental, certos impedimentos tinham causas sociais diversas, entretanto, partindo de um ponto de vista da comunidade, estas quebras tenderiam a ser diminutas, tendo em vista a presença da Escola Alemã e das tentativas de manutenção da língua em grupos. Porém tais tolhimentos são interessantes de ser observados, até mesmo devido a relação de fronteira étnica entre grupos e a hibridização destas:

> *A bisa Gervina não deixava o biso (João Batista Witzel) ensinar nada para os filhos, ela não deixava, a língua. O biso tinha uma bíblia em alemão, ele era católico, eles eram católicos e não protestantes, ele tinha uma bíblia e ele queria ensinar para os filhos, a língua, ela proibiu, então ninguém falava nada, ninguém fala nada, veio a falar agora o Bruno, mas a minha família em si não fala nada, talvez por ter essa proibição, então, eu lembro que o meu pai, José Gabriel Witzel, ele não falava quase nada sobre os alemães, sobre os descendentes, ele não falava, a impressão que eu tinha era foi barrado, entendeu? Não se fala isso aqui, não sei se medo também de ter vindo, de guerra, de... não sei, então eles não falavam quase nada* (WITZEL, 2018)

> *Depois que estavam tudo moço, uma começou a namorar, namorado não gostava que falassem mais em alemão, que achava que tava falando mal dele e tal, pararam de falar, agora eu acho que ela já até esqueceu muita coisa (-mas quando eles eram crianças, falavam em alemão?) Tudo, tudo, na família inteira só falava em alemão (...) (-o nome da família?) Mackey (...) Dona Alzira acho que era Grossklaus* (HABERMANN, 2018)

As medidas de proibição do uso da língua, obviamente, não se limitariam aos indivíduos. As associações, independentemente de quais tipos fossem, as religiosas inclusas, foram proibidas de realizar suas atividades na língua de sua comunidade:

> a partir de 1939, a interferência na vida cotidiana atingiu outras instituições comunitárias e culminou com a proibição de falar idiomas estrangeiros em público, inclusive durante cerimônias religiosas. O Decreto nº 1.545, de 25-8-1939, no seu art. 16, diz que todas as prédicas religiosas deverão ser feitas em língua nacional, e incumbe o Exército de fiscalizar as "zonas de colonização estrangeira". As associações culturais e recreativas tiveram de encerrar todas as atividades que pudessem estar associadas às respectivas culturas nacionais. (SEYFERTH, 1999, p. 221)

A Igreja Luterana de Rio Claro foi afetada pelas medidas proibitivas, sendo que o pastor do período Gerhard Graetz teve que passar a aprender a língua portuguesa, precisando de apoio para realizar a preparação de seus cultos:

> *E essa represália foi no sentido assim, psicológico, no sentido de discriminação, de preconceito, e também foi com relação à proibição da língua, porque até a Segunda Guerra Mundial, nesta Igreja aqui, tudo era feito na língua alemã, não se usava o português, o português passou a ser usado depois da Segunda Guerra Mundial, tanto que o pastor Gehard Graetz, que era pastor nesse período, foi aprender português com uma professora chamada Sílvia Rehder, ela que ensinou o pastor a ler e a escrever português, ele fazia os sermões e aí ela fazia as devidas correções para ele então fazer a pregação aqui no culto aos domingos.* (KRÜGER, 2019)

Atos mais graves podem ser obtidos quando se coloca em questão as ações feitas pelo Estado, principalmente os referentes à captura varguista, a qual, na procura dos temidos espiões nazistas, impuseram a força do poder estatal, abusando de seu poder, invadindo a privacidade em uma investigação infundada contra os alemães étnicos, ou ainda pior, os torturando. Tais investigações violentas foram presenciadas por autoridades estrangeiras:

> No Brasil, por exemplo, os agentes do SIS trabalhavam com o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) no interrogatório de suspeitos de espionagem. É claro que o SIS sabia que a tortura era usada pelo DOPS, porque informação sobre "a tortura de alguns prisioneiros foi encaminhada pelo SIS à Washington". Os agentes do SIS explicaram a Washington que era necessário "olhar para o outro lado" quando o DOPS pegou muito pesado com um prisioneiro: Se os agentes do SIS intervissem para proteger os prisioneiros muito frequentemente, o DOPS poderia se tornar menos cooperativo. Rout e Bratzel argumentam que, se J. Edgar Hoover, o secretário de Estado Sumner Welles, e o secretário-adjunto do Estado Adolf Berle "eram ignorantes do que estava acontecendo nas prisões brasileiras, era essencialmente porque preferiam não saber". (HUGGINS, 1991, p. 226-227, tradução nossa)

Situações de violência nas regiões sulinas do país são mais difundidas, entretanto, não se deve considerar a ausência de informações como ausência de fatos, pois um acontecimento,

por mais escondido que seja (independente dos esforços feitos para destruir sua memória), ainda acaba por influenciar a realidade, pois o desconhecimento não implica, necessariamente, na não existência do ocorrido, o qual deixa de toda forma suas consequências.

Entretanto, a ação da captura varguista aparece no relato de um dos entrevistados, do senhor Odair Büll, que conta o medo que os alemães tinham de sua ação, além das consequências para as famílias afetadas

> *(-como era essa perseguição aos alemães no Brasil? Aqui em Rio Claro, mais específico) Aqui em Rio Claro? Bom, se chamava captura (-captura?) É, então de vez em quando baixava a captura pra fazer um levantamento de Rio Claro. Quem tinha uma tendência alemã, recolhiam. (-recolhiam?) É... (-e onde que levavam?) Bom, isso ia tudo São Paulo, São Paulo ia para a capital, que era o Rio de Janeiro, que na época era Rio de Janeiro. Então você não sabia, tinha família que procurava os pais, que não encontrava, não sabia se mataram ou se não mataram. Porque, na guerra vale tudo ne? Vale tudo... (-então eles vinham para Rio Claro pegar o descendente de alemão...) Captura... (-a captura chegou a aparecer pra conversar com sua família?) Não! Não, graças a Deus não! Esse não!* (BÜLL, 2018)

Tal relato trata-se de fonte valiosa quanto aos fatos ocorridos na cidade e até mesmo quanto ao silêncio tão fortemente instalado nessa população. Um ato de violência estatal desse tipo explicaria a proteção alienatória dada a muitos dos entrevistados, que nesse período eram crianças. As prisões e proibições já eram um indicativo da situação enfrentada, entretanto, o aparecimento da ação da captura dá novo teor, ainda mais grave, ao que passaram no período. A comunidade enfrentava, portanto, diversas proibições das liberdades, de locomoção, de expressão cultural ou política, educacional, indo além, com eventuais prisões, invasão de privacidade e até mesmo sequestro e desaparecimento de indivíduos. Com Büll, também vemos que a violência simbólica e a física estavam de mãos dadas para prejudicar todos de origem alemã. A fronteira entre "impedimentos", "violência cultural ou simbólica" e "violência física", não era tão clara. A valorização da identidade, ou apresentar qualquer elemento cultural, deixava o indivíduo sujeito à captura e, consequentemente, a todo tipo de condição que a autoridade responsável poderia decidir:

> *A educação brasileira, ela faltava muito a desejar na época, se você falava que era alemão, você era desprezado. Nem se conversava (...) tinha medo da captura, você entendeu? Então hoje se vivia só família, o seu segredo em família, todo mundo não falava "ai", mas que eram desprezados era.* (BÜLL, 2018)

Em Rio Claro, o silêncio do grupo ocupou-se de esconder tais violências, comprovando a nossa afirmação de que a ausência não indica inexistência.

Ao levarmos em conta as informações obtidas quanto à história (de maneira geral) das famílias e, também, quanto à Revolução de 32, nota-se uma proximidade com a sociedade local, além de que, outras características identificatórias de um indivíduo também foram (e são até hoje) levadas em consideração. A aproximação em outras esferas do cotidiano, fizeram com que os alemães tivessem um convívio, se não tranquilo, pelo menos harmonioso com alguns moradores, pois a variação interna do próprio grupo permitiu tais acontecimentos. A questão religiosa, escolar e de trabalho acabava por trazer muitos membros em contato com outros grupos, logo uma linha de correlação se abria para além da questão propagandística. O presbiterianismo e o catolicismo, as escolas municipais e as estradas de ferro e todo tipo de comércio, estabeleciam um cotidiano compartilhado com o diferente o que, pelo menos enquanto possibilidade, abria margem para novas formas de interpretar e de se relacionar com o "inimigo" tão propagado, fora que também já haviam alemães mestiços, o que, obviamente, aproximava e mesclava dois ou mais grupos.

A constatação das aproximações se faz fundamental, tendo em vista que quebram padrões impostos não somente durante o período que os fatos aconteceram, mas também quanto às linhas interpretativas desses posteriormente, pois ao se reconhecer a realidade complexa da cultura nota-se um emaranhado de situações múltiplas em um mesmo período histórico. Tais aproximações são vistas durante a Segunda Guerra Mundial, seja pela solidificação de amizades ou mistura étnica dos alemães com outros povos, assim será notado elementos que não os separam do resto da sociedade, entretanto, comprova-se que os de ancestralidade alemã foram perseguidos durante o Estado Novo, com a política de nacionalização e posterior procura por nazistas infiltrados.

A presença de certa admiração pelo líder alemão, entretanto, não deixou de se fazer presente, mas pouco, ou mesmo nada, de seu real conteúdo ideológico aparece com força, antes de nos aprofundarmos, vejamos o seu aparecimento

> Tendo passado um período importante de sua vida na Alemanha, Paulo Koelle admirava muito os alemães, e em certa época chegara a admirar Hitler pelo que ele fizera pelo país após a destruição da Segunda Guerra. Mas logo começou a transparecer o radicalismo do Führer e, assim como seu pai, assumira a posição de desconfiança frente à política do parido nacional-socialista. Ainda não chegara aos países da Améria nenhuma notícia das atrocidades praticadas nos guetos judaicos e nos campos de concentração, mas os Koelle não eram simpatizantes de Hitler nem do nazismo e não se envolveriam em qualquer tipo de manifestação política. (TRIMER, 1994, p. 67)

Como podemos ver, certos apreços à imagem do ditador germânico aparecem na comunidade, anteriormente ao conhecimento das nefastas ordens efetuadas nos campos de concentração. Não é necessário aprofundar tanto no desconhecimento da ideologia nazista, pelo já provado fato de que os alemães no município fazem parte de mesclas étnicas, o que contrairia o próprio ideal de "pureza racial". O que se apresentava era mais as realizações econômicas e/ou militares do *führer* e não o terror por ele efetuado, a propaganda, seja hitlerista ou a varguista, em certos momentos conseguiam o seu intento, limpar a imagem do ditador, escondendo suas ações questionáveis, glorificando suas realizações, não as injustificáveis.

Entretanto, até mesmo sofrerem ameaças de grupos nazistas era uma possibilidade para os alemães da cidade, encontramos informações sobre esta situação somente no livro de Trimer, no qual realça que o ataque poderia até vir de um outro alemão:

> (...) recebia cartas como aquela que agora tinha em mãos. Mais curta que as anteriores do mesmo remetente, mas sem assinatura, dizia, entre outras coisas, que depois da guerra seriam separados os verdadeiros amigos dos inimigos. Era uma ameaça velada. Se a Alemanha vencesse, eles viriam acertar as contas com ele e sua família. Em cada grande comunidade alemã no Brasil, *eles* procuravam criar núcleos do partido nazista, e o mais próximo de Rio Claro era o de Campinas. Há meses o dr. Paulo vinha recebendo cartas desse núcleo, requisitando o espaço físico do Instituto Koelle para reuniões da cidade. Sem lhes conceder maiores explicações, respondeu todas as vezes que aquilo não era possível (TRIMER, 1994, p. 66-67)

Além das ameaças que poderiam sofrer dos nazistas, a sua liberdade na comunidade e mesmo na sua privacidade foi atacada, pois a procura por tais apoiadores de Hitler, acabava por prejudicar a todos os teutos de maneira indiscriminada. Esta perda de liberdade de ação foi promovida pela intensa vigilância efetuada pelos agentes que se infiltravam para "melhor controlá-los". Tal operação era feita em conjunção aos serviços de inteligência internacional, como vemos nos documentos do FBI:

> Através de iniciativa e desenvoltura, um dos representantes do SIS em São Paulo, Brasil, foi capaz de penetrar a comunidade alemã, o Bureau foi capaz de obter importantes informações, relativas às relações dos vários indivíduos alemães que foram colocados na Lista Negra. (SIS History Part 03 of 08, 1947, p. 78, tradução nossa)

Contudo, a violência não está, necessariamente, somente na vigilância excessiva, mas também que qualquer elemento de demonstração cultural poderia ser encarado como suspeita. Com isso, poderiam efetivar prisões para se descobrir as supostas intenções da pessoa, utilizando-se de tortura para estes "pegos" pelos infiltrados:

> É importante dizer que a criação do Serviço Secreto dentro do DOPS ajudou a infiltrar agentes da polícia civil dentro das comunidades estrangeiras e a combater a espionagem alemã. Ou seja, os estrangeiros tiveram suas vidas esquadrinhadas pela polícia política. A ação dos agentes de informação era discreta, uma vez que se infiltravam nas comunidades como se fossem estrangeiros ou descendentes destes. Porém, quando um indivíduo suspeito era preso sofria tortura para confessar seus crimes. Alguns cidadãos brasileiros também foram vítimas de ações violentas da polícia por se enquadrarem na categoria indeterminada de subversivos. Falar alemão, italiano ou outro idioma estrangeiro, possuir livros ou fotografias de líderes europeus já bastava como prova do crime de traição. (QUADRADO, 2014, p. 47)

Trimer traz ainda mais um acontecimento, posterior ao fim do segundo conflito mundial, uma violência sofrida pela comunidade italiana e alemã na cidade de Rio Claro, contudo a força do silêncio impediu que certas memórias se mantivessem e aparecessem com maior constância, o relato é como se segue:

> Mas agora a Alemanha assinara capitulação incondicional: para os aliados, entre eles o Brasil, era a Vitória. (...) Para muitos, era hora de festejar, de tripudiar sobre os 'inimigos' derrotados. Naqueles dias uma pequena multidão, já animada pela bebida, passou pelo Hospital Santa Filomena, de propriedade do médico italiano dr. José Marciano, gritando insultos a todos os italianos e atirando garrafas contra o edifício. Após demorarem-se um pouco por ali, saíram em busca de novos alvos. Já de madrugada, chegaram ao prédio da esquina da rua cinco com a avenida 14, onde moravam a família do dr. Paulo e os alunos do internato, o prédio da 'escola alemã'. Recomeçando a algazarra, atiraram pedras e soltaram rojões diretamente contra as janelas e o telhado do prédio. Chocando-se contra o forro de madeira, as pedras e as telhas quebradas não apresentavam perigo, mas o estrondo era assustador (TRIMER, 1994, p. 72-73)

Seria, portanto o segundo ataque sofrido pela Escola Alemã, agora Colégio Koelle, desde a sua reabertura no fechamento obrigatório no primeiro conflito mundial. Outros atos violentos podem ter ocorrido, provavelmente sendo abafados para não piorar a situação com a sociedade. No trabalho de Scarano, vemos que há comentários de ataques sofridos no período da Segunda Guerra:

> De modo geral, a exasperação dos rio-clarenses se manifestou no sentido de ataques a lojas, tais como o apedrejamento de uma farmácia e o fechamento da pastelaria de um japonês. É evidente que o desagrado em relação aos comerciantes se acentuava quando eram de nação inimiga (SCARANO, 1969, p. 519)

A autora também levanta a questão que certas confusões quanto às datas podem se apresentar e, assim, a memória acabar não auxiliando na separação de dois fatos distantes, amalgamando-os em suas lembranças, como é comentado a respeito do ataque à Escola Alemã/Colégio Koelle:

> As represálias levadas a cabo por ocasião da I Guerra Mundial ainda permaneciam na memória dos habitantes, e têm-se a impressão de que esperavam a repetição de tais fatos, a qualquer momento. A confusão que muitos estabelecem entre os acontecimentos de uma e outra guerra é significativo, mostrando ser semelhante o estado de espírito da população nos dois períodos. Em relação ao Colégio Koelle, por exemplo, há quem afirme que foi atacado tanto na época da I como da II Guerra Mundial, se bem que a maioria diz que uma represália por ocasião do II conflito não teria sentido, uma vez que os proprietários eram brasileiros. De qualquer modo, a fim de não oferecer motivo para ataques, foram distribuídos todos os livros em alemão da Biblioteca do Colégio. Entretanto, o que dificulta o conhecimento de tais fatos é a população não desejar comentá-los, pois a instituição é, até hoje, motivo de orgulho para a cidade. Aliás os jornais não mencionam sequer essa questão de represálias, como que envergonhados de tais excessos. (SCARANO, 1969, p. 523)

Porém, nenhuma entrevista relata ou demonstra conhecimento a respeito de ataques a propriedades particulares neste momento, ou pode ter sido que estas pessoas foram alienadas pelos próprios familiares, ocultando a real situação. Esta ocultação que nos aprofundaremos agora, depois de explicada a violência sofrida com tanta veemência pela sociedade e Estado.

O silêncio, que referenciamos em toda a pesquisa pode agora ser entendido, o que é relatado aparece com maior clareza. O que antes poderia ser interpretado apenas como uma simples ausência, ao ligarmos com as informações referentes à construção do inimigo e das violências, perseguições e preconceitos enfrentados, vemos que são mecanismos de defesa, para blindar os mais novos de uma realidade contrária. As entrevistas demonstram essa proteção, sendo que alguns conheciam mais os motivos, outros desconfiavam e alguns não sabiam o que levavam seus pais ou avós a serem tão calados a certos assuntos:

> *A gente tinha um certo cuidado para conversar e tudo né? Porque sempre tem algum espírito de porco no meio pra tentar... fazer, fazer piada muitas vezes. (Mais adiante, quanto a como viam o período) Era uma vida difícil, problemática né? As pessoas não sabiam o que podia acontecer, começou aquela, quando começou aquela perseguição contra alemães, italianos e japoneses aí aquilo havia uma situação difícil (-havia medo?) A gente tinha muito cuidado com o que falava né? (Adiante, quanto a comentários sobre o conflito com outras pessoas) A gente tinha muito cuidado com isso tudo, comentavam muito na surdina alguma coisa sobre guerra. À medida que, depois que o Brasil entrou na guerra também, a coisa piorou. Os que eram contra o Eixo, que era Alemanha, Itália e Japão, chamava Eixo, as nações do Eixo, então havia aquela, precisava de muito cuidado pra conversar* (WENZEL, 2019)

> *Bom, o meu pai (Jorge Antonio Eichenberg), a minha mãe (Adria Moga Eichenberg), pra ser franco, nunca foi aberto de falar os problemas com os filhos, eles procuravam esconder o máximo possível, pra não atingir a gente sabe?* (PALOTA, 2019)

> *Meu pai (José Gabriel Witzel) não falou nada, não lembro do meu pai contar nada disso, me arrependo porque não perguntei também pro meu pai. O meu pai ele era meio calado com relação aos alemães, ele não falava muito, eu não sei se ele foi induzido a não falar de pequeno, de medo, sei lá, mas o meu pai não falava muito.* (WITZEL, 2018)

> *(sobre as guerras) Eles não falavam nada, eu acho que pra evitar comentários, essas coisas, nunca falavam nada (-evitavam o assunto?) evitavam, nunca comentaram sobre isso* (IOST, 2018)

> *(-seus avós comentavam algo sobre a guerra?) Não, acho que não, porque meus avós (Antônio Fahl e Maria Iost) comentavam menos que o meu pai (Aníbal Fahl), então eles tinham mais conhecimento, eram oriundos da Alemanha, mas eles comentavam menos, inclusive quando meu pai, meus tios, minhas tias procuravam saber com ele, como que estava a situação, a origem da guerra, essas coisas, ele evitava de falar. Os meus pais sabiam mais pelos outros do que propriamente através dos meus avós* (FAHL, 2019)

> *(-sofreram algum tipo de violência?) Que eu saiba violência não, mas talvez eles tenham escondido da gente. A gente evitava de falar alemão e eu sei que na primeira guerra, não na segunda, sei que houve alguns ataques por aqui, mas não sei, isso aí eu não sei. (-na segunda não chegou a ter nenhum tipo de violência?) Não, eu não posso dizer por que, eu acho que eles foram muito (-cautelosos?) Cautelosos, cuidadosos, para que a gente não sofresse, então eles, eles sofriam sem transferir para a gente isso* (ALMEIDA, 2019)

Ao relatar o silêncio que fora vivenciado no passado, há uma tentativa de ligar os fatos, diversos acontecimentos reaparecem ao entrevistado, a lacuna de memória acaba ficando evidente. Com a lembrança de outros momentos, percebe-se as intenções da mudez não só social, mas também familiar, o intenso medo enfrentado. O conselho de nada comentar era amplo por toda a etnia, sempre muito bem escolhido com quem e quando conversar.

O silêncio, pois, passa a fazer parte do *habitus* dessa ramificação alemã, que começa a utilizar o distanciamento e a quietude como equipamento protetivo. As cicatrizes culturais, fruto da violência simbólica do "abrasileiramento", se uniram ao medo da constante vigilância e da violência sofrida, e para evitar que problemas maiores se desenrolassem, nada foi dito e muito foi tolhido da memória étnica. Tal questão é resultado dos conflitos mundiais:

> Depois de 1939 não encontramos nenhum comentário feito por membros da comunidade germânica, nenhuma espécie de manifestação, seja de que tendência fôr. Pelo contrário, o manter-se calado parece ter sido a característica dos membros dêsse grupo. Também, são pouquíssimos os alemães que escolheram a cidade para habitar, na migração dos anos de Guerra. Mudaram-se nomes de lojas, houve um ou outro ataque e muitas passeatas feitas por estudantes e operários da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Os estudantes fazem proposta para que se mude o nome de Vila Alemã para Vila dos Aliados. Os fatos da I Guerra Mundial parecem ter permanecido na memória e impediram qualquer participação pública. (SCARANO, 1969, p. 529)

A violência durante o governo varguista foi principalmente de ordem estatal, com vigilância partindo da própria sociedade, pois, como já vimos, a imprensa criava um inimigo, ao desumanizar/estereotipar o alemão desde a Primeira Guerra. Dessa forma, podemos dizer que o primeiro conflito mundial apresentou o prelúdio do que viria a ser a perseguição da

Segunda Guerra: se antes a violência enfrentada se apresentou no fim do conflito europeu (1914), a situação mudaria no segundo, visto que a intenção dos beligerantes de conseguir o Brasil como aliado político e militar no conflito, intensificou na imprensa a compra e venda de matérias, ocasionando ataques físicos de civis e imposições por parte do governo contra as comunidades germânicas. Acaba, portanto, por ser a união das mais diversas frentes contra essa população, onde a pretensa neutralidade para com todos se torna discurso nacionalista falso, com intensas medidas de um processo de violência cultural que veio a ser conhecido como "política de nacionalização", que nada mais fez que impossibilitar a transmissão de características étnicas que auxiliavam o desenvolvimento das cidades do interior paulista. Tais impedimentos por mais que momentâneos, pois há a realidade da recuperação étnica, somente serviram para diminuir o escopo de possibilidades que um povo tinha de interagir na sociedade, além de incutir um silêncio, temeroso de consequências, que fragmentou a memória.

3.4 A educação alemã – característica étnica e não somente um edifício específico

Um verdadeiro marco na educação alemã da cidade trata-se do Colégio Alemão, entretanto, muito além de um local específico, a valorização da educação é uma característica étnica, a qual influi não somente no cotidiano do imigrante, mas também no contato com o outro.

Importante ressaltar esta característica como um elemento constituinte da cultura alemã, pois tem um importante foco na reconhecida Escola Alemã, porém se trata de uma materialização de seus valores, mas que podem se materializar de outras formas. A questão educacional possibilita ampliar os horizontes quanto a influência dessa população no município, que vai além dos marcos físicos.

Dentro dos elementos proibidos, por medo de tramas de espionagem, e que faz parte da educação é a língua alemã, sendo dificultada sua manutenção mesmo em ambiente familiar. As medidas de contraespionagem foram "efetivas", ao menos em impedir a transmissão da língua alemã.

Podemos, através das entrevistas, perceber que os alemães e descendentes foram atuantes no aspecto educacional no município de Rio Claro. Os relatos destacam o papel alemão não somente na manutenção das características cultural-educacionais no seio da própria família, mas também se mostraram simpáticos e atuantes no avanço desta na sociedade.

A valorização da educação trata-se de um elemento cultural que atua não somente no grupo étnico, ela altera dados da realidade local, conforme o alemão passa a ter contato com estes, é uma ação em vários níveis: tem a educação interna (familiar), a étnica (Colégio Alemão), as escolas municipais (com a presença de crianças e investimentos alemães), o ensino de conhecidos e amigos (de mesma origem étnica ou diversa), o incentivo/manutenção do conhecimento de ofícios (marceneiros, serralheiros, dentistas, etc) e artísticos (instrumentos musicais, canto, eventos os mais diversos). As ações contrárias à etnia acabaram afetando os outros, impossibilitando de serem até mesmo ajudados pelas práticas decorrentes dos valores educacionais propagados pela etnia, sendo isto auxiliado pela própria sociedade, que o fez em busca de um suposto ideal nacionalista.

A questão educacional, se pensarmos em uma perspectiva historicamente linear, é presente em todas as fases/momentos históricos desse grupo no interior de São Paulo. Já na sua vinda nota-se a intenção e preocupação da formação de escolas para a educação das crianças que vieram da Europa ou aqui nasciam, para assim manter a língua e possuir o conhecimento básico necessário, isso em uma nova sociedade que até mesmo entre os fazendeiros se encontrava pouco apelo à alfabetização, tão menos para a erudição. A pouca importância dada à educação pelos fazendeiros, foi complementada posteriormente com a perseguição promovida por Vargas. Condição histórica recorrente, já nos contratos de parceria, a disparidade educacional dos imigrantes para com os poderosos era notada:

> Segundo alguns padrões, estes poderiam ser considerados superiores aos fazendeiros. Ao contrário dos proprietários, quase todos os alemães e suíços sabiam ler. Eles assinaram os nomes nos contratos dos anos de 1850, enquanto os empregadores rabiscaram um X. Nove entre 10 das mulheres suíças e alemãs que também firmaram contratos eram alfabetizadas, enquanto oito entre dez esposas de fazendeiros não o eram. (DEAN, 1977, p. 115)

A busca pelo processo educacional não foi, entretanto, característica somente dos imigrantes e descendentes que procuravam os centros urbanos, como na criação do Colégio Alemão da cidade de Rio Claro, os bairros rurais também apresentaram a procura de manutenção da prática educacional. A escola de Ferraz, ligada também à Igreja Luterana do bairro e ao colégio e igreja de Rio Claro, é um exemplo claro da ação não somente familiar, mas grupal na preservação dos elementos étnicos de maneira geral, incluso o educacional.

No relatório de Keller, quanto às escolas alemães do interior do estado de São Paulo, nota-se que a escola de Ferraz trazia consigo outros grupos étnicos, notadamente, mas não

necessariamente única, de italianos, sendo que as crianças possuíam forte relação independente das origens diversas.

> Esta colônia alemã tem cerca de 15 anos e consiste em 2 colônias, que repartem entre si ambas as estações Ferraz e Corumbatahy. No meio está situado, como uma cunha, entre os alemães, uma colônia italiana. (...) Um senhor Scholz, antigo professor em Kirchdorf, dirigia uma escola dominical, na qual vinham 35 crianças e jovens. Os escolares gostam da existência de 20 outras crianças. (KELLER,1919, tradução nossa)

Temos que pensar quanto à origem dos povos que para cá migraram, o "alemão" aqui trata-se de uma mistura de povos germânicos, de grupos que compunham os diversos reinos, o império Austro-húngaro, a Suíça e, mesmo os próximos, como holandeses. Dessa forma, o processo educacional no interior de São Paulo viu um movimento de unificação de linguagem que terminou incompleta principalmente aos ataques direcionados à um grupo que estava em processo de estabelecimento de bases comuns (só na questão da língua, as diferenças entre dialetos podem dificultar a compreensão do que o outro está a falar). Com o estabelecimento de tais escolas e o ensino do *Hochdeutsch*, o processo de unificação iniciara, entretanto, já não bastasse as dificuldades enfrentadas inicialmente, o período das guerras mundiais irá, se não acabar, prejudicar a manutenção da instituição educacional edificada pelos alemães.

O apedrejamento e a política de nacionalização, em muito atacou a possibilidade de ação alemã na educação da realidade social na qual estavam inseridos. Entretanto, sua presença se faz notar, mesmo durante a perseguição sofrida, incentivando não uma infiltração imperialista ou nazista como propagado pela imprensa, mas até mesmo no aprendizado da própria língua portuguesa. A presença alemã se faz na alfabetização da língua nacional:

> *Ela (Júlia Fahl) sabia ler, escrever, ler bíblia, lia bíblia que era uma coisa! (-ela ensinava os vizinhos? Tinha uma história assim?) (acena positivamente com a cabeça) (-onde isso?) Lá em Camaquã (-como que era?) Lia o versículo da bíblia, explicava, fazia oração, tudo com aquela gente pobre lá, com aquele tio Dorinho. Ensinava a escrever, uma moça que ela ensinava a escrever se chamava Zória (-então ela ensinava os vizinhos a ler e escrever?) Esses vizinhos até que moravam longe. Tudo com lamparina, tinha duas lamparinas, uma em cada ponta de mesa, ai que pobreza! Eram dois moços e duas moças, e nós criançada (Ondina, Odimir e Otoniel Clóvis) ficava lá na sala com o pai (Waldemar Alfred Fahl) e ela ficava dando as aulas dela lá. Ela preparava a aula de dia, muitas vezes tinha o caderno lá, ela fazia as contas para eles, o nome deles para eles copiarem (-e eles pagavam em serviço ou era só pela amizade?) Pagava nada, ela fazia voluntário (era pela amizade?) Por amor mesmo, amor à arte, amor ao próximo. (mais adiante na entrevista, comenta novamente do caso) E as meninas (filhas do Limpico) e nós que era criançada, tudo pequeno, com a mãe (Júlia Fahl) que passou a ensinar elas (-mas elas não estudavam no colégio de Camaquã?) Não! Elas nunca foram na escola, a mãe que ensinou, o pouco que elas aprenderam foi minha mãe que ensinou.* (VERNA, 2019)

A convivência alemã com outros grupos étnicos já era um fato consolidado, a relação mútua já estava estabelecida e promovia cooperação entre etnias. O distanciamento forçado, principalmente fundamentado pela imprensa e pelo Estado Novo, vai abafar a possibilidade desse fato se expandir, o crescimento do conhecimento e apreço pela educação acabou sendo tolhida não somente dos alemães, mas daqueles que também se beneficiavam, até mesmo gratuitamente, da sua presença, podendo até ser, como no caso citado, a forma que estes tiveram de conseguir se alfabetizar.

Além do ensino a nível individual, o alemão e descendente também auxiliava a educação local através de investimentos, doações e como professores. A procura de abafar um dado cultural não o destrói, pode impedir certos aspectos (como a língua), mas não se altera o interior do indivíduo, seus valores continuam consigo e alteram a realidade que o circunda, mesmo que menos que poderia caso não lhe fossem tolhidos seus direitos. Dessa forma, nota-se o incentivo às escolas não étnicas propiciados pelo grupo alemão, havendo até mesmo quem doasse parte de sua propriedade para que houvesse a possibilidade de criação das mesmas:

> *(-a sua família valorizava a educação? Ajudava nos estudos?) Ajudava, tinha a escola dentro do próprio sítio né? Porque a propriedade do meu tio Gumercindo (Fahl), que eram dos nossos avós (António Fahl e Maria Iost), foi feito uma escola lá, então era dentro do próprio sítio. Inclusive a professora, ela pagava a pensão da casa do meu tio Gumercindo, então a gente ia na escola, pertinho, dentro a escola, o pai obrigava a ir e 8 horas da manhã tinha que estar na escola e meio dia terminava as aulas, quando era 1 e meia tava na roça, trabalhando. O estudo era rigoroso, a gente só tinha mais até o terceiro ano, ai eu passei a fazer o quarto ano aqui no Irineu Penteado, só que eu vinha a pé sete quilómetros à noite, para fazer o quarto ano, era uma dificuldade tremenda. Trabalhava até tarde, saia pra estudar, chegava em casa lá pra meia noite, lá pra onze e pouco, era uma hora mais ou menos a pé, e de manhã cedo tinha que levantar para ir trabalhar. Mas o meu pai fazia estudar (-e essa escola no sítio? Como que era?) Era uma escola municipal, lá no sítio, dentro da propriedade dos nossos avós (-daí cederam espaço?) É, e lá tinha bastante aluno na região inteira, naquela época tinha muita gente no sítio, hoje não tem mais (-o sítio era dos seus avós?) Era dos meus avós (-lembra o nome da escola?) Escola Municipal Bairro Boa Vista. Nós estudamos lá primeiro, segundo e terceiro, só tinha até o terceiro, quarto ano tinha que fazer fora. Às vezes, a professora que pagava pensão na casa do meu tio, ela dava uma aula de vez em quando à noite para a gente, lá na escola mesmo, mas não era sempre.* (FAHL, 2019)

A importância dada à educação se apresentava de maneira geral, num intuito de avanço do conhecimento, o crescimento também é promovido fora do seu grupo étnico. O indivíduo alemão se apresenta em instituições que não se baseavam em sua origem, mas que fazem parte da sua solidificação e avanço na cidade.

A educação vai além dos aspectos de alfabetização e aprendizado escolar e de ofícios, as atividades culturais e seus incentivos também se tratam de importante parte desta. A

admiração às formas de arte também é um aspecto intimamente ligado ao processo educacional, onde o indivíduo compreende a importância desta e passa a assistir ou participar de apresentações e eventos artísticos. Dessa forma, tanto como audiência, prática ou incentivo, a importância dada às artes propicia um melhor ambiente, terra fértil, para que a educação e a erudição se enraizassem na sociedade local.

Nos relatos, o apreço às artes se apresentou como parte da educação das famílias, nem sempre ensinada em casa, mas incentivada financeiramente, para que os filhos, ou outros familiares, aprendessem:

> *Meu pai (Ivo Arnold) estudou violino (...) (-e ele ajudava o aprendizado em casa?) Sim, ajudava, incentivava, pagava, curso de inglês, curso de alemão, o que eu quisesse e o que a minha irmã quisesse também. Então havia essa disposição, até da minha tia. A Laísa, a minha tia, que ela era a mais velha dos irmãos, ela era solteira, ela era funcionária da receita federal, então ela tinha um salário muito bom, e ela oferecia coisas pros sobrinhos assim: "você quer aprender piano? Quer aprender inglês? Quer aprender..." entendeu? Sempre teve essa coisa de, na disposição dela de querer cuidar dos sobrinhos, (...) então tinha muito esse foco: se eu vou ajudar alguém, que seja na parte de formação, na parte de educação. Era algo bem característico deles isso* (ARNOLD, 2019)

> *Quando eu fui estudar em Campinas, a maior dificuldade da minha vida, porque eu estudava piano aqui tudo em alemão com a dona Ema, os métodos tudo alemão e quando eu fui pra Campinas, ai meu Deus do céu, que dificuldade encontrei! Porque lá era tudo, até os nomes das notas, nem eu sabia, em português, e lá era conservatório musical, então eu tinha que saber tudo em português. Então eu encontrei muita dificuldade, mas depois fui engrenando* (PALOTA, 2019)

Os incentivos culturais eram vistos com estima, não como um gasto a mais ou algo desnecessário. Obviamente nem todos possuíam condições para tal, porém conforme as oportunidades que a família dispunha, a valorização e desejo pelo conhecimento cultural se apresentava.

Das entrevistas realizadas, muitas famílias tiveram em sua história, algum ancestral (isso quando não eram eles mesmos) como estudante do Colégio Alemão (ou colégio Koelle, pós-Primeira Guerra). Trata-se de um ponto de referência para o grupo étnico, mesmo que mais perceptível, entretanto não unicamente, entre os alemães de origem luterana.

A valorização pelos estudos aparece também nos indivíduos que não passaram pelo Colégio Alemão, onde os familiares também buscavam que os descendentes possuíssem formação educacional. Os alemães demonstram essa busca, ou mesmo determinação, para que conseguissem estudar, fixando residência perto de escolas para que facilitasse a adesão/comparecimento dos filhos:

> *Meu pai quando escolheu o terreno onde ele construiu a casa, isso na década de 60, ele pensou e escolheu o que tinha uma escola perto, então ele queria facilitar ao máximo nosso acesso, meu e da minha irmã à escola, sem ter problemas, empecilhos que pudessem comprometer o estudo. Uma coisa sempre muito enfatizado.* (ARNOLD, 2019)

Com o aparecimento recorrente dessa característica, era esperado que esta aparecesse no cotidiano, na casa alemã. A variação interna do grupo se apresenta mesmo para o "nível" de formação educacional, com certas famílias conseguindo meios de melhor se educar, nestes casos há a ajuda, mesmo ensino, aliado à cobrança para com os filhos/netos; contudo, para aqueles que não tiveram as mesmas oportunidades, ainda apresentavam a cobrança para que os descendentes conseguissem bom desempenho. Independente da formação educacional ou não, dos pais e/ou avós, a casa teuta se apresenta como um local de incentivo e obrigação ao estudo:

> *Ajudava, sempre vigiava se estava fazendo lição de casa, se estava estudando, queria sempre ver o boletim, antigamente tinha o boletim, ver o comportamento, as notas tudo (-mas ajudavam ensinar em casa?) Não, ajudar não ajudava muito, porque antigamente o pessoal, naquela época os pais, o meu pai (Timóteo Paulo Iost) estudou na antiga industrial, mas a minha mãe (Elvina Escher Iost) só teve o grupo escolar na época. Então eles não tinham capacidade pra ajudar você nos estudos, não tinha como, era difícil* (IOST, 2018)

> *Tomava lição direitinho, alí ó (demonstra apertando as mãos), o pai (Waldemar Fahl) era mais bonzinho, a mãe (Júlia Fahl) era mais pimentinha* (VERNA, 2019)

> *Minha mãe ensinava muito a gente (...) ensinava em casa, eu entrei na escola com 6 anos e já sabia ler e escrever* (HABERMANN, 2018)

> *Minha família ajudava a educação sim, tinha que obedecer porque senão... aquele tempo a gente apanhava (risos) (-e aprender a ler, escrever?) Sim, era um irmão ensinava o outro, entre os irmãos, agora quem ensinou o primeiro eu não sei (risos)* (MARCHEZIN, 2018)

> *Na educação minha mãe dava duro em mim, e a vó também (...) no tempo da escola ela procurava ajudar a gente, o que ela sabia, ela chamava Olga Spiller de Souza (-ela ajudava escrever, fazer conta?) Ela sempre ajudava, alguma coisa que ela não sabia, ela tentava ajudar a gente, mas não era muito de estudo também né?* (SOUZA,2018)

A tentativa de auxiliar os mais novos nem sempre era possível, seja devido aos diferentes graus de formação como vimos, mas tal condição se apresenta por outras questões, o próprio distanciamento da língua alemã para com a portuguesa pode ser uma condição que não possibilitava a ajuda, pelo menos quando o assunto eram as lições escolares. Contudo, outros aspectos são transmitidos:

> *Ajudavam, mas não muito, pois eles eram alemães, principalmente a mãe (Erna Simon Graetz) não tinha domínio da língua portuguesa e nós estudávamos no Kölle e era tudo em português, então ela ajudava, claro, mas não... a gente era responsável*

> *por si, a gente tinha que fazer nossas lições, a gente mesma (-mas eles lhe passaram a língua alemã?) Sim (-a senhora lê em gótico?) Sim, leio em gótico, só não escrevo em gótico, mas leio em gótico sim (-quem ensinou?) Principalmente a mãe, mas o pai (Gerhard Graetz) também* (ALMEIDA, 2019)

Certos relatos, quanto à cobrança educacional em casa, apresentam aspectos ligados à religiosidade alemã, cuja preocupação de manterem a sua fé e de preparar as novas gerações, demonstra a forte ligação entre a religião e a educação no grupo étnico, desde que chegaram em Rio Claro. Tal condição é significativa para entendermos o quão valorizado é o conhecimento, faz parte da concepção de realidade, da edificação do indivíduo:

> *Conhecimento dos meus pais, eles eram muito rigorosos, meu pai (Aníbal) falava, meus tios também, através de parábolas da bíblia pra gente, educando a gente, então sendo criado pelo meu pai com muito respeito, porque tudo o que ele falava era através da bíblia, o amor, respeito, a relação com os outros* (FAHL, 2019)

Esta ligação é facilmente vista com relação aos luteranos na cidade, nesse ímpeto fundamental para as bases dos alemães, o seu tripé de sustentação, a construção do Cemitério Evangélico, da Igreja Luterana e do Colégio Alemão. Procuravam, também, ajudar aqueles que compartilhavam da mesma fé, como vemos nos descontos que eram concedidos pelos Koelle às famílias de mesma religião:

> *(-sua família ajudava na sua educação?) Sempre, sempre foi um amparo né? Meus avós, meus pais, sempre ajudaram a gente, qualquer coisa, alguma dúvida que tinha era eles, porque só escreviam em alemão, só alemão (-a senhora estudou na...?) Escola alemã (...) E interessante, que quem pertencia à Igreja tinha um pequeno desconto na Escola alemã, porque o que fundou a escola, que era o pastor Kölle, que era lá da Igreja Luterana* (PALOTA, 2019)

A formação educacional, sempre em estima elevada, é vista pelos teutos como aspecto fundamental e principal para a vida dos descendentes. Educar seria, pois, a construção dos caminhos, das possibilidades de sobrevivência e, se for possível, de melhor conseguir aproveitar as oportunidades da vida, garantindo maior liberdade de ação:

> *Valorizava muito, minha família sempre valorizou a educação, eles ajudavam sim (...) educação meu pai (José Gabriel Witzel) valorizava muito, uma coisa que eu gravei muito que o meu pai falava para a minha mãe (Maria Aparecida Andreolli Witzel), ele falava assim: "Cida, a gente precisa trabalhar e dar estudo pra eles" isso ele falava, "não precisa deixar nada pra eles, não precisa deixar nada, mas eu quero deixar para ele um bom diploma, pra que eles sigam a vida deles" (...) Ajudava no estudo, e tinha lição, então tinha a lição da escola e depois ele passava a lição dele, e tinha que fazer, tinha a lição de escola e a dele e ele tomava, então foi até um certo tempo, até o que ele sabia, depois quando ele não sabia mais a gente deu graças a Deus (risos), ele era firme no estudo* (WITZEL, 2018)

> *Meu pai (Walter Lucke) era muito rígido nessa parte, a escola tinha que, eu e meu irmão, ser muito bom, no primário, "por que você tirou 9 nessa matéria?" (risos) "qual o problema? Vamos ver aqui", ele exigia muito, mas a escola era boa e era paga sabe? Então ele achava que educação era o principal que ele podia deixar para gente, o resto era com a gente* (LUCKE, 2018)

Podemos reforçar esse apreço no adquirir conhecimento, se pensarmos não somente nas dificuldades enfrentadas para que os descendentes obtivessem alguma formação, mas também, com o retorno ao aprendizado, independente da idade ou de algum motivo específico. O conhecimento se apresenta enquanto motivação em si próprio, não há necessidade de um motivo para adquiri-lo, o aprender faz parte da etnia:

> *(-sua família ajudava nos seus estudos?) Sim, o meu pai embora caminhoneiro, passamos por dificuldades danadas, (...) nós somos em 6 filhos, todos nós estudamos, porque o meu pai correu atrás disso, todos nós estudamos (-ajudavam em casa?) Sim, embora meu pai (Álvaro Baumgartner) e minha mãe não tinham muito com o que ajudar no sentido de tirar dúvidas da gente, mas de pressionar né? Essa coisa da cinta do lado da fivela assim, sempre funcionou lá, e depois de mais tranquilo, o meu pai e minha mãe também procuraram escola, eles já tinham muito mais de 50, foram terminar alguma coisinha de estudo, eles não eram analfabetos, mas tinham estudado muito pouco* (BAUMGARTNER, 2019)

Dessa forma, podemos afirmar que a presença alemã nas instituições vai muito além daquelas que possuem sua adjetivação no nome. O apreço educacional se enraíza pela cidade, a influência gerada acaba sendo total, mesmo que sobre fortes imposições limitantes. A importância dada à educação trata-se de característica étnica, grupal, individual e familiar.

A questão familiar na educação faz parte do *habitus*, está fixada na forma de interpretar o mundo da etnia nos aspectos coletivos e individuais. Na casa alemã, os familiares acabam por exercer uma função próxima de um professor ou, caso lhe falte instrução, de inspetor/fiscal do estudo de seus filhos/sobrinhos/netos. Entretanto, independentemente do nível de instrução, a valorização educacional se apresenta, se não enquanto processo educacional de formação escolar ou clássica, mas em trabalho de ofício. Ambas formas de transmissão de conhecimento se apresentam no seio familiar, se em alguns momentos parecem ser contraditórios, em realidade trata-se de características valorativas que fazem parte do grupo étnico. Além de que, o próprio transmitir dos conhecimentos carrega em si os valores culturais, históricos que formaram o grupo étnico no município, fortalecendo os laços entre as diferentes gerações.

3.5 O trabalho alemão – o conhecimento, as dificuldades e o empreendedorismo

As formas de trabalho são também parte constituinte da cultura de um determinado grupo étnico, sendo o modo de alteração ou interação do homem com a realidade física. Por ser um dado também cultural, o trabalho está ligado aos sentimentos e valores do indivíduo e elemento das relações familiares, étnicas e com a sociedade local. Assim, será analisado certos aspectos que envolveram esta característica.

Os saberes, fazem parte do grupo étnico, obviamente, tais conhecimentos se modificam no tempo e, também estão sujeitos aos problemas da realidade local, seja esta quanto aos aspectos climáticos ou humanos. Alguns problemas iniciais foram referentes ao clima, como já vimos no capítulo 1, com a introdução de Sérgio Buarque de Holanda do "Memórias de um Colono no Brasil" de Thomas Davatz (1941), com problemas de adaptação até em questões de higiene doméstica que a nova realidade demandava, mas também podemos ver na carta de Elsbeth Jost, parte de uma preparação que foi frustrada devido à diferenças climáticas não esperadas, o que demonstra que havia sim planejamento para vir ao Brasil, mas certas informações não eram corretas ou o esperado, além do terreno pobre concedido:

> As sementes que trouxemos da Suíça nem sempre floresceram, a maioria não germinou, pois eu esperava tempo mais seco e com isso elas apodreceram. A plantação fica a uns 15 minutos de casa, numa região sem qualquer água em volta. Uma parte do terreno do Peter Räsen é muito ruim e tem muita pedra e o nosso é muito inclinado (HEFLINGER, 2009, p.53)

Entretanto, o efeito humano sobre o trabalho germânico na cidade tratou-se do maior influenciador, ou se diria até mesmo impedidor, sendo as questões políticas e sociais um processo mais complexo do que a necessidade de adaptar certos aspectos à realidade física. Tal situação explica-se, pois, resolvidos os problemas quanto ao clima e vegetação local, estes conhecimentos passam a fazer parte do grupo étnico e, assim, se tornam mais uma das características que os compõe culturalmente, acrescidos então os meios de melhor agir nas dadas condições. Porém, as flutuações das atitudes dos outros para com eles, são movimentos que o grupo não possui controle e, dado o conjunto de acontecimentos importantes e certamente desfavoráveis ocorridos na primeira metade do século XX, muito alterou as margens de possibilidade, ação e liberdade destes realizarem as suas funções.

Os impedimentos não eram apenas, todavia, uma questão unicamente dos descendentes dos imigrantes, o próprio sistema de parceria acabou por ser um certo limitante de sua atuação,

a qual se via concentrada no trabalho braçal nas fazendas, mesmo que também aparecesse na colônia e no processo de beneficiamento, é inegável a indispensável centralidade do cafezal para quitar suas dívidas.

Muitos desses impedimentos eram planejados, visavam dificultar se desvencilharem da terra dos fazendeiros, em conjunção à dificuldade de obter a sua própria. Os processos eram pensados em atrelar o imigrante, mantendo-o sob o fazendeiro o maior tempo possível, dois se destacam, a lei de terras de 1850 e o endividamento da parceria. Quanto à lei de terras:

> Seria engano supor que a finalidade da Lei de Terras fosse a de democratizar o acesso à propriedade fundiária. Na verdade, ela nasceu como instrumento legal que assegurava um monopólio de classe sobre a terra em todas as regiões do país, mesmo naquelas ainda não ocupadas economicamente. Com isso, o que de fato se conseguia era interditar o acesso do lavrador pobre à terra, impedindo-o de trabalhar para si e obrigando-o a trabalhar para terceiros, especialmente para os grandes proprietários (MARTINS, 2010, p. 125)

A lei de terras, também, ao dar valor monetário à terra, promovia a valorização fundiária, impedia-se a concessão gratuita, assim dificultando concedê-las para a colonização (PETRONE, 1984, p. 32-33). Entretanto, o segundo tipo de impedimento, o qual envolvia o próprio funcionamento da vida na fazenda, e prendeu inicialmente o imigrante, se tratou da dívida e dos juros do contrato:

> A parceria reduzia o acerto de contas a uma vez por ano, após o encerramento do ciclo agrícola, e comprometia o trabalhador com o ciclo inteiro. O mecanismo do endividamento ampliava a sua sujeição, obrigava-o a permanecer mais tempo na fazenda. Ainda que o trabalhador pudesse deslocar-se de uma fazenda a outra, tal deslocamento estava sujeito à compra da sua dívida pelo outro fazendeiro. E, como desdobramento dessa sujeição por dívida o trabalhador nem mesmo podia ausentar-se sem prévio consentimento do fazendeiro ou do administrador. Isso impedia que fosse oferecer o seu trabalho a outro fazendeiro e que burlasse, pois, os interesses do fazendeiro que, por adiantamento havia se tornado senhor de seu trabalho. Impedia, também, que fizesse suas compras em outros armazéns que não o armazém da fazenda em que trabalhava. Justamente a manipulação dos preços das mercadorias desses armazéns constituía um instrumento fundamental na sujeição por dívidas (MARTINS, 2010, p. 125-126)

Estes impedimentos eram relativos à mudança do sistema de trabalho escravo para o livre. Contudo, a condição que se apresenta posteriormente, nas Guerras Mundiais, não se tratou, necessariamente, do choque de diferentes realidades sistêmicas, e sim de rejeição e violência para com um grupo encarado como inimigo infiltrado. No período antecessor, entre a vinda e a Primeira Guerra, a sociedade não demonstrou clara repulsa aos alemães, talvez possa se dizer até mesmo que houve o oposto, uma certa aceitação sem maiores conflitos.

Se a condição de proximidade havia se estabelecido, e o alemão tornara-se parte do cotidiano da cidade, os acontecimentos internacionais acabariam por abalar essa harmonia com a sociedade local. Ao se tornar o "inimigo infiltrado", sua participação, seu trabalho, na cidade, por mais que já fosse parte estabelecida de seu funcionamento, passa a ser visto como maquinações contra a nação, sendo seus estabelecimentos interpretados como bases de ação corruptora da sociedade. Desse modo, os ataques realizados às construções e comércios alemães passavam a ser idealizados como um ataque nacionalista à um inimigo sorrateiro.

Rio Claro apresenta uma relação mútua para com os alemães, repulsa e proximidade, uma população já enraizada, mas ao mesmo tempo vista como diferente. Um fato interessante de se notar é que, mesmo sofrendo os ataques ao colégio e à igreja, no mesmo ano, de 1917, oficinas foram abertas por um descendente de alemães (sócios também), a "Casa Schmidt":

> Elas surgiram em 1917, na rua 1 entre avenidas 3 e 5, em frente à Estação da então Cia. Paulista. Seu idealizador era o sr. Augusto Schmidt (de origem alemã), que instalou as oficinas (serraria, carpintaria e marcenaria) após voltar de uma viagem à Europa e aos Estados Unidos, onde conheceu as máquinas mais modernas então existentes, trazendo inclusive algumas. Constituindo a firma Schmidt, Meyer & Cia., com os senhores Bruno Meyer e Frederico Timm, Augusto Schmidt instalou as oficinas para a produção de forros, assoalhos e madeiramento. Ainda com os mesmos sócios, havia montado, alguns anos antes, cerâmicas nos distritos de Corumbataí e Santa Gertrudes, fortalecendo-se, portanto, no setor de produtos para a construção civil (SELINGARDI-SAMPAIO; PIRES, 1992, p. 24)

As relações com a sociedade era, portanto, complexa, talvez certas aproximações na cidade podem ser devido à sua formação, de intensas ondas migratórias de europeus, então se por um lado enfrentavam problemas, o conjunto populacional da cidade não estava tão distante dos alemães. Seja pela miscigenação ou pela proximidade cultural, certa convivência era estabelecida, porém eram também atacados. Outro aspecto que não deve ser desconsiderado é que os ataques ocorreram com as notícias dos afundamentos dos navios brasileiros, além da construção do "inimigo" alemão pela imprensa.

A Revolução Constitucionalista de 32 apresentou um quadro de medo intenso, como já abordado anteriormente, então o tolhimento viu-se mais representando pelo receio do ataque e observação dos aviões. Entretanto, a participação fora mais forte do que a tentativa de abafar as atividades dos moradores da cidade, sendo que o trabalho alemão foi aproveitado e, também, suas doações. Havia, portanto, uma relação amigável com a sociedade, sem distinções tão claras entre as etnias nesse momento, pelo menos não como durante os conflitos mundiais, o que não significa apreço do governo federal para com os alemães.

Para nos aprofundarmos no período da Segunda Guerra, devemos compreender o período, no qual o elemento alemão sofreu as consequências e, ao mesmo tempo, foi um dos agentes de resolução de certas questões, principalmente quanto à falta de mantimentos, seja alimentos ou combustíveis. Trata-se de uma conjuntura internacional e nacional complexa, com a crise ocasionada pela grande depressão de 1929, que traz problemas não somente aos cafezais, mas a toda economia nacional, posteriormente há a Revolução de 32 e a Segunda Guerra.

A soma de fatores complexos e graves em todo mundo afetou diretamente a economia, e os alemães étnicos, obviamente, não estavam alheios aos acontecimentos. A crise de 1929 acabou por representar uma piora significativa para as famílias de Rio Claro, os relatos que citam diretamente a crise de 1929 são os seguintes:

> *A minha família depois dessa bancarrota do café, pelo que eu ouvia dizer, realmente começaram do nada de novo, meu avô (Jacó Baumgartner) vendia lenha, ele catava lenha pra vender numa carroça, e ele passava uma dificuldade muito grande, tanto é que dos filhos do meu avô, ele conseguiu estudar apenas um filho, estudar até o fim, digo uma universidade e tudo mais, os outros todos não conseguiram terminar. Então ele realmente passou uma dificuldade danada, mas não por causa do sobrenome, era porque realmente a família perdeu tudo e tinha que começar de novo.* (BAUMGARTNER, 2019)

> *Aquele era um tempo muito difícil! Vixie rapaz, aquele tempo era uma pobreza! Que pelo Deus! Veja bem, eu por exemplo, eu nasci em 1927, caçula de um time de 11 (risos), meu pai, sapateiro, pra tratar de uma família enorme. Em 1929, com a quebra da bolsa de Nova York que arruinou a economia mundial, então a miséria era total ne? Não havia trabalho nem nada, eu sendo filho de sapateiro fui descalço na escola! Meu pai não podia fazer o sapato para mim e não podia comprar o sapato pronto (fala rindo da situação) também ne? Era só pobreza que não tinha jeito!* (WENZEL, 2019)

Podemos ver que as famílias passaram por problemas diretamente relacionados à quebra da bolsa de 29, mas também que devido ao seu conhecimento técnico, conseguiram passar, ou ao menos sobreviver, ao período, mesmo com as dificuldades. Ofícios estes, que se ligam à época de sua vinda ao Brasil, e neste momento se mostraram fundamentais novamente para o grupo. Também se nota uma forte resiliência, pois ao comentar de momento difícil, falam com alegria, fato esse que se repete em várias entrevistas, até mesmo pela valorização étnica, solidificado em seu *habitus*, do orgulho da vitória em condições desfavoráveis.

A crise econômica vai afetar também a educação formal alemã, tendo em vista que as famílias perdiam suas condições financeiras e os filhos tinham que parar de estudar no Colégio Alemão:

> *A escola sempre foi uma escola particular, contava com as contribuições dos pais e, evidentemente, sofreu crises, principalmente na época em que tinha o internato, o meu avô (Teodoro Kölle) tinha um internato que nos anos de crise, anos de 29, quando ouve aquele debacle mundial, os alunos do internato caíram de 80 para 20 alunos, por que? Porque a crise financeira mundial afetou todo mundo aqui e, também, o pessoal não conseguia pagar né? Ou então economizavam* (KOELLE, 2018)

Ainda quanto aos problemas referentes à conjuntura, podemos notar o problema referente a alimentação e combustíveis, que perdurou desde a crise de 29 até os fins da Segunda Guerra Mundial. O racionamento apresenta-se nos relatos, como problemas enfrentados no período, os quais, não haviam como ser escondidos pelos pais, a alimentação escassa, por mais que procurassem manter a sua família da melhor forma possível, era algo que não havia como disfarçar:

> *O racionamento existia de tudo, farinha de trigo, arroz, feijão, tudo racionado, dava alimento ao potencial de cada família, quantas pessoas existiria na casa, então foi um período que disciplinou muita gente, a parte da alimentação. Não tinha em excesso, porque hoje nós temos em excesso, e não muito aproveitável (-e como era controlado? O governo que fazia a listinha?) Tudo, de tudo, o governo controlava tudo, medicamentos, controlava alimentação* (BÜLL, 2018)

A falta de alimentos, principalmente o controle de sal e trigo foi algo marcante, e o desespero para se obter, mesmo que pouco, para poderem comer. Além disso, devido à falta, havia o racionamento, limitando a possibilidade de compra a determinadas quantidades, estabelecidas pelo governo, para que todos pudessem obter alguma coisa:

> *a história do sal, que faltou sal, e que a turma não tinha sal, e a turma começou, onde tinha cocho de vaca, tinha busca sal lá pra fazer comida* (ISLER, 2018)

> *Aqui para se obter sal, aqui tinha que ter uma carteirinha dando ordem para a prefeitura entregar não sei se é 100 grama, 200 grama de sal por família. Então, foi uma coisa que judiou muito do brasileiro não ter sal, não tinha como, eles afundava tudo quanto era navio, não só de sal como de outras coisas e outra coisa era trigo, trigo era não podia sair da Rússia, a Rússia era contra os alemães também, não escoava o trigo deles. Então para fazer pão aqui, pra necessidade da família, ele era feito de mandioca, porque trigo não existia, não tinha como vim para cá* (SCHNEIDER, 2018)

> *Na Segunda Guerra, em 45, nós passamos por dificuldade de adquirir alimento, o trigo e o combustível, o combustível ainda usava pouco, foi mais o trigo, a dificuldade de achar aquilo lá, então na venda tinha que encomendar ficar 2, 3 dias até uma semana pra depois receber o trigo para o pão, aí faltou bastante, nessa época da guerra* (FAHL, 2019)

Havia também formas de tentar burlar o racionamento e conseguir um pouco mais de alimentos, para providenciar a sobrevivência da família:

> *eu ficava na fila lá, era o racionamento de sal, você não podia comprar 1 quilo de sal, era tudo um pacotinho, 100 grama, era na "feira das nações", (...) um armazém, então tinha que ir lá comprar. Sal tinha fila, às vezes ia em 2 na família (fala rindo) ficava um lá na frente e outro mais atrás para pegar dois pacotinhos* (SOUZA, 2018)

O racionamento, entretanto, apresentava-se não somente como impedimentos à sua realidade de trabalho, mas foi, para alguns, oportunidade de ação em outras áreas, descobrindo alternativas para a população e para suas atividades:

> *Pra vender também precisava ter salvo-conduto, vendia mandioca por exemplo, o pessoal precisava de mandioca para fazer pão porque trigo não tinha, e ele tinha, plantou bastante mandioca. Eu lembro até onde ele (Carlos Schneider) foi buscar a rama da mandioca (...) foi buscar a rama lá com aqueles caminhonetinho de antigamente, que andava a 30 por hora (dá risada). (...) Ele foi buscar rama lá em Porto Ferreira e plantou um alqueire de mandioca, e era mandioca tuda a vida um alqueire (...) Mas precisava o salvo-conduto para vender também, provar que ele era, com aquilo, provava que ele era alemão e podia vender, tinha ordem pra vender. (mais adiante retorna o tema) (-e quando eles iam vender a mandioca, eles sofreram algum preconceito?) (...) Não, não porque tudo necessitava. Quando necessita, aceita tudo. E geralmente era outras nacionalidades, italiano, espanhol, que tinha um armazém, naquele tempo era armazém, não era supermercado, ou então era venda de secos e molhados, entregava para outros amigos, dava né? Meu pai eu me lembro, para quantas pessoas vizinhas ele pegava aquele saco de estopa cheio de mandioca trazia e repartia para os vizinhos (demonstra levantando com as mãos, indicando que levava nas costas), de graça* (SCHNEIDER, 2018)

Nota-se o conhecimento do imigrante e descendente em ocupar espaços necessários para a sociedade, auxiliando-a a prover os mantimentos diários necessários. Aliado a isso, o relato também apresenta o sentido comunitário próximo que possuíam com os outros, havendo doação de excessos que não foram consumidos, nem vendidos, para conhecidos e vizinhos. A solução que foi encontrada, a de usar a mandioca ou milho na falta de trigo, aparece nos relatos:

> *Eu lembro assim, eu era criança e faltou farinha de trigo, a gente comeu muito bolo de fubá, aquele tempo ainda eu tinha minha mãe (Margarida Geraldina Escher Tscherne), ela fazia bolo de fubá todo dia porque não tinha pão. E não tinha como fazer bolinho porque não tinha trigo ne? (...) a gente achou falta da farinha de trigo, a vontade de comer pão quando era criança e tinha que comer bolo de fubá todo dia* (MARCHEZIN, 2018)

> *Eu lembro também que acabou o trigo naquela época, que minha mãe fazia pudim de mandioca para dar pra criançada* (HABERMANN, 2018)

Entretanto, dentro das condições apresentadas, por mais que não fosse o ideal, as alternativas levantadas, foram de grande auxílio.

As relações com a sociedade possuíam forte caráter comunitário, de ajuda mútua com vizinhos, conhecidos ou mesmo desconhecidos que precisassem. Tal característica permitia a criação de laços e boa convivência, diminuindo as possibilidades de conflitos/desconfianças desnecessárias.

A cooperação entre os germânicos, podem ser vistos desde que os ancestrais vieram ao Brasil, com representantes que auxiliavam as novas ondas migratórias a se estabelecerem na nova nação. Como vemos no caso de um embaixador consular austríaco:

> *O meu avô (Caspar Lucke) aqui ele era um embaixador consular, quer dizer que, quando ele se estabeleceu em Cordeirópolis, ele ajudava pessoas que vinham (...), ele era o representante consular, então sempre que tinha algum problema, se tinha muita gente vindo de lá, da Europa, e não sabia a língua, não sabia como, onde por esse pessoal, ele ajudava a pôr essas famílias, alocar aqui no Brasil de uma certa forma (...) Porque você vê, 1870, no fim do século XIX ainda né* (LUCKE, 2018)

O auxílio que os alemães promoviam, não se limitaram somente ao período inicial de seu estabelecimento na cidade no século XIX, pode ser visto de forma humanitária, durante a Segunda Guerra Mundial, no caso há o relato de ajuda enviada à Europa devido à situação da guerra, havendo amparo entre as comunidades alemãs a nível internacional, como se vê na entrevista com a filha do pastor Graetz e também da dona Yvone Habermann Schneider:

> *(sua filha, Sirlene, pergunta: -A igreja ajudava as pessoas?) Uma vez até, depois da, acho que foi depois da guerra até, num sei, o pastor Graetz fez uma campanha aqui para mandar as coisas lá pra lá (-ae como que era essa ajuda? A senhora lembra?) Cada um dava uma coisa, ajudava um pouquinho* (HABERMANN, 2018)

> *(-como eles se sentiam sobre o Brasil estar enfrentando a Alemanha? Era algo que eles comentavam?) Eles evitavam na nossa frente, eu sei que pela igreja foram feitas muitas pacotes, enviados para a Alemanha, mas eles evitavam falar. (-e como era esse envio, a senhora lembra?) Esses pacotes? Não, não lembro porque era muito pequena e não lembro, só sei que a comunidade alemã aqui fazia isso, pacotes imensos de roupas e mandava para a Alemanha, a OASE, a Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas, existe até hoje, há 120 anos!* (ALMEIDA, 2019)

As ajudas promovidas pela Igreja Luterana, também se voltaram à própria comunidade, auxiliando as pessoas de seu grupo étnico, dentro das possibilidades, tendo em vista que a situação de todos estava social, político, cultural e, também, economicamente comprometida, devido aos idos e imposições do governo varguista:

> *Eu sei que o meu pai (Jorge Antônio Eichenberg), meus tios mais uns amigos, o que tinha que fazer na igreja eles que faziam, e eles procuravam melhorar o que precisasse dentro da igreja* (PALOTA, 2019)

> *(sobre ajuda da Igreja para com os alemães aqui) Com roupas, com dinheiro quando dava, isso sim (-então havia ajuda tanto para a Alemanha no período, quanto para os alemães daqui?) Eles viviam na minha casa pedindo (termina rindo). A casa do pastor (Gerhard Graetz) era o centro, eles viviam pedindo sim, mas... tudo superado* (ALMEIDA, 2019)

Não apenas em questões econômicas, a assistência era oferecida, mas sobre conhecimentos, por exemplo, exatamente por consequência de imposições ao grupo, a língua ancestral foi proibida de se manter entre os descendentes, assim, os membros que conseguiram possuir a língua, ou que eram imigrantes recentes, ajudavam a entender coisas escritas em alemão. No caso da família Tscherne, recebiam ajuda para entender cartas de parentes:

> *(Sobre cartas que recebiam) Esses parentes do meu pai (Francisco Tscherne Filho) que tavam nos Estados Unidos que mandavam, a irmã dele, que ele nunca conheceu, que nunca viu, ela mandava e o seu tio Kurt (Büchner) lá, lia a carta porque ele sabia ler alemão, sei lá, não sei se é inglês ou alemão o que que é* (MARCHEZIN, 2018)

O auxílio nos setores rurais também se fazia presente, com troca de produtos e variação de trabalhos temporários nos sítios de vizinhos e amigos conforme as situações se apresentavam. A ideia de uma comunidade, onde um ajuda ao outro, como já vimos no caso da família Schneider que entregava o excesso de produção aos amigos e vizinhos, mas outras situações se fazem presente em outros relatos e, vale ressaltar, nesses casos são comunidades etnicamente múltiplas, é a cooperação amigável e construtiva entre alemães e a sociedade:

> *Aquele tempo a gente tinha muito amizade com os vizinhos, não é como hoje, (...) todos os vizinhos costumavam visitar o outro, sabe? (-então era uma comunidade bem próxima?) Bem próxima, e quando tinha um que tava doente da família e não podia fazer a roça naquele ano, os outros vizinhos ajudavam. Quando meu pai quebrou a perna, e não podia plantar naquele ano que quebrou a perna, então os vizinhos fizeram plantação na época certa, depois até colher, meu pai já tava bom para colher (...) E assim, não era parente não, era vizinho só, e também teve vizinho lá que morreu filho do vizinho lá, tava doente um tempo, também o meu pai, minha família ajudou eles. Um ajudava o outro, hoje em dia que a coisa está diferente, que é cada um por si e Deus para todos, naquele tempo não (e a comunidade eram de quais povos?) Tinha de tudo* (MARCHEZIN, 2018)

> *Sempre teve pessoa, que quando tinha necessidade, um ajudava o outro, antigamente, a gente que foi criado no sítio, um ia no outro, um ajudava o outro, você ia lá, um dava frango pro outro, dava porco pro outro, trocava, e fazia as vezes, era uma coisa bem amigável. Então, não tinha pessoa que passava necessidade assim, e por fora cada um lutava pela sua vida mesmo. E nós, onde nós morávamos lá no sítio, matava um porco, ia um pedacinho para cada vizinho, o vizinho matava porco e trazia um pedacinho, aquela coisa, aconchego gostoso que a gente tinha com os vizinhos* (ISLER, 2018)

No espaço urbano, as relações de solidariedade se mantiveram, ajudando as pessoas necessitadas, independentemente de sua origem. Um caso interessante é a da Padaria Suíça Brasileira, em que o dono tentava ajudar a todos, sendo por isso o seu comércio sendo apelidado conforme à sua constante moral de caridade:

> *(sobre a padaria da família) Padaria Suíça Brasileira, até em cima meu pai quando reformou pôs P.S.B, Padaria Suíça Brasileira, e o nome do meu pai era Jorge Antônio Eichenberg, J.A.E. Até brincando, depois de muito tempo, então o meu pai tinha um coração maravilhoso, tinha alguma pessoa com problema, ele recolhia em casa, tinha algum problema ele procurava... (...) Então ele amparava, procurava amparar tudo o que vinha lá em casa, e tinha lá um quarto, lá no fundo do quintal (...) o P.S.B., padaria suíço brasileira, puseram o apelido, Posto Socorro Beneficiente, e o J.A.E. Jaz Aqui Eternamente (risos). (...) (-e eram outros alemães que ele ajudava?) Não tinha, qualquer pessoa, não tinha descendência nenhuma* (PALOTA, 2019)

Do mesmo modo, o convívio no trabalho preservou essa colaboração mútua, visando o contato construtivo. Vemos esta situação no trabalho da ferrovia:

> *(sobre o trabalho na Companhia Paulista) O meu pai facilitava tudo, o cara perdia hora de entrar no serviço, ele mandava os caras entrar, então ele tornou, quando ele via que o cara era muito viciado nesse sentido, ele isolava, mas aquele que tinha vontade do trabalho, ele abria as portas* (BÜLL, 2019)

Em partes, devido ao contato, ou mesmo comunhão entre os povos, dos alemães para com os outros, certos problemas podem ter sido diminuídos, entretanto, o grupo étnico sofreu violência, perseguições, impedimentos. Contudo, as aproximações e distanciamentos fazem parte da multiplicidade de contatos, da variação existente internamente ao grupo, como também do contato deste com outros. Mesmo em período desfavorável aos teutos, em todo o país, vemos o empreendedorismo surgindo na cidade, apesar das condições, como vemos o caso de Pedro Wenzel, em 1942:

> *Com 15 já começamos a trabalhar por conta própria, eu e meu irmão com 17 anos, é que nós começamos aí com muita dificuldade fazendo tudo à mão, nem energia elétrica não tinha. Foi feito tudo à mão, fizemos as polias, que era necessário, até conseguir ligar o motorzinho, porque não tinha energia elétrica, só tinha, já desligava as 4 horas da tarde o que tinha, e energia elétrica fraquinha que o motor gemia, era uma miséria desgraçada! (risos) (mais adiante retorna o tema) Nós começamos fabricando ferragem pra arreios, naquele tempo tinha muita carroça que puxava tijolos das olarias pra cidade, animais usam arreio, arreio usa ferragem (...) Da ferragem, começamos a fabricar facas com bainha, facas e facões com bainha, e começamos a reformar alguns machados* (WENZEL, 2019)

As entrevistas não demonstraram, pelo menos não diretamente, problemas ligando o seu trabalho à repressão policial, contudo, no trabalho de Eliane Bisan Alves consta-se que tal

situação esteve presente na cidade, sendo que no julgamento, o acusado não foi sentenciado. Entretanto, os comércios não deixaram de estar na mira da vigilância estatal e social:

> Alberto Oncken, gerente da *Farmácia Alemã*, de propriedade de sua esposa Ellen Oncken, foi denunciado por J. Carvalho Parreiras, diretor do Serviço de fiscalização do Exercício Profissional do Departamento de Saúde da Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública por utilizar da cruz gamada nos rótulos dos impressos de receitas. Em 1940, a Delegacia de Polícia de Rio Claro abriu um inquérito para ouvir o acusado, os proprietários das tipografias onde foram impressos os formulários e alguns clientes. Procedeu-se a apreensão dos rótulos e dos clichês destinados à sua confecção. Oncken alegou que utilizou a cruz gamada nos rótulos das receitas sem finalidade de propaganda política e que não pertencia a nenhuma célula nazista. Já utilizava a "Águia Negra" nos rótulos e com a implantação do regime nazista, apenas a substituiu pela cruz gamada, pois era a insígnia de seu país de origem. Este inquérito policial foi levado ao Tribunal de Segurança Nacional. Atendendo o Ministério Público, este tribunal deferiu o arquivamento do inquérito, pois os autos não ofereceram elementos de culpabilidade do acusado. (ALVES, 2006, p. 144)

Outro problema referente ao trabalho e investimento enfrentados pelos alemães, refere-se à necessidade de salvo-condutos, não se tratavam somente no aspecto de tolhimento de liberdade individual, acabavam por exercer forte impacto na sua vida econômica, tornando mais difícil a sua contratação, pois:

> As medidas do governo para dificultar as viagens de "súditos do Eixo" interferiram na vida profissional das pessoas: pode-se dizer que funcionários brasileiros gozavam da preferência das firmas em detrimento dos estrangeiros, pois não tinham os mesmos empecilhos de locomoção (ALVES, 2006, p. 135)

Nas entrevistas, os empecilhos apresentados pelos salvo-condutos para a realização do seu trabalho, ou da compra de materiais e/ou vendas de produtos são demonstrados, os relatos de Milton Schneider, já citado anteriormente, apresenta dificuldades em ambos os casos, sendo que, durante sua entrevista, sua mulher, dona Yvone Habermann Schneider, faz um comentário quanto aos excesso de obrigação do salvo-conduto: "*Até pra ir daqui (Ferraz) em Rio Claro tinha que ter salvo conduto*" (HABERMANN, 2018). Foi, assim, mais um impedimento que afetou de maneira geral a etnia.

Podemos ver através dos relatos uma variedade de ações das famílias no período, seu trabalho deve ser compreendido enquanto unidade familiar, o que se nota é uma grande variação das formas de trabalho. Todas as famílias entrevistadas tiveram em algum momento relação com o trabalho no campo, sendo que mesmo aqueles que não vieram trabalhar nessa esfera econômica acabava por ter seu trabalho ligado de alguma forma, ou se casar com alguém que

teve, ou seus ancestrais no Brasil, relação com alguma fazenda. Podemos ver comentários referentes a trabalhos rurais em alguns exemplos:

> *Produzia arroz, que dava muito lá no sítio, milho, mandioca, batata-doce (-tinha criação também?) Tinha, assim, pro gasto, leite, queijo pro gasto, criava porco também, criava galinha, mas vendia muito pouco (-e vendiam na cidade?) vendia na cidade* (MARCHEZIN, 2018)

> *Meu avô na época era plantador de batata, meu tio mais novo nasceu em 1920, lá em Corumbataí na fazenda do Lajado, então, naquela época o meu avô mudou lá pra plantar batata, derrubar mato, plantar milho, plantava milho pra dar pra porco, pra dar pro cavalo. Meu avô sempre gostou de cavalo, tinha cavalo pra andar, até ele levava meu pai, meu tio, lá na roça pra eles carpirem* (ISLER, 2018)

Em conjunção ao trabalho no campo, os seus ofícios também eram exercidos, como vimos, desde o período das fazendas de café, seus conhecimentos já eram utilizados. Havia, mesmo com a saída das fazendas e ao iniciar nova vida na cidade ou em sítios, uma mescla de tipos de trabalho. Um caso interessante é o de Aníbal Fahl, que exercia a profissão de dentista com os vizinhos, amigos e conhecidos nos períodos em que não estava a trabalhar no campo:

> *Eu sei que ele (Aníbal Fahl) trabalhava como dentista, ele chegava da roça, trabalhava na roça na época, vinha em casa às 11 horas da roça, tomava um banho e do meio dia até as 2 horas ele trabalhava como dentista, voltava para a roça a tarde, para depois das 5 e meia 6 horas voltava a trabalhar como dentista à noite, com lamparina. Com lamparina, não tinha energia elétrica, era tudo no pé (...) Ele tinha tudo, o aparelho giratório, ele fazia no pé com a correia, então ele virava aquilo, o maçarico, pra derreter ouro, com o pé também, era a dificuldade, fazia bem, era muito caprichoso. Depois deu problema de saúde nele e não pode mais (...), tremia muito, não dava mais, mas trabalhou vários anos como dentista, no sítio todo mundo ia lá com ele, qualquer problema ia com ele, aplicar injeção, extrair dente (-ele ajudava os outros então?) Ajudava, com pouca coisa, as vezes a pessoa trazia o material e ele fazia* (FAHL, 2019)

O trabalho alemão ainda se mostrará na ligação entre o trabalho rural e o urbano, lembrando que inicialmente era utilizado lenha para a operacionalização das indústrias e comércios, ou mesmo a produção feita por essas tinham que ser transportadas de alguma forma. O grupo étnico se fez presente nessa questão produtiva da cidade, principalmente com a utilização de charretes/carroças:

> *Ele (o avô) vendia lenha na época pra, tinha muito essa coisa de queimar tijolo e padaria e tal. Ele vendia lenha com carroça e o meu pai (Álvaro Baumgartner) e um tio meu o Silvio, eles dois e meu avô traziam para a cidade lenha para esses lugares, eles viviam disso.* (BAUMGARTNER, 2019)

> *Tinha um tio, o Jorge, que morreu esses dias ai, ele trabalhou muito tempo com o Américo Breda, (...), ele tinha uma lenhadora e meu tio fazia entrega de lenha na cidade de carroça. E depois acabou esse negócio, foi acabando, acho que foi entrando fogão de gás essas coisas, foi acabando negócio de lenha ne?* (ISLER, 2018)

> *Ele (Antônio Fahl) pedia pra levar, na época não tinha fogão à gás essas coisas, então (Aníbal Fahl) cortava a lenha seca para levar para ele, então toda semana a gente estava na casa dele em Rio Claro, levava lenha para ele, tio Gumercindo também levava, era muito divertido. Dizia: "vamo pra cidade na casa da vó (Maria Iost)", ia tudo correndo, era muito divertido, a gente era muito bem tratado por eles (Antônio e Maria) e muito bem tratado por nós também.* (FAHL, 2019)

Assim, a ligação da produção rural e os comércios e indústrias (domésticas ou não) da cidade contou com a presença do grupo, garantindo os insumos necessários para o florescimento e crescimento econômico do município de Rio Claro. Mesmo na ligação de cidades, o empreendedorismo se apresentou:

> *O meu bisavô (João Batista Arnold), ele tinha uma venda, assim, um armazém na rua 2 com a avenida 12 e ele também tinha uma, isso foi herança do seu sogro, o Witzel, que tinha o trole de Rio Claro para Piracicaba, mas isso antes da guerra* (ARNOLD, 2019)

O uso de charretes, não deixava de ser uma forma de investimento para o alemão, que poderia possuir seu próprio meio de trabalho:

> *(sobre problemas na Revolução de 32) Porque parou o estado e, meu pai, meus tios, meu avô, sempre viviam de prestar serviço, eu me lembro que, isso eu já me lembro, coisa de 1960 e alguma coisinha, meu avô era charreteiro, taxi de charrete, nesta época de 30 e alguma coisinha com certeza ele prestava serviços, porque da história toda da minha família, nunca fiquei sabendo de alguém da minha família que trabalhasse de empregado em alguma empresa, eles sempre tinham alguma coisa deles, e se o estado para, a economia para e ai fica complicado* (BAUMGARTNER, 2019)

A venda de produtos rurais no espaço urbano, iniciada já com os imigrantes nas suas primeiras empreitadas, normalmente em sítios que adquiriram ao sair da parceria, continuaram presentes no período das guerras mundiais. A carroça, assim, também passava a servir como ponto de venda de seus produtos, mantendo a variação na alimentação da cidade:

> *(sobre fazer cural) Talvez o pai (Waldemar Fahl) tenha chegado a trazer cural para vender, porque ele fazia o comentário e daí a turma ficava curiosa, com vontade, tinha uma mulher que morava aqui na 30, chamava Pasqualina (...), ela queria ovo, galinha caipira, frango caipira, milho verde, e foi abrindo assim a amizade, lá do sítio o pai trazia pra ela, batata, mandioca, cenoura, tudo essas coisas ela comprava (...) (-vendia de porta em porta?) Parava a carroça, a turma já sabia, porque ele tinha mais ou menos o dia certo de vim, a turma já aparecia tudo pra comprar (...) Tinha um caderninho que tinha uma mulher lá que marcava, mas a maioria pagava, porque não usava conta naquele tempo, só tinha uma que marcava, mas era 1 quilo de mandioca, meia dúzia de ovo... muitas vezes um frango, que tinha que encomendar, porque era o primeiro que tinha que entregar, se não morria de calor, de sede, porque trazia vivo* (VERNA, 2019)

Esta relação urbano-rural, que os alemães estabeleceram, apresenta-se como oportunidades de investimentos, criam com isso, a Cooperativa de Laticínios de Rio Claro, melhorando as possibilidades dos produtores rurais:

> *Meu vô Egídio (Witzel) fundou, ajudou a fundar a Cooperativa de Laticínios de Rio Claro, tá datado, tá tudo ele, o vô Egídio, como presidente, a leiteria de Rio Claro, então assim, o meu pai (José Gabriel Witzel) sempre gostou dessa coisa de cooperativismo, de banco, então assim... mas não conseguiu seguir o que realmente ele gostava, que daí ele teve que mudar de ramo* (WITZEL, 2018)

> *Ele (o avô) chegou a ter 60 alqueires de terra ali, chegou a ter 40 porcos gordos na seva, foi um dos fundadores da Cooperativa de Laticínios aqui de Rio Claro (-um dos fundadores?) Foi um dos fundadores da Cooperativa de Laticínios, ele vinha todo dia trazer leite ai, e naquele tempo imagina como que era a estrada, na época da chuvarada, era um baque, era coisa de mais na carroça pra trazer o latão de leite até a cooperativa.* (ISLER, 2018)

Consolidava-se, assim, um ramo produtivo, dos sítios que trabalhavam com animais:

> *Meu pai (Aristides Bartolomeu Isler) tinha uma paixão por trabalhar com vaca, mexer com gado, e o interessante é que ele entregou leite, naquele tempo tirava leite da vaca e trazia, entregava na rua, nas casas, por 16 anos ele entregou sem perder um dia, era direto... ele nunca bebeu uma gota de leite, e nem as coisas que eram feitas com leite ele tomava, e tinha paixão para r tirar leite* (ISLER, 2018)

As características étnicas fazem parte da concepção de mundo do indivíduo e, assim, elementos culturais, seus valores, aparecem em conjunto, pois não há, no ser-estar-interagir no mundo, pelo menos não necessariamente, uma divisão clara. Dessa forma, aspectos de solidariedade e de investimento, tão prezados pelos alemães, se apresentaram conjuntamente:

> *Esse (bisa)vô João (Batista Witzel), ele era descendente, ele gostava muito de criar abelha, ele gostava muito de gado (...) Ele tinha o sítio e ele tirava leite, ele gostava das vacas holandesas e ele tirava leite, o primeiro leite, segundo a minha avó (Francisca Donato Witzel), ele tirava de madrugada, ele colocava num picuá, com vasilhinhas, com os litrinhos, e meu vô Egídio, filho dele, vinha do sítio pra cidade e o primeiro leite era levado para a Santa Casa, todo dia ele dava esse leite para a Santa Casa, e segundo a minha avó, ele ajudou a fundar a Santa Casa esse vô João. Essa antiga Santa Casa ficava no atual Ginástico* (WITZEL, 2018)

Os alemães na sua vida urbana, vão possuir forte ligação com a Companhia de Estradas de Ferro, principalmente com relação aos ofícios e conhecimentos herdados da Europa. Várias entrevistas demonstram relação com ferroviários, como vemos com Souza e Iost:

> *Na época da guerra a coisa aqui foi normal, era duro de coisa, mas eu tinha esse meu tio que falei para você, trabalhava na Companhia Paulista, ele sustentava a casa, o tio Martinho Spiller Filho* (SOUZA, 2018)

> *Meu pai (Timóteo Paulo Iost) trabalhava na Companhia Paulista e a minha mãe bordava para fora* (IOST, 2018)

O conhecimento que os imigrantes traziam consigo da Europa, não conseguia ser desenvolto logo no primeiro momento, contudo os ofícios que eram transmitidos passaram a ser utilizados na nova terra quando a oportunidade se fazia presente. Dessa forma, os saberes herdados possibilitavam que, quando não o imigrante, o seu descendente conseguisse o seu crescimento comercial no município. Exemplos dessa situação, são vistos no relato de Marchezin, em que seu ancestral era sapateiro, e no de Arnold, cujo bisavô era tanoeiro:

> *Eles vieram fugidos da guerra, que eles não estavam lá na Eslovênia, estavam na... Áustria, e de lá eles vieram e deixaram a criança lá, que é essa irmã do meu pai (Francisco Tscherne Filho), dai ele chegou aqui, chegaram aqui os dois (os avós), e não era verdadeira a terra que o governo ia dar para eles plantar, era pra ser colono de fazenda, trabalhar na fazenda, então o meu avô caiu fora, meu avô era sapateiro, então ele tinha profissão, então ele não ia trabalhar na fazenda, ele ia trabalhar na terra se o governo desse, mas como não deu, então ele foi fazer sapato* (MARCHEZIN, 2018)

> *O meu bisavô (João Batista Arnold) e meu trisavô eram tanoeiros, eles faziam tonéis de vinho, que aqui no Brasil eles passaram a fazer também pra aguardente, pra pinga, essas coisas.* (ARNOLD, 2019)

A condição de crescimento inicial, possibilitado pelos saberes imigrados, davam margem para que os descendentes se dedicassem mesmo a outros ofícios. No caso de Marchezin, a sua infância foi marcada pela ajuda ao pai na olaria, mesmo que, como vimos acima, seu ancestral fosse um sapateiro:

> *Com os tijolos eu ajudava meu pai (Francisco Tscherne Filho), para ele não precisar abaixar tantas vezes pra por o tijolo no chão, então eu fazia esse serviço, mas isso era quando eu era criança, serviço de criança isso daí, só que tem que fazer bem feito, hoje em dia se faz tijolo na máquina, não mais na mão (posteriormente explica como era feito) Antigamente, tinha que amassar o barro lá, que eram dois cavalos, dois burros puxando uma gangorra lá, tinha o lugar que amassava o barro, depois trazia no rancho no carrinho, depois um, se chamava batedor de tijolo, cortava com a mão mais ou menos um punhado de barro igual o tijolo, batia, fazia quadrado na areia e batia na forma. A forma era um quadrado de tijolo, compridinho, então o meu pai batia forma pra cá pra lá, despejava o tijolo em cima de uma tabuinha, e eu com outra tabuinha punha em cima daquele tijolo e pegava com as duas tabuinhas e punha o tijolo no chão, era o meu serviço* (MARCHEZIN, 2018)

Os ofícios, e os comércios correlatos, eram ancorados em profunda destreza, criatividade, recriação e readaptação das suas aptidões. Havia a conjunção da prática e do estudo, para manter o seu negócio, enfrentar as constantes dificuldades naturais de possuir um

estabelecimento, fora as que o período ainda vinha a somar. O caso da Padaria Suíço Brasileira demonstra tais ligações fundamentais:

> *Minha vó (Augusta Pickhardt) (...), nós tínhamos padaria, então ela gostava de mexer com massa, criar alguma novidade, então já era uma parte diferente, (...) (-e ensinavam pra vocês, lá na padaria?) Minha avó ensinava sim, na padaria, vem ver, dar uma olhadinha, e as vezes eu mesma me oferecia meu pai (Jorge Antônio Eichenberg), porque não existia cilindro (...) naquele tempo era um baú de madeira que você tinha que abaixar e amassar. Uma vez o meu pai ficou doente, coitado... no fim até eu fui amassar, coitado, que ele não podia mais abaixar. Então, era tudo manual, tudo manual, o que eu admirei mais no meu pai, aquela prática que ele tinha, que era um forno enorme (...) e com a boca pequena, as pás de pão que ele punha, como daqui ali, de madeira, ele jogava dentro do forno, esperava assar e depois tirava, de um por um, tudo uns pãozinho pequeno, a prática que ele tinha, hoje já é tudo diferente (...) O forno era com tijolo dentro, esquentava tijolo, isso eu admirei sempre no meu pai, que prática maravilhosa (...) (-lembra que pães faziam lá?) Tinha esse pão comum, tinha o pão sovado, tinha pão doce, Kuchen, Kuchen também tinha, e o meu pai fazia uns bonequinhos de pão doce, (...) porque tinha a esquina de casa o grupo e as crianças iam lá pra comprar pra levar de lanche, e vendia muito esses bonequinhos e os patinhos também.* (PALOTA, 2019)

A sobreposição dos saberes de distintos momentos históricos também se apresentaram nas entrevistas, alguns possuem ainda sítios ou chácaras, mas também na própria residência utilizavam dos seus quintais para produção de consumo interno, como podemos ver na entrevista de Isler ao demonstrar seu quintal, na de Hebling, com a produção de forninhos caseiros pelo pai, e na de Ondina Fahl Verna ao relatar o momento que a sua família vem para o perímetro urbano do município de Rio Claro em 1948, pouco após o recorte da pesquisa:

> *Meu tio foi lá pra tirar leite, mas não gostava de mexer com vaca, aí ele falou para o meu pai: "eu vou plantar" e eu fui junto com o meu tio, fui junto assim, minha paixão era plantar, ah plantar é comigo mesmo, até hoje, olha aí minhas plantinhas ali ó, até hoje eu gosto de plantar, gostei de trabalhar na roça, meu pai trabalhava com criação e com vaca eu não gostava* (ISLER, 2018)

> *Meu pai (Juvenal Hebling) fazia fogão, aqueles forninho, sabe fogão de lenha? Ele fazia aqueles forninho que colocava em baixo para assar pão. (...) meu pai fazia os forninho aqui no fundo, fazia, trabalhava ai. Ele fazia para vender, naquela época não tinha fogão à lenha, ele fazia com serragem* (HEBLING, 2019)

> *Matava o porco, moía a carne numas maquininhas (...) que tinha um cabo que virava e em cima ia pondo a carne, ai que nojo, e ia saindo uma rodela que você ia pegando com a mão e ia jogando lá, moía toda a carne de porco. (...) daí punha o alho, a pimenta, (...) sal, um potinho, (...) amassava tudo na mão, as tripas do próprio porco, lavado no limão, tinha um funil (...) que empurrava a carne com o dedão (...) No sítio era só pro consumo, aqui na cidade vendia linguiça, o pernil, a banha (...) O que matava no sítio, o pai (Waldermar Fahl) trazia na carroça, já tinha os fregueses certos* (VERNA, 2019)

Os relatos, demonstram o processo de transição de uma vida mais rural para uma de características mais urbanas, mas havendo ali a utilização dos diferentes saberes para melhor

conseguir sobreviver e quiçá progredir economicamente. Trata-se de uma intersecção de tipos de trabalho, o do campo (incluso o uso de animais), a produção caseira, o trabalho como funcionário de comércio (em outros casos como operários), enfim, o elemento germânico na cidade assume não somente enquanto grupo étnico as diversas formas de trabalho, esta se estende para a organização familiar ou até atuação individual. O conhecimento é operacionalizado em vantagem do grupo, possibilitando a sua sobrevivência, mesmo em momento pouco propício para estes, lembrando que o estigma de "súditos do eixo" não desaparece com o fim do segundo conflito mundial, logo o fim da guerra e/ou o fim da ditadura varguista não simboliza paz para essa população.

De toda forma, a presença germânica nos trabalhos, nos ofícios da cidade é inegável, mesmo com as dificuldades impostas ao grupo, este conseguiu apresentar o conhecimento e os valores herdados, modificando o município de Rio Claro, expandindo-o economicamente. O seu trabalho, portanto, não ficou isolado, a cooperação entre etnias foi solidificada, através de ajuda mútua, e do contato, do convívio cotidiano, que em muito possibilitou a diminuição das barreiras que a realidade deste momento histórico insistia em colocar entre os povos da cidade.

3.6 Relações familiares e de amizade – a diversão e o orgulho alemão

No desenvolvimento do indivíduo através da cultura de seus ancestrais, a relação com seus familiares é permeada de significado, com seus ensinamentos seja para o trabalho, valores ou mesmo sobrevivência. As atividades de descontração, as mais variadas que sejam, possuem importante função interna no grupo, trata-se de laços de convívio que abrem caminhos para ajuda mútua entre seus conhecidos e familiares, estabelecendo unidade, até mesmo para se defenderem de situações opostas à etnia ou à comunidade de maneira geral.

O convívio com a família, promovia assim a transmissão/aprendizado das características étnicas, efetuando-as enquanto prática, fortalecendo, sua cultura, a forma de ser e estar no mundo, em memórias construídas com os pais, irmãos, tios e avós. Trata-se, portanto, de uma forma elaborada de continuação dos seus ancestrais até o presente.

Aparece assim, algo que poderia ser julgado até mesmo como fato banal do cotidiano, mas que é, para a transmissão de uma cultura, o completo oposto, a edificando através do riso, da curiosidade, de pequenos mimos e distrações. Indo além de passatempos, essa proximidade da família e dos amigos, seja na infância ou idade adulta, estabelece práticas que auxiliam o

indivíduo tanto na educação, trabalho ou trato com o outro, dá bases para a sua possibilidade de ação no mundo, mas também a reconhecer os problemas e dificuldades que pode, e serão, enfrentados, além de saber a conviver com eventuais derrotas ou problemas.

Estes laços criados e as práticas estabelecidas no seu contato, não somente utilizam da memória como forma de transmitir e solidificar a cultura ao formar/educar as novas gerações, mas também como meio de sua manutenção, principalmente através de contos ou mesmo do relato de sua própria vida, família e a da história de seus ancestrais.

Entra, contudo, um conturbado período para este grupo étnico, e se o silêncio é uma medida de proteção, como a cultura se manteve? A pergunta se trata de um equívoco, a cultura é alterada enquanto parte da sua natureza própria, do acumulo de conhecimentos e características, ela não é impedida ou trocada, o que é prejudicado, portanto, não são os aspectos mais profundos da cultura, mas a sua memória desse momento específico e, claro, a expressão cultural externa, proibida com lei, quando não atacada fisicamente.

As lacunas tornam-se possíveis de serem compreendidas exatamente nessa questão de quebra com os fatos decorridos principalmente durante os conflitos mundiais. O silêncio provinha dos pais, temerosos pelos seus filhos, e a presença memorial vinha de seus avós, daí a lacuna atípica, onde o que está mais no passado, no não vivido, é mais nítido na memória e conhecimento do que momentos em que o indivíduo já existia, por isso lacuna, com a memória retornando sua atividade, mesmo que ainda timidamente, finado os problemas mais graves enfrentados. Esse vazio, incógnita memorial, notada pelo indivíduo durante a vida ou a realização da entrevista, torna-se dúvida, pois o elo com seus ancestrais é mantido, mas parte de sua história é simplesmente ausente, um mistério de difícil solução.

Obviamente, a ausência não significa inexistência, tendo conhecimento ou não dos ocorridos, estes os impactaram, não se trata de uma alienação completa, pois não viveram em uma realidade paralela ou coisa do gênero. Os fatos impuseram dificuldades e os tolheu de diversos aspectos, os quais a serem reconhecidos, se tornam objetos de recuperação étnica.

Tampouco pode se afirmar que houve uma "anulação" geracional na cultura, isso seria absurdo, a não transmissão memorial não equivale à não transmissão cultural, por mais que ambos sejam simbióticas, sendo entrelaçadas, ainda se tratam de duas situações que existem em si mesmas e que podem, quando uma ou outra se embaçar, ser elementos de preenchimento de vazios que possam vir a ocorrer. Ou seja, quando determinada característica não é transmitida

por ambas, memória e prática, a existência de uma delas consegue manter a característica viva na cultura do grupo étnico. Assim, por mais que certas informações quanto ao que fora vivido em certo momento ou determinada geração não possa ser obtido/consultado, a sua atuação, vivências, conhecimento adquirido, são ainda transmitidos. Os elementos culturais adicionados, modificados ou implementados por essa geração, se mantém na etnia, o que fica em aberto é o conhecimento do processo efetuado nessa relação dos indivíduos com sua cultura, ou seja, é a memória que fora retalhada, mas não a presença dessa geração na trajetória cultural deste povo.

Dessa forma, o que se propõe é compreender e analisar as formas que possibilitam essa transmissão cultural e memorial, no seio da família, do contato com os amigos do mesmo grupo e, também, com os outros.

As relações de amizade e auxílio mútuo, já podiam ser vistas anteriormente à Revolta de Ibicaba, sendo que houve até mesmo juras de proteção no grupo e para se evitar qualquer ataque à Davatz:

> Em 21 de setembro de 1856, o colono Johannes Schlittler foi até a casa de Davatz para conversar com ele sobre a "triste condição dos colonos". Davatz via nesse homem uma pessoa correta e honrada. Com ele dialogou, procurando encontrar um ponto de apoio que permitisse a ambos prosseguir na tarefa de estabelecer contatos e melhorar as condições dos "parceiros". (...) Dias depois, altas horas da noite, vieram à casa de Davatz, além de Schlittler outros "parceiros" que acabaram firmando um pacto de solidariedade, simbolizado pelo lema "Um por todos e todos por um" (WITTER, 1986, p. 52-53)

Essas amizades continuaram a ocorrer posteriormente ao período da vinda ao Brasil, sendo esses elos de companheirismo vistos em diversos aspectos, seja na ajuda ao trabalhar, no auxílio quando alguém estava combalido ou, contrariando às leis repressivas do estado, em reuniões, onde conversavam sobre os acontecimentos do país e do mundo, se informavam dos ocorridos e falavam alemão.

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial representou um momento crucial para a possibilidade de reunião dos alemães, sendo que as leis proibitivas abrangiam o máximo possível das demonstrações culturais, de festividades, de conversas. Em resumo, o objetivo era acabar com todo o contato estabelecido internamente na comunidade, até mesmo entre familiares, era uma limitação do contato social permitido aos "súditos do Eixo":

> O rompimento diplomático do Brasil com os países do Eixo, em 28 de janeiro de 1942, levou a seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e Negócios Interiores a tomar uma série de medidas, com a finalidade de manter a coerência nacional, ordeira e disciplinar, em todo o território nacional, sobretudo em relação ao aspecto cultural. Por determinação do Estado, estava proibido: 1) a execução, ou canção dos hinos alemães, italianos ou japoneses; 2) saudações peculiares a estas nações; 3) a utilização dos idiomas desses países em conversas em lugares públicas; 4) a manifestação ostensiva e pública de simpatia à causa dessas potências; 5) a arrecadação de livros e materiais de propaganda política em favor desses países, existentes em livrarias, ou casas particulares; 6) a exibição, em lugar acessível ao público, de retratos de membros das nações do Eixo; 7) a reunião de súditos do Eixo, mesmo em residências particulares, para comemorações de caráter privado; 8) a troca de idéias, ou discussão, em lugar público, sobre a situação internacional (ALVES, 2006, p. 108-109)

Entretanto, tal conjunto de proibições era burlada pelos alemães, que continuaram a estabelecer laços de amizade e reunião, além de utilizarem-se da língua ancestral para se comunicarem nestes encontros:

> *O que eu sei é que não podiam falar alemão, existia essa reunião que meu avô (Benedito Arnold) promovia na casa dele com os amigos e parentes, falavam alemão, (...) nem sei exatamente se houve repressão aos alemães nessa época da Primeira Guerra, mas na Segunda houve, quanto a língua alemã, quanto a cultura alemã de maneira geral (-e eles contavam alguma coisa referente a isso?) Meu pai só contava como foi burlado, mas não, no dia-a-dia... nunca falou nada* (ARNOLD, 2019)

> *(-a relação com os outros alemães, eram bem próximos?) Muito, muito, a gente se reunia, era unido. Tanto é que na rua 2 com a avenida 20, morava um tio meu que também veio da Alemanha, e a turma fazia assim umas reuniões dos alemães lá, como que chamava... Deutsch Verein, quer dizer, uma agregação de alemães (...) (-quando que eram essas reuniões?) Ah, eu era meninota de tudo, uns 8 a 10 anos, fazem 80 anos mais ou menos (risos) (...) o meu tio, casado com a minha tia mais nova, eles moravam lá, então ele era alemão, veio da Alemanha, não falava nada de português, então faziam umas reuniõezinhas lá também, o grupo alemão* (PALOTA, 2019)

Não necessariamente procuravam discutir a respeito de assuntos importantes, ou das dificuldades enfrentadas, mas da manutenção das amizades, do auxílio e união da própria comunidade, para se divertirem, ou seja, continuar com o contato natural entre pessoas, entre conhecidos, sem a preocupação de ter um tema específico a ser tratado:

> *(sobre falar alemão em casa) Não falavam, porque a minha avó (Maria de Lurdes) não era de origem alemã, então o meu avô (Benedito Arnold) se reunia com os primos e com os parentes ou amigos, outras pessoas, eram um "clube do bolinha" assim, alguma coisa pra contar piada, pra falar besteira, ai já estava em alemão, ninguém sabia ne?* (ARNOLD, 2019)

> *Era mais estudo dentro da própria casa da pessoa e dos amigos, contavam histórias, trocavam ideias sobre a situação mundial, não da guerra, de outros assuntos* (SCHNEIDER, 2018)

Como a língua estava proibida em todo tipo de situação, logo demonstrações públicas dessa eram ainda mais cerceadas, os encontros religiosos acabavam por cair nas leis, mas as reuniões secretas feitas pelos alemães rio-clarenses visavam diminuir esse problema também, ainda mais devido ao fato de que muitos não compreendiam a língua portuguesa e, para ter contato com sua fé, o único jeito era através do alemão:

> *A Igreja ajudava, mas era muito restrito. Reunião dentro de uma casa, porque era proibido falar em alemão, e o pastor era alemão, Igreja Luterana, então não podia falar, não sabia falar português. Falar em alemão era proibido falar, então eles se reuniam numa casa, escondidos lá, meia dúzia de pessoas pra poder comentar alguma coisinha na linguagem deles* (SCHNEIDER, 2018)

O contato estabelecido, visava melhor se programarem frente aos acontecimentos, havia um constante fluxo de informação entre os amigos, tendo em vista que os alemães tinham acesso limitado às notícias. Formavam, portanto, uma rede de cooperação mútua, a reunião acabava por se apresentar como maneira de propagação/divulgação de conhecimentos referentes à situação mundial e local, para que pudessem se preparar frente a algum acontecimento. Sendo que esse processo era efetuado pelas mais diversos encontros, sejam cotidianos ou não:

> *O contato com o consulado era grande, era muito grande em São Paulo, por ele (Gerhard Graetz) ser pastor pela Igreja, e os amigos todos se reuniam aqui, um fala pro outro... (-a senhora lembra quem que se reunia com o seu pai?) Não (-mas comentavam a respeito...) Sim* (ALMEIDA, 2019)

> *Nós íamos lá a noite, ouvir o rádio e através daquilo ali que sabia, e o Frederico Krügner, que era o que mais gostava de saber guerra essas coisa, então ele sabia, procurava saber e corria contar pra gente lá no sítio para o meu pai (Aníbal), ele vivia sempre por lá, trabalhava com leite essas coisas, e corria falar para o meu pai: "aconteceu isso, aconteceu aquilo"* (FAHL, 2019)

A proibição era de maneira geral, para todos os supostos "súditos do Eixo", o que incluiria o contato entre os imigrantes ou descendentes de diferentes países. Esta situação também conseguiu ser burlada, havendo contato, na pesquisa nos deparamos com o contato entre alemães e italianos, não havendo relatos referentes a proximidade a japoneses, entretanto, não se exclui a possibilidade que também tenha se efetuado. Podemos ver no relato de Pedro Wenzel, a proximidade com vizinhos italianos, com quem comentava sobre o conflito:

> *Eu conversava muito sobre os assuntos de guerra com todo mundo, e tinha uma família de italianos aqui, morava aqui do lado (...) e ele (João Ariolli) era analfabeto, com aquela turma, então, falava sobre os assuntos de guerra e ele, italianão velho, não entendia direito, falava: "É, o Pedro viu não é? Ele teve lá!" (risos)* (WENZEL, 2019)

Na família, um dos elementos mais constantes que se apresentou durante os relatos, foi a imagem dos avós, seja pelo contato que os entrevistados tiveram, ou das histórias que receberam sobre eles. Os avós são apresentados como alicerce cultural, fonte de contato dos antepassados com as novas gerações, passando os valores e conhecimentos étnicos através de seu contato, obviamente, tais relações também são apresentadas pelos pais e tios, mas quando se faz presente os avós, estes tomam este posicionamento de sustentação/transmissão étnico-cultural.

As reuniões familiares acabavam desse modo se apresentando como ocasiões especiais para a manutenção de características étnicas, além da coesão entre os parentes. Sendo que estas também eram proibidas pela lei, com isso, há aproximações, mas também medidas protetivas no interior da família. Fortaleciam os laços, promoviam cooperação e se divertiam, nos relatos encontramos duas situações interessantes, que relembram de reuniões que participaram quando crianças no período:

> *Então a família Iost (ou Jost) e a família Fahl se uniam as vezes, para confraternizar, conversar entre eles e a gente entendia pouco, porque conversavam em alemão, e a linguagem alemã a gente não entendia nada (-e como eram essas reuniões das famílias) Era maravilhoso, porque, a gente gostava mais, porque eu sentava perto do tio, dos 4 irmãos ali, 6 irmãos, tinha as minhas tias também, e eles conversavam em alemão, eu gostava de ouvir aquilo ali, só que a gente não entendia nada, meu pai só olhava para a gente, não podia falar nada, olhava para a gente e a gente saía.* (FAHL, 2019)

> *A gente reunia o grupo alemão e meus tios participavam muito sabe, então a gente cantava em alemão, e sempre no mesmo grupinho, e eu era meninota de tudo, mas alguma coisa a gente lembra (-e como eram essas reuniões?) Reuniões familiares, em família, tinha um ou outro amigo assim, mas era reunião de família. Um aniversário comemorado, qualquer coisa assim, não precisava ser só de casa, podia ser dos meus tios, primos, a gente sempre estava junto, sempre em reunião de família (-vocês faziam festas também?) Sim, o que não faltava era cerveja, isso não faltava, o lanche e o bolo* (PALOTA, 2019)

Nas reuniões familiares, ou mesmo no cotidiano, vale destacar o contato dos avós com os netos, seja enquanto brincadeiras, conversas ou transmissão de valores e conhecimentos de trabalho ou lazer. A relação com os avós é um elemento valorizado dentro da cultura alemã:

> *O meu avô, minha avó principalmente, falava: "Theodor, o que você vai fazer hoje a tarde?" "Oma, eu vou jogar bola" "Você não vai jogar bola, você vai estudar alemão comigo", foi a época da guerra, a escola não podia ensinar alemão, era proibido ensinar alemão. Mas ninguém podia proibir a avó de ensinar alemão pra neto, então com isso eu aprendi inclusive a letra gótica, letra gótica também. Então os avós, eles eram cobradores, eles cobravam, então eu sempre digo para os alunos: Quem tem avós, tem que aproveitar a presença dos avós, enquanto eles estão vivos ainda, porque eles são mestres inconfundíveis* (KOELLE, 2018) (OBS – Oma é vó em alemão, de forma carinhosa)

Um dos casos interessantes que apareceu durante a pesquisa foi o do conhecimento da caça, que possuía utilidade principalmente no período que estavam trabalhando no campo, ou daqueles que permaneceram no campo, seja para a alimentação, pelas penas, enfim, como elucidado por Isler:

> *Os meus avôs (Bartolomeu e Jorge Isler) gostavam muito de caçar (...) (-e como que eram essas caçadas?) O meu avô e esse que foi preso e o irmão dele gostavam de caçar perdiz, passarinho. Então eles tinham cachorro tudo naquela época lá né? E o Brasiliano, que era cunhado deles, casado com a irmã do meu avô, gostava de caçar veado, então tinha os cachorros e os negócios (...) Pra você ver, minha avó com meu avô naquele tempo tinha coberta de pena, não existia cobertor, era coberta de pena, e minha avó tinha coberta de casal só de pena de passarinho, só recheada de pena de passarinho, porque geralmente a gente tinha coberta, mas era pena de galinha ou de ganso (...) (-e como que eles matavam?) Com a espingarda, era espingarda de caçar, não é que nem essas espingarda moderna que tem hoje, era comum tudo lá. (...) (-passava a tarde caçando?) Passava o dia inteiro, mais um final de domingo essas coisas ai, depois quando meu avô passou a ir na igreja, converteu, aí parou, de domingo ele não ia mais caçar, mas a turma gostava de caçar, pescar. Meu avô com o irmão dele era caçar passarinho, ele sempre contava para nós, e nós gostava de escutar, porque atirava passarinho voando, não era atirar passarinho no chão, então o cachorro (...) vai seguindo o rastro do passarinho, quando ele percebe o passarinho, ele deita no chão, percebe o cachorro e o cachorro também para, ai o caçador chega perto ai o cachorro avança e o passarinho dá uma voada e atira e mata, agora tem uns cachorro que começa e vai buscar o passarinho que caiu, ele vai lá pega e traz.* (ISLER, 2018)

As brincadeiras vão refletir parte desse processo, nos relatos, aparece duas vezes a construção de arminhas, as quais, por mais que não tão potentes ou úteis como uma arma em si, serve além da diversão de ser utilizada e fazer barulho com espoleta, para aprender o processo de colocar a pólvora, também se treinava, caso pusesse uma pequena pedra, a sua mira. O conhecimento necessário para se caçar acaba se apresentando em forma de divertimento, até mesmo de contato com os familiares, há ali a construção de um modelo que para se realizar manutenções em uma arma futuramente teria grande utilidade. É comentado a construção da arminha tanto a partir de um cabo de guarda-chuva ou com bambu:

> *O meu avô, pai da minha mãe, era meio secão, eu lembro que ele ia lá no sítio fazer espingardinha de bambu para nós, para mim com meu irmão, mas não era de pegar nos no colo não, era de pegar neto nenhum no colo (-e como que era essa espingardinha?) Era de bambu, cortava assim e assim e fazia uma varetinha assim e ponhava um gatilhinho assim (demonstrando com as mãos), então você ponhava uma pedrinha dentro ali, dai você apertava o gatilho e corria ali (termina rindo)* (ISLER, 2018)

> *Pegava o cabo do guarda-chuva, cortava, porque era um caninho né? Fazia a coronha dela, fazia arma mesmo. Fazia arma, antigamente tinha aquela espoletinha no papel, então nós ponhava e fazia o gatilho, fazia tudo e atirava (...) (-e quem que ensinava vocês a fazerem?) meu pai (Aníbal) que ensinava, ele que ensinava isso ai, ele falava: "faz assim, assim, assado, mas cuidado! Toma cuidado! Toma cuidado!"*

> *ele não deixava botar chumbo nada, só aquele pouquinho de pólvora (...) era o sistema de um revólver, (...) garrucha que falava antigamente. Era de uma mão só, não era uma espingarda, era menor, era pequeno 13 centímetro o máximo, mas o pai ficava bravo: "cuidado, só faz quando eu tiver junto, quando eu tiver junto!"* (FAHL, 2019)

A caça, trata-se de uma prática que historicamente tem sua importância, e que se manteve no interior de São Paulo até anos posteriores ao recorte temporal da pesquisa. Uma outra forma é de fazer arapucas para pegar os pássaros, mesmo que fosse para vê-los de perto, conhecer melhor em um contexto de brincadeira, mas caso fosse necessário obter o pássaro realmente, teria grande utilidade:

> *(sobre o tempo que passava com seu avô Otto Rathlew) ensinava a fazer gaiola, não... fazer arapuca! Você nunca viu uma arapuca? (-Não...) Vou te ensinar a fazer qualquer hora, é legal. Fazia arapuca, punha a comidinha lá, põe um pauzinho assim enroscava num outro que o passarinho pisava e a arapuca caia e prendia o passarinho. Mas fazia para brincadeira, soltava o passarinho.* (VERNA, 2019)

Porém, tal situação começa a perder o seu sentido com o passar do tempo e com as mudanças da realidade que se encontram, sendo tais momentos difíceis de serem repetidos, ou até mesmo desnecessários, havendo também alteração quanto à forma de se pensar:

> *Eu morei na chácara do meu avô na avenida 12, lá em cima perto da Unimed, a área toda dele tinha 200 metros de comprimento e largura, então eu nasci ali. A nossa diversão era ir para o campo para prender pássaros, então eu saía com meu pai, saía com meus irmãos, já levávamos todo o equipamento para pegar pássaros. A filosofia era prender o pássaro, hoje não, a filosofia é soltar o pássaro* (BÜLL, 2018)

Portanto, podemos afirmar que há uma correlação entre diversão, conhecimento e necessidade, existem outros casos relatados, como a pesca, o ensino de bordado, enfim, o que visamos focar é essa correlação entre o lúdico e o aprendizado no lar alemão.

Símbolos de manutenção cultural, os eventos comemorativos, os quais, não necessariamente de grande escala, são tradições mantidas no seio familiar, com práticas recorrentes, porém significativas. São datas que se destacam pela união, manutenção memorial e diversão, são momentos em que por mais complexas que fossem as condições enfrentadas, por pior que a repressão pudesse se apresentar, as festas eram realizadas pelo orgulho étnico e para edificar, proteger e fortalecer a imaginação dos mais novos.

As festas de páscoa, com a pintura de ovos cozidos, os esconder em ninhos pelo terreno, todo um conjunto simbólico de práticas, apareceram nos relatos, como vemos:

> *Quando chega a páscoa nós temos a tradição alemã de esconder os ovos e fazer uma árvore da páscoa, quando chega o natal nós fazemos nossa coroa de advento, é tudo igualzinho como na Alemanha. E minhas filhas fazem isso. (-e como é essa árvore de páscoa?) É um galho seco, com vários gravetos e a gente pendura ovos de páscoa, ovos assoprados e pintados ou enfeitinhos, hoje em dia na modernidade, você compra esses enfeites na Alemanha tudo de madeira, pequenininho e põe aqui, em baixo é verde porque é a ressureição, então é simbólico, é tudo simbologia. O verde traduz, naturalmente ao renascimento de Jesus e a árvore seca é a nossa vida, seca, mas que refloresce. (-e os ovos são pintados?) Os ovos são pintados, mergulhados em tinta ou pintados, hoje meus netos fazem isso e a gente espalha, espalha pelo jardim e manda procurar* (ALMEIDA, 2019)

> *Ele (Benedito Arnold) passou muita tradição alemã no sentido de comemoração da páscoa, de pintar ovos, essas coisas assim, tipicamente alemãs em relação à páscoa. Então o meu pai (Ivo Arnold) mesmo conta que existia isso, meu avô, desde que eles eram pequenos, meu avô fazia, celebrava a Páscoa com as crianças, com os ovos pintados à mão, ovos de galinha pintados à mão* (ARNOLD, 2019)

> *Páscoa é mais trabalhoso, porque ela (Júlia Fahl) pegava nove ovos para cada criança, eram 3, eu, Odimir e o Clóvis, e tingia cada 3 ovos de uma cor, de vermelho, verde, com macela, era uma planta que amarrava assim e dava o tom amarelo na casca do ovo, no cozinhar o ovo, no tempo de cozinhar o ovo tingia e, se não, colocava folha de samambaia, folha de... qualquer mato, e amarrava bem com linha e tingia em tinta vermelha, tinta amarela, pra dar o destaque do ninho. Quer dizer, ficava sempre bastante, porque ela tingia bastante ovo, pra ficar um ninho bonito. (...) fazia os ninhos no chão, com uns papel, umas coisas, palha de milho, e no jardinzinho é que ela punha mais, porque já tinha flor, já era mais bonito, e daí nós, no dia seguinte, nós saíamos procurando, e tudo era aquela festa, aquela gritaria. Mas, já quando saia na porta da cozinha, a gente já via a marca do pezinho da lebre que tinha pego os ovos na cozinha e tinha esparramado lá pro quintal. Era aquela coisa, só alegria (...) (-e a páscoa aqui na cidade?) Na cidade chegou a fazer, quando mamãe sua (Odila Maria Fahl Bovo) era pequena, daí pra nós já era... não era mais novidade, (...) ela (Júlia Fahl) tingia os ovos com o pai (Waldermar Fahl) de madrugada, as vezes eu ajudava, as vezes era de dormir cedo, tingia os ovos* (VERNA, 2019)

As festividades de Natal, de fim de ano de maneira geral, também se mostraram fortes nos relatos, com a manutenção de ações típicas voltadas às crianças, da ceia, músicas, de toda a união familiar promovida pela festividade:

> *O Natal nós fazemos quatro semanas antes a coroa de advento, cada domingo a gente acende mais uma vela antes do Natal, então no final são quatro velas acesas e na noite de Natal a árvore de Natal, só na noite de Natal a árvore de Natal é iluminada, antigamente eram velas, mas hoje é artificial, é luz artificial (-e como é feito?) A coroa com verde, ramos verdes que a gente vai, caminha pro bosque, procura, acha e a gente trança tudo e depois põe num aro que eu tenho ai, um aro de ramos e a gente entrelaça e depois põe fita vermelha, quatro velas vermelhas e a árvore de Natal, também, é natural, de preferência. A árvore de Natal é de preferência é natural, fica num canto com os enfeites e aí então vem, bem a tradição alemã, os hinos são todos cantados em língua alemã ou, naturalmente, as traduções, é claro* (ALMEIDA, 2019)

> *Natal era uma festa maravilhosa, reunia a família e no tempo que eu tinha meus avós aí reuniam todos, todos, era uma festa grande mesmo. Alguém se vestia de Papai Noel, (...) naquele tempo a gente era ainda tão infantil que acreditava em Papai Noel, ele vinha entregava os presentes, era comemorado mesmo o Natal, a gente cantava hinos de Natal, o meu pai (Jorge Antônio Eichenberg) sempre foi muito dedicado à Igreja, ele fazia espécie de um culto, pequeno culto, e a gente cantava e quando eu era pequena, fazíamos em alemão que eu tinha os meus avós aqui, depois com o tempo vai... e no tempo da guerra não se podia mais falar nada, então ai parou, aí acabou o alemão de uma vez mesmo, porque já não se podia mais falar* (PALOTA, 2019)

> *As festas nossas, nós éramos, uma família, só lá no sítio na propriedade dos meus avós, morava o meu pai (Aníbal Fahl), meu tio Gumercindo e meu tio Jorge (...) E no sítio nós tínhamos as festas, fim de ano, então o Erintos, que era filho do tio Jorge se vestia de Papai Noel e fazia a distribuição de presentes para a família só dos Fahl e no fim do ano, (...) tinha as festas da família toda na casa dos meus avós na rua 1 com a avenida 16 ali, ali era a festa de todos eles. A família inteirinha ia lá (...) Minhas tias vinham de São Paulo, trazia lá os presentes, trazia os comes e bebes, essas coisas e tinha festa o dia todo, era maravilhoso, a gente gostava muito daquilo* (FAHL, 2019)

> *Lá no sítio, a mãe (Júlia Fahl) e o pai (Waldermar Fahl) faziam ceia, Natal, fazia a árvore, as coisas, fazia lá, enfeitava tudo bonitinho, levava os presentes, comprava os guaranás, porque era só no fim do ano que tinha guaraná, e depois a gente vinha para a cidade, pegava a festa na casa do vô Antônio (Fahl), que fazia uma árvore bem grande, com os presentes pendurados, com a caixinha com os números e os números na árvore no presente. (...) a árvore era enfeitada com saquinho de doce, com casca de ovo pintadinho pra dizer que era Papai Noel, bonezinho vermelho, pra dar beleza, pra aparecer o significado de Natal (...) (-e como que era a ceia?) Não tinha ceia, isso era tudo no quintal, tinha um gramado e a árvore era numa garagem velha lá, e a tia Augusta (Fahl) fazia, não tinha coisa delicada pra comer, fazia umas pizzas numas formas grandes* (VERNA, 2019)

Outros meios em que a presença da memória e da história do grupo se fazem presentes, para além das festividades ou relatos, são os objetos familiares, dos mais diversos tipos, vale notar. Durante as entrevistas, diversos objetos foram utilizados, para contar suas histórias, neles estão contidos a trajetória da família, de valores, do trabalho, são símbolos de sua cultura, representam partes importantes de quem eles são e da continuação estabelecida com seus ancestrais. Obviamente, nem tudo que foi demonstrado possui conteúdo escrito, fazem parte de um cotidiano herdado, de práticas contínuas, onde o seu valor não necessariamente é econômico, mas sim étnico-cultural.

Imagem 8: Alguns objetos familiares citados: A crônica de família; o relógio; o abanador; e o livro de missa. Fotografia do autor.

A posse dos objetos, podem possuir regras quanto a quem deverá, ou poderá, herdá-lo, um símbolo de orgulho e trajetória que a família passou. Uma regra interessante é apresentada pela Dirce Júlia Tscherne Marchezin quanto ao relógio de família que ela herdou de seu pai, cujas condições estabelecidas foram atendidas por ela:

> *(-o relógio era do seu avô?) É, tá na parede ali na sala, o meu pai (Francisco Tscherne Filho) falava que meu avô comprou o relógio usado, então esse relógio é bem velho já né? (...) Eu perguntei para o meu pai antes de ele morrer, esse relógio de quem ia ser. Ele falou para mim assim, que o relógio sempre ficava na casa de quem o dono do relógio ficava até morrer, então ficava para mim, que ficou para ele porque meu avô morou com ele até morrer, então ficou pro meu pai, então meu pai falou para mim que o relógio seria meu porque ele morava comigo* (MARCHEZIN, 2018)

Há a presença de escritos da história sobre a família, sejam estes feitos pelo próprio entrevistado, ou a cópia de um documento que compila os acontecimentos com as mais diversas ramificações, como vemos:

> *Hoje eu procurei uns dados, achei muito interessante porque os alemães faziam a crônica da família, então tem aqui, Hausvater, a mãe e o pai, e o pai escrevia tudo com uma letra pequenininha. Então traz os registros dos meus pais, meus avós, avós paternos, avós maternos, cada filho que nasceu aqui em Rio Claro, somos todos rio-clarenses, cada filho, horário que nasceu, onde nasceu, a data do batizado, então isso está no livro grande que tá na Alemanha, com a minha irmã mais velha, eu tenho duas irmãs que moram na Alemanha. A minha irmã mais velha xerocou e mandou para nós isso, isso é uma preciosidade* (ALMEIDA, 2019)

> *Esse caderninho eu fiz, eu tinha o que, acho que eu tinha uns 16 anos, que eu copiei e o Bruno pegou para ele agora, isso aqui é muito antigo, e eu copiei eu acho q eu tinha o que, uns 17 anos, a história, pra não se perder, que eu sempre gostei, sabe, disso, e minha avó que falava, a vó Francisca (Donato Witzel), a vó chica, então eu copiei e passei para o Bruno, se eu não tivesse copiado talvez tinha perdido isso* (WITZEL, 2018)

Certos objetos de trabalho foram também destacados:

> *Normalmente as pessoas tinham no sítio, plantavam arroz, depois para preparar o arroz, pegava o arroz ponhava no pilão, socava, para tirar a casca do arroz e usava isso aqui (abanador) para tirar a casca do arroz, ai você tem que fazer umas duas ou três vezes o procedimento, ele voltava no pilão, socava e tirava a casca. E isso aqui é feito de taquara, e é a taquara do mato, só tem na selva mesmo né? Até o João Lameu, ele sabia trançar, mas não conseguia fazer tirar as taquaras assim fininhas, e tinha essa madeira que era especial, essa madeira se chama cambotá, é madeira própria para fazer esse negócio aqui, é trabalhoso para fazer o remate aqui, trançar aqui não é tão difícil, difícil é fazer esse acabamento* (ISLER, 2018)

Até mesmo pertences que o portador não sabia ao certo o seu real uso original, porém o apego que os ancestrais tinham pelo documento, fizeram com que se orgulhassem de mantê-lo:

> *Esse livrinho aqui era do meu avô, trouxe de lá, ele é bonitinho, mas eu não sei ler, não sei o que está escrito (...) O meu pai (Francisco Tscherne Filho) sempre guardou isso aqui muito bem guardado, que era do meu avô, e a gente continua guardando, agora eu não sei ler nada do que está escrito aqui, nem da primeira página, acho que isso aqui era de missa, porque tem uma cruz ne? Como ele era católico eu acho que era de missa* (MARCHEZIN, 2018)

Dessa forma, podemos afirmar que a cultura alemã se faz presente em diversas relações estabelecidas pelos indivíduos. O contato com sua família e com seus amigos possibilita o fortalecimento e manutenção das suas características étnicas através de conversas, de brincadeiras, de tradições e eventos; além dos objetos que possuem um peso simbólico, os quais estão preenchidos de memória, sentimento, pertencimento. Com isso, o orgulho étnico se faz presente nas mais diversas formas, com intensa valorização da trajetória de seus ancestrais.

Conclusão

A pesquisa abordou a história de uma comunidade étnica, a alemã, no município de Rio Claro – SP, mesmo que de maneira geral, desde a sua vinda em meados do século XIX até alguns anos após o recorte, de 1914-1945. A presença de outros momentos históricos que vão além do foco da pesquisa foi devido à necessidade de contextualização, havendo também uma rápida visão na atualidade.

Procuramos preencher uma lacuna histórica dos alemães no município, marcada pelo desconhecimento, desgaste memorial ou receio de contar um período *tabu*, quando diversas características étnicas foram atacadas. O descendente acaba conhecendo mais do passado remoto da sua família e etnia do que um momento conturbado e mais próximo, uma ausência que tem seus fundamentos no próprio silêncio e medo impostos pelos acontecimentos políticos e sociais, principalmente com a ditadura varguista.

O trabalho dividiu-se em três capítulos, para facilitar, respectivamente, a compreensão da formação do grupo estudado, a teoria e método utilizado e, o período focado e analisado. Dessa forma, há uma correlação entre os capítulos, os quais se complementam, dando as bases necessárias do entendimento do que está sendo discutido.

No primeiro capítulo, longe de abordarmos todas as possibilidades, ou dos fluxos de entrada imigrante, apresentamos de maneira geral as bases que formaram a comunidade alemã de Rio Claro, utilizando para isso o caso de Vergueiro e a Revolta de Ibicaba, tanto por estar presente na história desta etnia, como também por ser um caso que nos permitia elucidar a complexidade de relações, as quais embasam o compreendimento de toda a pesquisa. As redes relacionais são compostas pelo poder local e/ou nacional, a sociedade, o imigrante/descendente alemão, e as influências de outros países, tornando assim uma teia de acontecimentos, condições, necessidades e imposições que a conjuntura apresentava para o indivíduo, o qual deveria conviver/sobreviver a partir das possibilidades e conhecimentos que ele e seu grupo possuíam. Por fim, notamos a transição das fazendas para sítios ou para o centro urbano, do convívio com a sociedade local, da construção das suas bases sociais, culturais, religiosas e econômicas, em um sincretismo com a expansão vista em Rio Claro nos fins do século XIX e início do XX.

Os aspectos teórico-metodológicos utilizados, a complexidade do dado cultural e, as formas de obter e realizar as entrevistas, foram tratados no capítulo 2. Realizamos algumas explicações e análises específicas quanto ao período, o grupo e o local, dando bases para que fosse compreendido o momento predecessor, o período em si e as consequências da primeira metade do século XX para este grupo étnico. Analisamos, mesmo que brevemente, a especificidade desta etnia em Rio Claro, a variabilidade interna, a proximidade e mescla com outros grupos, e como determinados acontecimentos foram influenciados pelas suas características, enquanto que outras circunstâncias impediram a exteriorização de sua cultura. Por mais que o foco tenha sido o grupo étnico, reconhecemos a importância do indivíduo, da sua mútua relação com o(s) grupo(s) em que se faz parte, da sua memória com a familiar e a da etnia, ou seja, buscamos verificar a sua forma de ser, estar, analisar, interagir e se relacionar no mundo, isto é, a sua cultura. Consideramos o dado cultural enquanto parte constituinte do ser, mas que se materializa e é influenciada espacial e temporalmente, sem com isso deixar de ser resultado e conjuntamente realizar diálogo com outros espaços e tempos anteriormente vividos.

No terceiro capítulo, tratamos do principal período investigado na pesquisa, das situações apresentadas ao imigrante e descendente na primeira metade do século XX, com destaque aos anos de 1914-1945, compreendendo as guerras mundiais e a Revolução de 32. Consideramos que a complexidade do contato humano possui, em seu seio, a variabilidade ligada à unicidade do indivíduo e como este é interpretado conforme o momento, contudo, certas generalizações foram necessárias devido à escala que abordamos, a da conjuntura relacional da etnia com os acontecimentos, a sociedade e o poder nacional e/ou estrangeiro(s). Por outro lado, reconhecemos que nos focamos na etnia alemã em Rio Claro, e que esta não se trata de toda a realidade humana, tampouco seja a única importante, mas que o recorte utilizado visava, pelo menos em tentativa, examinar o tema a níveis "abissais", tanto no sentido de nele aprofundarmos, como no de desenredar informações/problemas/questões mais obscuras ou suprimidas. A problemática exposta e analisada, contempla a situação deste momento histórico, da correlação sinérgica e imbricada da influência da informação, violência social e cultural, aliadas à repressão estatal e a interposição do poder estrangeiro. Dentro deste cenário, verificamos a posição da etnia nesta circunstância, o que conseguiram realizar, e também o que tiveram que enfrentar ou, ao menos, sobreviver. Examinamos por fim, certos dados culturais desse grupo étnico, abordando desde sua vinda ao país, o cenário dos conflitos mundiais e, brevemente, após o recorte e na atualidade (pois o relato é materializado no momento de sua gravação). Tais elementos culturais foram: o valor educacional, a materialização na realidade

física através do trabalho e, as relações interpessoais, da formação do indivíduo no seio familiar e o contato e solidariedade com outras pessoas, da mesma ou outra(s) etnia.

Estes foram os processos e temas utilizados em cada capítulo, que possuíam motivações específicas e uma lógica interna em cada parte da pesquisa. Contudo, apesar de sua especificidade, são complementares, seus resultados visam o entendimento dos acontecimentos desse período, partindo da visão de quem o viveu ou dos descendentes destes, e também as consequências que deixaram no grupo étnico.

O imigrante alemão, ou descendente, durante a primeira metade do século XX, passou por condições que limitaram sua possibilidade de ação, com tolhimento de direitos e deterioração de sua imagem através da imprensa, auxiliada e intensificada posteriormente pela propaganda varguista. As ações contrárias à etnia, contudo, não se finalizaram em sua estigmatização, esta se operacionalizou para aumentar a vigilância social e estatal ao grupo, que se viu impedido de expressar livremente a sua cultura, a qual auxiliava direta ou indiretamente outros grupos da cidade. Entretanto, a perseguição cultural era apenas um lado da moeda, com a violência repressiva da ditadura agindo com prisões e desaparecimento de alemães étnicos, amparada na alegação de procurar por "espiões infiltrados", ou "Súditos do Eixo", construção esta que provocava não somente ataques populares, como justificavam as ações estatais.

Todavia, a realidade é um dado complexo, e a situação nacional e internacional influenciava como o indivíduo seria interpretado, se pejorativamente como um representante do imperialismo do *kaiser*, um espião e sabotador nazista, traidor do Brasil, ou como apenas mais um brasileiro, revolucionário paulista, vizinho, conhecido, quiçá amigo... As relações humanas variam tanto no tempo, espaço, quanto na sua escala, da mesma forma que a sociedade convivia com os alemães, existia a estigmatização destes, os quais podiam até mesmo ser mestiços, sendo simultaneamente de outro(s) grupo(s), mas eram vistos como "nazistas infiltrados" dependendo das circunstâncias. As aproximações e distanciamentos variavam conforme a questão da sua origem ganhava ou não atenção, esse era o ponto nevrálgico, que escalava o ímpeto do já repressivo "abrasileiramento" em atos de violência persecutória ditatorial, fundamentada na justificativa da "defesa" nacional.

Apesar disso, seria incorreto afirmar que não houve resistência cultural, a qual, talvez, tenha sido possível em virtude da abundante presença de imigrantes em Rio Claro, sendo que parte considerável desta se tratava de outros estigmatizados no período, os italianos (também houve a presença de japoneses, mas as entrevistas obtidas não abordaram esse contato de

maneira aprofundada, o que não exclui a probabilidade de terem sido próximos). Os impedimentos conseguiram mutilar as demonstrações externas e a língua alemã do grupo étnico, no entanto, devido ao fato do indivíduo ser formado na cultura, as proibições não tinham como alcançar e modificar a profundeza do ser/estar, que é preenchido pelo *habitus*. Com isso, a repressão não conseguia impedir a criação, educação, crescimento das pessoas junto com seus familiares e amigos, e mesmo nos aspectos que ela conseguiu maior eficácia, não fora sem oposição, com os alemães procurando formas de burlá-la, e mesmo correndo riscos, realizavam reuniões, se auxiliavam, informavam uns aos outros o que se passava, arrumavam meios de comprar um rádio, etc.

Apesar das resistências, não havia como se impor totalmente à ação estatal, assim, o período deixou uma profunda cicatriz étnico-cultural, com a supressão dos seus aspectos exteriores, da sua língua e, não menos importante, da sua memória. O silêncio se apresentou enquanto ferramenta repressora e estratégia de defesa, pois, por serem vistos como infiltrados, qualquer demonstração cultural era proibida, ao mesmo tempo que se utilizavam da mudez para não serem atacados. A cultura, obviamente, se manteve, mas a memória, para a proteção familiar, teve que ser parcialmente sacrificada. Na atualidade, tal cicatriz é encarada pelos indivíduos através das lentes da recuperação étnica, tanto na busca de conhecimento a respeito da história de sua família, quanto no reaprendizado da língua alemã.

O que esperamos é que, cada vez mais, os pesquisadores consigam aliar-se, trabalhar conjuntamente, com a sociedade. Tal colaboração seria de vantagem mútua, com a etnia (não somente a alemã como no caso desta pesquisa) solidificando a sua memória e diminuindo as lacunas a respeito de seu passado, enquanto que a academia, o pesquisador, pode ter acesso a uma documentação extensa e que permite outro ponto de vista dos acontecimentos, um maior contato com a subjetividade daqueles que viveram o (ou que herdaram a memória do) momento histórico que se propõe a estudar.

Com a base teórica a respeito da cultura, não somente enquanto características externas, mas sim como construtora do ser e estar no mundo, de como o indivíduo age e interpreta sua realidade, conseguimos ver que a cultura do grupo permanece viva e com fortes desejos de recuperação de características que foram impedidas. Nas entrevistas, de maneira geral, constatou-se o orgulho étnico e a procura ou desejo de readquirir a língua alemã, desse modo, nota-se uma difícil tentativa, porém com forte motivação, de reparar as situações criadas pelos atos repressivos promovidos principalmente pela ditadura varguista. Contudo, se o grupo e os

indivíduos continuam, obviamente, parte de suas etnias, a sua memória encontra-se em perigo. A presente pesquisa procurou diminuir a destruição que a própria passagem do tempo ocasiona, reconhecemos que se aliviaram os danos, porém não a velocidade que esta tem ocorrido e, esperamos que o presente trabalho incentive outros pesquisadores e indivíduos interessados (memorialistas, pessoas interessadas na história dos ancestrais, etc) à auxiliar na manutenção da memória das etnias, cujos membros foram considerados outrora como "invasores" ou "súditos do Eixo". Infelizmente, muitos não aceitaram o convite para realizar a entrevista, porém, outra abordagem pode se fazer mais efetiva e incentivamos que essas se realizem.

Por fim, para com o grupo étnico, esperamos que o melhor conhecimento deste período, possibilite a quebra do intenso silêncio e medo solidificado em alguns indivíduos, e que fortaleça ainda mais o orgulho de sua ancestralidade, do seu pertencimento. Objetivamos também, que o estudo dessa lacuna histórica ofereça respostas à questionamentos que a comunidade alemã possa ter e, até mesmo, que tenha auxiliado na manutenção de sua memória e história, de como enfrentaram os mais variados problemas e amarras. Concluímos, pois, que não somente o orgulho étnico, mas a característica do *habitus* de valorização da superação/vitória frente às adversidades, se fazem intensamente presentes no grupo étnico estudado, sendo tal característica herdada e revigorada pelas novas gerações.

Referências

ABREU, Daniela Cristina Lopes de. **As Estratégias de Escolarização Primária na Cidade de Rio Claro – São Paulo (1889-1920)**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2013

ALVES, Eliane Bisan. **Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo**. A comunidade alemã sob vigilância do DEOPS. São Paulo: Humanitas/PROIN/Fapesp, 2006

ARARIPE, Luiz de Alencar. Primeira Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das guerras**. 3ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

BARTH, Fredrik. Etnicidade e o Conceito de Cultura. **Revista Antropolítica**, Niteroi, n. 19, p.15-30, 2005.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000

BLOCH, March. **Apologia da História** ou O Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembrança dos velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvatera. Uma palavra sobre dialogismo In: BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (org.). **Dialogismo**: teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota Editora, 2014

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

BRITSKI, Heraldo A. **A FAMÍLIA BRITSCHGI DE RIO CLARO**: Ensaio histórico, passagens sobre membros da família e questões a esclarecer. São Paulo, 2012

BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. A materialização da cultura no espaço: os códigos culturais e os processos de identificação. **Geografia**. Rio Claro, v. 33, n.2, 2008.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. 3. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

CALIMAN, Auro Augusto (Coord.). **Legislativo Paulista: parlamentares, 1835-2011**. 4. ed. São Paulo: Assembleia Legislativa, 2011

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; et al. Arte cultura em Rio Claro. In: CAMPOS, Maria Teresa de Arruda (org.). **Acirc, 90 anos de história**: Associação Comercial e Industrial de Rio Claro-SP: 1922-2012. Rio Claro: Divisa Editora & Artes Gráficas, 2012

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999

CASADEI, Eliza Bachega. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 108, 2010.

CASTRO, Jeanne Berrance de; WEHMUTH, Suzana Barthmann. Livros de registro da mortalidade de estrangeiros: cemitério evangélico de Rio Claro (SP) (1866-1967). In: **A cidade e a História - Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. São Paulo: FFLCH-USP, 1974

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. UFGRS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CORNEJO, Marcela; MENDOZA, Francisca; ROJAS, Rodrigo C. La Investigación con Relatos de Vida: Pistas y Opciones del Diseño Metodológico. **Psykhe**, Santiago, v. 17, n. 1, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **CIDADES**, v. 4, n. 6, 2007

COSTA, Virginia (Coord.). **História da imigração no Brasil: As famílias**. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, 1990

CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. **Rev. Bras. Hist**., São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um Colono no Brasil (1850)**. São Paulo: Livraria Martins, 1941

DEAN, W. **Rio Claro**: um sistema brasileiro de grande lavoura (1820-1920). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade.** São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/EST, 1984

DUNNING, Eric; MENNELL, Stephen. Prefácio à edição inglesa. In: ELIAS, Norbert. **Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Organização de M. Schroeter. Tradução de A. Cabral. Revisão técnica de A. Daher. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. **Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Organização de M. Schroeter. Tradução de A. Cabral. Revisão técnica de A. Daher. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FAUSTO, Boris. A interpretação do nazismo, na visão de Norbert Elias. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 141-152, Apr. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2429.pdf> Acesso em 10 ago. 2018.

FAUSTO, Boris. **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: FAPESP, 1991

FAUSTO, Boris. **Negócios e Ócios**: Histórias da imigração. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

FÁVERI, Marlene de. A repressão no Governo Vargas e as medidas coercitivas aos simpatizantes do eixo durante a Segunda Guerra Mundial. **Cena Internacional**, vol. 8, nº 2. Pp.193-216. 2006, Disponível em: <https://ia800601.us.archive.org/19/items/Cena20021/Cena_2006_2.pdf> Acesso em 20 mar. 2019

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

FERNANDES, Leonardo Nunes Pereira. **Perigo Alemão ou Germanofobia? Os Alemães em São Paulo entre 1889 e 1918**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

FERREIRA, Andreia Beatriz. O Dialogismo na imagem: possibilidades. In: MIOTELLO, Valdemir (org.). **Dialogismo**: Olhares, Vozes, Lugares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

FIORI, Neide Almeida (org.). **Etnia e educação**: a escola "alemã" do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis: Ed. Da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003.

FOUQUET, Carlos. **O Imigrante Alemão e seus Descentes no Brasil, 1808-1824-1974.** São Paulo, Instituto Hans Staden; São Leopoldo: Federação 25 de julho, 1974.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: ed HUMANITAS, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; SILVA, Glaydson José da. **Teoria da História**. São Paulo: Brasiliense, 2008

GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1991.

GIGANTE, Marcos. **História Oral de Idosos Asilados em São Carlos-SP: Velhice, Asilo e Memória da Cidade** (1950-2008). Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2008.

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: **O fio e os rastros** – verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia. das Letras, 2007

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição: São Paulo, Companhia das letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, força. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São. Paulo. Ed. Cia das Letras, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Versão digital, 2004. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf> Acesso em: 30 mar. 2018

GOUVÊA, Flávia Mengardo. **Os Imigrantes Alemães em Rio Claro**: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidades nos séculos XIX e XX. Dissetação (Mestrado). São Paulo: UNESP, 2011

HAACH, Lúcia Tiemi Kobayaski. **"Com Deus Inicio meu Trabalho" ('Mitt Gott fang ich die Arbeit an') Imigrantes de Origem Cultural Germânica e Seus Descendentes – Rio Claro-SP.** Dissertação de Mestrado, UNESP/CAr, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora. 2006.

HEFLINGER Jr., José Eduardo. **Ibicaba – O Berço da Imigração Européia de Cunho Particular (Die Wiege der Privat Organisierten Europäischen Einwanderung) - Portugiesisch/Deutsch.** Limeira: Editora Unigráfica, 2007.

HEFLINGER Jr., José Eduardo. **A Revolta dos Parceiros na Ibicaba (The Rebellion of the Sharecroppers in Ibicaba) - Portugiesisch/Englisch.** Limeira: Unigráfica, 2009.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER (org.), Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Prefácio do Tradutor. In: DAVATZ, Thomas. **Memórias de um Colono no Brasil (1850)**. São Paulo: Livraria Martins, 1941

JAMBEIRO, Othon; et al. **Tempos de Vargas**: o rádio e o controle da informação. Salvador: EDUFBA, 2004. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3yd/pdf/jambeiro-9788523212414.pdf> Acesso em: 14 abr. 2019

KELLER, Johannes. **Bericht über die gegenwärtige Lage der Landschulen im Innern des Staates São Paulo**. São Paulo: Hennies Irmãos, 1919

KOENIG, Samuel. **Elementos de Sociologia**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. EMOÇÕES E SOCIEDADE:UM PASSEIO NA OBRA DE NORBERT ELIAS. **História: Questões & Debates**, [S.l.], v. 59, n. 2, dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/37034/22826> Acesso em: 10 ago. 2018

KRÜGER, Eldo; KAPPEL, Mauri; BEIG, Darvin; **125 anos de história da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Rio Claro - Estado de São Paulo (1883-2008).** Rio Claro: Divisa, 2008.

LACERDA, Maria Lana Monteiro de. **"Súditos do mal"**: o cotidiano da repressão policial sobre os alemães em Pernambuco (1937-1945). Dissertação (Mestrado). Recife: UFPE, 2006.

LAPIERRE, Jean-William. Prefácio. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

LE BRETON, David. **Sociologia do Corpo**. 2. Ed. Petropólis: Vozes, 2007

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990

LEITE, Francisco Benedito. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: Breve biografia e alguns conceitos. Revista Magistro - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO.** Rio de Janeiro vol. 1, Num.1, pp. 43-63, 2011. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1240> Acesso em: 15 set. 2018

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família**: Leitura da Fotografia Histórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LUEBKE, Frederick C. **Germans in Brazil**: a comparative history of cultural conflict during World War I. 1987. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1176&context=historyfacpub> Acesso em: 17 mai. 2019

MACEDO, Janaina Santos de. **Campos de concentração em Santa Catarina e os conflitos envolvendo alemães e descendentes durante o Estado Novo**. Dissertação (Mestrado) – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

MACHADO, Hélia Maria de Fátima Gimenez. A Construção da História da Associação Vinculada ao Desenvolvimento de Rio Claro. In: CAMPOS, Maria Teresa de Arruda (org.). **Acirc, 90 anos de história**: Associação Comercial e Industrial de Rio Claro-SP: 1922-2012. Rio Claro: Divisa Editora & Artes Gráficas, 2012

MARTINS, José de Souza. **O cativeiro da terra**. São Paulo: Editora Contexto, 2010

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral: Um locus disciplinar federativo. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re)introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, Série Eventos, 1996a.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996b.

MIGNOLO, Walter. El potencial epistemológico de la historia oral: algunas contribuciones de Silvia Rivera Cusicanqui. In: MATO, Daniel (org.). **Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder**. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2002.

MORAES, Marieta de (org.). **História Oral** e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994

MORAES, Rubens Borba de. In: DAVATZ, Thomas. **Memórias de um Colono no Brasil (1850)**. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

NERI, Mariucha Magrini. O “discurso do outro” marcado por meio de imagens. In: MIOTELLO, Valdemir (org.). **Dialogismo**: Olhares, Vozes, Lugares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009

NETO, Lira. **Getúlio: o Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930- 1945)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

OGBURN, William Fielding. Social change with respect to culture and original nature. New York: B.W. Huebsch, 1922. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924102015413/page/n5> Acesso em: 05 jan. 2019

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. **Estado Novo**: ideologia poder. Rio Janeiro: Zahar Ed., 1982.

PEREIRA, Aloysio. **Coisas da nossa história**. Rio Claro: Arquivo do Município de Rio Claro, 1985.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade (1824-1930)**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984

PIGNATARO, Lícia Capri. **Imigrantes alemães em Rio Claro e seus descendentes – Koelle.** Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, nº 1, 1983.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PONSONI, Samuel. Dialogismos na minha terra. In: MIOTELLO, Valdemir (org.). **Dialogismo**: Olhares, Vozes, Lugares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

PRINS, Gwyn. A história oral In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 2001

PUZZO, Miriam Bauab. As imagens de Lula na revista Veja sob perspectiva dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (org.). **Dialogismo**: teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota Editora, 2014

QUADRADO, Felipe de Faria. **A vigilância sem farda**: a espionagem interna na ditadura civil militar através do DEOPS. Dissertação (Mestrado). Franca: UNESP, 2014

REZENDE, Dimitri Fazito de Almeida. **Transnacionalismo e Etnicidade**: A Construção Simbólica do Romanesthàn (Nação Cigana). Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 2000

RINKE, Stefan. Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços. **Hist. cienc. Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 299-316, Mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000100299&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 08 fev. 2019

SANTOS, Fábio Alexandre dos. **Rio Claro:** uma cidade em transformação (1850-1906). São Paulo: Annablume, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. Reimpr., São Paulo: Editorada Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <https://archive.org/details/10SANTOSMiltonANaturezaDoEspaoPARTE12/page/n1> Acesso em: 19 abr. 2019

SANTOS, Milton. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV, nº 6, 1999

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, nº 54, jun de 1977

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

SCARANO, Júlia Maria Leonor. "Considerações Preliminares sobre uma cidade de imigração teuto-italiana e os efeitos do Segundo Conflito Mundial." In: **Colonização e Migração – Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. São Paulo, 1969

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 285-298, 1993

SELINGARDI-SAMPAIO, Silvia; PIRES, M. R. "Arqueologia Industrial de RioClaro- SP- Um Estudo de Prédios Industriais e Equipamentos Técnicos Antigos". **ARGEO- Documentos Geográficos**, nº 19, Rio Claro, 1992

SEYFERTH, Giralda. Os imigrandes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999

SILVA, Daniele de Oliveira. **Vargas contra o "perigo amarelo"**: medidas do Estado para o fortalecimento da nação. Dissertação (Mestrado). São Gonçalo: UERJ, 2008

SILVA, Henrique Manoel. **Os imigrantes da Letônia no oeste paulista**: adaptação pioneira e construção de uma comunidade histórica e imaginária em terras brasileiras 1922-1940. Maringá: Eduem, 2002.

SILVA, Priscila Ludovico. O conceito de habitus em elias e Bourdieu. **Mosaico Social** – Revista do Curso de Graduação em Ciências Sociais/ Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Imprensa Universitária, v. 2, n. 2, 2004.

SIQUEIRA, Eudes Batista. **Hoje é dia de festa n'aruanda**: identidades étnicas, simbolismos e ancestralidades no Ilê Axé Orussalê. Dissertação (Mestrado). Jequié: UESB, 2016.

SIQUEIRA, Ranyella de; CARDOSO, Hélio. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **IMAGONAUTAS: Revista Interdisciplinaria Sobre Imaginarios Sociales**. , v. 2, p. 92-113, 2011.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

STAHLBERG, Altino. **Imigrantes Alemães e Suíços em Limeira**. Limeira: Unigráfica Indústria Gráfica, 1999.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIMER, Roger. **Lições de vida:** histórias do Koelle. São Carlos: Riani Costa, 1994.

TSCHUDI, Johann Jakob Von. **Viagem à Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo.** São Paulo: Livraria Martins, 1954.

TURATI, Carlos Alberto. A imagem no texto jornalístico: dialogismo para além do ilustrativo ou documental. In: MIOTELLO, Valdemir (org.). **Dialogismo**: Olhares, Vozes, Lugares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009

VARUSSA, Éder Rodrigo. **Os imigrantes alemães no bairro rural de Ferraz**: terra, identidade, memórias e patrimônio cultural. Dissertação (Mestrado). Rio Claro: UNESP, 2017

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

WEBER, Max. **Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **A Cultura é de Todos** (Culture is Ordinary). Trad. Maria Elisa Cevasco. Departamento de Letras, USP, 1958

WITTER, José Sebastião. **A Revolta dos Parceiros**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

WITTER, José Sebastião. **Ibicaba, uma experiência pioneira.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1982.

WITZEL–SOUZA, Bruno Gabriel. **Liberdade ou Grilhões? Um Estudo dos Contratos de Parceria à Luz da Imigração Germânica em São Paulo, 1840-1870**. TCC: FEA-USP, 2011

Entrevistas realizadas

ALMEIDA, Hannelore Graetz Nogueira de. 23/02/2019

ARNOLD, Adriano dos Santos. 09/01/2019

BAUMGARTNER, Marco Antonio. 15/01/2019

BÜLL, Odair. 26/08/2018

FAHL, Laerte. 31/01/2019

HEBLING, Joel. 23/01/2019

IOST, Rene Paulo. 25/08/2018

ISLER, Samuel Bartolomeu. 08/12/2018

KOELLE, Teodoro Paulo. 09/11/2018

KRÜGER, Eldo. 30/01/2019

LUCKE, Maria Elisa. 07/12/2018

MARCHEZIN, Dirce Júlia Tscherne. 24/07/2018

PALOTA, Lizelote Augusta Eichenberg. 01/02/2019

SCHNEIDER, Milton. 09/07/2018

Schneider, Yvone HABERMANN. 09/07/2018

SOUZA, Edvaldo Miguel de. 20/07/2018

Souza, Eleri Aparecida WITZEL de. 20/07/2018

VERNA, Ondina Fahl. 21/01/2019

WENZEL, Pedro. 29/01/2019

Documentos de Arquivos

- Fundação Getúlio Vargas

Arquivo Getúlio Vargas (GV). Disponível online em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo

Citados: GV c 1940.05.31/2; GV confid 1941.05.12/2; GV confid 1941.06.23/8; GV confid 1941.08.14; GV confid 1941.10.22; GV c 1944.06.02

Consultados: GV confid 1939.00.00/7; GV confid 1939.06.00; GV c 1940.05.23; GV c 1940.10.23/3; GV c 1941.05.26/3; GV confid 1941.06.15; GV confid 1941.09.00/1; GV c 1941.12.12/1; GV c 1941.12.28; GV confid 1942.01.10; GV confid 1942.03.13; GV c 1944.03.08/1

- The FBI Federal Bureau of Investigation

FBI Records: The Vault

Special Intelligence Service. Documentos formulados em 1947. Disponíveis online em: https://vault.fbi.gov/special-intelligence-service/ (OBS- para melhor facilitar aos interessados encontrar as informações, utilizamos nas citações o número do pdf e não o contido nos documentos, devido a dificuldade de leitura das páginas e de eventuais páginas fora de ordem)

Citados: SIS History Part 01 of 08; SIS History Part 03 of 08

Consultados: SIS History Part 02 of 08; SIS History Part 04 of 08; SIS History Part 05 of 08; SIS History Part 06 of 08; SIS History Part 07 of 08; SIS History Part 08 of 08

Apêndices

Apêndice A

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" Câmpus de Rio Claro

PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

Carta Convite

Meu nome é André Luiz Bovo, sou aluno da pós-graduação de geografia da Unesp de Rio Claro e gostaria por via deste documento convidá-lo a participar da minha pesquisa de mestrado.

A sua participação é muito importante, por isso gostaria de realizar uma entrevista que será gravada da forma que melhor lhe convier (com vídeo ou somente áudio, peço que pense carinhosamente na primeira opção), em anexo coloco algumas perguntas para ajuda-lo a se lembrar do período, o encorajo também a fazer uma colinha do que deseja falar e, caso tenha algo que deseja me contar e não está ou não se encaixa nas perguntas, não se preocupe, as perguntas são somente um auxílio à memória e para ajudar o andamento da entrevista, o que mais desejo é saber sobre você, sua família e sua história.

A data da gravação será no dia e horário que melhor lhe convier e, caso deseje ou necessite, poderemos realizar mais de um dia, isto está ao seu critério.

Minha pesquisa centra-se nos imigrantes alemães e descendentes em Rio Claro – SP no período das duas guerras mundiais (1914-1945) e a Revolução de 1932, procurando compreender como viveram esse período, trabalho, educação, suas dificuldades e problemas enfrentados.

Também peço que caso tenha algum documento, foto, carta, diário, objeto que sejam do período, me permita realizar uma cópia ou tirar uma foto.

Para marcarmos a entrevista, por favor entre em contato pelo telefone, celular ou e-mail

_____

André Luiz Bovo

Apêndice B

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Rio Claro

PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

Roteiro de Entrevista

Identificação

01-Qual o seu nome?

02-Data e local de nascimento?

03-Profissão atual e em que já trabalhou?

04-Saberia o nome dos seus pais, irmãos, avós, bisavós?

Origem

05-Qual origem da sua família?

06-Tem noção de quando vieram para o Brasil? (aproximadamente)

Identidade

07-Como se sente sobre sua origem? Tem orgulho de seus antepassados?

08-Como era a sua relação com seus familiares, pais, tios, avós?

09-Sabe alguma coisa em alemão? (música, expressão, palavras, etc)

10-Falavam alemão em casa?

11-Como se sente a respeito da língua alemã? Gostaria que seus descendentes a aprendessem?

12-Quais valores, conhecimentos e trabalhos sua família lhe ensinava?

13-Qual sua religião e a de sua família?

14-Sua família valorizava a educação? Ajudavam nos seus estudos?

Guerras Mundiais

15-Como foi o período das guerras mundiais para você e sua família? O que seus familiares contavam sobre esta época?

16-Poderia contar alguns acontecimentos marcantes para você, sua família e/ou conhecidos?

17-Sofreram alguma discriminação ou violência por terem origem alemã?

18-Como era a relação com outras pessoas de origem alemã?

19-E a relação com os que não eram alemães?

20-Tiveram que mudar algo do cotidiano? (parar de falar alemão ou de realizar certas festas, parar de viajar, salvo conduto, etc)

21-Houve problemas referentes a educação? Tiveram que parar de estudar?

22-Como se sentiam sobre o Brasil estar enfrentando a terra de seus ancestrais? Era algo que comentavam?

23-Como se mantinham economicamente? Enfrentaram algum problema econômico? Como lidaram com isso? (conseguir emprego, comércio, venda de produtos que plantavam ou produziam em casa, etc)

24-Como ficavam sabendo da guerra? Jornais, rádio, reuniões de amigos?

25-A igreja que frequentavam ajudava os de origem alemã? Como?

Revolução de 1932

26-Entre o fim da primeira guerra mundial e o início da segunda, houve a Revolução de 1932 contra Getúlio Vargas, isso afetou sua família?

27-Era comentado algo sobre o conflito?

28-Ajudaram financeiramente ao movimento revolucionário?

29-Algum membro da sua família participou? Ou conheceu alguém de origem alemã que participou?

30-Como era a relação com pessoas de origem não alemã? Mudou de como se relacionavam durante as guerras mundiais?

Lembrando que podem utilizar de documentos, fotos, objetos ou o que desejar ao contar suas histórias. Também ressalto que tais perguntas são apenas para ajudar a sua memória, não há necessidade de segui-las à risca, podendo contar o que desejar mesmo que aparentemente não se encaixe nas perguntas.

Apêndice C

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" Câmpus de Rio Claro

PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

Roteiro de Entrevista – Pastor Eldo Krüger

As perguntas visam, inicialmente, identificar e compreender a sua relação com a comunidade alemã local (alemães, suíços, austríacos), para então questionar sobre o momento histórico desse grupo étnico na cidade de Rio Claro. Desse modo, procura-se saber aspectos gerais dos alemães na cidade e, se possível, a história de algumas famílias de maneira mais específica, além da história da Igreja Luterana da cidade no período.

Identificação

01-Qual o seu nome?

02-Data e local de nascimento?

03-Profissão atual e em que já trabalhou?

Origem e Identidade

04-Qual origem da sua família? Quando vieram para o Brasil?

05-Como se sente sobre sua origem? Tem orgulho de seus antepassados?

06-Sabe alguma coisa em alemão (música, expressão, palavras, etc)? Gostaria que seus descendentes a aprendessem?

07-Quais valores sua família lhe ensinava? Valorizavam a educação?

Nova Comunidade

08-Como foi sua adaptação à comunidade alemã de Rio Claro?

09-Como se sente por fazer parte desta comunidade agora?

Primeira Guerra Mundial

10-Quais histórias o senhor conhece sobre alemães e descendentes na cidade de Rio Claro no período?

11-A Igreja Luterana e o Colégio Alemão foram depredados perto do fim do conflito, quais histórias contavam sobre o ocorrido?

12-Sabe de outras propriedades que foram depredadas?

13-Houve imposições do Estado para com a Igreja?

14-Tem noção de como era a relação com outros povos da cidade? (italianos, portugueses, africanos, etc)

Revolução de 1932

15-Lembra de histórias de membros/famílias, os quais participaram seja em campo de batalha ou que ajudaram a revolução em confecção de fardas, doações monetárias, etc?

16-A igreja ajudou com o movimento revolucionário? Como?

17-A comunidade sentiu diferença de como fora tratada na Primeira Guerra?

Segunda Guerra Mundial

18-Durante a Segunda Guerra, a Igreja sofreu represálias? Seja por parte do Estado e/ou da população?

19-Conhece histórias de famílias alemãs neste período?

20-Sabe de acontecimentos referentes à violência/preconceito para com a comunidade alemã da cidade?

21-Como era a relação com os outros povos, modificou de como era na Revolução de 32?

Outras Perguntas

22-Os registros da Igreja Luterana e do Cemitério Evangélico eram escritos em alemão, entretanto deixaram de ser. Quando se deu essa mudança e por quais motivos?

23-Os eventos e comemorações da Igreja sofreram alterações ou impedimentos durante as Guerras Mundiais e/ou a Revolução de 32?

24-Como a Igreja e os alemães da cidade ficavam sabendo sobre os acontecimentos? Como reagiam sobre eles?

25-Quais posições a Igreja Luterana tomou quanto aos acontecimentos do período de 1914-1945 sofridos por esta comunidade?